

ANTOLOGIA  
DA  
FICÇÃO PORTUGUESA  
CONTEMPORÂNEA

# ANTOLOGIA DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

SELECÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS  
DE JACINTO DO PRADO COELHO  
(COM A COLABORAÇÃO DE ÁLVARO SALEMA)



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

*Título*

ANTOLOGIA DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

---

Instituto de Cultura Portuguesa  
Secretaria de Estado da Cultura  
Presidência do Conselho de Ministros

---

© Instituto de Cultura Portuguesa  
*Direitos de tradução, reprodução e adaptação  
reservados para todos os países*

---

1ª edição – 1979

---

*Composto e impresso*  
Oficinas Gráficas da Minerva do Comércio, Lisboa  
Maio de 1979

## ÍNDICE

---

<i>Advertência</i> .....	6
<i>Prefácio</i> .....	8
RAUL BRANDÃO .....	14
AQUILINO RIBEIRO .....	18
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO .....	24
IRENE LISBOA .....	30
JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS .....	37
FERREIRA DE CASTRO .....	43
JOÃO DE ARAÚJO CORREIA .....	49
JOSÉ GOMES FERREIRA .....	54
VITORINO NEMÉSIO .....	58
JOSÉ RÉGIO .....	62
JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS .....	68
TOMAZ DE FIGUEIREDO .....	72
DOMINGOS MONTEIRO .....	76
BRANQUINHO DA FONSECA .....	83
MANUEL MENDES .....	90
MIGUEL TORGA .....	95
JOAQUIM PAÇO D'ARCOS .....	101
ANTÓNIO PEDRO .....	106
SOEIRO PEREIRA GOMES .....	110
ALVES REDOL .....	115
MANUEL DA FONSECA .....	122
FAURE DA ROSA .....	127
JOSÉ MARMELO E SILVA .....	136
VERGÍLIO FERREIRA .....	143

MÁRIO DIONÍSIO	149
MANUEL FERREIRA	156
FERNANDO NAMORA	160
JORGE DE SENA	167
RUBEN A.	171
CARLOS DE OLIVEIRA	178
MARIA JUDITE DE CARVALHO	182
AGUSTINA BESSA-LUÍS	189
URBANO TAVARES RODRIGUES	194
JOSÉ CARDOSO PIRES	199
FERNANDA BOTELHO	203
AUGUSTO ABELAIRA	209
DAVID MOURÃO-FERREIRA	213
ORLANDO DA COSTA	218
NUNO BRAGANÇA	224
OLGA GONÇALVES	230
HERBERTO HELDER	234
DINIS MACHADO	238
JOÃO PALMA-FERREIRA	243
MARIA GABRIELA LLANSOL	248
MARIA ONDINA BRAGA	255
ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO	260
ÁLVARO GUERRA	266
MARIA VELHO DA COSTA	270
YVETTE K. CENTENO	275
ALMEIDA FARIA	281

## ADVERTÊNCIA

---

*Esta antologia, destinada essencialmente pelo Instituto de Cultura Portuguesa aos cursos e leitorados de português no estrangeiro, pretende dar a quem se inicia na nossa língua uma série de textos de alguns dos escritores mais representativos, e por isso sempre presentes numa biblioteca portuguesa e vivos na leitura comum. Respondendo a uma lacuna do ensino de literatura portuguesa no estrangeiro, vamos, ao mesmo tempo, ao encontro da curiosidade do lusófilo incipiente, portador de um simples impulso de simpatia por Portugal e talvez de mera imagem criada em acasos de turismo ou num breve contacto com homens ou notícias de cá. Este livro cultiva e responde a esse estímulo. Levando trechos de grandes escritores da nossa língua, dá através deles um quadro da ficção contemporânea em seus múltiplos aspectos, correntes, estilos, ideologias.*

*Os autores seleccionados representam valores sobejamente comprovados por obra publicada e pelo interesse da crítica e, já, em muitos casos, da história literária. Outros ainda podiam caber nesta antologia, decerto, mas limites razoáveis de espaço reduziram a escolha a uma informação primeira, que tal é o destino didáctico deste volume.*

*Os perfis que acompanham cada nome representado contêm um mínimo de informação e de sugestão sobre os seus valores e vidas. Assim, o conhecimento crítico e histórico que está no destino escolar da antologia deve ser guiado e completado pelo professor.*

*Tão-pouco nos pareceu conveniente sobrecarregar o texto com comentários que teriam de ser vastos e minuciosos para iluminarem completamente as naturais obscuridades – a começar pelas da língua – que cercam os primeiros contactos de um estrangeiro com a mensagem escrita de um país a conhecer. Este livro, aliás, destina-se principalmente a romanistas e a estudiosos já algo iniciados na língua e nas coisas de Portugal.*

## P R E F Á C I O

---

Bem o sabemos: uma antologia não passa duma proposta: esta é uma de várias escolhas possíveis, igualmente legítimas, igualmente válidas. Procurando apresentar algumas das melhores páginas da ficção portuguesa contemporânea (donde todos os riscos inerentes a um gosto necessariamente subjectivo), tentámos ao mesmo tempo apoiar-nos em critérios histórico-literários, não esquecendo a função didáctica que uma antologia pode assumir. Quer dizer: partindo dum conceito de contemporaneidade (o que se produz no nosso século e principalmente depois de 1930, quando tinham vinte anos os homens que hoje contam setenta), seleccionámos o que nos pareceu mais representativo quer duma evolução quer duma diversidade de temas, tendências, técnicas, linguagens. Foi assim que «recuperámos» Raul Brandão, nascido em 1867, dezoito anos antes do segundo entre os mais velhos: Aquilino Ribeiro, nascido em 1885, e único, nesta selecção, da década de 80. As razões já o leitor as adivinha. Raul Brandão, o grande precursor, é uma presença cada vez mais viva na modernidade portuguesa: Álvaro Manuel Machado definia recentemente com justeza o papel que ele desempenha, tal como hoje o encara a crítica responsável: «proustiano antes (e mais profundamente) dos ficcionistas da *Presença*, neo-realista antes (e mais profundamente) do neo-realismo, surrealista pela importância dada ao onírico antes da tentativa surrealista, experimentalista (e mais ousado e livre de teorias rigidamente intelectualistas) antes do experimentalismo ligado ao *nouveau roman* ou ao estruturalismo franceses». Aquilino Ribeiro, esse, embora menos «moderno» que Brandão, é uma das personalidades mais fortes e castiças, tornadas tutelares, da nossa prosa narrativa. No seu caso, como em muitos outros, atendemos

simultaneamente ao valor literário da obra e ao prestígio alcançado e mantido pelo escritor.

Fazendo *a posteriori* um balanço, para ajuizarmos dos resultados duma escolha em parte intuitiva, verificamos que figuram nesta antologia, além dos dois autores citados:

1) cinco escritores nascidos na década de 1890, dois dos quais representantes do Primeiro Modernismo, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, sendo os outros três Irene Lisboa, Ferreira de Castro e João de Araújo Correia, único sobrevivente deste grupo;

2) doze escritores nascidos na década de 1900-1909: José Gomes Ferreira, José Régio, José Rodrigues Miguéis, Vitorino Nemésio, Tomás de Figueiredo, Domingos Monteiro, Branquinho da Fonseca, Manuel Mendes, Miguel Torga, J. Paço d'Arcos, António Pedro e Soeiro Pereira Gomes; predominam neste lote homens da geração da *Presença*, isto é, do chamado Segundo Modernismo, com seu pendor para a análise psicológica e laivos dostoievskianos; mas já aparecem, na fase terminal da década, expoentes do Neo-Realismo e do Surrealismo; dos doze escritores enumerados, estão vivos apenas cinco;

3) uma terceira camada – a dos que nasceram na década de 1910-1919 – com nove elementos: Manuel da Fonseca, Alves Redol, Faure da Rosa, Marmelo e Silva, Vergílio Ferreira, Mário Dionísio, Manuel Ferreira, Fernando Namora, Jorge de Sena; o seu signo é claramente o do Neo-Realismo, embora tratado com bastante independência (quando não posteriormente recusado) por alguns destes escritores, sete dos quais ainda vivos;

4) uma quarta camada – a dos pertencentes à década de 20 –, com doze autores, todos ainda vivos, excepto o primeiro: Ruben A., Maria Judite de Carvalho, Carlos de Oliveira, Agustina Bessa-Luís, Urbano Tavares Rodrigues, José Cardoso Pires, Fernanda Botelho, Augusto Abelaira, David Mourão-Ferreira, Orlando da Costa, Olga Gonçalves, Nuno Bragança; personalidades diversificadas, que não é fácil, na maioria dos casos, classificar, pelas várias combinações de realismo, existencialismo, surrealismo, *nouveau roman*, romance-ensaio, romance-reportagem; o Vergílio Ferreira da segunda fase integra-se bem no «clima» destes autores, em que o apuro estético, a construção cerebral, a escrita poética, inventiva, são traços bastante generalizados;

5) oito ficcionistas nascidos na década de 30, que prolongam o «clima» definido pelos anteriores: Herberto Helder, Dinis Machado, J. Palma-Ferreira, Maria Gabriela Llansol, Maria Ondina Braga, A. Rebordão Navarro, Álvaro Guerra, Maria Velho da Costa, todos ainda vivos; a dispersão em caminhos pessoais, se possível, acentua-se;

6) finalmente, apenas dois escritores nascidos em começos da década de 40: Yvette Centeno e Almeida Faria.

Claro que esta distribuição por décadas, aparentemente equilibrada, sofre à partida de convencionalismo – pois que relação se vislumbra entre décadas e gerações literárias? Que coincidências entre fronteiras decenais e momentos de viragem sociocultural? Mas terá as suas vantagens; por exemplo: mostrando até que ponto a antologia cobre a produção novecentista, põe em evidência a escassez de ficcionistas portugueses jovens: o mais novo dos autores seleccionados anda pelos trinta e cinco anos e somente três não atingiram os quarenta. Supomos que este facto não se deve tanto à prudência dos seleccionadores, cónscios de que uma antologia envolve responsabilidades de historiografia literária, como da crise da novelística em Portugal, na medida em que vão rareando os autores, e portanto os autores válidos. Possível sintoma da mesma crise é a dissolução da novelística pela indistinção de géneros: o romance transforma-se em ensaio, em monólogo poético, etc. Registe-se, em contrapartida, que alguns autores, em revelações tardias, logo afirmaram tendências de vanguarda, identificados com o momento (Dinis Machado, Olga Gonçalves), e que outros se têm renovado constantemente, dando exemplo e estímulo aos que começam (não vamos mais longe: Carlos de Oliveira, com um romance agora publicado: *Fintisterra – paisagem e povoamento*).

Se diferente houvesse sido o critério de escolha, outra seria a distribuição por décadas que acabamos de examinar. Muitos autores de indiscutível valia foram excluídos, pela necessidade de respeitar limites de espaço. E, em alguns casos, ficou-nos, mais do que a dúvida, quase um remorso pela decisão tomada, atendendo já a virtudes literárias já ao papel desempenhado em algum dos sucessivos movimentos. Não demos guarida a Fernando Pessoa, autor de «contos policiários», a João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro, José-Augusto França, Luís Forjaz Trigueiros, Rogério de Freitas, Manuel do Nascimento, Aleixo Ribeiro, Leão Penedo, Afonso Ribeiro, José Loureiro Botas, Virgílio Godinho, Assis Esperança, Julião Quintinha, Manuel de Campos Pereira, Armando Ventura Ferreira, Vasco Branco, Garibaldino de Andrade, Papiniano Carlos, Alexandre Cabral, Graça Pina de Morais, Maria Archer, Rachel Bastos, Patrícia Joyce, Adelaide Félix, Maria da Graça Freire, Natércia Freire, Ilse Losa, Sophia de Mello Breyner Andresen, Natália Nunes, Luísa Martinez, Matilde Rosa Araújo, Ester de Lemos, Luísa Dacosta, Judite Navarro, Mário Braga, Afonso Botelho, Joaquim Pacheco Neves, Franco de Sousa, Ernesto Leal, Joaquim Lagoeiro, Luís Cajão, Antunes da Silva, Júlio Graça, Romeu Correia, Mário Castrim, Carlos Wallenstein, Tomás Ribas, Fausto Lopo de Carvalho, Alexandre Pinheiro Torres, Jorge Reis, Luís Sobral, Alfredo Margarido, Artur Portela Filho (introdutores, os dois últimos, do *nouveau roman* em Portugal), Manuel de Lima, Mário-Henrique Leiria, Luiz Pacheco, Manuel da Silva Ramos, Ana Hatherly, Natália Correia, Luís de Sttau Monteiro, António Quadros, António Alçada Baptista

(em crónicas e memórias, bom contador de histórias), Marta de Lima, Celeste Andrade, Isabel da Nóbrega, Noémia Seixas, Eduarda Dionísio, Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno, José Saramago, João de Melo, Baptista-Bastos, Mário Ventura, Armando Silva Carvalho, Álvaro Manuel Machado, Mário Cláudio, Rui Nunes, Altino do Tojal, José Viale Moutinho, José Alberto Marques – e quantos outros. Algumas omissões são intencionais: achámos preferível situar Manuel Lopes, Baltasar Lopes, Teobaldo Virgínio e António Aurélio Gonçalves na literatura cabo-verdiana; Luandino Vieira e Castro Soromenho, entre muitos mais, nas literaturas angolana e moçambicana. De qualquer modo, a lista que aí fica, bastante heterogénea, não é exaustiva. Ao considerá-la, e considerando também a copiosa produção de muitos dos autores seleccionados, conclui-se que seria possível organizar meia dúzia de antologias tão válidas ou tão discutíveis como esta. Autores aqui desaproveitados comparecem, até em maioria, na *Antologia do Moderno Conto Português* a cargo de Temístocles Linhares, publicada no Rio de Janeiro em 1968. E ainda bem que as antologias se não repetem, que convidam ao conhecimento da mesma literatura segundo perspectivas diferentes, sugerindo assim a sua riqueza.

Cumpre, aliás, ter em atenção que, desafiando mais uma dificuldade, procurámos abarcar a ficção toda: romance e novela, que não apenas conto (1). Em certos casos, os romancistas-contistas estão representados por um conto; outras vezes, apesar de sabermos que um romance constitui uma unidade e deve, portanto, ser lido todo ou não ser lido, atrevemo-nos a propor extractos, na ambição de provocar o interesse pelo romancista e de proporcionar uma imagem mais completa da ficção portuguesa contemporânea. Se pecámos, fizemo-lo por bem. E preocupados com o problema.

Um último relance pela antologia que, em curta medida, *nos aconteceu* levamos a crer que, não visando a documentar a realidade portuguesa e a literatura de ficção portuguesa em todos os seus aspectos, acaba por se mostrar suficientemente representativa. Representativa de reflexos duma experiência colectiva (contactos com a Índia, com a China, com a África negra). Representativa de análises e interpretações do Portugal que somos, formas de mentalidade, vícios estruturais. Representativa duma conjuntura (quarenta e oito anos dum regime fascizante, obscurantista) que nos marcou, e que suscitou uma corajosa literatura de resistência, outras vezes, sobretudo a partir de 1960, sintomas de desilusão, dum grande cansaço, como se para sempre estivéssemos condenados a viver fora do tempo. Representativa dum leque de atitudes e de temas: o quotidiano e o fantástico, a vida urbana e a ruralidade, o memorialismo, o tradicionalismo, o folclore, os problemas da juventude, o amor, o erotismo, os desencontros afectivos, a angústia, a solidão, o envelhecer, a morte, a culpa, o remorso, as desigualdades sociais, a miséria, a luta, a prisão, a prepotência dos senhores,

a altivez ou a cobardia dos servos, o espírito de aventura, o sonho, o humor, as crianças, o destino e a condição do homem... Representativa, enfim, duma estreita ligação com a literatura francesa e, a par dela ou através dela, com outras literaturas, donde as incidências que na nossa ficção, às vezes combinando-se, outras moldando-se a uma tradição que nos é própria, tiveram o simbolismo, as vanguardas de começos do século, o psicologismo, o surrealismo, o existencialismo, o *nouveau roman*, o estruturalismo. A sucessão dos textos apresentados permite ajuizar duma evolução que abrange, se não todos, grande parte dos nossos prosadores de ficção: atenua-se a importância da acção e das personagens, o «romance – como acentua Vergílio Ferreira – desvalorizou a narrativa de personagens para adoptar a presença de uma “pessoa”, precisamente a do autor», surgem criaturas cuja identidade se confunde e outras que ambigualmente se desdobram, a ficção emerge amiúde do próprio mecanismo da escrita, é a inventividade da escrita que realmente conta, a narrativa torna-se história e comentário do seu próprio fazer-se, «toute oeuvre, tout roman – diz Todorov – raconte à travers la trame événementielle l’histoire de sa propre création, sa propre histoire». E a linguagem da moderna ficção, além da sua poeticidade, e não raro de certo esoterismo que obriga a uma leitura activa, criadora, caracteriza-se por uma recusa da retórica tradicional, opta pela sintaxe aditiva, por séries infindáveis de frases justapostas, só separadas por vírgulas (quando a pontuação não é suprimida), decerto para que o *eu* do discurso melhor traduza o fluir caprichoso de associações, sensações, imagens, ideias, através das quais, de maneira elíptica, sinuosa, o que sucede (se inventa) ou (terá sido inventado) transparece.

A Luís Amaro agradecemos as informações e sugestões que nos deu, com a sua proverbial vontade de ser útil e o seu escrupuloso saber das coisas literárias.

Lisboa, Setembro de 1978.

JACINTO DO PRADO COELHO  
ÁLVARO SALEMA.

## TEXTOS

## RAUL BRANDÃO

(N. FOZ DO DOURO, 1867. F. LISBOA, 1930)

Iniciada em 1890 com a colectânea de contos *Impressões e Paisagens*, de inspiração naturalista e de intenção crítico-social, a obra ficcionista de Raul Brandão foi prosseguida irregularmente no tempo e nunca chegou a tomar contorno definido na efabulação e na análise dos caracteres. A força expressiva que lhe deu perenidade literária e até influência sugestionadora em gerações posteriores, que vieram até aos nossos dias, resulta sobretudo da vibração dramática e emocional, que transporta da sua visão da vida para a escrita, bem como da linguagem tumultuária e repetitiva, muitas vezes de cunho pictural, com que a representa. O ímpeto de comoção exaltada com que explora os seus recursos muito espontâneos de prosador determina-lhe um estilo que é, primordialmente, «um ritmo marcado pela reiteração». E a crítica da sociedade burguesa em contraste com a miséria dos desamparados, a «má consciência» de proprietário rural, a temática que desemboca num peculiar revolucionarismo sentimental, tomam nas suas narrativas excepcional intensidade testemunhante. Há em Raul Brandão «uma genialidade de raiz que resgata as imperfeições da sua obra» e faz dele «uma das personalidades mais autênticas e impressionantes da moderna literatura portuguesa» (Jacinto do Prado Coelho), surgindo agora como «surpreendente precursor do romance-monólogo que se comunica pelo simbolismo de personagens-fantoches, atmosferas e farrapos de acção». Nessa linha se situam os seus livros mais próximos da caracterização novelística: *A Farsa*, 1903, 4.<sup>a</sup> ed., 1978; *Os Pobres*, 1906, 8.<sup>a</sup> ed., 1978; *Húmus*, 1917, 6.<sup>a</sup> ed., 1972; *A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore*, 1926, 3.<sup>a</sup> ed., 1978; *O Pobre de Pedir*, póstumo, 1931. O teatro, os livros de viagem e paisagismo, as «memórias» e evocações históricas dilataram em diversidade e, muitas vezes, em mais perfeitas realizações de estilo a projecção da obra de Raul Brandão.

Há um mistério na vida de Joana, e no entanto na sua alma lê-se como através dum vidro. Tudo nela será falso excepto a dor. Não sei, ninguém sabe o que tem. Sinto que se obstina como se fosse de pedra e dentro houvesse outra Joana a dar com a cabeça pelas paredes. Não ouço o que diz, nem sei o que sofre – mas a desgraça sua naquele monólogo sem pés nem cabeça, a que não ligo sentido. Debalde o sonho se encarna. O sonho, que cabe no mundo, cabe entre as quatro paredes daquele caco e revolve-a. Fecha a boca como se tivesse medo de falar. Não quer ver – e há-de por força ver. Persiste em manter de pé o resto da ilusão em que passou a vida, obstina-se o ciclone vivo em pô-la frente a frente à desgraça. É sonho contra sonho. O que ela não quer é ver, e só ela sabe o que não quer ver. Não pode com o peso desconforme que a torna grotesca, e de todo se assemelha agora à árvore do quintal: mais sonho – mais flor. Abre uma boca enorme, fecha-a sem emitir som. Mostra as mãos, aperta os gorgomilos e o sonho arranca-lhe farrapos. Há-de acabar por lhe extorquir a dor...

Sua vida é um monólogo que eu não sei traduzir. Nossa vida é sempre um monólogo de interesse e de sonho. Sempre o mesmo monólogo interior, de dia, de noite, quando acende o lume ou quando põe em mim os olhos turvos. Talvez os bichos monologuem assim, muito baixinho, pra dentro, só dor, sem entenderem a vida nem explicarem a vida. A desgraça está ali ao pé, cada vez mais seca, e nem o sonho nem a desgraça conseguem arrancar-lhe aquilo de vez para fora. – A minha filha... – Mas isso não basta! não chega! Mais dor, mais sonho. Abre a boca cada vez maior e não tira outro som dos gorgomilos: só emite um ronco. A desgraça e o

doirado tingem e entranham-se na água de lavar a louça. Há-de acabar por falar... Até agora por mais que faça sai-me das mãos ridícula.

– E vai eu disse-lhe... – E estaca, esfarrapada e atónita. Sacode-a o sonho com desespero. – Hã... – E, como naquele caco espesso só há duas ou três ideias como traves-mestras, e ternura naquela alma obscurecida, não avança mais palavra. E a desgraça sua e tressua. Grotesco, grotesco, e desespero neste grotesco, e dor neste manequim desconjuntado, com um xale a esvoaçar e a boca espremida. Anda aqui um ser imenso que luta com um ser humilde e o amolga até à caricatura. Não pode mais – e ainda aperta a boca... O que tu lhe fizeste, sonho! O que tu lhe fizeste!... Tornaste-a disforme como a sombra dum bonifrate projectada sobre um écran. – Criou aquilo a bafo, trouxe-o sempre consigo debaixo do xale, com os olhos aguados e tal ar de aflição que parece tonta. – A minha filha... – e tu arrastas-lhe a dor como um trapo por todos os esgotos. Debalde se debate: tem de falar...

– A minha filha casou rica, a minha filha tem uma sala de visitas (é o que a Joana mais admira no mundo) como a das outras senhoras. A minha filha... não posso! não posso!...

E, para não avançar mais, a Joana ri-se de si própria. Quem a não soubesse capaz de exagerar, diria que exagera. Ajunta pormenores embaraçosos a essa história que se parece com a mulher da esfrega pelos empurrões e pelos trapos. Repete-se, hesita, volta ao princípio, sem termos para se exprimir. E atrás das palavras sem ligação sente-se cada vez mais dor: o pano sujo da esfrega está embebido de lágrimas.

– Tenho uma tristeza metida em mim...

A narrativa desconjunta-se: ganha em dor e em grotesco. Enche a boca, perde em naturalidade, adquire em imponentia. O tom carregado é de farsa com resíduos de lágrimas. A desgraça ri-se da desgraça. Aumenta as cores de exagero, carrega o traço, e a tinta engrossa:

– A sala de visitas! a sala de visitas!... – Representa com ademanos e mesuras grotescas a sua entrada numa sala em passo medido de procissão. Avança um passo, recua um passo. E aí surgem agora as visitas da filha, umas atrás das outras com espalhafato. A Joana prolonga demasiado a cena para as velhas se rirem – e tem os olhos arrasados de lágrimas. Insiste, pára-lhe na boca o riso desdentado como se tivesse um nó no gorgomilo. Teima, e desata a chorar. – E vai eu disse-lhe... – Reage e começa logo a rir. É um quadro estranho e sem realidade. No fundo, a tintas que ressumam desespero, agitam-se figuras com penantes desconformes e sedas amarelas. Primeira dama, segunda dama – e os chapéus têm penachos doirados, os vestidos recortes de espanto. E as mesuras repetem-se num acesso. Terceira dama de cauda a rasto, outra dama, cumprimentando para a direita e para a esquerda, e já nos longes enfumados, sempre com exagero e

grotesco, outras damas de espanto – da alta roda... E o ser esfarrapado mexe o crânio, para cima e para baixo, com um sorriso à sobreposse. Postiço sobre postiço. Representa – e todas estas figuras parecem sufocadas, todas estas figuras que ela cria ridículas, mal dão dois passos, estão mortas por desatar aos gritos – todas estas damas inverosímeis, de roxo, de amarelo e de verde, pariu-as o grotesco com dor. A Joana imita as contumélias, olha em roda, e recebe-as pé atrás pé adiante. E já o absurdo aumenta, a dor aumenta e transborda, quando outras damas de farsa, outros manequins forjados pelo sonho, se agitam de cá para lá na sala de visitas, engrandecida e transformada na sua boca num salão doirado. É o ponto em que as velhas gozam, sentadas à roda da Joana, em que a D. Felicidade exclama: – Ai que eu não posso mais:! ai que eu até fico doente! Vem-me a sufeca! – Estão ali todas. Está a D. Hermínia, e com a D. Hermínia um mundo de inveja paciente; a D. Penarícia, e com a D. Penarícia uma alma onde repousam exaustos, como num vasto dormitório, todos os despeitos duma existência inútil; a D. Fúfia com os cabelos arrepiados, e por trás da D. Fúfia as ruínas devastadas de Cartago. Está a mulher da esfrega trôpega, amachucada, com olhos aguados de cão. E com isto ridículo, e sobre esta tragédia ridículo.

Já a história entra noutra fase. Tantas vezes se tem perguntado porque é que a filha a deixa andar na esfrega, que a velha acrescenta pormenores embaraçosos. A narrativa torna-se obscura, dolorosa, hesitante, como se fosse arrancada aos pedaços duma alma espezinhada. – E vai eu disse-lhe...

– Hoje é que ela está que até parece o Taborda!

Na realidade a Joana é insuportável. Repete sempre as mesmas coisas, depara-se por todos os cantos como um trambolho. De noite, quando se pilha na enxerga, cuida que mói ainda o mesmo sonho: – A esta, hora lá está ela... a esta hora... A esta hora a minha filha... – E os olhos cerraram-se-lhe de êxtase, de dor ou de espanto no sórdido buraco.

Todas as noites a velha, quando sai da esfrega, dá uma grande volta no negrume, ossuda, molhada até aos ossos. Ninguém sabe onde a conduzem os passos trôpegos, a falar só, a remoer o sonho que a sustenta e ampara. Por vezes palpa um pilar de granito, por vezes debate, com um ser misterioso, uma questão insolúvel. Sigo a sombra esgalgada, que gesticula e reza. Pára numa ruela, senta-se à porta dum casebre. Bate, não lhe respondem. Espera, e outra vez timidamente se atreve a chamar... – De dentro sacodem-na palavras bruscas, e a velha torna por o mesmo caminho, encharcada até aos ossos... Esta casa não é como as outras casas, esta sala não é como as outras salas, nem esta rua como as outras ruas.

(De *Húmus*, 6.<sup>a</sup> ed., pp. 79 a 83)

## AQUILINO RIBEIRO

(N. Carregal da Tabosa, Beira Alta, 1885. F. Lisboa, 1963)

Na vasta bibliografia do escritor, que se dilata por mais de meia centena de títulos incluindo romances, novelas, contos, crónicas, estudos históricos e literários, biografias, memórias, vária, ocupa a criação novelística a parcela de maior vulto. A obra publicada em livro inicia-se com *Jardim das Tormentas*, contos, 1913, última ed. 1977, prosseguindo com *A Via Sinuosa*, romance, 1918, última ed. 1966, *Terras do Demo*, romance, 1919, última ed. 1974, *Filhas de Babilónia*, novelas, 1920, última ed. 1966, *Estrada de Santiago*, contos, 1922, última ed. 1968, *Andam Faunos pelos Bosques*, romance, 1926, última ed. 1971, *O Homem que Matou o Diabo*, romance, 1930, última ed. 1972, *A Batalha sem Fim*, romance, 1931, última ed. 1963, *As Três Mulheres de Sansão*, novelas, 1932, última ed. 1972, *Maria Benigna*, romance, 1933, última ed. 1965, *Quando ao Gavião Cai a Pena*, contos, 1935, última ed. 1972, *Aventura Maravilhosa de D. Sebastião*, romance, 1936, última ed. 1977, *S. Banaboião, Anacoreta e Mártir*, romance, 1937, última ed. 1964, *Mónica*, romance, 1939, última ed. 1977, *O Servo de Deus e a Casa Roubada*, novelas, 1940, última ed. 1967, *Volfrâmio*, romance, 1944, última ed. 1974, *Lápides Partidas*, romance, 1945, última ed. 1969, *Caminhos Errados*, novelas, 1947, última ed. 1971, *O Arcanjo Negro*, romance, 1947, última ed. 1968, *Cinco Réis de Gente*, romance, 1948, última ed. 1977, *Uma Luz ao Longe*, romance, 1948, última ed. 1969, *Humildade Gloriosa*, romance, 1954, última ed. 1966, *A Casa Grande de Romarigães*, crónica romanceada, 1957, última ed. 1976, *O Malhadinhas*, novela, 1958, última ed. 1978, *Quando os Lobos Uivam*, romance, 1958, última ed. 1974, além de vários livros de contos infantis. Em toda essa obra multiforme se afirma, além do criador ficcionista que reflecte uma densa e enérgica experiência vital – sobretudo na pintura do homem do povo, instintivo e ladino –, o prosador

de raros paralelos na nossa literatura, «condensando no seu material linguístico toda uma ciência do estilo que vai das velhas crônicas às mais ousadas incursões na linguagem rústica e na gíria citadina, erguendo-se à poesia nas descrições da natureza, atenuando a erudição com o tom familiar, combinando o arcaico com o moderno e aliando à solidez e variedade do léxico a subtileza cromática» (João Pedro de Andrade).

Foi Luís de Azevedo, «o sobrinho mariola, o sobrinho cachorro», empossado na Casa Grande por morte de Fernando de Mendonça. Ia fazer quarenta anos e era um homem vivido. Vivido e para viver. Atarracado, grosso de cinta, grosso de pescoço, orelhas bem pegadas aos temporais, cara cerdosa que amiúde corrigia pelo sorriso, à maneira da onda de sol que, passando sobre o alqueive de Inverno, o ilumina e humaniza, para regressar, desde logo, à catadura álgida que afivelou sua natureza. Nas comissuras, na própria face, havia entalhes ásperos em que se lia claramente a acta duma vida para a qual o mais blandicioso seriam talvez as febres do jogo e os muitos dias de ventre a dar horas. Apesar destes traços depressores e dos possíveis achaques ocasionais, sentia-se nele o homem de vontade, com estrutura de aço, para bater durante bons e rijos anos. A impressão geral, quando se observava de face e se colhia despreocupado do seu natural, era que se estava perante um teso reitre ou, melhor, um capitão de piratas ainda ao corso.

Todas estas circunstâncias induziriam, como não, Luís de Azevedo a considerar Romarigães como terra de Canaã. A Casa Grande revinha-lhe de direito, mas um direito torcido a seu favor pelo melhor dos fados. Em consequência tratou de cortar a talante. Sua tia D. Joana Angélica não quisera volver à casa onde não fora feliz e espectros amalandrados lhe enlutavam agora o panorama dos dias prósperos. Emparedou-se em Calheiros como uma penitente. Nunca ninguém mais a viu. Estava já entrada nos anos, murcha para as vaidades do mundo, não fazia favor nenhum especial.

Luís de Azevedo, a primeira vez que dormiu no quarto do solar em que tinham nascido e morrido três ou quatro gerações de Cunhas de Antas, não encontrou fantasmas. Pelo contrário, os olhos alongaram-se-lhe menos pelo panorama da vida vivida do que da vida a viver. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada de que se perdeu a chave. De modo geral o que lá está dentro não tem utilidade prática. Por isso, a Luís de Azevedo, um pouco desprezado contra o frescor daquelas paredes de granito, duma grossura de fortaleza, com o tecto em masseira e artesões de carvalho medrado já na mata, a vida se pospunha como lousa de operações. Devia as orelhas e era forçoso pagar. Alçapremado na herança do morgadio, desbaratara com a largueza de quem se não atemoriza perante nenhuma forma de liquidação. Com picadores e cómicas, ora em Lisboa, ora em Sevilha, e por toda a parte onde lhe acenava o fraldil da estúrdia, ganhara fama de pródigo, algibeira sempre recheada. Agora a matilha dos credores estava a chegar, e já ouvia os ladridos dos galgos mais adiantados. Como calar-lhes a boca? Não lhe sendo possível gravar de mais hipotecas as terras do vínculo, restava-lhe pôr com dono as alodiais, que eram poucas. Mas morgadio como o seu podia comparar-se a velha barcaça que meteria água se lhe bulissem nas cavernas. Desfalcá-lo tornava-se arriscado. Então como, santo Deus? Voltando-se e tornando-se a voltar na cama que lhe era estranha, aconchegando os cobertores contra o frio que porejavam as paredes, à força de consultar o travesseiro, acabou por receber uma inspiração exequível. Em Bravães havia uma senhora solteirona, pouco menos que durázia, tão rica que não sabia o que tinha de seu. Falava-se da Casa de Violeiros como do castelo da Triste-Feia. Poucos se gabavam de que descesse, para eles atravessarem, a ponte levadiça. E esses poucos vieram dizer, fosse embora aziúme de despeitados, que a fidalga tomava rapé como um cônego de Braga e todas as manhãs, ao levantar, matava o bicho a cálices de cachaça como qualquer lapuz de bofes incombustíveis. A essa hora a sua boca, por sinal com a melhor dentadura deste mundo, exalava baforada que ardia como o gás das minas, se lhe chegassem um lume-pronto. E havia mais. Tomada de fúria, a que parecia atreita no auge da carraspana, pegava dum estadulho e varria uma eira de malhões ou uma turma de cavadores se lhe refilassem. Quem houvesse de cometê-la para casamento teria primeiro que passar por uma prova de força e derrotá-la. Qual ela fosse, dependia do seu capricho ou da maré. Mas, em geral, era à luta romana que experimentava os pretendentes. Neste certame havia qualquer coisa de mítico e legendário, entre barraca de feira e castelo da Madorna, que arrefecia os mancebos tentados pela presença da solteirona, que era deleitável, e então com um dote de arregalar. Entortavam todos o nariz. Quem a levasse já sabia o que tinha pela proa: *em casa de Gonçalo mais pode a galinha que o galo, ou triste da casa onde a galinha canta e cala o galo.*

– Hão-de ser mais as vozes que as nozes – disse para os seus botões, sempre aforismáticos e reflexivos.

A verdade é que acordou tentado pela aventura. E um daqueles dias, paramentado de calção de veludo, a casaca do tio, depois de adaptada ao seu cadáver pelo alfaiate de Insalde, verde-mar com botões amarelos, camisa de tufos, cabelo encalamistrado, avançou afoitamente para a virago de Violeiros, de seu nome Silvana Sousa de Meneses, como Édipo para a esfinge. Não eram primos? Que mais não fosse, havia coisa mais curial que render-lhe homenagem e reatar as relações de boa vizinhança que vinham do licenciado Gonçalo da Cunha?

D. Silvana andava para a eira no enceleiramento do milho de sequeiro. Na altura estavam a erguê-lo. Uma serva largava-o ao sabor da aragem, peneirado numa cesta, às duas mãos acima da cabeça. E o milho caía para o monte, num jorro manso de cascata, acogulando-se e tilintando. D. Silvana, de cócoras, chamiça de giesta em punho, coanhava, apartando do grão reluzente o cisco envolto da debulha.

Luís de Azevedo parou à entrada da cancela. Silvana tinha moinha nas sobrancelhas e nos cabelos. Estava em traje de cote, chambre de chita de ramagens, lenço para os ombros e botas brancas de bezerra. Em despeito da paisanaria, descerrava um ar capitoso e luculento de deusa Ceres, nada temível quanto a objecto de adoração.

– Quem procura Vossa Mercê? – proferiu, voltando-se sobre a ilhargá e encarando-o.

– Procuo a senhora D. Silvana – respondeu ele, não fosse por lá enganar-se de pessoa.

– Sou eu. Já o atendo. Tem de esperar um bocadinho que se acabe de erguer o milho e se recolha. Vejo além umas carantonhas de nuvens e estou com medo que se ferre a chover.

Luís de Azevedo acedeu com a vénia mais prazenteira deste mundo, mas para consigo dizia na linguagem que lhe era peculiar: É-te bem feita, Luís! Tens para peras. A ninfa é que não parece tão peca como dizem. E que rico enxergão!

.....

Foi um dia de glória na capela de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Amparo, esse em que o P.<sup>o</sup> José Mourinha, pároco aposentado da Cunha que sucedera na casa ao P.<sup>o</sup> Hipácio Leborinho – o melhor dos capelães se não fora as almorreimas e uma figadeira impossível que lhe azedava os dias – celebrou o auspicioso matrimónio. O digno homem morrera dobrado sobre o papel a aparar a pena de pato para uma homilia. Paz à sua alma de levita, para quem o supremo gozo era um prato de sardinhas

assadas com uma litraça de verde! Vieram os zés-pereiras de todo o Alto Minho e quantos ranchos ramalhudos de lavradeiras batiam o saricoté na beira-mar. Comeram-se duas fornadas de pão, os presuntos e chouriços de três cerdos, e beberam-se mais de vinte almudes. O boticário de Paredes gastou quanta arnica tinha nos boiões a consertar as cabeças rachadas no varrer do bródio. Dois abades estiveram às portas da morte, fulminados de congestão. O P.<sup>o</sup> Mourinha desforrou-se nas almôndegas da dieta hídrica que aguentara no Seminário de Braga, dieta essa que contribuíra para lhe escangalhar a máquina, de colaboração com as rijas pançadas de broa rural rilhadas a paroquiar Corno de Bico. Luís de Azevedo conseguiu um empréstimo de certa monta; a consorte afluíu com avultadíssimos cabedais e não se olhou a gastar.

A Casa Grande em poucas semanas estava expurgada de dívidas e hipotecas; recuperadas as terras, que, embora anexas ao morgadio, não faziam parte do vínculo. Ao mesmo tempo renovou os soalhos do solar; ergueu os muros caídos ou desmantelados; captou águas extraviadas; fez, em demais, nas duas Portelas, a aquisição de uns rossios encravados nos da Casa. Uma década decorrida, Luís de Azevedo, para empregar a palavra dum rendeiro, fizera da Casa Grande um brinquinho. Podia, ao mesmo tempo, subir por oiro para a cama. Para cúmulo, sua mulher D. Silvana saíra meiga e macia como o veludo. Em agradecimento a Deus e modo de lhe exprimir a sua devoção, levou-a a Guadalupe. Era lá no cabo do mundo, e depois de voltas e reviravoltas, seges, estalagens, comidas lápidas, mas que não iam ao seu paladar, regressou a casa radiante e exalçada como fada ao seu bosque. Havia lá alguma coisa que valesse o remanso da Quinta do Amparo?!

(De *A Casa Grande de Romarigães*, 1.<sup>a</sup> ed., pp. 167 a 183)

## MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

(N. Lisboa, 1890. Suicidou-se em Paris, 1916)

As cartas que, de Paris (para onde foi cursar Direito em 1912), dirigiu a Fernando Pessoa documentam não só um espírito perturbado, insatisfeito, como as ambições estéticas que levaram ao movimento do *Orpheu* (1915), revista que, em Portugal, constitui o grande marco do Primeiro Modernismo, sintonizado com as vanguardas europeias. Conquanto na poesia, muito mais que na prosa, tenha atingido uma quase genialidade, a sua obra de ficção (*Princípio*, novelas, 1912; *A Confissão de Lúcio*, narrativa, 1914, 2.<sup>a</sup> ed., 1945, com reimpressões; *Céu em Fogo*, novelas, 1915, 2.<sup>a</sup> ed., 1956), desvendando uma obsessiva problemática erótico-sentimental, vale como padrão dum simbolismo-decadentismo que se tornou para o Autor um veículo *natural* de expressão. Com efeito, essa obra, com o seu caprichoso verbalismo, as suas invenções semântico-sintáticas, o fausto da sua imagística neobarroca, os seus ingredientes fáceis de novela policial e de melodrama, abre-nos as portas do comovente universo dum adolescente, órfão, sozinho, inadaptado, cujas «visões» ficcionais traduzem sob forma alegórica as frustrações que o atormentam e destroem. O que o fascina é o insólito, o mistério que impregna o quotidiano; a partir duma experiência do trans-real, «o mundo estoira [nessa novelística] por todos os lados» (Maria da Graça Carpinteiro) e os ambientes caracterizam-se por «desorientação e pesadelo». Que em Sá-Carneiro poemas e narrativas brotam das mesmas zonas obscuras, assumindo a ficção um cariz poético-confessional, é o que se conclui quer da análise dos textos quer do testemunho do Autor, quando, por exemplo, numa carta, dizia a F. Pessoa que *A Confissão de Lúcio* desenvolve uma «ideia» – a incapacidade de amar pela incapacidade de possuir aquele ou aquela que se ama – já contida nestes termos no poema «Como eu não possuo»; «Não sou amigo de ninguém. P'ra o ser / Forçoso me era antes possuir / Quem eu estimasse

– homem ou mulher – / E eu não logro nunca possuir!» Por outras palavras, da referida carta: «O que eu desejo nunca posso obter nem possuir, porque só o possuiria *sendo-o*». Lúcia, Marta e Ricardo são, na narrativa, os vértices do conflito. Marta, porém, não passa da figuração simbólica da necessidade de, através dela, realizar a amizade; não tem existência própria, e por isso se dissipa quando Lúcio mata o amigo: a história de amor transforma-se na tragédia da amizade impossível. Como ficcionista, Sá-Carneiro situa-se nas origens da corrente que, subterraneamente, conduz ao surrealismo e às narrativas erótico-fantásticas (Mourão-Ferreira, por exemplo) dos nossos dias.

## RESSURREIÇÃO

---

Tinha sido em Paris. Uma noite, casualmente, encontrara-se num pequeno teatro vermelho para Montmartre, bocejando o seu tédio. Mas de súbito, entre as intérpretes da revista idiota, os seus olhos fixaram-se numa dançarina meia nua – esplêndida, duma beleza enclavinhada: corpo agreste, musculoso, seios oscilantes, pequenos e esguios – lábios roxos, grandes olhos admirados, cabelos negros, - e a carne, a carne luminosa, mordorada a trigueiro, para se cobrir de esmeraldas. Nocturnamente, seria bem aquele talvez – excelsior! o corpo triunfal da Salomé...

E no enlevo granate da maravilha, contemplando-a suspenso, o seu cérebro imaginoso logo se lembrou de construir um romance sobre ela – ai, agora, bem barato romance...

Voltara-lhe de súbito a nostalgia da gentileza – desses brandos episódios loiros que, em todo o caso, nos desenastam a alma e agitam véus cor-de-rosa em cerca à nossa vida.

Sim, pelas mesas dos cafés, quantas vezes invejara aqueles que esperavam uma companheira gentil que aparecia modesta, ligeira, afável – ao passo que ele se detinha solitário sempre, endurecido... Todo de incoerências – embora as suas repugnâncias, não lograra ainda renunciar definitivamente àquilo que os outros possuíam, e devia ser em verdade de tão meigas cores...

A sua primeira amante não a buscara ele; ela própria viera ao seu encontro – nem a possuía ele; ela só o possuía... As outras tinham sido tão raras, tão distantes...

Eis pelo que em face do corpo aureoral, recordando-lhe estas invejas, estes desgostos – o romancista começara, em inferioridade, a arquitectar um enredo...

Hoje corava de si mesmo se lhe lembrava a pobre história – nem podia acreditar que a tivesse vivido...

Ela fora assim:

No dia seguinte pegara num exemplar luxuoso da sua última obra e enviara-o pelo correio à bailarina, acompanhado duma carta escrita premeditadamente, em romantismo, do Pavilhão d'Armenonville – uma carta tola onde justificava o seu envio desta maneira: a dançarina dera-lhe uma sensação tão grande de beleza – ah! de beleza apenas, não o fosse julgar apaixonado – que, ele, o Artista, o divino que só procurava por toda a parte as emoções gloriosas, não resistira, em primeiro lugar, a agradecer-lhe a visão estética sublime que o seu corpo lhe proporcionara e, depois, a ansiar viver um pouco em torno à maravilha – de qualquer forma referindo-se a ela.

Assim lhe mandava esse volume – que de resto a encantadora nem saberia ler, escrito numa língua estrangeira – para que ao menos os seus dedos esguios, maquilhados, perturbantes, uma vez tacteassem alguma coisa dele (o seu nome, as suas palavras) – e essa carta, para que um dia, mais tarde, longos anos volvidos, as suas mãos secas a achassem, quem sabe, entre velhos papéis... E então, longinquamente o recordaria – isto é: *fosse como fosse, ele volvera-se uma personagem da sua existência...*

Mas havia mais, pois – suave glória! – a partir da tarde em que lhe escrevera, ele, o desconhecido, ao admirá-la nos teatros onde dançaria nua – saberia em verdade alguma coisa do seu passado: que ela uma vez recebera uma carta sua, um livro seu, estrangeiro...

Enfim, o certo era que, sem nunca se terem encontrado, milagrosamente iam deixar de ser dois estranhos – uma pequenina coisa de ora avante os ligaria: existiriam com efeito em relação um ao outro...

A rapariguinha – romanesca talvez, ou apenas interesseira – breve lhe respondera numa pobre carta sem ortografia, acusando a recepção do livro, afirmando que tinha gostado muito da carta, pedindo que lhe escrevesse mais. E havia nas suas frases toscas um tal desejo de corresponder ao pensamento delicado, de ser graciosa – que uma onda de ternura quebrantou Inácio...

Logo essa tarde, num entusiasmo, correu a um grande florista da rua Scribe e enviou cinquenta francos de cravos à bailadeira – com um simples cartão de visita prometendo nova carta.

Só lha escreveu no outro dia. Então, insidiosamente, ele dispunha o curso do enredo – cantando em audácia o esplendor da sua carne ébria, dando-lhe a entender que não era rico, mas tinha vinte anos – para prevenir uma desilusão...

Terminava a lastimar-se, sempre em arдил, que era muito belo o seu papel misterioso de «desconhecido» mas que ignorava se teria coragem para o desempenhar até ao fim...

Na volta do correio, recebeu a resposta. E logo de novo se enterneceu, ondeadamente. A caligrafia era melhor – mais cuidadosas a ortografia e a gramática... Um desejo evidente de agradar... E, com uma simplicidade adorável, a rapariguinha perguntava porque se não haviam de conhecer. Ela gostaria tanto...

Um júbilo infinito, esplêndido, lhe correu na alma. Beijou a carta repetidas vezes...

– Enfim! um pouco de sol chegava à sua vida... Ah! que triunfo admirável passear nas ruas de Paris com essa mulher dourada, e possuí-la – estiraçar-se imperialmente sobre a sua carne de aurora, entregar-se-lhe todo em amor e anseio fluido!... Havia de a morder, de a ferir – sim, de a ferir! – com os seus beijos, arroxeadamente...

... E ela parecia-lhe tão humilde, tão pobrezinha, tão pouca coisa... Pois bem! ele a levaria aos maiores restaurantes, às casas de chá mais luxuosas... Era-lhe impossível vesti-la de jóias, mas ensinar-lhe-ia que os grandes perfumistas são Delettrez, Houbigant, Lanthéric – que os mais esquisitos bombons saem das lojas do Boissier, do Marquis...

Como ia ser venturoso, como ia ser belo... Na manhã seguinte esperava três mil francos de Lisboa!

Saiu. Após o almoço entrou na Napolitano para lhe escrever uma carta em que marcaria o primeiro *rendez-vous* para dali a dois dias. Pediu café, papel, sobrescritos... E, de súbito, encontrou-se a pensar:

«– Afinal para quê... para quê... Aonde vou?... Sim, de que me vale prolongar tudo isto?... Conhecê-la-ei... beijá-la-ei, pode ser... e depois?... Que haverá de comum entre mim e ela?... Pobre criaturinha fútil, banalizada, insensível... Possuí-la? – oh!... possuí-la... Demais sei o que me espera!... E seguir-se-ão mil pequenas contrariedades... mil pequenos desenganos... encontros a certas horas... mil complicações inúteis... Para que? para quê?... Não... Decididamente não vale a pena... de modo algum...»

E, numa resolução momentânea, limitou-se a escrever-lhe um rápido bilhete onde lhe dizia que era na realidade tão encantadora, tão cendrada, aquela aventura longínqua – que o melhor seria pôr-lhe termo, ser subtil até ao fim: não prosseguir para não quebrar o encanto... Saiu. Estampilhou o bilhete no *bureau* próximo do Boulevard dos Italianos – deitou-o na caixa... sem uma saudade; sem mágoa nem arrependimento...

.....

Ainda alguns dias pensou, é claro, no triste episódio – mas sempre levemente, embora com ternura.

A rapariguinha não lhe tornou a escrever – e ele lembrava-se da cruel desilusão que fora talvez para ela a sua última carta... Via-a também sonhando amor, como ele, a certas horas – e a caminhar radiante para uma aventura literalizada em pacotilha, mas quem sabe se ideal aos seus pobres olhos...

E chegava-lhe assim uma piedade esvaída pela bailadeira nua, perversamente: só porque ela sofrera talvez dele, muito, um dia...

As suas cartas, guardara-as num grande sobrescrito – preciosas, pois iam-lhe servir para fixar palpavelmente alguns instantes dessa época da sua vida, alguns instantes do Paris dos seus vinte e três anos...

Aliás notava hoje bem como tivera razão em pôr um termo à aventura. Lançado nela, coisa alguma o deteria – e embalde, pois o certo era que nem mesmo por mais que beijasse esse corpo esplêndido, alcançaria nele aquilo por que uma noite o ambicionara. Com efeito o artista só poderia saciar os seus desejos – não estrebuchando esse corpo nu, magnífico; mas sim se ao mesmo tempo vencesse possuir os passos da bailarina sobre aquele pequeno tablado dum teatro vermelho para Montmartre... e os seus gestos, os seus sorrisos, o carmim dos seus lábios, os seus véus, as suas lantejoulas, as suas jóias falsas, as luzes que a iluminavam – todos os ritmos de cor e som que soçobravam rodopiando em volta da sua carne, a subtilizarem-lhe, a aureolarem-lhe o corpo indistinto em vertigens e apoteoses!...

(De *Céu em Fogo*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 286 a 291)

## IRENE LISBOA

(N. Arruda dos Vinhos, 1892. F. Lisboa, 1958)

Exceptuados alguns «contarelos» ou «pequenas novelas» com toques de fantasia, às vezes orientados por uma intenção pedagógica, a obra de Irene [do Céu Vieira] Lisboa mal se pode classificar de *ficção*: distribui-se pelos domínios da autobiografia, do diário íntimo e da crónica, onde haverá um mínimo, a bem dizer inapreensível, de invenção ou composição romanescas. O que lhe interessa de veras é, quer evocando o seu próprio passado quer apontando impressões ou reflexões nascidas do quotidiano, «ver limpo e profundo», «desnaturando o menos possível» (palavras suas). Essa «vasta obra que (citamos Jorge de Sena) se destaca pela delicadeza e subtileza de tom e por uma ironia discretamente desapegada e lúcida», abrange os seguintes livros e opúsculos, alguns dos quais (os da primeira parte da carreira da A., a seguir à sua estreia) publicados sob o pseudónimo de João Falco: *13 Contarelos* (1926); *Solidão* (1939, 3.<sup>a</sup> ed. 1966), talvez a sua obra-prima; *Lisboa e Quem Cá Vive* (1940); *Começa uma Vida* (1940); *Esta Cidade!* (1942); *Uma Mão Cheia de Nada, Outra de Coisa Nenhuma* (1955, 2.<sup>a</sup> ed. 1973); *Voltar Atrás Para Quê?* (1956); *O Pouco e o Muito* (1956); *Título Qualquer Serve* (1958); *Queres Ouvir? Eu Conto* (1958, 2.<sup>a</sup> ed. 1974); *Crónicas da Serra* (1960); *Solidão – II* (1975). E também em versos livres, sem pretensões, Irene Lisboa se exprime, «ser humano,/ apenas, /desgostoso e maltratado»: *Um Dia e Outro Dia* (1936); *Outono Havia de Vir* (1937); *Folhas Volantes* (1940). No todo, um excepcional documento psicológico e sociológico, onde o desabafo dum destino cruel desde a infância de «filha das ervas» até a existência modesta, monótona, de professora primária – vida de «enervamento e melancolia», carecida de amor, de ternura, de compreensão –, se completa com uma certa e solidária visão dos outros, principalmente dos humildes, ao ponto de Eugénio Lisboa considerar a A. «o mais humano dos

nossos populistas». Por outro lado, os próprios títulos denunciam uma estética peculiar, de quem escreve sem «literatura» de coisas e pessoas comuns, «nadas», «bagatelas», visando a simplicidade, a sobriedade, «a inocência e pureza da escrita», o «rigor» – termos com que Irene Lisboa se autodefine.

## [ T E M P O I R R E C U P E R Á V E L ]

---

Hoje, em que tudo desapareceu da sua vida, e se vê aleijada, e não pode ter a mínima confiança em si própria, nem sequer nos outros, ainda se acha capaz de sorrir, que é o que está fazendo, às loucuras da sua incipiente imaginação.

A imaginação a consumiu e a perdeu, tem disso a certeza, a desencaminhou, talvez.

No entanto, ela sabe que escrevendo isto se contradiz interiormente. Que pensa o contrário em muitas outras ocasiões.

Mas que somos nós mais que uma contradição permanente?

A verdade espreita-nos, ora do seu avesso, ora do seu direito. A verdade, ai, ai...

Enfim, a imaginação ora nos socorre, ora nos desequilibra.

O doce fantasma de Maria Antónia, que tanto a excitava, também lhe tornaria patente, e amarga decerto, a inferioridade da sua posição.

Era filha de pais incógnitos, a velha lho dava a entender sempre que podia; não tinha direitos; os seus antigos direitos aquelas estranhas lhos tinham usurpado. A dona Felismina, que podia fazer a dona Felismina, tão acabadinha e sem vontade própria? Ela não tinha nada, já, nem ninguém.

\* \* \*

Ia-se abeirando o Entrudo.

O Entrudo do campo, como ela o conheceu, enfadonho e estúpido. Andavam os cães com latas atadas ao rabo, cainhando, e os gaiatos atrás deles a fazer uma

grande matinada. Os homens, esses punham-se dos altos a lançar *pulhas*, de mão – na boca para reforçar a voz:

– Lá vai mais esta... e é que vai e torna a ir...

Para remate saía uma achincalhada qualquer, dirigida especialmente às mulheres.

O Cocó perdia as suas noites nas *brincadeiras*, armadas num *lugar* e noutro. Era trigueiro, de olhos pretos, grandes, ramalhudos. Parece que prendia as saloias mais ariscas.

Nestas *brincadeiras*, mesmo no pino do Inverno se morria de calar. As mulheres levavam os filhos com elas, até os de mama, e os homens não largavam o varapau, em que tão de uso ensarilhavam a perna. O Cocó, sobre duas ripas altas, que lhe armavam a um canto, tocava a fio. A dança, quando se armava, num círculo cada vez mais apertado, toda aos encontrões, era bem suada e pisada. Mas quem deixaria de correr léguas e léguas só para apanhar uma *brincadeira*?

A Delmira não as perdia. Nos dias que se lhes seguiam a velha escutava-a. Até a um bailarico da vila a rapariga desta vez foi. E lá calhou encontrar o filho de uns seus antigos patrões.

Que conversas teriam eles tido? E que peitas se seguiriam depois entre a velha, a Delmira e ele? O certo é que o rapaz, pouco tempo passado, se aventurou de bicicleta até à quinta para a ver, a ela...

– É para a menina, não no entende? – bichanava-lhe a Delmira. Eu sei, eu sei.

A mesma Delmira lhe meteu nas mãos uma carta dele, dias decorridos.

\* \* \*

Este era o primeiro homem que ela via andar para cima e para baixo à sua espreita; desmontar-se da bicicleta e levá-la docemente à mão...

Já fizera os catorze anos havia dois meses. E ele tinha vinte e um.

Um homem, quanto a ela, que por isso a amedrontava. O Antoninho da Varosa, em sua mente, é que estava numa idade juvenil e luminosa, ideal, uma idade que os acompanhara sempre, desde a mais tenra infância, e os identificava.

Aquele não passava de um homem; até usava uma capa de estudante, sem o ser. Também tinha o cabelo encaracolado e quase loiro: defeitos, insuficiências... para ela, decepções. A cor morena é que era a bonita!

Bagatelas... mas só vistas à distância de uma vida, como agora.

Mas para que as há-de escamotear, anular, se lhe ocorrem? Não faz um romance, entretém-se. E hoje, afinal, que lhe interessa, que procura ela? Entender, melhor que há perto de cinquenta anos, talvez, a importância de tais bagatelas, das coisas mínimas. Arrimando-se à memória, à insuficiente, infiel memória. De que se tiram farrapos de coisas, tão cheia de luzeiros como de trevas... Que sacará ela

da incrível poeirada que poisou sobre a sua recuada infância e adolescência? Oh! nada afinal que se compare com o claro, vivo miado do seu actual gato; esse, sim, que é incisivo, verdadeiro. O bicho mia-lhe à porta e ela sabe que lha há-de abrir.

Porém, antes de dar os precisos passos para a porta já o está vendo, perfeito. Ou perfeitamente.

Quanto às outras coisas...

\* \* \*

Têm-lhe dito que o seu gato é arraçado de ginetto. E será.

De facto, ele mostra-se bravio, brincando arranha e os seus belos olhos deitam por vezes chispas ferinas. Mas de tão presente que é, de tão integrado na sua vida actual, ela entende-o, desconfunde-o até de qualquer outro pelo simples miado.

É certo que o amor que lhe tem e a graça que lhe acha se tornam especialmente actuantes, lho afirmam.

Afirmam! Palavra própria ou imprópria?

As palavras, ai, as palavras... e dá-lhe vontade de esfregar as mãos, como a dona Mariquinhas, ou de dar uma volta com a direita no ar... as palavras são o que nós queremos que elas sejam, falam à nossa moda, à moda de cada um de nós; a gramática delas é sempre muitíssimo pessoal.

Aquela dona Mariquinhas, dos seus vinte anos, ser encantador! Bom, bom, vê que já está misturando alhos com bugalhos... Que se desmanda, que se precipita.

E poisa a pena. Retoma-a enfim, para assentar:

Aquela idade perdida, aquela gente, aquele tempo à força de os querer fazer reviver mata-os, matá-los-á, sem dúvida. Não há lá palavras para eles, nem gramática válida. Perderam-se.

A capa, a cor do cabelo de um homem, que é, que são? e como lembrá-los? dar-lhes o tom?

\* \* \*

Júlio Brás era o nome do seu namorado. Feio nome.

Ela não engraçava com o nome, nem nunca gostou dele. Das suas feições mal se lembra. Aliás não são as feições em conjunto nem em separado o que melhor assinala uma criatura. É o jeito do cabelo, o olhar, qualquer coisa da boca, o riso, a seriedade, o andar e até o som da voz.

Mas dele que lhe ficou, em suma? Quase só uma espécie de repugnância. Não física, em especial, mas total. Hoje morta...

Lembra-se de correr pela quinta fora até o mirante da estrada, quando o ouvia passar de bicicleta. A velha ou a Delmira a preveniam, ou ela mesmo o sentia. Chegava ao tal poiso e sentava-se no murinho, de lado; ele parava na estrada, em

baixo. E nada tinham que se dizer... Ela dava-lhe então, atirava-lhe uma rosinha de tocar ou um martírio do caramanchão.

Tão estranhos se sentiam um ao outro que ainda hoje pensa que a pura imaginação é que alimenta o amor dos adolescentes, e que o pobre Júlio não tinha o poder de lhe despertar a sua.

De outras vezes falavam-se por entre as grades de um portão do meio da quinta. Ele beijava-a na boca e ela permitia-o, sem o mínimo interesse nem efusão. Cerebralmente considerava aquilo próprio do amor. Todos os romances dos caixotes de Esperancinha descreviam o beijo como a mais fina substância do amor.

Mas quando o namorado, um dia, sob a larga capa, lhe segurou a mão e a puxou ao seu corpo, ela teve uma sensação inqualificável. Nunca, nunca a revelou a ninguém. Pensa que são coisas que toda a vida se guardam, se reservam. Foi uma sensação aflitiva, afrontada, de ofensa e de repugnância. O amor, aquele que lhe andava na cabeça, pelo menos, era de uma outra natureza.

\* \* \*

Entretanto o pai, desconfiado ou prevenido, tentava surpreendê-los. E uma bela tarde, destas do começo da Primavera em que já se estava (encontravam-se ambos ao portão fechado), mostra-se-lhes o velho, de cima. Não explodiu imediatamente, mas a ela o seu aspecto aterrou-a e deu-lhe asas.

O portão de dois batentes, a que se encostavam, abrangia e terminava, entre altos muros, uma bela rua que atravessava a quinta quase a pique e a dividia em dois largos lençóis de vinha.

Correr por aquela rua acima como uma lebre, foi o que fez.

O pai, com a verdasca atrás das costas – o seu braço torcido o demonstrava – seguia-a andando. Mas não a apanhou nem capaz foi de dar com o seu esconderijo: uma arvorezinha nova ou anã, de ramos a rojar pelo chão, sob que se agachou. Ali passou o resto do dia e parte da noite. Não tinha medo.

Deu-lhe a ternura, a excitação aplacada, para pensar na árvore, que havia de amar toda a vida...

Tanto pensou nela, ou nela se incorporou com a sua paixão romanesca, própria da idade, ou do temperamento, que a arvorezinha lhe ficou gravada em mente. A árvore e o sítio. Julga que se à quinta tornasse os identificaria.

Tola! A árvore estará velha, como ela... De uma outra velhice, é certo.

O sítio era o das cerejeiras, que apenas ali havia. Por entre carreiros pouco pisados partia-se de lá para um canavial basto, um canavial que falava. Que gemia e tinha outros dons do seu conhecimento, suspeitos ou reais. Mais adiante, nos braços de uma árvore terrivelmente esgalhada, de folha dura, uma árvore sem trato

e até hostil, bem podia o pobre Absalão ter sido colhido pelos cabelos. Sempre que os passos a levavam para aqueles lados assim pensava. A fatal fuga do Absalão, tão formoso! A má árvore...

\* \* \*

Procuraram-na. Andava a dona Adélia, acompanhada pelo Luís das Canas com uma lanterna acesa, a espreitar por entre as cepas, já enfolhadinhas de novo, as moitas e os esconsos dos muros. Ela saiu do seu esconderijo, mas a velha atemorizou-a:

– Cala-te, cala-te... Foi lá um dia de juízo... Se não fosse a dona Esperancinha! Ela é que deitou água naquela fervura toda...

Entraram as duas pela porta da cozinha, e pé ante pé seguiram pelo corredor, virando a uma escada, que a meio dele se abria e dava para o sótão, grande e dividido como um casa.

– Tu agora dormes aqui, mas não podes fazer bulha, vê lá! A Delmira cá te vem com a comida.

\* \* \*

Naquele sótão, tão seu conhecido, se guardava a fruta, os antigos caixões largos e fundos, carunchosos, de grandes fechos arrombados, dados ao desprezo, os baús encoirados e pregueados, recheados de velharias, e até uma dobadoira nunca servida desde que ela se entendia! Uma dobadoira cuja derradeira serventia era a de encorpar ou materializar histórias muito antigas, vagamente poéticas, que lhe contavam umas senhoras pobres de Vila Franca. Duas irmãs acanhadas, destas visitas que se perpetuam nas casas, toleradas pelas famílias de certa abastança; artistas de mãos, especiosas, acomodaticias.

Aquelas histórias, as figuras unidas das duas irmãs, uma mais alta e outra mais baixa, de fato escuro e de cara macilenta, – bem como uma espécie de flor, uma dália, que elas faziam e desfaziam de um lenço, como os prestidigitadores, – na hora presente, assomadas assim de súbito à sua memória, só lhe parece surdirem dela como um graça, uma partida, um gracejo furtivo do tempo morto. Enfim, uma negaça do tempo irrecuperável.

(De *Voltar Atrás para Quê?*, pp. 127 a 136)

## JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

(N. São Tomé, 1893. F. Lisboa, 1970)

Na multiplicidade e originalidade do seu poder criador excepcional, como artista plástico e escritor, José de Almada Negreiros marcou também um lugar de relevo na literatura de ficção, sobretudo com o romance *Nome de Guerra* (1938, 3.<sup>a</sup> ed. 1971), que ficou a assinalar, embora de certo modo tardiamente, a novelística do Primeiro Modernismo – na linha em que o representa em Portugal o grupo da revista *Orpheu* desde 1915. Publicou ainda, no género, a novela *A Engomadeira* (1917) e outros textos em prosa mais ou menos narrativa, nos quais ele mesmo se afirma «mais espontânea do que premeditadamente impressionista», frequentes vezes contraditório, confessando numa dedicatória a José Pacheco: «Sabe bem quanto eu contradigo a minha obra anterior, mas também sabe que, se a contradigo, não a renego nunca». O romance *Nome de Guerra* é a «narrativa dum experiência cidadina de que resulta a conquista da autenticidade pessoal, obra escrita num estilo inconfundível, ao mesmo tempo ingénua e de geométrica simplicidade» (Armando Vieira Santos). O voluntarismo «naïf» desse estilo, manifestamente «premeditado», que Vitorino Nemésio qualificou de «linearidade prodigiosa, dando a impressão de um Rousseau-advaneiro da prosa», pode ter influenciado certos sectores da novelística portuguesa mais recente ou, pelo menos, coincide com algumas das suas tendências mais evidenciadas – sem esquecer o que nele se reflecte de experimentalismo de linguagem literária. De qualquer modo, o que se mostra mais original e significativo na novelística de Almada, como em toda a sua obra, é a «tensão entre os dois extremos da intuição e da análise, da vocação poética e do propósito ensaístico» (David Mourão-Ferreira), ou seja: o contraste sempre presente entre o espontâneo e o intencionalizado.

Havia um homem que era muito senhor da sua vontade. Andava às vezes sozinho pelas estradas a passear. Por uma dessas vezes viu no meio da estrada um animal que parecia não vir a propósito – um cágado.

O homem era muito senhor da sua vontade, nunca tinha visto um cágado; contudo, agora estava a acreditar. Acercou-se mais e viu com os olhos da cara que aquilo era, na verdade, o tal cágado da zoologia.

O homem que era muito senhor da sua vontade ficou radiante, já tinha novidades para contar ao almoço, e deitou a correr para casa. A meio caminho pensou que a família era capaz de não aceitar a novidade por não trazer o cágado com ele, e parou de repente. Como era muito senhor da sua vontade, não poderia suportar que a família imaginasse que aquilo do cágado era história dele, e voltou atrás. Quando chegou perto do tal sítio, o cágado, que já tinha desconfiado da primeira vez, enfiou buraco abaixo como quem não quer a coisa.

O homem que era muito senhor da sua vontade pôs-se a espreitar para dentro e depois de muito espreitar não conseguiu ver senão o que se pode ver para dentro dos buracos, isto é, muito escuro. Do cágado, nada. Meteu a mão com cautela e nada; a seguir até ao cotovelo e nada; por fim o braço todo e nada. Tinham sido experimentadas todas as cautelas e os recursos naturais de que um homem dispõe até ao comprimento do braço e nada.

Então foi buscar auxílio a uma vara compridíssima, que nem é habitual em varas haver assim tão compridas, enfiou-a pelo buraco abaixo, mas o cágado

morava ainda muito mais lá para o fundo. Quando largou a vara, ela foi por ali abaixo, exactamente como uma vara perdida.

Depois de estudar novas maneiras, a ofensiva ficou de facto submetida a nova orientação. Havia um grande tanque de lavadeiras a dois passos e ao lado do tanque estava um bom balde dos maiores que há. Mergulhou o balde no tanque e, cheio até mais não, despejou-o inteiro para dentro do buraco do cágado. Um balde só já ele sabia que não bastava, nem dez, mas quando chegou a noventa e oito baldes e que já faltavam só dois para cem e que a água não havia meio de vir ao de cima, o homem que era muito senhor da sua vontade pôs-se a pensar em todas as espécies de buracos que possa haver.

– E se eu dissesse à minha família que tinha visto o cágado? – pensava para si o homem que era muito senhor da sua vontade. Mas não! Toda a gente pode pensar assim menos eu, que sou muito senhor da minha vontade.

O maldito sol também não ajudava nada. Talvez que fosse melhor não dizer nada do cágado ao almoço. A pensar se sim ou não, os passos dirigiam-se involuntariamente para as horas de almoço.

– Já não se trata de eu ser um incompreendido com a história do cágado, não; agora trata-se apenas da minha força de vontade. É a minha força de vontade que está em prova, esta é a ocasião propícia, não percamos tempo! Nada de fraquezas!

Ao lado do buraco havia uma pá de ferro, destas dos trabalhadores rurais. Pegou na pá e pôs-se a desfazer o buraco. A primeira pazada de terra, a segunda, a terceira, e era uma maravilha contemplar aquela majestosa visibilidade que punha os nossos olhos em presença do mais eficaz testemunho da tenacidade, depois dos antigos. Na verdade, de cada vez que enfiava a pá na terra, com fé, com robustez, e sem outras intenções a mais, via-se perfeitamente que estava ali uma vontade inteira; e ainda que seja cientificamente impossível que a terra rachasse de cada vez que ele lhe metia a pá, contudo era indiscutivelmente esta a impressão que lhe dava. Ah, não! Não era um vulgar trabalhador rural. Via-se perfeitamente que era alguém muito senhor da sua vontade e que estava por ali por acaso, por imposição própria, contrafeito, por necessidade do espírito, por outras razões diferentes das dos trabalhadores rurais, no cumprimento de um dever, um dever importante, uma questão de vida ou de morte – a vontade.

Já estava na nonagésima pazada de terra; sem afrouxar, com o mesmo ímpeto da inicial, foi completamente indiferente por um almoço a menos. Fosse ou não por um cágado, a humanidade iria ver solidificada a vontade de um homem.

A mil metros de profundidade a pino, o homem que era muito senhor da sua vontade foi surpreendido por dolorosa dúvida – já não tinha nem

a certeza se era a quinquagésima milionésima octogésima quarta. Era impossível recomeçar, mais valia perder uma pazada.

Até ali não havia indícios nem da passagem da vara, da água ou do cágado. Tudo fazia crer que se tratava de um buraco supérfluo; contudo, o homem era muito senhor da sua vontade, sabia que tinha de haver-se de frente com todas as más impressões. De facto, se aquela tarefa não houvesse de ser árdua e difícil, também a vontade não podia resultar superlativamente dura e preciosa.

Todas as noções de tempo e de espaço, e as outras noções pelas quais um homem constata o quotidiano, foram todas uma por uma dispensadas de participar no esburacamento. Agora, que os músculos disciplinados num ritmo único estavam feitos ao que se quer pedir, eram desnecessários todos os raciocínios e outros arabescos cerebrais, não havia outra necessidade além da dos próprios músculos.

Umaz vezes a terra era mais capaz de se deixar furar por causa das grandes camadas de areia e de lama; todavia, estas facilidades ficavam bem subtraídas quando acontecia ser a altura de atravessar, uma dessas rochas gigantescas que há no subsolo. Sem incitamento nem estímulo possível por aquelas paragens, é absolutamente indispensável recordar a decisão com que o homem muito senhor da sua vontade pegou ao princípio na pá do trabalhador rural para justificarmos a intensidade e a duração desta perseverança. Inclusive, a própria descoberta do centro da Terra, que tão bem podia servir de regozijo ao que se aventura pelas entranhas do nosso planeta, passou infelizmente despercebida ao homem que era muito senhor da sua vontade. O buraco do cágado era efectivamente interminável. Por mais que se avançasse, o buraco continuava ainda e sempre. Só assim se explica ser tão rara a presença de cágados à superfície devido à extensão dos corredores desde a porta da rua até aos aposentos propriamente ditos.

Entretanto, cá em cima na terra, a família do homem que era muito senhor da sua vontade, tendo começado por o ter dado por desaparecido, optara, por último, pelo luto carregado, não consentindo a entrada no quarto onde ele costumava dormir todas as noites.

Até que uma vez, quando ele já não acreditava no fim das covas, já não havia, de facto, mais continuação daquele buraco, parava exactamente ali, sem apoteose, sem comemoração, sem vitória, exactamente como um simples buraco de estrada onde se vê o fundo ao sol. Enfim, naquele sítio nem a revolta servia para nada.

Caindo em si, o homem que era muito senhor da sua vontade pediu-lhe decisões, novas decisões, outras; mas ali não havia nada a fazer, tinha esquecido tudo, estava despejado de todas as coisas, só lhe restava saber cavar com uma pá. Tinha, sobretudo, muito sono, lembrou-se da cama com lençóis, travesseiro e almofada fofa, tão longe! Maldita pá! O cágado! E deu com a pá com força no fundo da cova. Mas a pá safou-se-lhe das mãos e foi mais fundo do que ele

supunha, deixando uma greta aberta por onde entrava uma coisa de que ele já se tinha esquecido há muito – a luz do sol. A primeira sensação foi de alegria, mas durou apenas três segundos, a segunda foi de assombro: teria na verdade furado a Terra de lado a lado?

Para se certificar alargou a greta com a unhas e espreitou para fora. Era um país estrangeiro; homens, mulheres, árvores, montes e casas tinham outras proporções diferentes das que ele tinha na memória. O sol também não era o mesmo, não era amarelo, era de cobre cheio de azebre e fazia barulho nos reflexos. Mas a sensação mais estranha ainda estava para vir: foi que, quando quis sair da cova, julgava que ficava em pé em cima do chão como os habitantes daquele país estrangeiro, mas a verdade é que a única maneira de poder ver as coisas naturalmente era pondo-se de pernas para o ar...

Como tinha muita sede, resolveu ir beber água ali ao pé e teve de ir de mãos no chão e o corpo a fazer o pino, porque de pé subia-lhe o sangue à cabeça. Então, começou a ver que não tinha nada a esperar daquele país onde nem sequer se falava com a boca, falava-se com o nariz.

Vieram-lhe de uma vez todas as saudades da casa, da família e do quarto de dormir. Felizmente estava aberto o caminho até casa, fora ele próprio quem o abrira com uma pá de ferro. Resolveu-se. Começou a andar o buraco todo ao contrário. Andou, andou, andou; subiu, subiu, subiu...

Quando chegou cá acima, ao lado do buraco estava uma coisa que não havia antigamente – o maior monte da Europa, feito por ele, aos pouquinho, às pazadas de terra, uma por uma, até ficar enorme, colossal, sem querer, o maior monte da Europa.

Este monte não deixava ver nem a cidade onde estava a casa da família, nem a estrada que dava para a cidade, nem os arredores da cidade que faziam um belo panorama. O monte estava por cima disto tudo e de muito mais.

O homem que era muito senhor da sua vontade estava cansadíssimo por ter feito duas vezes o diâmetro da Terra. Apetecia-lhe dormir na sua querida cama, mas para isso era necessário tirar aquele monte maior da Europa, de cima da cidade, onde estava a casa da sua família. Então, foi buscar outra pá dos trabalhadores rurais e começou logo a desfazer o monte maior da Europa. Foi restituindo à Terra, uma por uma, todas as pazadas com que a tinha esburacado de lado a lado. Começavam já a aparecer as cruces das torres, os telhados das casas, os cumes dos montes naturais, a casa da sua família, muita gente suja de terra, por ter estado soterrada, outros que ficaram aleijados, e o resto como dantes.

O homem que era muito senhor da sua vontade já podia entrar em casa para descansar, mas quis mais, quis restituir à Terra todas as pazadas, todas. Faltavam poucas, algumas dúzias apenas. Já agora valia a pena fazer tudo bem até ao fim.

Quando já era a última pazada de terra que ele ia meter no buraco, portanto a primeira que ele tinha tirado ao princípio, reparou que o torrão estava a mexer por si, sem ninguém lhe tocar; curioso, quis ver porque era – era o cágado.

(De *Obras Completas – I. Contos e Novelas*, pp. 111 a 116)

## FERREIRA DE CASTRO

(N. 1898, Ossela, Oliveira de Azeméis. F. Porto, 1974)

Depois de indecisas tentativas novelísticas na juventude, muito marcadas de improvisação e de pressa jornalística, os primeiros livros que abriram a Ferreira de Castro o caminho para uma notoriedade mundial que raríssimos escritores portugueses conheceram até ao presente foram os romances *Emigrantes* (1928, 17.<sup>a</sup> ed. 1977) e *A Selva* (1930, 29.<sup>a</sup> ed. 1977). Deste último, sobretudo, com o seu testemunho muito directo da angustiante experiência pessoal vivida como adolescente emigrado na floresta amazónica, resultou o extraordinário êxito literário internacional do escritor. Depois destes dois livros, consagrados com numerosas edições em Portugal e em muitos outros países, publicou Ferreira de Castro vastas reportagens em que insuflou um generoso idealismo humanitário nas suas observações de viajante pelo mundo, um volumoso inventário da afirmação do génio do homem através da história da arte, os romances *Eternidade* (1933, 12.<sup>a</sup> ed. 1970), *Terra Fria* (1934, 11.<sup>a</sup> ed. 1974), *A Tempestade* (1940, 7.<sup>a</sup> ed. 1967), *A Lã e a Neve* (1947, 12.<sup>a</sup> ed. 1978), *A Curva da Estrada* (1950, 9.<sup>a</sup> ed. 1974) e *O Instinto Supremo* (1968, 5.<sup>a</sup> ed. 1977), o livro de novelas *A Missão* (1954, 7.<sup>a</sup> ed. 1972) e a recolha de esboços novelísticos *Os Fragmentos* (póstumo, 1974). Por vocação, por experiência vivida e por conformação de carácter, Ferreira de Castro «fez despontar no romance, antes de mais ninguém na literatura da sua língua, o veio da inquietação social», dando na obra «testemunho dos dramas duma época» (Armand Guibert). É por isso apontado como primacial inspirador e precursor português do Neo-Realismo, «inaugurando meio século de literatura social, no Brasil e em Portugal» (Mário Sacramento). Sem forte personalidade de estilo nem grande arte de composição romanesca, a sua obra, escrita numa linguagem límpida, corrente, às vezes vigorosa, atingiu o universal por exprimir com autenticidade o respeito pelo homem concreto e a confiança na sua progressiva dignificação.

O rio começara a encher. Era um dilúvio anual que vinha do Peru, da Bolívia, dos contrafortes dos Andes, veios que borbulhavam, blocos de gelo que se derretiam, escoando-se na terra alta, regougando nas cachoeiras e destroçando, de passagem, tudo quanto se lhes opunha. Dir-se-ia que o Pacífico galgara a cordilheira e viera esparramar-se, em fúria ciclópica, do lado de cá. Minava, abria, contorcia-se nas enseadas, engrossava com as chuvas e ia sempre, sem descanso, a caminho dos pontos baixos. Caído nas esplanadas, perdia em violência o que ganhava em imponência. Já não era enxurrada, singra aqui, torce ali, correndo pelos declives e cantando nos despenhadeiros. Era volume pesado, barro líquido que marchava em grandes amplitudes, levando na face lisa, que já não tinha murmúrios nem rugidos de cataratas, todos os destroços que fizera. Parecia, assim, ter saído dum mundo reduzido a escombros. Os cursos subiam logo, tragando praias estivais, salvando altos barrancos e fazendo das ilhas verdes náufragos tristes e amarrados.

Subiam mais, subiam sempre, engole, engole raizados nus, galhuças ribeirinhas, e estendendo-se por baixo das barracas dos caboclos. A terra encharcava, então. O manto aluvial, descendente do bíblico, invadia lentamente, soturnamente, a selva arrepiada. Era pela boca dos igarapés, pelas gretas das margens, sobe, sobe, avança, transborda, mil línguas que se bipartiam aqui para se unirem de novo além, numa surda persistência de extermínio. Hoje, um palmo; um metro, amanhã; um quilómetro depois e, por fim, léguas sem conta – toda a gleba traspassadinha, como se a

selva não fosse mais do que floresta submarina, trazida, por artes mágicas, à superfície de nunca visto oceano.

A água morta dos igapós, presa na brenha, durante o Verão, ressuscitava, tomando movimento e perdendo a sua cor de limo negro, ao contacto com a outra, que vinha ligar-se a ela e expandir-se por toda a parte.

Os lagos deixavam de possuir contornos; não mais ourelas nem monóculo reluzente, por onde a terra via o céu. Era tudo água suja, mar tranquilo, calvo ao centro e semicobrando, por extensões inabarcáveis, grandes árvores que adquiriam duplicidade de anfibio.

E até os tremedais, que tinham secado no Estio e haviam sido apenas podridão, eram, agora, campo de excursões para peixes que exigiam variedade cenográfica.

Só aqui e ali olho de paca ou de cotia, de anta ou de veado, descobria, para refúgio, magra ilha onde a invasora não levava ainda o seu invencível domínio. Terra limpa que ficava à vista, era tijuco, era lama onde o gado imprimia fundo as quatro patas e os homens gretavam os dedos dos pés.

Vivia-se em cima de água, que se via pelas frinchas do soalho, fincado sobre espeques – e os caboclos que, no Verão, amarravam a canoa a quinhentos metros de distância, lá no fundo da ribanceira, tinham-na agora junto à porta. E chovia, chovia.

A enchente durava meses e, em anos de maior volume, nas planícies da bacia nem um redil ficava. Desafiando o aluvião, os «fazendeiros» mais precavidos erguiam logo «marombas» – estrados amplos onde o gado passava, sem movimento, todo o tempo da invernia. Mas era, quase sempre, trabalho inútil. Até ali, muitas vezes, o caudal o perseguia. Bois e vacas, com as patas, primeiro, e com o ventre, depois, mergulhados no inimigo, acabavam por tombar de inanição e humidade e ir rio abaixo, para gáudio de piranhas e candirus.

Trepava a água às viçosas plantações e depenava toda a terra que braços fortes tinham roçado para a obra da criação. E os mais desprevenidos viam até ir na corrente, desfeito com vigor daninho, o lar que haviam fundado ao alcance da intrusa. Era a desolação e era a pobreza que a grande toalha impura trazia nas suas dobras.

Por cima, no Purus, no Juruá, no Solimões e no Madeira, havia mais terra firme, mais restingas, onde os animais procuravam abrigo. Mas não era menor o desarranjo causado aos que lá viviam e que tinham de ignorar sempre, por muitos anos que existissem, as posições definitivas. Em Todos-os-Santos, só com muita dificuldade Firmino, Agostinho e Alberto rompiam agora a mata, de seringueira

a seringueira. O igapó estendera-se até junto do canavial e, na «estrada», tinham de fazer grande percurso com os pés dentro da água, tornando cada passo objecto de hesitação, pelo receio de se pisar touça de espinhos ou mal ainda maior. Regressavam encharcados, as calças a escorrer e cheios de lama os toscos borzeguins.

No Igarapé-açu, no Laguinhas e em opunhas a enchente ordenava os mesmos sacrifícios e, dentro em pouco, já tudo seria em vão. Os braços deixar-se-iam cair, improdutivos, derrotados pelo surdo adversário, e quatro ou cinco meses, descontados no anseio de regresso, passariam, lentamente, para as vidas que não viviam.

Alberto tinha a sensação de se encontrar num cárcere, sem pena xada, sem dia marcado para a abertura da porta. eram as cifras seu tormento, elos da corrente que, ali, o prendia ao tempo e o levava a íntimas inquirições. « Em conto, setecentos e quarenta mil réis... dois anos? Cinco anos? Ou toda a vida?»

Essa falta de limite enervava-o ainda mais. Não se adaptava. Sentia-se sempre provisório, desejoso de partir, e desesperava-se ao verificar que ainda há pouco chegara... Era outro o meio, outra a terra e outros os seres. Nada se criara ali para o prazer; nada lhe falava das pessoas com quem ele convivera, dos seus antigos costumes, das coisas que amara. Era um mundo à parte, terra embrionária, geradora de assombros – e tirânica, tirânica! Nunca árvore alguma daquelas lhe dera uma sugestão de beleza, mergulhando-lhe o espírito nas grandes volúpias íntimas. Não existia, mesmo, ali – a árvore. Existia o emaranhado vegetal, louco, desorientado, voraz, com alma e garras de fera esfomeada. Estava de sentinela, silencioso, encapotado, a vedar-lhe todos os passos, a fechar-lhe todos os caminhos, a prendê-lo, a escravizá-lo. Era a grande muralha verde e era a guarda avançada dos arbustos que vinham crescer em redor da cacimba e que, degolados pelo facalhão de Firmino, brotavam de novo, numa teima absurda e enervante. A selva não perdoava a ferida que lhe tinham aberto e se descansaria quando fechasse, novamente, a clareira, transformando a barraca em tapera, dali a dez, a vinte, a cinquenta, não importava a quantos anos – mas um dia! Seria pelo esgotamento das seringueiras, seria pela intervenção dos selvagens, chacinando os desbravadores, seria até por motivo mais fútil – mas seria! A ameaça andava no ar que se respirava, na terra que se pisava, na água que se bebia – e cumprir-se-ia porque, ali, somente a selva tinha vontade e imperava despoticamente. Os homens eram títeres manejados por aquela força oculta, que eles, tristes iludidos, julgavam ter vencido com o escudo da ambição.

Alberto relera todos os livros que trouxera, escrevinhara as suas emoções de desesperado em todo o papel em branco que encontrara e conhecia já, pelas costas, todas as cartas do baralho com que enchia algumas horas da negra solidão.

A barba crescia-lhe durante a semana, só ao domingo encontrando navalha nas mãos de Alexandrino, lá fora, no Paraíso. Desleixara-se: o cabelo desgrenhava-se, livremente, sobre os olhos amodorrados no rosto magro e comprido; e calças e blusa, bamboleando-se no corpo alto, eram tudo engelhas a falar de renúncia à estética física. Não valia a pena! Não valia a pena!

E nada havia a fazer. Para trás, o Igarapé-açu, só alcançável agora de canoa, navegando sobre a trilha onde, no Verão, choutavam os cavalos. E quem estava lá? Os mesmos párias, os mesmos prisioneiros da selva, com uma vida sempre igual, todos à espera do meio litro de cachaça que Juca Tristão, com ar de esmola, lhes vendia ao domingo. Agostinho e Firmino amavam essa convivência e, de quando em quando, davam uma escapadela até lá. Ele ia também, para não ficar sozinho na barraca, embora Firmino jurasse que os índios não abandonavam a maloca, por falta de transportes, desde que a selva escondia as raízes na água. Eram tardes de angústia e monotonia, fizesse sol ou chovesse, a ouvir os cearenses, os seus sonhos derrotados, os seus amores interrompidos – todo o carinho, todo o coração lá longe, na distante terra da nascença. Sabia já de cor a biografia deles e, às vezes, de regresso, sentado no meio da canoa, ecoavam de novo, subitamente, no seu espírito, frases que lhes ouvira. «Era um capanga valente capaz de espantar a António Silvino.» «Naquele ano de seca, eu deitei a boca ao tijuco para ver se ainda chupava umas gotas de água. Depois, não pude mais e bebi urina de cavalo.» «Eu vi o meu tio Alfredo endoidecer de sede e correr, correr atrás de nós, com os braços abertos, que até parecia uma alma penada. Nós vínhamos a fugir do sertão e ele caiu e lá ficou a estrebuchar, enquanto os urubus não deram cabo dele.»

De tão nítido, Alberto via também o espectáculo que as palavras sugeriam. O vulto alucinado do sedento, correndo atrás do êxodo, colava-se-lhe nas pupilas como uma obsessão. E lá estava a bracejar, aberta a boca, desvairados os olhos, trémulo, roto, empoeirado, cobrindo com a sua angústia, estampada na terra ardente, a galeria vegetal por onde a canoa singrava.

A pensar nas bravas gentes, Alberto enternecia-se e compreendia-as melhor. Já eram outras para ele, assim vestidas com os farrapos dramáticos que a Europa ignorava. Na Sibéria encontrava-se sinonímia para o horror e as areias do deserto haviam já florido em muitos jardins literários. Desconhecia-se, porém, o drama do Ceará, que a todos ultrapassava. No deserto, até as feras eram raras; no sertão, viviam homens. Lares fecundos, gleba cultivada, cada palmo que desabrochava era sempre uma esperança de futuro melhor. De dia, suave-se no trabalho e, à noite, uma viola gemia sob o feitiço do luar. Havia-os tão agarrados ao terrunho, que cuspiam com desdém sempre que lhes surgia, a desafiar a ambição, algum cearense enriquecido nas brenhas do Amazonas. Qual! Por cada um que voltava rico, morriam lá cem com febres. Mas, um dia, a terra escaldava a palma gretada

dos pés. Os rostos amofinavam-se e entrava o desassossego. Alguns, mais crentes, apresentavam ainda argumentos e exemplos de outros anos em que o mal não se desenvolvera. Eram escutados, seguidos – e todos se esforçavam por neles acreditar. Mas o sol queimava mais; as fontes já não tinham melopeia e eram, agora, tristes lacrimários. A terra começava a arder. Secavam, primeiro, as plantas, iam-se, depois, os arbustos, e árvores velhas, que estavam na memória de muitos que à sombra delas tinham brincado, punham-se a murchar também. Era o pânico, o terror. Nos córregos, outrora múrmuros, só se ostentavam agora limos ressequidos e todas as bocas clamavam por uma gota de água. Caíam, mortos, os animais, outros volviam-se furiosos e sempre, sempre o sol dos trópicos, em sua perene glória, a dardejar sobre a terra em brasa os raios fatídicos. Um bafo ardente de morte varria todo o sertão. A própria Lua crestava e já não eram endeixas que ouvia ao som dolente da viola. Só gritos de aflição subiam agora até ela dos casebres sertanejos.

Dava-se, então, o êxodo, mais trágico e numeroso do que o dos antigos hebreus nos domínios da cristandade. Iam caravanas sem fim ao longo da terra em fogo. O sertão ficava abandonado: planuras ígneas e lombas a arderem também. Quem entrasse nele, a trote largo de cavalo, só encontraria destroços, restos das vidas que se foram, esqueletos mirrados e, para além, na linha sangrenta do poente, lá no fim da terra escarolada, a ameaça de não volver.

Partiam muitos, quando soava o rebate para a fuga, mas muito poucos chegavam à beira do mar redentor. O pó do caminho ia cobrindo, todos os dias, corpos exânimes de velhos e de crianças, que os abutres, mais tarde, viriam devorar. As mães, por vezes, não resistiam e ficavam debruçadas sobre os filhos, primeiro em choro forte, depois com os olhos fixos numa torturante obsessão. Quando a morte se apiedava, já para elas o Mundo há muito tinha morrido.

(De *A Selva*, 20.<sup>a</sup> ed., pp. 169 a 176)

## JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

(N. Canelas do Douro, Régua, 1899)

A obra de contista de João de Araújo Correia é uma intermutação, muitas vezes de fronteiras pouco definidas, com a de cronista, na lídima acepção contemporânea da crónica como género literário: a de relance breve num momento ou num aspecto sumários da vida, colhidos em flagrante imediatidade. Nas suas narrativas, quase sempre dispersas em publicações várias antes de reunidas em livro, condensou o autor o influxo recebido da leitura de clássicos portugueses, uma evidente sugestão da linguagem camiliana (aliás bebida na mesma fonte), a experiência amarga de médico em meios rurais atormentados pela pobreza, uma certa veemência temperamental na visão ácida do seu mundo. E ainda, como o escritor invocou em depoimento, «a solidariedade com os homens que [no Douro] moirejam, isto é, padecem». De tudo isto resultou uma obra de cronista-contista nitidamente marcada pelo regionalismo duriense, pelo vernaculismo da linguagem descritiva ou dialogal, pela concisão e visualismo dos quadros esboçados e dos lances romanescos recebidos da observação ou da invenção que a dilata. A obra abrange muitas dezenas de títulos, de que se apontam, a título indicativo, *Contos Bárbaros* (1939, 2.<sup>a</sup> ed. 1968), *Contos Durienses* (1941, 2.<sup>a</sup> ed. 1970), *Terra Ingrata* (1946, 2.<sup>a</sup> ed. 1972), *Folhas de Xisto* (1959, 2.<sup>a</sup> ed. 1968), *Horas Mortas* (1968), *Rio Morto* (1973), *Tempo Revolvido* (1974). Movimenta-se nestes livros, como em tantos mais do autor, «uma fauna humana grotesca e dolorosa, comovente e risível, enternecida e pícara, que é decerto representativa da gente do Douro, mas que sem esforço galga as minguadas fronteiras da região» (João Pedro de Andrade). E Urbano Tavares Rodrigues acentua a «linguagem vigorosa e plástica, aliada a certa acidez de humor na metódica escamação da humanidade», que caracteriza o estilo do contista.

Nesse Inverno, de tanto chover, as estradas ficaram esbeçadas. O rio levou pelo pé as vinhas dos nateiros. Das serras, tombaram sobre os vales enormes fragas, redondas como jogas de brincar do tempo dos gigantes. Inverno pegado. Pelo Abril dentro, já as árvores se desfaziam em pétalas brancas e em farrapos de cor, e as abelhas não saíam dos cortiços, nem uma borboleta preava nos cálices alagados. Magoava a alma ver afogado em água sombria o sussurro claro do tempo das flores. Tristeza igual só a da cara dos lavradores meanhos quando iam às courelas esburgadas avaloar os estragos do temporal desfeito. Tragédia assim só se podia ler na máscara do cavador crucificado na umbreira dos cardenhos. A Páscoa estava conosco e o céu não se reconciliava com os pobres, nem rogado pelo canto aflitivo das aves. Era só chover, como se Nosso Senhor não tivesse arquitectado o firmamento com mais alegres desígnios. Parecia um sinal.

Como Deus não bota os males todos a um canto, podia-se descontar um bem nesta desgraça. Debaixo dos escombros, que davam à paisagem o aspecto de bulida, aqui e além, por escava-terra vinda das profundas, nem um corpo humano ficara sepultado. Tanto a sábios como a pobres de espírito dava isto que cismar. Inverno amaldiçoado, e ninguém perecera fora de sua casa. Podiam-se dar louvores a quem manda.

Muito de admirar era também que certas casas arruinadas, solares antigos, paredes salitrosas de conventos, rebotalhos de barbacãs da guerra dos afonsinhos, permanecessem de pé, inabaláveis como velhinhos recurvos e cobertos de musgo, cuja resistência a todas as doenças causa o espanto dos médicos e a mal rebuçada arrelia dos herdeiros.

Em Covelas, havia um pardieiro naquelas condições. Chamavam-lhe a Casa

das Mónicas, pedreira que vira expirar quatro senhoras decrépitas na alba do nosso século.

Casa tão velha, tinha numa padieira quebrada a certidão de idade: 1665. Todavia, mais que a padieira, rezavam da sua vetustez barrigas e cotovelos dos seus panos cobertos de heradeiras, assim como as órbitas vazadas de varandins e janelas, apenas guarnecidas de gonzos ferrugentos. Sem vislumbre de esquadria, parecia avantesma no acto de levantar voo ou horsa desconjuntada com tropeção nos jarretes. E não caía... Os mendigos, acoitados dos vendavais, era ali que se refugiavam sem susto. As crianças das escolas era ali que brincavam. Por chuva e por neve, o seu coito era aquele. De Verão, trepavam às cornijas aluídas e expulsavam dos buracos os zilros, fazendo competência de gritaria com eles. Nestes perigosos brincos, não se magoou nunca rapaz ou rapariga – que as raparigas, nas escaladas do casarão esburacado, eram mais atrevidas que os rapazes.

Naquele Inverno, esperava-se que tombasse, que se afundasse de vez a nau desmantelada das Mónicas. As almas piedosas preveniam os mendigos: Ó tio homem, vossemecê não se meta em semelhante lora, que morre lá assapado! As mães proibiam os filhos de se aproximarem daquela ratoeira, armada pelo demo para os castigar, à falsa fê, das suas travessuras.

– Olhaide! Se vos vejo lá, ponho-vos esse rabo mais negro que esta saia...

Bem se importavam os pobres e as crianças! Os pobres continuavam, com grande freima, a coçar as costas, roça que roça, nas esquinas de granito. As crianças não tinham outro recreio senão a Casa das Mónicas. Havia de ser o que Deus quisesse.

Tempos antes, andara de povo em povo um maluquinho triste, cuja atitude era toda de protecção a imaginários seres em perigo. Olhos receosos, mãos enconchadas como se estivessem a acariciar a penugem de oiro de crânios infantis, era, por uma pena, a figura alada que vela crianças dormidas à beira de precipícios. Uma tal Leopoldina, muito esperteleja para pôr alcunhas, quando o viu em Covelas a primeira vez, baptizou-o logo. É o Anjo da Guarda!

O apodo pegou de raiz. Frondejou em mil aldeias. Até gentes eclesiásticas, em todo o Cima-Douro, ao avistá-lo, soltavam esta graça: o Anjo da Guarda está connosco.

Naquele Inverno rigoroso, não se sabia o sumiço que levava o maluquinho. Estaria por lá entre os potes da cozinha de casa rica ou teria morrido. Se tivesse morrido, bem regalado devia estar, à banda de cima das nuvens, com sol do melhor e bons manjares celestes, enquanto os terreanos, de molhados, começavam a criar barbatanas de robalo.

Ia esquecido o Anjo da Guarda. O mais certo era ter-se lembrado Nosso

Senhor de o recolher, porquanto o desgraçadinho andava cá em baixo só para penar.

No sábado de Ramos desse Inverno assinalado, à chuva juntou-se o trovão e o vento. Parecia o fim do mundo, o dia de juízo. Bem carregados podiam ser os carros no Verão seguinte, já que tão molhados se levavam a benzer os ramos. Que, lá diz o rifão: Ramos molhados, carros carregados.

Às três horas da tarde negra – não há memória de negrume igual – esbugalharam-se os olhos dos aldeões, as queixadas dos aldeões descaíram de súbito. Ouvira-se um fragor medonho. As mulheres foram as primeiras que se puseram de alevante. Com os cabelos colados às costas, aderentes as saias às pernas musculosas, convergiram ao sítio donde partira o formidável estrondo. A Casa das Mónicas estava por terra.

– Que é da canalha? O meu Zé? Ah! Fernandes! Filho da minha alma! Ah! Marques! Ah! meu ruço, que te não torno a ver!

Ficaram calvas algumas de tanto se arrepelarem. Outras ficaram roucas, outras ficaram gagas. Depois, atiraram-se às pedras que supunham ser as lajes da sepultura dos filhos, e aí se desunharam e se ensanguentaram, enquanto os homens, hirtos e pávidos, eram como bois no açougue, com a choupa espetada, antes de ajoelhar.

Cristo! Daí a pouco, não houve quelho donde não saísse canalha. Ele apareceu o Zé, o Fernandes, o Marques, o Henriques, o Fulgêncio, o Tobias, o Álvaro, quantos rebentos graciosos havia daquelas arrepeladas mães. Contaram-se e recontaram-se. Estavam todos. Nem se quer faltava a Mecias, engano da Natureza, que a fizera menina, devendo sair rapaz. Gritou-se ao milagre, que se podia ouvir no Porto ou em Salamanca. Desorientada, a Zefa Maniaca pôs catadura feroz, fechou os punhos, levou-os à cara do gentio, e disse:

– Calaide-vos! O Anjo da Guarda está sempre debaixo das sapadas.

Tresmalhou-se o rebanho. Os rapazes saltavam como cabritos. A Mecias, cabra de chocalho, ia ao chinquelimpé diante do soco materno alçado.

Do maluquinho triste ninguém se lembrava. O tempo desanuviou-se, assim como as caras dos aldeões se desanuiaram. Brilhou o sol à sua vontade, amadurecendo os poucos frutos vingados. Veio o Junho. Ceifou-se de noite por via do calor. Nas varandas de pau, abriram os cravos e as cravelinas – que rico cheiro! Estávamos no pino do Verão – uma beleza. As vinhas começavam a ruçar. Apanhavam-se à mão pássaros estonteados do calor.

A Casa das Mónicas era um grande moroiço onde se empoleiravam à noite, em mangas de camisa, os trabalhadores suados. Aí se punham a cantar, sem tom nem som, cada um para seu lado, modas nossas e modas raianas,

aprendidas nas segadas da Terra Quente. Ainda foi bem cair a Casa das Mónicas para os cantadores terem poleiro!

Um dia – foi num domingo – apareceu em Covelas, vindo do Brasil, um sobrinho das Mónicas, dono e senhor daquelas ruínas. Era um chincharravelho – nem há homem pequeno e magro com quem se compare. Escuro como o chocolate, olhos ígneos como os brilhantes que trazia ao peito, falas poucas e muito sossegadas, aí se põe a sondar, a medir amorosamente as pedras que tinham visto expirar as tias.

– Quero levantar esta casa. Se houvesse aí um mestre-de-obras que conhecesse a casa como ela era e ma reconstituísse, dava-lhe muito dinheiro.

Mestre-de-obras não havia outro em Covelas e seus arredores senão o Mestre José Pais. Está por nascer o que lhe há-de levar as lampas em obra de cantaria e de alvenaria. Chamado pelo brasileiro, justa a obra por tuta-e-meia, pois o Mestre José Pais, artista incomparável, nascera para perder e não para ganhar.

– Vamos a isso quando Vossa Senhoria quiser – foram as suas palavras.

Começou a remoção do entulho. Num vão, ajeitado em forma de carneiro rico, estava de pé, encostado a uma parede, o corpo do maluquinho triste. Parecia vivo, e dizem que cheirava bem. Daí a pouco, ficou nuzinho em pêlo. Da vestimenta de cotim e do cordovão dos sapatos fizeram-se relíquias...

(De *Contos Bárbaros*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 21 a 27)

## JOSÉ GOMES FERREIRA

(N. Porto, 1900)

A obra de novelista de José Gomes Ferreira identifica-se em fundamentais aspectos, semânticos e estilísticos, com a do poeta, não só na idêntica representação lírica do real e do imaginário como na auto-ironia e no andamento da composição, prodigamente semeada de metaforismo surrealizante. Já lhe foi apontado um certo pendor barroco, no desenho literário muito carregado de símbolos e na versatilidade das alusões irónicas, melancólicas ou protestatárias. A narrativa é jogada incessantemente entre os contrastes da trivialidade e do sonho, sem prejuízo de fluência e finura na caracterização das figuras, na concertação dos comportamentos e no delinear das situações, em que aflora com frequência uma «maneira» caricatural. Por outro lado, a dialéctica do *eu individual* e do *eu social*, assinalada por Alexandre Pinheiro Torres na substância temática da poesia de José Gomes Ferreira, projecta-se também nas várias formas de narrativa, quer francamente marcada de memorialismo, quer de elaboração mais nitidamente ficcionista, que o autor tem cultivado com original liberdade de processos: *O Mundo dos Outros (Histórias e Vagabundagens)*, 1950, 6.<sup>a</sup> ed. 1978; *Aventuras de João Sem Medo (Panfleto Mágico em Forma de Romance)*, 1963, 10.<sup>a</sup> ed. 1979; *Tempo Escandinavo*, contos, 1969, 2.<sup>a</sup> ed. 1976; *O Irreal Quotidiano (Histórias e Invenções)*, 1971; 2.<sup>a</sup> ed. 1976; *O Sabor das Trevas (Romance-Alegoria dos Tempos Amargos)*, 1976; 2.<sup>a</sup> ed. 1978. Em toda esta obra ficcionista se revela uma arte inconfundível «para descobrir casos, circunstâncias dramáticas, vida singular e dor acesa» (João Rui de Sousa), bem podendo ser-lhe aplicada a conhecida frase de Rilke de que «para o criador nada é pobre, não há sítios pobres».

## AS MÃOS DE PRATA

---

Desde a minha mudança para esta zona convizinha de ciganos e barracas de madeira, que aquele ser pertence à minha «colecção dos remorsos» – museu vivo de pessoas infelizes que trago sempre na memória para, de vez em quando, me lembrar da desgraça do mundo (não sei bem. para quê). Mas a verdade é que, para viver alegre e feliz, sinto necessidade desta obrigação de untar de fel cada sorriso que me vem à boca.

Estou neste momento a referir-me ao mocito de perfil ranhoso e dois tubos ferrugentos a servirem de pernas que, às corridinhas descalças, não largava as saias da mãe, uma mulher debruada de porcaria que, todas as manhãs, antes de chegar a carroça do lixo, remexia nos caixotes já muito esgaravatados pelos cães nocturnos.

Nesse garoto, que a imundície tornava, por assim dizer, mais inocente, impressionavam-me sobretudo as mãos que me estendia a pedir esmola. Duas mãos belas, estreitas, de longos dedos de prata transparente, colados a uns bracitos peludamente sujos de animal condenado ao trabalho do suor sem gozo. Mãos aristocráticas, em suma.

– De fidalgo! – como lhe berrava a mãe furiosa contra ninguém. – Eu dou-te a fidalguia, meu malandro!

– Porque não o manda para a escola? – ouvi eu um dia alguém perguntar-lhe, de passagem (como sabem, só conheço a desgraça e a miséria de raspão. De ouvido).

– Escola? O que ele precisa é de fossar! De um ofício! – respondia a mãe com teima quezilenta. – Não sustento calções!

E, como pude verificar pela vida fora, não desistiu desse intento porque, durante anos e anos de espionagem, acompanhei o itinerário do garoto aos tombos de ofício em ofício. Que me lembre, vendeu castanhas, carregou cestos de marçano e até o loriguei, de bata encardida de aprendiz, muito perfilado na barbearia do bairro, a estudar com indiferença atenta os manejos da navalha vaidosa de um mestre-escama (por pouco tempo, creio-o bem). Mas sempre canhestro e desajeitado, as mãos cada vez mais esguias, de leveza longa, a contrastarem com o corpo grosseiro; cabeçorra de cabelos hirtos de tanta sujidade, testa curta, olhos estúpidos, nariz de bicanca...

Bem. Não esperem agora que vá ficar para aqui a relatar miudamente a vida desse rapaz (em grande parte apenas adivinhada ou deduzida), que lá foi vegetando aos baldões indecisos enquanto a mãe irada teve forças para o arrastar, a tabefe, de ofício em ofício. Sapateiro, marceneiro, ajudante de trolha, alfaiate, assentador de fundos de cadeiras, sei lá! Tudo em vão. O pobre moço nascera com destino de operário de última escala (nunca poderia ser outra coisa na vida!), mas, por qualquer fatalidade nervosa de inibição trágica, as mãos recusavam-se a «ter jeito» e a ajudá-lo a seguir o rumo social que lhe pertencia por injustiça de nascer. Até que, em certa tardinha desamparada, o encontrei sozinho no meio da rua, com uma braçadeira de luto. (Morreu-lhe a mãe – pensei, estremecido de horror. – Que vai ser dele?)

Mas não levei mais de dois minutos a esquecer-me da tragédia. (Estava bem arranjado se sofresse tanto como devia!) E, durante meses e meses, não tornei a pôr-lhe os olhos em cima. Provavelmente, expulsaram-no da barraca de lata onde vivia com a mãe, mudou de bairro e agora anda por aí – coitado! – ao deus-não-dará!

Isso sim! Respirava mais perto de mim do que eu supunha. Porque antes de ontem voltou a entrar na minha vida. Ou, com mais precisão: em minha casa – enviado por uma oficina a que recorri para me colocarem um espelho no quarto de banho. E ele ali estava agora no corredor, às minhas ordens. Com um sorriso pingão e a caixa de lata do ofício a tiracolo.

Bons dias. Venho da parte de... «Sim, senhor. Entre.» Olhei-lhe para as mãos. Iguais. Mantinham a mesma delicadeza monstruosa de nascença. Mãos de prata macia.

Finjimos que não nos conhecíamos, para tudo começar naturalmente, e conduzi-o ao quarto de banho.

O espelho é este e aqui tem as buchas. Modernas. De plástico. Etc. Etc.

E com o coração esfriado de angústia voltei a sentar-me à mesa de trabalho,

a ouvir na rádio uma sinfonia de Mahler (o estranho compositor do «banal encantado»), enquanto o instalador do espelho se punha a martelar, a princípio com certo à-vontade que me estarreceu. Mas em breve tudo degenerou numa salada de ruídos insólitos quase angustiosos, de mistura metálica com sons de escopro e aflição de pedras e estuques escaqueirados, ao som da marcha fúnebre da sinfonia de Mahler (a Titã) cada vez mais funesta e terrível.

Santo Deus! Que se passava lá dentro? E se eu fosse espreitar? Mas consegui resistir à tentação enquanto não me chegou aos ouvidos o estardalhaço violento de um espécie de apoteose tilintada de mil voos de vidro. A que se seguiu um silêncio, por assim dizer, opaco.

Corri então, alucinado, escancarei a porta e o triste infeliz ali estava, pálido, os olhos a escorregarem-lhe da cara para a catástrofe do espelho estilhaçado no solo – as mãos caídas ao longo do corpo, belas, sangrentas, inúteis, implorantes, vazias...

Mal me viu, sentou-se na borda da banheira e desatou a chorar.

(De *O Irreal Quotidiano*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 237 a 243)

## VITORINO NEMÉSIO

(N. Vila da Praia da Vitória, Terceira, Açores, 1901. F. Lisboa, 1978)

Na sua obra de polígrafo, em que confluem as raízes e formação clássicas e a solicitação constante do modernista integrado no seu tempo, ocupa a criação novelística (não sendo a mais extensa em número de volumes) um espaço literário fundamental. Iniciada com *Paço do Milhafre* (contos, 1924), logo o autor confirma o seu poder narrativo, de representação de ambientes e personagens firmemente moldadas, bem como a concentrada intensidade expressiva da linguagem, no romance *Varanda de Pilatos* (1926) e na colectânea de novelas *A Casa Fechada* (1937, 2.<sup>a</sup> ed. 1979), como depois no livro de contos *O Mistério do Paço do Milhafre* (1949) e nas recolhas compósitas de crónicas e composição ficcionista que são *O segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* (1954), *Corsário das Ilhas* (1956) e *Viagens ao Pé da Porta* (1967). Mas foi no romance *Mau Tempo no Canal* (1944, 5.<sup>a</sup> ed. 1974, trad. francesa intitulada *Le Serpent Aveugle*, 1953) que Nemésio atingiu a medida maior da sua vocação de narrador novelístico, pela amplitude da estrutura romanesca e desenho subtil dos caracteres e das situações. Nele se consagra, como na sua poesia se desvenda, o «homem numeroso, com os olhos povoados de imagens e impressões directas e os ouvidos sonoros de muitos ritmos» (Manuel Antunes), recolhendo da vivência açoriana o intimismo e o casticismo regionais, a mneze saudosa e a riqueza da efabulação no quadro localizado, em antinomias à vista que se fundem numa unívoca representação de vida. Mas o regionalismo de Nemésio, pela finura e simultânea eloquência do realismo poético, ergue-se à universalidade do grande romance moderno e «impõe-se como expressão duma personalidade riquíssima e dúctil» (J. do Prado Coelho).

## O ARQUIPÉLAGO DOS PICAPPAUS

---

*Noctium phantasmata ne pollutantur corpora.*

Estou casado há meses, na Ilha (conta John Derosa, súbdito norte-americano), com um corpo feminino que se compõe da maré cheia, das nuvens algodoadas, dos bicos dos penedos, e desta aragem carregada de sal que me visita no torreão da Ponta Negra e faz tremer as folhinhas amargas e verdoengas dos salgueiros. É Minha Mulher a Solidão.

Procuro em vão, no fundo do meu saco de aventuras, farrapos de experiência que se assemelhem a isto. Nem Kate, cujos ombros olímpicos me levantavam meia jarda inglesa acima da dobra do lençol. Este ser de nada é mais bravo. Vera, a italiana, dava-me beijos preparados com uma pastilha de fruta que me deixavam sem forças e de meninges a latejar. Mas de manhã, quando abro a porta para o caminho, o mar envia-me um pique mais doce e bravio. E desisto de comparações simplesmente idiotas.

Isto deve ser uma pontinha de febre enxertada num certo esgotamento dos meus trinta anos excessivos, e já me lembrei que, tomando brometos, talvez esta espécie de mulher marinha se safe, como se eu fosse um corpo aberto. O Prof. Sousa Júnior, aqui retirado há anos, e que além de médico eminente é um coração de ouro e grande cavaqueador, falou-me de sífilis hereditária e deu-me calomelanos. Melhorei um pouco, mas não... Isto não vai com drogas. Asseguro que estou casado com uma mulher de sal e que vai dar-se aqui uma coisa tremenda que fará gemer os prelos!

Trata-se, pelo menos, de uma ilusão singular. Esta noite sonhei que a Solidão deixava de ter aquele corpo quimérico e feito de linhas de limite, para tomar as formas aproximadas de Nanette. E acordei a chorar como uma criança:

– Minha Mulher a Solidão é Nanette!

E, ainda, por uma pegaça de ritmo:

– Nanette é Minha Mulher a Solidão!

Como foi? Não sei bem. Parece que eu deixara Nanette num país esquisito e inabordável: o Arquipélago dos Picapaus. O nome era devido à configuração dos habitantes dessas ilhas: tipos ferozes, gargaludos, providos de narigueiras que farejam tudo de alto a baixo.

Nanette, que eu levava ali à falsa fé, sob um pretexto de regata, não queria desembarcar no único ancoradouro da Picapau Grande, cortado entre falésias mosqueadas de líquenes cor de fogo. Eu, verde de perfídia, disse-lhe:

– É só por um dia, meu amor! E ficas muitíssimo bem entregue... Vá, minha filha! Ponha aqui o seu pezinho no primeiro degrau do cais...

O chefe dos Picapaus dissera-me ao ouvido que no arquipélago se desenhava uma tendência evolutiva nos caracteres antropológicos da escassa população. Os narizes pencudos, de alto faro, tinham provocado afinal uma epidemia terrível que dizimava em massa as tabas: a *rinite picapaul*.

Além disso, um vento misterioso, soprado dos seios do Pacífico (o Arquipélago dos Picapaus está mais ou menos na latitude do Golfo da Califórnia, entre 25° e 30° de latitude Norte), apanhara a população de surpresa nas suas tarefas habituais – a picagem do pau de rolo – e cortara cerce os pescoços de mil e quinhentos cidadãos. Se eu quisesse, mediante um cheque de cem mil dólares, ele, *führer* natural do Arquipélago, receberia Nanette em depósito durante dois ou três anos e fá-la-ia conceber de um ou dois picapaus mais decentes.

Animado pelo secreto desejo de enriquecer e encobrindo a própria vileza com reservas mentais de eugénia, fechei a transacção. Fomos ao Banco de meu primo James Derosa e recebi metade do estipulado. Preferi o esterlino. A outra metade ser-me-ia entregue quando me restituissem Nanette com um quinto dos picapauzinhos humanizados que ela houvesse, a bordo de um navio do contrabando do álcool tripulado por marujos da confiança de Al Capone.

Consegui enfim vencer as últimas resistências de Nanette. Ela era romanesca, de uma docilidade de cadelinha, e confiava em mim como as pombas palonças que, na Praça de S. Marcos, em Veneza e antes de Tito estar às portas de Trieste, vinham comer milho americano disposto grão a grão nos meus ombros enchumaçados, sob a forma patriótica por que se agrupam as estrelas na bandeira dos Estados Unidos.

Comecei por dizer-lhe que precisava estudar os costumes dos Picapaus para esclarecer um ponto controvertido da história do Canadá, minha especialidade. E creio que lhe falei vagamente em hibridismo e nas ervilhas lisas e crespas das experiências de Mendel.

Ela, que copiava com tanto amor todos os meus verbetes, desembarcou carregada de tiras de papel de costaneira e com uma grande caneta de uma marca que oculto enquanto me não derem mil dólares para a revelar aqui. Eu ia dar um bordejo a outra ilha e dali a seis horas voltava. Escusado é dizer que não voltei...

Não posso precisar todos os pormenores do sonho, mas foi horrível! Os Picapaus hospedaram Nanette numa casa abjecta, onde mulheres de baixa esfera a cobriram de chufas horrendas e a untaram de um creme afrodisíaco.

Nanette ainda tentou resistir às megeras a pulso – aquele seu pulso fino e endurecido a transportar os nossos móveis, a pegar nos filhos alheios e a – encerrar o meu escritório. Não pôde. De cabeça baixa, a testa afogada na mecha de cabelo que às vezes desfazia e descompunha para me dar a impressão da *Mãe no Manicómio* (filme que me aterrou), chorava em fio e tinha o queixo marcado pelas unhas dos picapaus. Algumas lágrimas me caíam também, feitas pedras de gelo; outras iluminavam o chão do cais do regresso, como carvões espalhados de uma braseira honesta. Quando acudia à pobre Nanette, acordei. Eram cinco horas da madrugada. Agora, na Ponta Negra, amanhece mais cedo; entra na minha alcova uma luz mortiça e creme e o coro dos melros pretos de bico amarelo dos faiais. Como a casa onde moro é escaiolada a vermelho, parecia-me estar numa das falésias do ancoradouro da Picapau Grande, toda mosqueada a fogo e tinida dos dólares do resgate.

Esfreguei os olhos e atirei com a dobra do lençol. Cá fora o mar desenrolava-se azul, sem uma ruga. A luz do farolim da Ponta do Cavalo ainda pulsava a distância. Cantava um galo: respondia outro – e mais nenhum.

Eu sei que há uma ligação secreta entre a fauna torpe e absurda que nos povoa os sonhos e o fundo inconfessável que levamos connosco até à cova. Talvez eu deixasse Nanette nalguma casa suspeita! Talvez eu esteja casado com Minha Mulher a Solidão...

(De *O Mistério do Paço do Milhafre*, pp. 317 a 323)

## JOSÉ RÉGIO

(N. Vila do Conde, 1901. F. Vila do Conde, 1969)

Primacial figura do Segundo Modernismo em Portugal, como poeta, dramaturgo, ensaísta e crítico, José Régio projectou igualmente na sua obra novelística uma problemática de conflito interiorista em que se conjugam a religiosidade no seu mais largo sentido e a experiência no real quotidiano, o idealizado e o concretamente vivido, entre peculiares conceitos do bem e do mal – mas inserindo nela uma crítica de costumes que nos outros géneros não pôde tomar tão directa expressão. O seu primeiro romance, *Jogo da Cabra Cega* (1934, 3.<sup>a</sup> ed. 1971), é uma perturbada e perturbante rememoração visionária da adolescência, em que as personagens «apresentam o misto de grotesco e patético de certas figuras dostoevskianas» (Óscar Lopes). Seguiram-se a novela *Davam Grandes Passeios aos Domingos* (1941, 3.<sup>a</sup> ed. 1975), a «história para crianças grandes» *O Príncipe com Orelhas de Burro* (1942, 6.<sup>a</sup> ed. 1978), o ciclo de romances marcadamente autobiográficos *A Velha Casa (Uma Gota de Sangue*, 1945, 3.<sup>a</sup> ed. 1972); *As Raízes do Futuro*, 1947, 2.<sup>a</sup> ed. 1972; *Os Avisos do Destino*, 1953, 2.<sup>a</sup> ed. 1970; *As Monstruosidades Vulgares*, 1960, 3.<sup>a</sup> ed. 1979; e *Vidas são Vidas*, 1966, 2.<sup>a</sup> ed. 1973) e os livros de contos *Histórias de Mulheres* (1946, 4.<sup>a</sup> ed. 1974) e *Há Mais Mundos* (1962, 4.<sup>a</sup> ed. 1973). A subtileza e sinuosidade da arte narrativa, a percepção aguda dos reflexos do circunstancial nos estados íntimos das personagens, a meticulosidade analítica no exame psicológico – marginando nessas obras o «perigo de se tornarem monótonas e cansativas, de se fecharem e narcisarem numa espécie de encanto intenso mas privado» (Eugénio Lisboa) – fazem da criação ficcionista de Régio um caso singular de representação humana em literatura.

O gigantesco desenho da ponte se lhe debuxava agora à esquerda, com o seu arco imenso meio afogado no nevoeiro, que adensara. O vento caíra. E como o crescente da lua se desvanecia no céu brumaceiro, de luar não havia senão uma frialdade semiluminosa, muito vaga, esparsa. Na grande mancha negra, lodosa, que era agora o Douro, retorciam-se como longos parafusos em brasa as luzes de Vila Nova de Gaia. Reflectiam outras luzes espalhadas aqui, ali, além, pequeninas, ao mesmo tempo esfumadas e nimbadas pela névoa. Junto ao cais, quase aos pés de Lèlito, mais se adivinhava do que distinguia na facha tenebrosa uma complicação de vultos de barcos. Mas havia aí lume, vozes abafadas, ele vez em quando um gorgolejo ou chape-chape de água.

Depois das velas por onde se encafuara, já tudo isto daria a Lèlito uma quase favorável impressão de largueza, companhia, (pois não havia gente nesses barcos? não era o que ainda o reanimava, sentir a proximidade humana de vez em quando?) se a dupla inquietação de se achar afastado do centro da cidade, e sem ver onde poderia esperar a manhã, o não enchesse de cruéis incertezas. Como se encaminhara, sequer, tão naturalmente, para estes lugares pouco tranquilizadores? Não poderia ter ido parar às vias mais concorridas? Decerto haveria aí algum café aberto, qualquer lugar onde ficasse. Dir-se-ia que um obscuro desígnio do destino (ou uma impulsão secreta) não só aqui o atraía, a tais paragens, mas até nelas o retinha; e que, não obstante os seus terrores, uma curiosidade ansiosa, doentia, e um desespero e um desleixo de todo o ser – o guiavam nesta inútil e inesperada peregrinação. Lèlito suspeitou que se lhe revelava o gosto das aventuras perigosas, e que era uma expectativa delas que o dirigia...

Ao cabo de uns momentos verificara não ser o único vadiando à margem do rio. Um ou outro pequeno grupo se demorava, ainda, nas sombras daquelas portas escondidas sob antigos arcos; umas abaixo do empedrado negro, ao fundo de quaisquer degraus, outras rasgadas numa espécie de muralha sobre que se erguiam prédios estreitos como torres, com varandas de velhas madeiras, ou casarões imundos e sólidos. Não obstante a amplidão do horizonte em frente, um cheiro igualmente nauseabundo envolvia todas essas portas, penetrara para sempre essas pedras; mas aqui cheirava ainda a frutas podres (que iam ficando do mercado diário), pó de carvão, águas chocas e comidas azedas. Eram, decerto, moradores ou frequentadores retardatários destes antros, os raros vultos que ainda por ali demoravam.

Ora enquanto, perante estas misérias que pela primeira vez se lhe revelavam tão completamente, sentia um acre gosto de humilhação atraí-lo aos seus semelhantes mais infelizes, (aliás nem a sua infelicidade se lhe revelara ainda, ele é que a estava imaginando) muito bem sentia Lèlito que uma particularidade qualquer nos seus modos, no seu andar, no seu ar – qualquer coisa que, tanto por temor como por solidariedade com a miséria, procurava agora esconder – irremediavelmente o apontaria à desconfiança, à hostilidade, ao sarcasmo desses miseráveis.

Com efeito, um vulto que de repente apareceu a seu lado deu-lhe um encontrão. Era um homem gordo, com olhos agudos que procuraram os seus de perto, como a perguntarem-lhe o efeito de tal familiaridade. Parecia ter surgido de qualquer alçapão.

– Desculpe! – disse com uma espécie de insolência na voz rouca.

– Não faz mal... – balbuciou Lèlito involuntariamente.

E logo o outro, estendendo a mão para o seu braço:

– Escute lá...

Mas Lèlito desandara; acabara por desatar a correr como uma criança apavorada e perseguida. Quando parou, reconheceu que não pensara em escolher caminho. De novo metera por uma dessas ruas infaustas que bem quisera evitar. Com um alvoroço, lembrou-se de levar a mão ao bolso em que tinha toda a sua fortuna. «Meu Deus!» apelou do fundo de si. Mas a sua fortuna lá estava: duas notas miúdas, alguns trocos. «Obrigado!» bradou em pensamento. Nestas situações, (posto nunca Lèlito se houvesse achado em nenhuma idêntica) logo entre ele e o *seu Deus mais familiar* se estabelecia uma rápida comunicação: pedidos, agradecimentos, queixas, acusações... Era ridículo, com as suas dúvidas e as suas pretensões filosóficas! Era ridículo! era ridículo.

Embora semelhante às outras na desoladora aparência das casas, no empedrado primitivo, a rua em que se achava tinha a vantagem de ser um pouco mais larga; também a de ser uma ladeira. Lèlito sabia que, subindo, se aproximaria do centro

da cidade. Chegou a um terreiro com aspecto arcaico e a fachada, ao fundo, de uma igreja em ruínas. À primeira vista, era um pequeno largo sem saída. Julgando que seria obrigado a retroceder, Lèlito sobressaltou-se. Avançou, porém, em direcção à igreja, cuja fachada se erguia na penumbra como um cenário fantástico; tanto mais que, propriamente, ela quase não tinha senão fachada. Descobriu ao lado quaisquer escadinhas estreitas que subiam.

Uma figura de mulher, embrulhada num xale, se despegou, então, direita a ele, da parede da igreja. Tinha qualquer coisa de spectral ou fatal, como se ali o estivera esperando há anos! há séculos; ou, então, como se pertencera àquelas mesmas pedras, ou delas nascera. Galgando as escadinhas íngremes, Lèlito ainda pôde perceber que o fantasma o chamava...

Era tempo! era tempo de chegar a qualquer ponto mais ou menos conhecido. Os seus nervos começavam a desafinar; a sua imaginação a trabalhar em excesso; de modo que já nele se manifestava com uma intensidade premente, ameaçadora, aquele senso do estranho que torna medonhas e secretas as próprias coisas mais triviais. Qualquer ser, ou até um simples objecto, uma árvore, um pormenor de paisagem, – poderiam nesses momentos apavorar Lèlito, revelando o *seu segredo*. Isto é: revelando-se, fulgurantemente, misteriosos. Então, as pessoas tomavam a seus olhos um doairo de aparições (seria real, por exemplo, a mulher que se despegara da igreja arruinada?) e, o que não era menos perturbante, as próprias coisas manifestavam *fragmentos de seres vivos e desconhecidos*, como se nelas ofegassem pequenos monstros forcejando por se libertarem...

Bem era tempo de chegar a qualquer ponto mais ou menos conhecido! Felizmente, Lèlito acabava de reconhecer a velha Sé naquela grande massa pesada, escura, diante de que viera ter. Para lá do muro, lá em baixo, muito vagamente nascia do nevoeiro e da noite um baralhado casario da cidade salpicado de halos luminosos. Lèlito não ignorava que, descendo pelo lado oposto ao que o trouxera, se aproximaria das ruas mais concorridas, mais modernas... Assim se valia agora de algumas deambulações empreendidas quando faltava às aulas, enganando a vigilância do senhor Bento Adalberto. Mas, ao cabo de ter hesitado uns passos, aflitivamente se agarrou à primeira haste de candeeiro. É que tivera a impressão de que o chão desatara a correr, e se despenhava sob os seus pés. Sentiu, então, uma infinita moleza nas pernas, e um arripio que lhe corria o corpo, e recomeçava, se multiplicava em pequenas arripios consequentes como breves, repetidas ondulações...

Fora sua intenção chegar à larga praça onde estava o homem de bronze, a cavalo, (não lhe lembrava agora o nome, – um nome tão conhecido!) e que lhe era o centro mais familiar do Porto. Aí descansaria um pouco, e poderia tomar uma decisão. Talvez ainda encontrasse qualquer café aberto, ou lhe valesse a

pena procurar uma pensão, um hotel... Até já pensara em alugar um automóvel (mas encontrar automóveis, a esta hora?!) que o levasse a Azurara. Afinal, em breve poderia estar diante de casa. Bateria, acordaria os que há muito dormiam no profundo aconchego dos velhos quartos familiares; e deixar-se-ia cair de joelhos no pátio de entrada, (oh, o que ele tinha era vontade de se deixar cair!) quando o pai, alarmado, viesse descendo as escadas de pedra... O pai não havia de o pôr fora; – e sem dúvida pagaria ao motorista. De momento, é que nem forças tinha para chegar à praça da estátua equestre, que aliás nem sabia se era longe. E ali estava amparado àquele candeeiro, como um bêbedo, e outra vez gritando aflitivamente do fundo de si: «Meu Deus! meu Deus!» Em razão, talvez, não tanto do seu estado como da inquietação que lhe ele inspirava, tinha um vazio pesado na cabeça, uma dor ao fundo da órbita direita, enquanto o angustiava a sensação agónica de ir vomitar a cada instante. Sobretudo o aterrava a perspectiva de ali cair, nessa rua deserta, onde só o pudesse encontrar um polícia, um vadio nocturno, ou um desses desgraçados que andam varrendo ruas a desoras...

Fechara os olhos por segundos, a testa contra o candeeiro. Foi quando ouviu a seu lado:

– Boa noite, amorzinho.

Vagamente reconheceu aqueles olhos vidrados, grandes, como de quem tem febre, naquela face muito chupada e vermelha de tintas. Era a mulher do vestido claro, que já o saudara com a mesma fórmula.

Relanceou, então, à roda, pela rua deserta, pelos velhos prédios, os olhos enevoados. Compreendeu que já passara naquela rua; diria ele que há muitas horas! Mas essa mulher de vestido claro, leve, numa noite assim fria, lá continuava no seu passeio profissional: Ainda não seduzira ninguém; ou já seduzira, e recomeçara a tentar a sorte. A complexa impressão que da primeira vez lhe produzira – receio do desconhecido, pudor da virgindade tentada, repulsa física por tal género de mulheres, curiosidade e atracção precursoras do desejo – a complexa impressão que da primeira vez lhe produzira, e de que nem ele chegara bem a dar conta, é que já lha não podia produzir: Agora, Lèlito estava simplesmente esgotado; exausto! Precisava de uma cama e do socorro, ao menos da companhia, de qualquer ser humano; até daquele.

– Bebeste... – disse a mulher, inclinando-se um pouco a examiná-lo. Como ele nada dizia, limitando-se a olhá-la com os mesmos olhos enevoados e tristes, acrescentou:

– Sei de um quarto aqui perto, muito em conta...

– ...Perto? muito em conta...? – repetiu Lèlito inconscientemente, como num eco.

– São dois passos – respondeu ela, animando-se imediatamente. E logo lhe

pousou a mão no braço, apertando-lho de leve, num movimento quase natural de carinho. A esperança de ganhar a noite vibrara na sua voz um pouco rouca. Decerto ainda não seduzira ninguém.

Com um esforço para se desencostar do candeeiro, Lèlito murmurou, à laia de desculpa:

– Senti-me mal... estou doente...

– Ora! – fez ela - sei o que isso é: bebeste.

Depois de hesitar um segundo, perguntou:

– Tens dinheiro?

– Algum... – balbuciou ele baixando ainda a voz, de modo que mal se ouvia; e dir-se-ia que, na verdade, receava ser ouvido. – Mas tenho de seguir para Azurara. Preciso de guardar para o comboio... o comboio parte cedo... de madrugada...

– Bem! o comboio pouco é. E há necessidade de ires assim tão cedo? Simpatizo contigo, palavrinha. Gosto de um rapazinho novo como tu. Quem te mandou beber de mais? Não deves estar muito habituado... Que idade tens? Mas vais ver que sei tratar de ti! Sou boa rapariga, acredita; não julgues lá que por andar nisto... Isto é um modo de a gente viver!

Agarrara-se-lhe ao braço, era ela quem o ia levando. Lèlito deixava-se levar. E era-lhe agradável não só descansar o corpo sobre o dela, mas também sentir-lhe na voz um pouco rouca e áspera, de tísica, inflexões quase maternas.

(De *Uma Gota de Sangue*, 3.<sup>a</sup> ed., pp. 224 a 232)

## JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

(N. Lisboa, 1901)

Para além do fictício dilema «literatura psicológica-literatura social» que, anos atrás, parecia dividir os escritores portugueses e forçar opções precárias ou deformadas, tem construído Rodrigues Miguéis uma obra em que se alia «a um pensamento social definido mas vasto uma imaginação psicológica libérrima e autónoma» (David Mourão-Ferreira). Depois do súbito mas transitório êxito conseguido com a novela *Páscoa Feliz* (1932, 4.<sup>a</sup> ed. 1974), muito na esteira de Raul Brandão e, através deste ou com este, de Dostoievski, o longo exílio do escritor abriu um intervalo demorado na publicação de textos em que vemos amadurecer a sua experiência literária. Sucedem-se, então, *Onde a Noite se Acaba* (contos e novelas, 1946, 4.<sup>a</sup> ed. 1968), *Saudades para a Dona Genciana* (novela, 1956), *Léah* (contos e novelas, 1958, 4.<sup>a</sup> ed. 1968, prémio Camilo Castelo Branco 1959), *Uma Aventura Inquietante* (romance, 1959, 2.<sup>a</sup> ed. 1963), *Um Homem Sorri à Morte com Meia Cara* (narrativa, 1959, 2.<sup>a</sup> ed. 1965), *A Escola do Paraíso* (romance, 1960, 2.<sup>a</sup> ed. 1961), *Nikalai! Nikalai!* (romance, 1971), *Gente da Terceira Classe* (contos e novelas, 1962, 2.<sup>a</sup> ed. 1971), *O Milagre Segundo Salomé* (romance, 2 vols. 1975). Sob uma perspectiva simultaneamente irónica e dramática da vida, desfiando memórias da adolescência lisboeta ou focando a situação do emigrado, dividido entre a pátria e a terra que o acolheu, Rodrigues Miguéis retomou e renovou a técnica naturalista na observação de costumes, na análise de caracteres e na crítica social. Por esse rumo tem o escritor reflectido na sua obra «o caso português a uma luz cosmopolita, cuja qualidade original se define como um humorismo queixoso» (Jaime Cortesão). É um narrador de nítida e eficaz fluência, de composição animada e de claro desenho realista das personagens e das situações em que se revelam pelos seus comportamentos. Experiências estilísticas recentemente divulgadas apontam para novas e originais virtualidades na sua realização literária.

## POUCA SORTE COM BARBEIROS

---

Ao tempo em que eu chupava o meu primeiro cigarro clandestino, a Campo de Ourique, namorando uma loirinha da mansarda em frente, e a barba começava a dar-me a aparência dum fruto peço, descobri à rua Ferreira Borges o maior de quantos barbeiros jamais me assentaram a mão nas faces: o Rego. Dessa vez tive barbeiro para um ror de anos, uns bons dez. Entretanto fiz namoro tão platónico como eterno a várias meninas, todas igualmente louras e distantemente amansardadas (o que as tornava irremediavelmente platónicas, muito contra a minha vontade), e a barba tornou-se-me decente, se bem que dura e suína como o cabelo. Fui passando conforme pude do Liceu da Lapa, com alguns chumbos, para o Instituto Comercial, onde a custo acabei por esgalhar o diploma de comercialista. Nesse tempo espremia as espinhas da cara, fazia sonetos de contar pelos dedos, errados como contas de cabeça, e contraí (por causa do platonismo) a minha primeira doença secreta. Mas sempre fiel ao Rego-barbeiro, que conhecia a crónica toda das minhas aprovações arrancadas à força do copianço, dos meus amores inconsequentes (ou de más consequências), da terapêutica drástica a que me sujeitava aquele enfermeiro do Hospital da Marinha, «que sabia muito mais desta coisa do que os médicos», do meu *deficit* perpétuo – todo o quadro, enfim, da alegre mocidade lisboeta, – e reciprocava, confidenciando-me os seus próprios dramas familiares.

Tinha o Rego uma filha casadoira, bem comportadinha, coitada, um modelo de virtudes a Campo de Ourique. Com uns arzinhos de sonsa, quem te vê não quebras um prato, deu-lhe para se apaixonar perdidamente por um vizinho, homem casado

e, ao que parece, muito sério (todos somos sérios até à primeira), com laboratório de análises químico-farmacêuticas à referida rua Ferreira Borges; e um belo dia, à hora em que as fábricas do bairro apitavam e ela devia levar o almoço ao pai, num cabaz, fugiu com o homem das pipetas. Uma menina tão bem comportada. Nesse dia o Rego-barbeiro jejuou, coitado, e nunca foi possível averiguar que destino levou o cabaz com o almoço: os dois ternos amantes foram talvez comê-lo, em mavioso piquenique, para o Parque Silva Porto ou as furnas de Monsanto.

O caso provocou muita emoção. O Rego chorava, metaforicamente falando, ao meu pescoço, que me roía e danava interiormente de não ter *eu* aproveitado a garota. Mas ao mesmo tempo, tais são os contrastes da sorte, a barbearia ganhou uma enorme clientela: a história tinha corrido, e agora os fregueses eram assim, vinham de longes bairros, como corvos ao cheiro da carnagem. A esposa do analista, senhora bastante nutrida e pouco bonita, mas inteligente e simpática, aparecia regularmente pela loja do Rego, a exprobrá-lo por ter «vendido» a menina, dezassete anos em flor, ao sátiro do marido. Tudo isto se passava com calma, a meia voz, sem escândalos. Mas era uma acusação sem base, porque passados meses a pequena regressou uma noite a casa, lavada em lágrimas, talvez química e bacteriologicamente menos pura, concedo, e o químico-analista nunca reclamou reembolso algum: prova, a meu ver irrecusável, da honradez e boa-fé do mestre-escama.

O analista regressou também aos almofarizes matrimoniais, e a paz reinou de novo a Campo de Ourique. A pequena, essa, é que nunca mais, que eu saiba, arranjou namoro para bons fins, porque lá diz a trova: «Depois da cidra partida, cidra remédio não tem.» Somos intransigentes em questões de moral, e dividimos o sexo frágil em duas categorias: as virtuosas que nos cosem as meias, e as perdidas que nos dão o ponto.

O Rego-barbeiro, coitado, nunca se refez do abalo: ainda durou coisa de dois anos, mas tinha empaldecido até ao cume da calva, e nunca mais pôde engolir bem o almoço, que a pequena, calada e humilde, continuava a trazer-lhe num cabaz, todos os dias à Hora do Apito. As mãos dele eram tão hipnóticas como sempre, mas o pobre arrastava os pés, tinha as faces cavadas, a pele cerosa, e a fatiota pendia-lhe tão bamba em volta do ventre, dantes proeminente, que dois Regos podiam coexistir agora, harmoniosamente, no mesmo par de calças.

Lentamente afundou-se. Cuspia muito, sempre engasgado. Dava dó vê-lo. Tinha qualquer coisa no *inzófago*, e os médicos prometiam operá-lo, hoje-amanhã, hoje-amanhã, mas nunca se resolveram, e uma tarde o Rego morreu serenamente, sem dor, de inanição, como ainda hoje se morre a Campo de Ourique. Nunca chegou a saber do que morria. Poucos dias antes de se acabar confessou-me: «A desgraça desta filha cavou-me a

sepultura, seu Artur!» O tubo digestivo era nele o órgão de expressão das dores morais. Psicossomático, em suma, *avant la lettre!*

Foi uma grande perda para mim; mas como o cabelo não parou de me crescer, comecei logo a procurar outro barbeiro, não com uma lanterna, mas com a cabeça, o que nem o próprio Diógenes teria ousado. As mãos do Rego tinham-me estragado com mimo, e muitos anos passaram sem que eu achasse uma tesoura digna da sua memória. Tornei a fazer muita experiência desagradável. No meu desespero, cheguei a cair um dia no antro duma escola de barbeiros: saí de lá com a cabeça do feitio dum poliedro de museu escolar. Quantas vezes, louvado seja Deus, amaldiçoei a honrada classe dos *coiffeurs!* Atravessávamos então uma época agitada, de descompressões, e rebentavam bombas por todos os lados, incluindo às portas das barbearias. (Devo dizer que não meti para aí prego nem estopa: a minha coragem nunca deu para tanto).

Por volta dos trinta, e já com algumas desilusões, um pedagogo meu amigo indicou-me um bom barbeiro à rua do Mundo, antiga de São Roque, e hoje da Misericórdia. Aquele homem não era barbeiro, era um escultor, um mestre de caracterização! Devia estar nos Caetanos, na Arte de Representar, e estava ali, simplesmente, na rua do Mundo, digo, da Misericórdia. Capaz de ombrear com o Rego de eterna memória. A minha cabeça reassumiu a aparência de coisa humana, e durante alguns meses fui o mais feliz dos fregueses de barbeiro de que rezam crónicas.

Ora uma tarde, quando eu já supunha ter barbeiro tão perpétuo como o secretário duma Academia, fui dar com um grande ajuntamento à porta da loja: um homem era levado em braços para dentro dum táxi, que bateu logo para a Misericórdia. Os curiosos em volta abanavam cabeças consternadas.

– Que é que houve? – indaguei alarmado, pensando no fígaro da Graça.

O meu barbeiro tinha acabado de almoçar um tacho de bacalhau com batatas, quando lhe ocorreu a ideia letal de lavar o cabelo: virou para o lado, redondo. Os camaradas confessaram-se muito impressionados com o espectáculo do sangue rubro a escorrer duma ferida através da espuma branca do shampoo.

– Até parecia um merengue arreventado! – disse um deles com génio metafórico, fazendo uma careta.

Presenti vagamente a mão da fatalidade. E nunca mais, em Portugal, tive sorte com barbeiros.

(De *Léah*, 4.<sup>a</sup> ed., pp. 97 a 102)

## TOMAZ DE FIGUEIREDO

(N. Braga, 1902, F. Lisboa, 1970)

Numa obra copiosa, em grande parte publicada pelo final da vida do autor ou depois da sua morte, retomou Tomaz de Figueiredo a linha tradicional portuguesa da narrativa romanceada de ambiente rústico e do estilo «rico», muitas vezes truculento, de léxico popular exuberante. Óscar Lopes assinalou nessa obra «a integração esteticamente superior, no plano da ficção, dos recursos expressivos do povo rural português»; David Mourao-Ferreira acentuou «a constante nacionalista, tradicionalista e até regionalista de muitos dos seus temas, que de perto o aparentam a Camilo»; e Carlos de Oliveira salientou a sua «abundância e exactidão vocabulares» que lhe caracterizam «o estilo muito pessoal». A publicação da obra de Tomaz de Figueiredo foi tardia, em tempo de vida e em tempo de época literária: os romances *A Toca do Lobo* (1947, 3.<sup>a</sup> ed. 1966), *Nó Cego* (1950, 2.<sup>a</sup> ed. 1971), *Uma Noite na Toca do Lobo* (1954, 2.<sup>a</sup> ed. 1964), o ciclo romanescos em 4 volumes *Monólogo em Elsenor*; a narrativa picaresca *Dom Tanas de Barbatanas* (2 vols., 1962 e 1964); e as colectâneas de novelas *Vida de Cão* (1963) e *Tiros de Espingarda* (1966). A aludida abundância verbal, que chega a um barroquismo de pesada arquitectura, o provincialismo reiterado dos ambientes em que decorrem a acção ou a evocação muito pincelada de figuras, a violência de expressão e o frequente sarcasmo imprimem ao estilo de Tomaz de Figueiredo um timbre peculiar que tem motivado apreciações críticas opostas.

Acima do portão, na verga quase vestida pela hereira que já amortilhara a pedra heráldica, a valer de baetão que a amantasse nos lutos, ainda lá se lia uma data, 1654, avivada pelo caseiro, por mimo, no tempo da poda, a riscos de caco.

Embora de teimoso castanho, abanados por entalões de carretos, chicoteados e entranhados por chuvas de invernos e invernos, os batentes do portão, lassos da corrosão das cunhas cinco dos seis chumbadouros, havia muito que não jogavam nos gonzos. Franqueados como abraços, o areão e o saibro dos enxurros caldeavam-nos à terra como se houvessem botado raízes, reverdecidos.

Portão e caminho até ao terreiro, sob a latada, quisera o dono continuassem escalavrados como no tempo ido, em que só ali vinha, e nem sempre, quando era pelas vindimas e varejadas de castanhas, lá raro pela feitura do azeite.

A casa, não. Fruída nos últimos cinquenta anos a meias com o caseiro (para este a banda virada a nascente, e donde se alcançava o Penedo Grande, a cavaleiro do Monte dos Corvos; para os patrões a oposta, com serventia própria e voltada para a mata) desde que resolvido o passo de vir ali enterrar-se vivo, Diogo Coutinho destinava ao caseiro que se passasse para os Nogais. Então, buscando o menos possível mudar-lhe a fisionomia, o antigo *ar* interior e íntimo (*Na cantoneira onde a tia Mariana guardava a marmelada, nem tocar...*), chamara um mestre-de-obras e assenhoreara-se de todo o edifício, aproveitando-o conforme a ideia que de longe lhe trabalhava no sentimento.

Ali vivera muito, muito de vida vivida, outro tanto, ou muito mais, de vida imaginada: tão violentamente imaginada que valia por ter vivido muitas vidas.

Ali, na *Toca do Lobo*, pois passava de cem anos que assim era o nome da casa: a *Toca do Lobo*.

Nem mais nem menos, esse *lobo*, que o tio-bisavô Rodrigo Coutinho, de nomeada o *Lobo*, por no tempo dos Franceses ali se ter vindo encovilar, e nunca de medroso, só de feroz, que a tradição também lhe rezava de uns dentes descompassados, tão pontudos e sãos que poderiam rilhar ossos.

Sempre que algum do enxame de caseiros e compadres que trazia de esculcas, pelos cotos e cabeças, de bacamarte, ou até pelos carreiros do vale, com disfarces de pedir e arrumados a um pau; sempre que um desses, ou abufava dos altos corna de rebate, ou passava o portão, lesto e sem fazer já preciso fingir manqueira, com recado urgente; sempre que tal se dava, o tio *Lobo* reunia num pronto o que, passado um século, as gazetas chamariam a sua brigada de choque. Logo todos montavam em burras de passo travadinho, dessas que não tropicam em pedregulho nem regueiro, e não demorava um credo que os do esquadrão inimigo não fossem paliteiro dos clavinaços que lhes nasciam de umas bandas e outras, caindo como tordos.

Quando já iam ficando mondados, e confusos, e espavoridos, a alcateia do tio *Lobo* convergia e presenteava-os ao Diabo, à coronha ou à navalha, que assim poupava munições. Num rufo, o tio *Lobo* despojava os mortos das armas e metia-se logo na toca.

Segundo alguns velhos da freguesia dantes contavam, de o ouvirem aos avós, o tio *Lobo*, e talvez daí lhe proviria a alcunha, houvera de certo dia lutar com um Francês alentado, arca por arca. Os dois a reboarem pelo chão um pouco de tempo, até que o *senhor Lobo* acontecia de lhe alcançar o pescoço, e daí a perdição do Francês, porque o *senhor Lobo* com tanta vontade lhe filara a garganta que só vinha a desaferrar os dentes quando o inimigo já nem bulia.

De como esse tio-bisavô teria acabado é que ninguém futurava, pois fora o corpo topado na serra alta, já comido, e muito, dos bichos bravos e dos corvos, possível que dos próprios lobos, e de que o era só colhida a certeza do anel de armas, ainda, e milagrosamente, no mindinho mal esburgado.

No sítio o memoraria uma cruz, *A cruz do senhor Lobo*, e o caco já sem olhos e despelado, o mais que do tronco, braços e pernas lhe restava, tudo vinha num baú de coiro e dado então a terra cristã.

A história do tio *Lobo*, e de muito menino, era a que ele, Diogo, mais gostava de ouvir. E, porque do tio *Lobo* se não conhecia retrato, de tanto

aproximar as vidas e as mortes de Carlos o *Temerário* e do tio *Lobo*, fora a perto de sugestionar-se, quando estudava História Universal, que o retrato do duque de Borgonha figurava o tio *Lobo*.

Pois agora ali estava, dali não fazia conta de sair até que fechasse os olhos. Ao menos ali tinha paz.

(De *A Toca do Lobo*, 3.<sup>a</sup> ed., pp. 25 a 28)

## DOMINGOS MONTEIRO

(N. Barqueiros, Mesão Frio, Trás-os-Montes, 1903)

O conceito de que o conto se ajusta bem ao temperamento português, «feito de pronta emoção e rápida catarse» (Andrée Crabbé Rocha) tem no caso literário de Domingos Monteiro uma exemplificação particularmente significativa. Tipicamente português, naquela acepção, é o seu estilo de contista, mais quando foca ambientes rústicos do que citadinos, captando no seu brusco dramatismo elementar uma situação, um estado de consciência ou um embate humano. Nos seus livros mais representativos é, caracterizadamente, um escritor trasmontano, que «mergulha efectivamente no *ânimo* do seu povo, ânimo que conserva uma estrutura inconsciente de milenárias ressonâncias» (António Quadros). Tendo iniciado a sua obra novelística com *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária* (1943, 3.<sup>a</sup> ed. 1962), em que reúne três narrativas de indagação psicológica sobre um fundo pungente de experiência pessoal, não tardou o A. a optar pelas «estórias» de ambiente rústico em que se infiltra com frequência a imaginação do fantástico e do sobrenatural. Nessa linha, em que certa crítica apontou uma perigosa tendência para a «decomposição da narrativa», se inscrevem os livros *O Mal e o Bem* (1945, 5.<sup>a</sup> ed. 1977), *O Caminho para Lá* (1947, 3.<sup>a</sup> ed.), *Contos do Dia e da Noite* (1952, 3.<sup>a</sup> ed. 1961), *Histórias Castelhanas* (1955, 3.<sup>a</sup> ed. 1971), *Histórias Deste Mundo e do Outro* (1961), *O Dia Marcado* (1963), *O Primeiro Crime de Simão Bolandas* (1965, 2.<sup>a</sup> ed. 1977), *Histórias das Horas Vagas* (1966), *A Vinha da Maldição e Outras Histórias* (1969), *O Destino e a Aventura* (1971), *O Sobreiro dos Enforcados* (1978), alguns deles com traduções em várias línguas. É Domingos Monteiro um dos escritores portugueses contemporâneos em que Jacinto do Prado Coelho aponta «a estranheza do *sonho* e até do maravilhoso incrustados na matéria viscosa do *real*», conjugando romantismo e naturalismo no tratamento da matéria novelística.

«O comboio pôs-se em marcha e ficámos sós. Só então, por estranho que pareça, atentei bem nela. A sensação que tive, não lha posso descrever. Eu nunca tinha visto e nunca mais voltei a ver ninguém a quem melhor pudesse servir a expressão «anjo do Senhor». Nem as virgens dos primitivos nem as dos italianos, nem mesmo as dos místicos espanhóis, em que, apesar de tudo, a carne se revela, por melhores que sejam os disfarces, para atestar a sua origem humana. Mas nela não. Ela, era a imagem da pureza absoluta, como a dum ser que tivesse sido gerado antes do pecado inicial. E não julgue que a sua figura era destas que podem ser concebidas pela imaginação de um asceta. Não; não havia nela nada de esquálido, ou de anguloso, nem esses lábios finos nem esse olhar mortiço que teoricamente são os atributos da castidade perfeita. Não; era uma mulher de olhar luminoso, de lábios cheios e formas harmoniosas que se moldavam nitidamente sob a severidade do hábito. O que havia nela de integralmente puro, posso mesmo dizer, de divino, era qualquer coisa que vinha de dentro e que, revelando-se através da doçura do olhar e da suavidade da voz, envolvia a sua configuração humana num halo imponderável e intangível de beleza etérea. Senti-me enleado e qualquer outro se sentiria no meu lugar; mas não havia no meu enleio, pode crer, outra coisa que não fosse uma espécie de arroubo místico, uma vontade de ajoelhar e de rezar como se Deus me tivesse concedido uma graça imerecida e inesperada...

«De repente, senhor, tudo se transformou, e ainda hoje estremeço de horror e de remorso, ao lembrar-me dessa transformação.

«A Irmã Maria Filipe – era esse o seu nome monástico – começara a falar da sua vocação religiosa. Desde criança que se sentira votada a Deus. Ninguém a induzira a professar e a família, de começo, opusera-se mesmo a isso. Mas ela vencera todas as resistências e tinham acabado por ceder. Começara por ser freira hospitalar, e conquanto o sofrimento dos homens a comovesse, o seu contacto desgostava-a. Por isso pedira – suplicara até – aos superiores que a deixassem ingressar numa ordem mais severa e mais isolada do mundo. E, pela graça de Deus, a autorização tinha chegado. Ia agora para Pau, encerrar-se numa espécie de túmulo, onde não chegavam nem a luz do sol nem as vozes dos homens. E agora, na solidão e no silêncio, podia entregar-se inteiramente à oração e às alegrias supremas que ela proporcionava. Ia satisfazer o seu mais ardente desejo: aproximar-se cada vez mais do seu divino Esposo e esperar ansiosamente pelo momento em que Ele a julgasse merecedora e a chamasse para Si.

«Eu começara a ouvi-la encantado. A doçura da sua voz e o entusiasmo místico das suas palavras tinham-me provocado uma espécie de anestesia do pensamento e da vontade que me enleavam completamente... Mas, de súbito, percebi que entre mim e aquela mulher não havia nada de comum. As palavras que dizia não eram para mim, mas para ela mesma. Compreendi então que, para ela, eu não tinha realidade nem física, nem espiritual, *que eu, para ela, não existia*.

«Ora foi na altura em que tomei consciência disso, nesse preciso momento, que se deu em mim a transformação em que lhe falei. Foi a princípio uma revolta surda, como que a irritação do homem novo em face da mulher jovem que sabe que nunca poderá vir a pertencer-lhe. Mas isso, que tinha ainda qualquer coisa de humano e justificado, durou apenas um instante, para ser substituído por um ódio absurdo e violento que já não dizia respeito nem ao meu instinto nem à minha consciência. Sim, meu caro senhor, era um ódio fora de mim, um ódio que vinha do fundo do Tempo, de tão longe, de tão longe, que ultrapassava os próprios limites da Criação. E aquele ódio não se dirigia contra ela, mas contra Aquele a quem ela se queria entregar: contra o meu Inimigo eterno e natural... Era a tentação – a tentação dominadora e invencível. E naquele momento eu não era outra coisa senão o próprio Satanás. «Julgas – pensei – que Ela vai ser tua? Julgas que vais tirar-ma? Enganas-Te. Porque Tu também Te enganas. Primeiro há-de ser minha, só minha.» Eu não sabia a quem dirigia aquele desafio; o que sei é que era veemente e sincero. E não pense que o que eu sentia era o desejo humano e natural que qualquer homem pode sentir por qualquer mulher. Não; era outra coisa muito diferente: a determinação diabólica e invencível de conspurcar aquela pureza, de aviltar aquele sonho, de aniquilar, para sempre, a tranquilidade espiritual daquela alma... Não sei que transformação se operou na minha fisionomia, o que sei é que ela tomou repentinamente consciência da minha presença e estremeceu

murmurou: «Estou a enfadá-lo, irmão?...» «Não, não está a enfadar-me, irmã... », respondi hipocritamente respeitoso.

«Ia sentado no banco em frente dela, e, com o ar mais natural, levantei-me, e fechei a porta do compartimento. Depois, com a mesma naturalidade, puxei as cortinas, baixei a luz, e fui sentar-me ao pé dela.

«Vem frio do corredor, e esta luz é muito forte», disse para justificar os meus actos. Mas a justificação era desnecessária. Naquela alma pura, não havia qualquer desconfiança e muito menos a desconfiança do que se passava dentro de mim. Entretanto eu sabia que íamos sós, quer no compartimento, quer na própria carruagem, e sabia também, por ter ocasionalmente reparado nisso, que a carruagem estava desligada do resto da composição do comboio. Não havia pois o risco de entrar qualquer revisor, e o comboio, que era rápido, só viria a parar em Miranda del Ebro, daí a hora e meia. Não tinha ainda nenhuma intenção formada – ou melhor, não sabia que a tinha – mas o facto de ela estar, quer pela sua inocência, quer pelas circunstâncias, à minha mercê, enchia-me de uma alegria monstruosa.

«A irmã já pensou... – comecei com uma voz convincente, cujo timbre ao mesmo tempo untuoso e metálico eu próprio desconhecia – a irmã já pensou que o acto que vai praticar é um acto de puro egoísmo? Já pensou na injustiça que representa abandonar os seus doentes, os que viam nos seus cuidados a misericórdia e providência de Deus, pelo que pensa serem os exclusivos interesses da sua alma?»

«A Irmã Maria Filipe estremeceu e arriscou timidamente:

«Mas eles têm muito quem cuide deles. Eu não lhes era precisa...»

«Isso é o que a Irmã supõe... Para quantos, não seria a Irmã a única pessoa capaz de lhes mitigar as suas dores? E o que são eles agora? Pobres seres abandonados, por via de uma ambição, que nem por lhe parecer legítima e sagrada deixa de ser egoísta e cruel... Eu sei que a Irmã – porque nunca viveu e porque nunca sofreu – pensa que só há um caminho para a bem-aventurança. E pensa que é o que escolheu. Mas isso não é verdade. As almas não têm caminho certo para chegar a Deus. E o verdadeiro é, por vezes, o mais tortuoso e acidentado, aquele em que a gente pode cair e levantar-se, isto é, pecar e arrepender-se... Veja Nosso Senhor Jesus Cristo – e aqui não hesitei em invocar sacrilegamente o seu sagrado nome –, como Ele desceu à Terra e veio viver a vida dos homens para os poder entender o redimir. E é isso que faz a sua grandeza... Esposa de Cristo, como é que a Irmã quer que Ele a receba em seu divino seio sem ter corrido os mesmos riscos que Ele? Como é que quer subir ao Céu sem o ter merecido?»

«Pálida, a Irmã Maria Filipe olhava para mim com os olhos fixos, como que hipnotizada...

«Perdoe-me, Irmã – murmurei com fingida humildade. – Perdoe-me, mas, quando soube que ia isolar-se do Mundo, eu próprio me senti abandonado...

«É que eu, Irmã, conheço como ninguém o abandono e as misérias dos homens. Sou órfão. Nunca conheci pai nem mãe, ou antes, eles nunca me quiseram conhecer, porque me abandonaram... Sou filho do Pecado inconfessável, aquele que só a bondade dos seres votados a Deus pode redimir...»

«Era uma ignominiosa mentira, mas estava disposto a tudo para a enternecer. Na alma das mulheres, mesma a alma das mais puras e indiferentes, há sempre uma porta capaz de se abrir. Pode ser a da Vaidade, a da Ambição, a do Desejo, mas pode ser também a da Bondade. A questão está em descobri-la e saber bater a ela...

«Toda a minha existência – prossegui com voz afectadamente comovida – tem sido uma luta contra esta vergonha oculta e contra o desprezo e a indiferença dos outros. E no fundo, Irmã, apesar da minha aparente vitória sobre a vida – eu que nunca consegui amar, nem ser amado – continuo o mesmo homem perdido...»

«À maneira que ia falando ia espreitando nos seus olhos uma sombra de comoção, o momento crucial que me permitisse avançar mais um passo no caminho tenebroso que estava a trilhar, mas os seus olhos continuavam fixos e imóveis como os duma estátua...

«Quando há pouco a vi entrar, Irmã, senti-me salvo... Não sei dizer porquê, mas senti que só a Irmã poderia impedir que eu me precipitasse no abismo que se abre aos meus pés... E agora, que sei o que vai fazer, sinto-me outra vez abandonado e perdido...»

«A minha voz assumira uma inflexão dolorosa e apaixonada e, pela primeira vez, a senti estremecer. A minha eloquência era vil e descabida, mas as palavras, o mais das vezes, não valem pelo que significam mas pelo momento e pela forma como são ditas... Intimamente rejubilei. Ofegante o comboio continuava infatigável o seu caminho através do planalto, e eu senti que era chegado o momento.

«Num gesto enérgico tomei-lhe as mãos, que se abandonaram inertes nas minhas.

«Olhe, Irmã – continuei num tom imperativo e doce – a doutrina de Sto. Agostinho já foi abandonada há muito pela Igreja e só os herejes, como Lutero e Calvino, a perfilharam. Não há predestinação para a santidade, e quem quiser atingi-la tem que a merecer. Para isso, porém, é preciso lutar e sofrer. Mais: é preciso pecar e sofrer o castigo do pecado. Repare bem, Irmã: S. Pedro negou o nome de Cristo três vezes antes de o galo cantar; S. Paulo só o reconheceu na estrada de Damasco; e Santa Maria Egípcíaca pagou com o corpo a passagem para a Terra Santa. Todos eles pecaram e amaram e todos eles alcançaram o Céu.

Acredite, Irmã, Cristo continua crucificado no sofrimento dos homens. E quem quiser sarar as suas chagas tem que se aproximar deles; tem que consolá-los e amá-los... O amor humano é o único caminho para chegar a Deus. Sim, o amor humano...»

«Aproximei a minha cara da sua e num gesto brusco passei-lhe o braço pela cintura. Ela não se defendeu, mas não posso descrever-lhe o pavor que se reflectiu nos olhos... Só sei que esse medo sideral, em vez de me comover, me encheu de um júbilo satânico... «Se és tão poderoso - pensei, num desafio sacrílego – porque não paralisas os meus braços, porque não fazes descarrilar o comboio?...»

«Tinha-a nas minhas mãos, mas tinha-a como uma ave presa nas garras de um gavião: trémula e apavorada. E não era isso que eu queria. O que queria era fazê-la trair o seu sonho, fazê-la pecar também, se não em actos, pelo menos em pensamento. Doutra forma – sentia-o confusamente – o meu acto não passaria de um acto inútil e torpe, e a minha vitória não seria completa. Não; nem sequer seria uma vitória. Aproximei mais a minha cara da sua, e vi-a retrair-se como se o meu hálito a queimasse. Depois, deliberadamente, apertei-a contra o meu peito e posei os meus lábios sobre os seus. Primeiro com doçura, e depois com violência e apaixonado fremsim. Sob o escapulário, sentia-lhe os seios duros e virgens e o coração bater descompassado, e as minhas mãos iam percorrendo sabiamente o seu corpo, procurando acordar, sob aquela camada etérea e divina de pureza, o seu instinto adormecido. Não sei que tempo durou essa abominação; sei apenas que só parei com esse criminoso manejo quando os seus lábios se entreabriram num suspiro e me pareceu – e digo pareceu-me porque penso hoje para minha tranquilidade que me iludi – que ela correspondia aos meus beijos. Continuei ainda com as minhas mãos apertadas nas suas, mas o que havia então em mim, mais do que alegria, era um cansaço terrível, como se

viesses a caminhar, desde o fundo do tempo, através dos séculos infundáveis, para regressar a mim mesmo.

«Ela cerrara os olhos, e eu, sem saber como, adormeci. Quando acordei, em Irun, na fronteira, despertado pelo revisor, estava sozinho na carruagem.

«Desci à gare e procurei-a por toda a parte inutilmente. Mas não havia em mim ainda nem angústia nem remorso. Verdade seja que não me recordava dos actos abomináveis que praticara, mas apenas que prometera à Madre, em Burgos, encaminhar-lhe os passos. Foi só em Hendaia, já depois de ter ido à Polícia e à Alfândega, que voltei a vê-la. Estava de pé, encostada a um pilar da estação, com a saquinha aos pés, e um ar absorto. Chamei então por ela: «Irmã Maria Filipe.» Ela encarou comigo sem me reconhecer. Repeti o chamamento: «Irmã Maria Filipe.» Foi como se acordasse de súbito. Olhou-me fixamente, e nas suas feições pintou-se um tal pavor e uma tão desvairada repugnância que retomei

imediatamente a consciência do que tinha feito... «Irmã... – murmurei com um desespero sem limites. – Irmã, perdoe-me...» Mas ela não me ouvia: continuava com os olhos fixos em mim e com as feições descompostas. Não sei o tempo que isso durou, só sei que, de repente, ela soltou um gemido e persignou-se. Depois, voltou-se e sempre com a saquinha apertada entre as mãos desatou a fugir pela plataforma como se fosse perseguida pelo Demónio. Ainda quis correr atrás dela mas fiquei paralisado e limitei-me a segui-la com os olhos até a ver perder-se entre a multidão...»

O homem calou-se bruscamente e eu vi o crucifixo tremer entre as suas mãos. A cabeça descaíra-lhe sobre o peito e ele parecia-me agora um boneco de trapos ou um saco vazio. Eu pela minha parte – tal era o acento de verdade da sua narrativa – sentia-me, ao mesmo tempo, indignado e comovido. Aquele homem causava-me, contraditoriamente, horror e pena. Senti que devia respeitar o seu silêncio mas não me contive:

– E depois?

– Depois... – respondeu com dolorosa humildade – nunca mais a vi, e por mais que o tentasse, directa e indirectamente, nunca mais soube dela. Não sei se é viva se é morta. Mas é como se soubesse. Estou a vê-la, dia por dia, hora por hora, segundo por segundo... Estou a vê-la, senhor, ajoelhada aos pés do confessor, a confessar o meu pecado como se fosse o seu... Estou a vê-la, a sofrer as insónias e os remorsos do meu crime, e a penitenciar-se por ele. Sinto a sua carne rasgada pelos cilícios e a sua alma lacerada pela angústia, e – ai de mim! – não posso fazer mais nada senão arrepender-me. A única ideia que me consola é que eu, com o meu monstruoso crime, talvez tenha concorrido para ela alcançar o céu, e que, no fundo, não sou responsável por ele. Não acha, senhor?

(De *Histórias Castelhanas*, 3.<sup>a</sup> ed., pp. 94 a 103)

## BRANQUINHO DA FONSECA

(N. Mortágua, 1905. F. Lisboa, 1974)

Na atmosfera literária do grupo constituído em torno da revista *Presença*, de que foi um dos fundadores em 1927, moldou essencialmente [António José] Branquinho da Fonseca a sua personalidade de escritor vocacionada para a análise introspectiva, para o debate dramático do sonho e da realidade nas almas divididas e para a visão do homem nas suas insatisfações fundamentais. Fez a sua estreia de novelista com o livro de contos *Zonas* (1932), mas foi com a publicação de *Caminhos Magnéticos* (contos, 1938, 3.<sup>a</sup> ed. 1967) e, sobretudo, da novela *O Barão* (1942, 8.<sup>a</sup> ed. em 1974) que se revelou, na opinião unânime da crítica, um criador excepcionalmente dotado. Usou inicialmente o pseudónimo literário de António Madeira, que figura nas edições «princeps» dos seus primeiros livros. Já com o próprio nome publicou seguidamente o volume de contos *Rio Turvo* (1945, 3.<sup>a</sup> ed. 1969), o romance evocador da juventude coimbrã *Porta de Minerva* (1947, 3.<sup>a</sup> ed. 1968), a novela longa *Mar Santo* (1952, 4.<sup>a</sup> ed. 1971) e as novelas e contos reunidos sob o título *Bandeira Preta* (1956, 3.<sup>a</sup> ed. 1976). Na generalidade da obra novelística de Branquinho da Fonseca conjugam-se ou sobrepõem-se numa estratificação patente «o realista, o fantástico ou grotesco, e o lírico [...] que são as capitais tentações da sua personalidade artística» (José Régio). Mas, através dessa complexidade controlada, «o espírito da narrativa não é ofuscar-nos com invenções [...], antes levar-nos a admitir como naturais as circunstâncias mais delirantes ou, pelo contrário, o insólito que impregna a banalidade aparente» (Pierre Hourcade). A novela *O Barão*, insiste-se, avulta na obra do autor pela singular intensidade vital e mítica da narrativa, que tem dado motivo às mais diversas e laboriosas interpretações.

## HISTÓRIAS DA MEIA NOITE

---

– ... Serra negra, que onde não é pedra é urze e tojo... Tem pouca roupa como os pobres... E no Verão vêm os sóis queimar-lhe as costas, no Inverno, as pedras, que são os ossos, estalam do gelo e o vento canta a moliana a quem não se ativer a uma gabela de lanhão. Hoje está branca dum camadão de geada, que dá gosto a gente chegar-se aqui à fogueira que ferve o caldo. Os lobos lá andam, a esta hora, batedores de ladeiras, até se desenganarem e descerem aos povoados onde agucem o dente... Está a fazer seis anos, dormi eu na toca dum castanheiro...

– O menino quer freiras? – interrompia a criada velha, farta daquelas bazófras. Pedro, o filho dos patrões, com os seus catorze anos, tinha já uns modos de homenzinho e dava pouca confiança a velhas tontas. Para não interromper a treta do João Meco, só abanou com a cabeça, que sim. E a velhota, com um punhado de milho na mão, limpou da cinza o granito quente e atirou para a pedra requemada os grãos que iam abrir em flor branca.

João Meco não perdeu o fio ao discurso e voltou à história:

– O patrão disse-me assim: amanhã vais ao pinhal da Sancha e marcas o desbaste. Ainda a madrugada não apontava nas tralhiscas, saltei da cama, peguei da roçadeira e ala, fajardo!

– Lá estás tu a rasgar baeta!... – disse o moço dos bois, a entrar na cozinha.

– Não estou, não. Há quem seja mais gabarola do que eu...

– Essa não é pra mim. E olha que trago que contar: vi agora um fantasma. O rapaz da Ilda não podia ser, que o namoro acabou...

A rapariga olhou-o com desprezo e baixou-se para apanhar dois grãos de milho que tinham estoirado. Mas a velha comentou:

– Não venhas já com invenções de tolo...

– Eu?... (E acrescentou com ironia:) Não há fantasmas e almas do outro mundo? Então a mão cortada do Januário?

– Pois sim... Mete-te com a tua vida.

– Nega que contou?

– Nego-te é a ti, diabo negro.

João Meco, interrompido em sua prosa, cortou a discussão:

– Vocês não me dão licença que fale?

– Espera aí, que não abafas.

E voltando-se para a velha, o moço dos bois, com o mesmo sorriso de troça, intimou:

– E a alma do Elias Gordo?

– Nem magro...

– Eu lhes conto... O Januário era um criado cá de casa, antes de vocês. Ora uma certa noite houve mister de ir ao moinho e ali a ti Leonor desafiou uma mocita que também cá estava, para irem as duas com ele ao passeio. Estava uma noite negra, que não se via um palmo à frente do nariz. Iam passadas. Mas não queriam dar parte de fracas. E o Januário começa a moê-las com histórias da meia-noite... A candeia não dava luz, e elas abraçadas uma à outra, de cambulhada, e a rirem pra fingir... A lanterna, negra do fumo, alumiava cegos e só mexia sombras... E ele a dizer que se tinha trazido a luz não era para ver o caminho, que o passava de olhos fechados, mas para os lobisomens verem que era ele e fugirem a tempo. Neste comenos iam a chegar ao moinho e começam a ouvir um grande gemido, que elas as duas ficaram com o sangue coalhado. O Januário sabia o que era, mas fez-se lãzudo. – «Há-de ser o eixo da mó... Torceu com o peso da água... Ou não será?...» Nem bulia ponta de aragem e quando ele abre a porta do moinho vem lá de dentro um sopro e apaga o raio da lanterna...

– Foi mesmo verdade.

– Ah! santinha! Quem diz que não? Eu estou a rir porque me rio só do que não deve ser... Diz vossemecê.

– E digo.

– Então deixe rir... Pois apaga-se a lanterna e ali a ti Leonor dá um grito e vai para se abraçar à Gracinda. A gente não pode pensar que era o Januário que se queria abraçar a alguma delas... O caso é que a tal Gracinda tinha desaparecido e não podia ter caído ao rio, que havia ali um muro. O Januário viu o caso mal parado e entrou no moinho para encher a taleiga. Nisto, a nossa ti Leonor sente uma coisa a mexer-lhe nas pernas e desalvora aos gritos. Valeu o Januário

segurá-la, que ele segurava bem as raparigas, e explicar que era o cão, o Piloto... que nem ali estava...

– Pois não estava, não. Ri-te, que também há-de haver quem se ria de ti.

– Pois há-de... Mas deixe contar, ah, santinha!... E ele lá traz a ti Leonor pró moinho, mais morta que viva. Mas mal ela entra, sente um puxão na saia. E o Januário a explicar que tinha sido entalada na mó...

– E também não foi verdade que ele saiu de lá com a mão cortada cerce, que toda a gente disse que só podia ter sido com um machado? E ao outro dia alguém viu na mó sinal de sangue? Cala-te lá! Deixa estar a verdade quieta onde ela está. Valha-te o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo...

– Aí está que foram fantasmas ou almas do outro mundo. É esta a sua verdade?... Pois onde as houver, dessas almas, vou eu lá e trago um saco delas. Ah, tiazinha ! Temer é dos vivos, cantés dos mortos!...

João Meco interrompeu, com seu ar de filósofo:

– Eu não acredito em fantasmas... Mas há.

– Não acreditas, mas há? Como isso?

– Há coisas que a gente pode não acreditar, e havê-las...

– Está boa, essa!

– Horas do Diabo, isso há... Então em certas noites, por essas serras, é preciso um homem ser afoito.

– Quando se leva medo é que elas acontecem.

– É certo. Quem anda de noite topa lobo... A quem o dizes. O fantasma da Cataia do Maneta, já eu o vi e não fugi. Lá torcer caminho por fantasmas, nunca fui desses. Nem mais nem menos, oiçam bem esta: – Andava eu de boas conversas com uma rapariga de Eirigo, quando, certa noite, o céu caiu desfeito em água, com um estrebuchar de vento que um homem bálhava o vira-virou. Mas estava com a tineta de ir e ia mesmo. Pancada feita vai abaixo. Daqui, são duas horas de serra acima, por caminhos onde Cristo nunca passou. Mas fui. Era uma rosa duma cachopa, que até nem tinha perdão se não fosse.

«Ora eu, quando saio aos gambozinos, pego do marmeleiro, que a árvore bem plantada quer a estaca à ilharga. No bolso a sevilhana, e ala, que quem vier encontra firme. Estava uma noite de breu, mais negra que a dos infernos. De bacamarte não era o perigo, que quem mo quisesse apontar tinha de mo chegar ao nariz a cheirar. Quando, ao descer prò rio, pelo meio do pinhal, sinto de repente, por cima da cabeça, o desabar duma carrada de mato. Até me agachei prò chão. Eh! valente!... E ao mesmo tempo olho pra cima e vejo uma coisa branca a passar-me ao chapéu. Nem pensei no que fazia, já o varapau ia no ar, e sinto uma pancada nas mãos, que o porrete voou-me das unhas. Logo outra na cabeça, que fico espocado no chão. Neste comenos, lá o que era torna a desabar pela rama

dos pinheiros abaixo. Aí vem ele. Só podia ser o fantasma do Maneta. O mesmo alvejar do que fosse, até me fez vento à cara. E percebo que era outro corujão que nem um carneiro. Sabem o que fiz? Deixei-me ficar sentado, a rir de mim, que ainda é o melhor que a gente pode fazer em certas ocasiões.

«Está de ver que o pau saltou-me das mãos porque arreei com ele num pinheiro, onde logo marrei com a testa, que foi o murro que me tombou. Agora juntem-lhe uma voz a chamar e a gemer na outra encosta, que era um borrego que o Lambicas tinha perdido no monte, e aí têm como elas se inventam. Se juro que era coruja, juro e torno a jurar. Não que visse o passarolo bem visto. Mas era. E dizem que as corujas dão azar! A mim, aquela, deu-me sorte... Ou que fosse fantasma... Tanto monta.

– Bazófia é que tu és, João Meco!

– Pois sou... Mas não te conto outra, porque então não tinhas nome pra me chamar.

Na mão de cortiça, a velha oferecia as flores de neve, os grãos de milho abertos na pedra quente.

Pedro começou a trincá-los sem desviar a atenção fita nas palavras do narrador.

– E histórias de franceses?... Sabes alguma?

– Essas são como as das almas penadas. Conta-se sempre mais uma... O menino há-de ir comigo mas é ao rio, ao Poço de Alça-Perna, para me ajudar a apanhar a caldeirinha de oiro, da moira encantada que está lá no fundo.

Pedro, mudo de espanto, abanava com a cabeça, que sim. Mas a velha cortou o sonho:

– Não faça caso, menino.

Nem a ouviu. E João Meco, em sua alta fantasia, voava já fora de tiro.

– Há-de estar numa caverna... O rio, ali, faz um poço que não tem fundo. Há quem o tenha sondado com cinco cordas de carro, sem lhe chegar ao fim. Já lá descí duas vezes, amarrado com uma pedra ao cinto. Comecei a descer com os olhos abertos, e primeiro só via as raízes das árvores, como cobras negras, e uns peixes pretos que andavam à volta de mim. Depois, a água, mais pra baixo, começou a ser verde e luminosa, com muitas luzes de cor de azul, amarelo, cor de laranja, cor de violeta. E então começaram a sair dos buracos uns peixes grandes, uns brancos, outros encarnados, com olhos que deitavam lume ou seriam de diamantes. As paredes do rio, aí, já eram de pedra negra, com rosas de prata, e a mim parecia-me que, em vez de ir a descer, ia a subir uma montanha de rochedo, com o sol a nascer lá detrás, pois via-se uma grande claridade. E fui dar a uma gruta que tinha na entrada uns degraus que só podiam ser de oiro, e a gruta por dentro era toda de vidro e tinha estrelas a brilharem. Ia eu a entrar e estavam uns

lindos cabelos a ondear na água, e uma mão a penteá-los com um pente de oiro fino. Mas veio uma grande cobra que se me envoltou ao de roda do pescoço, e então dei um puxão na corda, para içarem pra cima. Quando me tiraram da água, já não dava acordo, e tiveram-me morto, estendido na erva...

– Está visto que tu nem com uma pedra ao pescoço...

– Mas enquanto andava lá por baixo, andava bem, como se respirasse o ar... E ainda lá voltei duma outra vez. Então levei uma faca. Mas não vi nada. O menino pode acreditar que nessa hora é que eu tive medo. (E baixou a voz, como quem confessa um segredo:) Era um escuro como se a água se tivesse tornado em tinta, e um frio, que sentia os ossos a estalarem... Há-de ser este Verão, quando as águas estiverem mais finas, que hei-de lá voltar...

– E eu é que te hei-de amarrar a pedra ao pescoço... – prometeu o moço dos bois.

– Ao cinto – emendou Pedro com ingenuidade.

– Ó menino, pra ele é melhor ao pescoço. E uma mó do moinho.

– Vocês acreditam em almas do outro mundo e não acreditam em moiros, que foi um povo que já houve antigamente? Aí está como é o vosso juízo.

– Tanto sei que há moiras e moiras, que sei que tu és um, e não te deitam a cabeça num cepo pra cortarem e porem-te lá outra melhor...

– Mas tenho palavreado pra te vender numa feira...

– Lá isso és capaz: de enganar alguém... – resmungou a velha.

– A si já não, ti Leonor.

– Brinca com as da tua idade.

– Brincar? Não que elas querem-me logo a sério. Quanto lhe devo do conselho?

– Tenho mais pra te dar. Pagas no fim. E toca a andar, que são horas. Quero deixar a fogueira apagada. Estás a desafiar uma criança pra ir prò rio com cordas, à procura das caldeirinhas de oiro, e não queres que te chamem, ao menos, maluco?

– Eu quero... Se fosse igual aos outros, sem pensar em fantasias, é que era um triste desgraçado. Hei-de desencantar a moira e entrar por aquela porta com ela na minha frente, pra vocês verem o que é uma rainha com o manto de seda e a coroa de lumes... E eu com a caldeirinha de oiro cheia duma água de onde você bebe um golo e fica logo uma rapariga de dezoito anos, capaz de um fantasma me cortar a mão como ao Januário... E o menino, se descobrir alguma moira encantada, conte-me tudo, que eu acredito. Não acredito é em quem só vê as coisas que toda a gente pode ver... e não arrisca nem um dedo à chuva... Boa noite!...

Veio uma rabanada de vento, quando se abriu a porta da rua. E João Meco saiu para o escuro, a assobiar, feliz e aventureiro, como se, desaparecendo nas trevas da noite estrelada, entrasse, com o seu passo natural, no encantado mundo das grandes maravilhas.

(De *Bandeira Preta*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 131 a 142)

## MANUEL MENDES

(N. Lisboa, 1906. F. Lisboa, 1969)

Foi de interesses culturais versáteis voltados para diversos quadrantes, desde as biografias críticas de grandes figuras literárias e intelectuais oitocentistas às de consagrados criadores nas artes plásticas, mesclados com o gosto evidenciado de observador agudo da vida circundante, que Manuel Mendes derivou, em idade já amadurecida, para a literatura de ficção. Começou por esboçá-la nos breves quadros de registo psicológico e social, muito aparentados com a crónica «costumbrista», reunidos em *Bairro* (1945) e depois continuados em *Segundo Livro do Bairro* (1958, 2.<sup>a</sup> ed. 1966) e em *Terceiro Livro do Bairro* (1960). Mas a pena adestrada para a narrativa solicitou-o, entretanto, para a ficção propriamente dita. Foi assim que publicou *Estrada* (contos, 1952), *Pedro* (romance, 1954, 2.<sup>a</sup> ed. 1963), *Alvorada* (romance, 1955, 2.<sup>a</sup> ed. 1964), *Assombros* (contos, 1962), e *História Natural* (contos, 1968). Sem acentuada originalidade de estilo nem de processo narrativo, mas absorvendo com finura e elegância expressionais as influências muito díspares mas para ele igualmente dilectas de Aquilino Ribeiro e de Raul Brandão, soube traduzir na sua obra de novelista a vivacidade do observador irónico e personalizá-la pela visão sensibilista discreta dos sofredores, dos desamparados e dos solitários. A tonalidade dominante nessa obra, pelo menos em parte considerável, «gira em torno do mesmo ‘enxurro humano’ que em Raul Brandão sublinha a sua tragédia irremediável pelo escapismo do sonho» (Alexandre Pinheiro Torres). O ser humano de que faz prevalecer a imagem é, pelas suas próprias palavras, «o que se conserva fiel às mais remotas origens [...] cuja força vital e cujos hábitos constituem manifestações de idêntica energia, perseverante, obstinada, decerto inconsciente e quase sempre impiedosa». As suas afinidades com o Neo-Realismo são, em muitos passos, evidentes.

Não sabiam já quanto tempo havia que ambos caminhavam calados, no descampado imenso e sob o castigo imerecido de um céu abrasador. A terra, na sua queimada secura, dir-se-ia o rescaldo de um grande incêndio. Arrastavam-se num passo de fadiga e abandono, as cabeças pendidas sobre o peito, como se aquela estrada os levasse a um destino que de todo lhes era indiferente, sem por isso deixar de ser amargo e sofrido. Durante a maior parte do percurso, nem sequer haviam encontrado a sombra de um ramo seco, e o mundo parecia-lhes um grande ermo, um lugar de injusta maldição. Tudo o sol abrasava, e a estrada – infundável rio de alcatrão – negra e quente, corria através dos campos desertos, até se perder na linha distante e incendiada do horizonte. A terra exalava um hálito de inferno e por toda a superfície estendia-se uma irradiação trémula, em que se reflectiam, como numa inquieta miragem, os recortes longínquos das coisas. A respiração fazia-se a custo, penosamente, e o ar queimava na boca como se fosse o próprio fogo. No entanto, eles caminhavam sempre, apesar do andar cada vez mais arrastado, da atitude de profundo e inconsolável desânimo, tão caídos e exaustos se mostravam.

Eram ambos velhos, alquebrados, e tudo, pelo aspecto desprezível, nos falava da história destas criaturas a quem a vida maltratou e acaba por abandonar. Um trazia o corpo magro coberto de andrajos e por entre os rasgões da roupa suja viam-se-lhe as carnes secas, mirradas por mil mortificações sofridas. A barba e o cabelo já ruços faziam em torno da cabeça um volume desconforme e hirsuta, que lembrava a rama emaranhada das vassouras velhas. Amparava-se a um cajadito

alto, semelhante ao bordão dos peregrinos, e enfiado no braço trazia à dependura do ombro uma espécie de alforge imundo, onde por certo arrecadava os seus tesouros, quanto na vida possuía. As mãos eram finas, de dedos longos, mãos de quem nunca houvesse trabalhado. O outro, o companheiro, tinha as ancas surradas, o pêlo ralo, baço, crivado de chagas e crostas, como o Lázaro de todas as histórias sagradas. Para sumo martírio claudicava de uma das patas traseiras, que a custo e de leve pousava no chão, para logo a encolher num movimento repentino, de dor súbita, tal como se fosse de espinhos a terra que pisava. E assim, aquelas duas criaturas, irmanadas na mesma desventura, levadas pela mesma miséria, iam estrada em fora, à torreia ardente do Sol, sem talvez se darem verdadeiramente conta da grandeza de tanta mortificação. Caminhavam como sonâmbulos, um amparando-se ao cajado, o outro a tropeçar a cada passo na própria infelicidade, como se a todo o instante ameaçasse cair de gasto e consumido.

Um das vezes era o cão que se adiantava um tudo nada no caminho, para logo parar, resfolegando, de língua caída para fora da boca, à espera do dono; outras o homem que inesperadamente lhe tomava a dianteira, e o bicho, com a perna encolhida e bamba, via-se forçado a apressar o passo para alcançar o companheiro, numa corrida desajeitada e grotesca. Só nisto se sentia neles uma leve diferença de condição. No resto eram iguais, solidários e irmãos, apodrecidos pelas mesmas chagas e associados na mesma miséria. Estavam perfeitamente um para o outro, como duas coisas que se igualam e completam. Apenas em sociedade existem diferenças e preconceitos absurdos, que ignoram os que vivem à margem dos códigos e do mundo. Já a fábula consagrou algumas destas histórias.

Se alguém, abruptamente, lhes perguntasse para onde iam, que fito os levava por aquele caminho, a perturbação seria enorme. Não encontrariam com facilidade razões nem palavras para responder.

Ao sabor de um puro acaso, haviam tomado aquela estrada, aquela senda de inferno, sem que isso representasse qualquer decisão pensada. Vagabundos por natureza, o seu fadário era andar, correr mundo. Apetecera-lhes, sem motivo determinado, seguir aquela rota, e era tudo. De seu, na vida, só tinham as estradas para palmilhar. Fora sempre assim: se topavam com uma encruzilhada, ou o dono, sem pensar, seguia pela estrada que o cão escolhesse, ou o cão aceitava de boamente a direcção por onde o dono metesse pés ao caminho. Tudo era o mesmo, pois qualquer destino lhes servia. Às vezes, porém, ficavam os dois pasmados, sem saberem por onde aventurar os passos – ao que no mundo se resumia, no final de contas, todo o seu trabalho, toda a responsabilidade. Eram, então, momentos inexplicavelmente difíceis, em que se apossava deles uma leve angústia, e se sentiam incapazes de qualquer resolução, em que lhes apetecia desistir e esperar para ali que chegasse a derradeira hora. Sentavam-se um ao pé do outro, um

encostado ao outro, inquietos, assustados, com a sensação de que os ameaçava um perigo desconhecido, e, por fim, como os marinheiros, resolviam aguardar melhor maré.

Haviam metido por aquela estrada como poderia ter sido por outra... Tudo ou quase tudo lhes era indiferente, e o próprio cão já ganhara também o jeito de encolher os ombros à vida e à desventura. Que querem?!... Agora, por exemplo, não ambicionavam mais do que uma poça de água, onde refrescar a goela escaldada e amaciar as duas côdeas de pão ressequido que guardavam na sacola – que até aí chegara a providência. Desejavam também uma nesga de sombra para estender e repousar as carcassas doridas, sem lhes importar como nem onde. Se por milagre a noite caísse de repente, também isso seria de grande apaziguamento, naquela hora de verdadeiro inferno. Mas para quê confiar em milagres?! ... Não tinham toda a vida a atestar que era isso impossível! O resto nada valia. Nascidos para a liberdade, só conheciam a prisão da natureza: a fome, a sede e o cansaço, o frio e o calor, o que não há desprezo nem ânimo que seja capaz de esquecer.

Mas, pela charneca fora, o rio negro da estrada continuava a estender-se até para além de onde a vista alcançava, sem se lorigar a toda a volta, já não digo vivalma, mas a copa verde de uma árvore, a cor alva de um muro ou de uma casa. O que lhes importava, pois, era não pensar, não atender ao desespero que os chamava, e caminhar, caminhar sempre, até que ao longe luzisse a esperança dalguma miragem. Sede e fome, isso era o prato de cada dia – um dos duros ossos daquele ofício. Resignação e paciência, que o caminho por onde seguiam havia de ter um fim, acabar em algum sítio.

O cão, porém, a certa altura estacou. Como se em vez de uma tivesse as duas patas doentes, deixou-se tombar sobre os quartos traseiros, descaiu mais a cabeça, depois de um suspiro de profundo desânimo. Uma luz de súplica brilhou-lhe nos olhos doces, e ficou amargamente a contemplar o dono. Este ainda se lhe adiantou um pedaço no caminho, mas depois parou. Parou e ficou a olhá-lo também, com uma vaga desconfiança, assim como admirado. Sobre eles, o sol parecia uma brasa.

---

– Girassol!

Mas o bicho já não o podia ouvir.

Num instante, o velho compreendeu que tudo acabara. As moscas precipitaram-se com voracidade, como um enxame de demónios. Furioso, com gestos de louco, o vagabundo sacudiu-as, mas elas tornavam, numa teima desesperante. Cobriu então o corpo inanimado com um trapo que tirou do alforge,

e por muito tempo ficou ainda a afagar o focinho do bicho, sem se dar conta da violência cada vez mais terrível do sol, como já não dava conta da dor aguda que o trespassava.

No céu fosforescente pareceu-lhe que voava um milhafre. O tempo dir-se-ia haver parado e por um instante sofreu a sensação da infindável eternidade que o esperava. O coração dizia-lhe que alguma coisa para sempre se acabara, sem reparação possível. Levantou-se a custo, atravessou o bordão nos braços e sobre ele depôs o corpo inerte do cão. Com os olhos embaciados de lágrimas, pareceu-lhe que a estrada acabava já ali, a dois palmos da morte do amigo. Não seria grande a distância que tinha a percorrer. Ergueu a cabeça com altivez e firmeza, a encarar o que o destino quisesse dele. Não lhe voltaria o rosto. A dor tem destes arranques de orgulho... Hesitou ainda um momento, apertando cada vez mais o bicho contra o peito, e depois caminhou sem arrastar os passos, na certeza de que já não seria longa a jornada.

(De *Estrada*, pp. 47 a 51 e 58 a 60)

## MIGUEL TORGA

(N. S. Martinho de Anta, Trás-os-Montes, 1907)

Filho dum pequeno lavrador, Miguel Torga (nome civil Adolfo Correia da Rocha) foi aos treze anos para o Brasil, onde viveu com um tio numa fazenda, em Minas Gerais. Regressando em 1925, forma-se em Medicina pela Universidade de Coimbra em 1933, e nesta cidade acaba por exercer clínica e fixar-se. Dissidente do grupo da *Presença*, órgão do chamado Segundo Modernismo Português. Poeta notável, de forte e complexa personalidade, é também prosador de garra, castiço, dum vigor contido, apolíneo. Autor duma autobiografia (*A Criação do Mundo – Os Dois Primeiros Dias*, 1937, 4.<sup>a</sup> ed., 1969; *O Terceiro Dia*, 1938, 4.<sup>a</sup> ed., 1970; *O Quarto Dia*, 1939, 2.<sup>a</sup> ed., 1971; *O Quinto Dia*, 1974), eleva-se à mesma altura nas páginas do *Diário* (doze vols. publ., 1941-1977, havendo reedições dos nove primeiros), com poemas intercalados, e em colectâneas de contos como *Bichos* (1940, 9.<sup>a</sup> ed., 1978), *Contos da Montanha* (1941, 5.<sup>a</sup> ed., 1976), *Rua* (1942, 4.<sup>a</sup> ed., 1967), *Novos Contos da Montanha* (1944, 6.<sup>a</sup> ed., 1975), *Pedras Lavradas* (1951, 3.<sup>a</sup> ed., 1976). Episodicamente cultivou o romance: *O Senhor Ventura* (1943) e *Vindima* (1945, 4.<sup>a</sup> ed., 1971). O poder de Torga como contista avulta em histórias cujos protagonistas são ou animais humanizados ou gente rústica de Trás-os-Montes; nelas se combinam realismo e poesia; casos e figuras ganham um sentido que os transcende; as personagens são criaturas modeladas pelo meio físico (ligação com a Natureza que amiúde se traduz em metáforas poéticas), criaturas movidas pelo instinto mas também pelo sonho, encarnações ora da pureza, da bondade, da resignação, ora do egoísmo, da mesquinhez, simbolizando umas vezes a rebeldia, o espírito de aventura, outras a fidelidade às raízes ou aos laços afectivos. «Os contos de Torga, de estrutura tradicional como os de Maupassant, reflectindo a preocupação da história bem contada e das personagens bem

definidas, constituem a parte da sua obra em que mais plenamente se exprime a influência da elaboração simbolista» (Álvaro Manuel Machado). Vendo os homens com rigor implacável, não raro o autor os condena, mas também os olha com admiração deslumbrada, compaixão ou ternura; é um sentimento de fraternidade ferida que confere à sua «crónica» serrana o valor dum protesto indignado; Torga levanta-se, isolado, como paradigma de consciência cívica; de pés fincados na sua «pátria telúrica» (que, diz ele, escritor ibérico, «só finda nos Pirenéus»), nos contos como no *Diário* oferece-nos a lição dum humanismo dramaticamente vivido, cujas traves mestras são o culto da autenticidade inerente à verdadeira liberdade, o respeito pelo mistério dessa «coisa imensa», fascinante, que é a vida, uma exigência de grandeza que, no plano social, toma a forma dum imperativo de justiça e, no plano metafísico, impõe a orgulhosa insubmissão ao próprio Criador (alegorizada na luta vitoriosa de Vicente, o corvo).

Naquela tarde, à hora em que o céu se mostrava mais duro e mais sinistro, Vicente abriu as asas negras e partiu. Quarenta dias eram já decorridos desde que, integrado na leva dos escolhidos, dera entrada na Arca. Mas desde o primeiro instante que todos viram que no seu espírito não havia paz. Calado e carrancudo, andava de cá para lá numa agitação contínua, como se aquele grande navio onde o Senhor guardara a vida fosse um ultraje à criação. Em semelhante balbúrdia – lobos e cordeiros irmanados no mesmo destino –, apenas a sua figura negra e seca se mantinha inconformada com o procedimento de Deus. Numa indignação silenciosa, perguntava: – a que propósito estavam os animais metidos na confusa questão da torre de Babel? Que tinham que ver os bichos com as fornicções dos homens, que o Criador queria punir? Justos ou injustos, os altos desígnios que determinavam aquele dilúvio batiam de encontro a um sentimento fundo, de irreprimível repulsa. E, quanto mais inexorável se mostrava a prepotência, mais crescia a revolta de Vicente.

Quarenta dias, porém, a carne fraca o prendeu ali. Nem mesmo ele poderia dizer como descera do Líbano para o cais de embarque e, depois, na Arca, por tanto tempo recebera das mãos servis de Noé a ração quotidiana. Mas pudera vencer-se. Conseguira, enfim, superar o instinto da própria conservação, e abrir as asas de encontro à imensidão terrível do mar.

A insólita partida foi presenciada por grandes e pequenos num respeito calado e contido. Pasmados e deslumbrados, viram-no, temerário, de peito aberto, atravessar o primeiro muro de fogo com que Deus lhe quis impedir a fuga,

sumir-se ao longe nos confins do espaço. Mas ninguém disse nada. O seu gesto foi naquele momento o símbolo da universal libertação. A consciência em protesto activo contra o arbítrio que dividia os seres em eleitos e condenados.

Mas ainda no íntimo de todos aquele sabor de resgate, e já do alto, larga como um trovão, penetrante como um raio, terrível, a voz de Deus:

– Noé, onde está o meu servo Vicente?

Bípedes e quadrúpedes ficaram petrificados. Sobre o tombadilho varrido de ilusões, desceu, pesada, uma mortalha de silêncio.

Novamente o Senhor paralisara as consciências e o instinto, e reduzia a uma pura passividade vegetativa o resíduo da matéria palpitante.

Noé, porém, era homem. E, como tal, aprestou as armas de defesa.

– Deve andar por aí... Vicente! Vicente! Que é do Vicente?!... Nada.

– Vicente!... Ninguém o viu? Procurem-no!

Nem uma resposta. A criação inteira parecia muda.

– Vicente! Vicente! Em que sítio é que ele se meteu?

Até que alguém, compadecido da mísera pequenez daquela natureza, pôs fim à comédia.

– Vicente fugiu...

– Fugiu?! Fugiu como?

– Fugiu... Voou...

Bagadas de suor frio alagaram as têmporas do desgraçado. De repente, bambearam-lhe as pernas e caiu redondo no chão.

Na luz pardacenta do céu houve um eclipse momentâneo. Pelas mãos invisíveis de quem comandava as fúrias, como que passou, rápido, um estremecimento de hesitação.

Mas a divina autoridade não podia continuar assim, indecisa, titubeante, à mercê da primeira subversão. O instante de perplexidade durou apenas um instante. Porque logo a voz de Deus ribombou de novo pelo céu imenso, numa severidade tonitruante.

– Noé, onde está o meu servo Vicente?

Acordado do desmaio poltrão, trémulo e confuso, Noé tentou justificar-se.

– Senhor, o teu servo Vicente evadiu-se. A mim não me pesa a consciência de o ter ofendido, ou de lhe haver negado a razão devida. Ninguém o maltratou aqui. Foi a sua pura insubmissão que o levou... Mas perdoa-lhe, e perdoa-me também a mim... E salva-o, que, como tu mandaste, só o guardei a ele...

– Noé!... Noé!...

E a palavra de Deus, medonha, toou de novo pelo deserto infinito do firmamento. Depois, seguiu-se um silêncio mais terrível ainda.

E, no vácuo em que tudo parecia mergulhado, ouvia-se, infantil, o choro desesperado do Patriarca, que tinha então seiscentos anos de idade.

Entretanto, suavemente, a Arca ia virando de rumo. E a seguir, como que guiada por um piloto encoberto, como que movida por uma força misteriosa, apressada e firme – ela que até ali vogara indecisa e morosa ao sabor das ondas –, dirigiu-se para o sítio onde quarenta dias antes eram os montes da Arménia.

Na consciência de todos a mesma angústia e a mesma interrogação. A que represálias recorreria agora o Senhor? Qual seria o fim daquela rebelião?

Horas e horas a Arca navegou assim, carregada de incertezas e terror. Iria Deus obrigar o corvo a regressar à barca? Iria sacrificá-lo, pura e simplesmente, para exemplo? Ou que iria fazer? E teria Vicente resistido à fúria do vendaval, à escuridão da noite e ao dilúvio sem fim? E, se vencera tudo, a que paragens arribara? Em que sítio do universo havia ainda um retalho de esperança?

Ninguém dava resposta às próprias perguntas. Os olhos cravaram-se na distância, os corações apertavam-se num sentimento de revolta impotente, e o tempo passava.

Subitamente, um lince de visão mais penetrante viu terra. A palavra, gritada a medo, por parecer ou miragem ou blasfémia, correu a Arca de lés a lés como um perfume. E toda aquela fauna desiludida e humilhada subiu acima, ao convés, no alvoroço grato e alentador de haver ainda chão firme neste pobre universo.

Terra! Nem planaltos, nem veigas, nem desertos. Nem mesmo a macicez tranquilizadora dum monte. Apenas a crista dum cerro a emergir das vagas. Mas bastava. Para quantos o viam, o pequeno penhasco resumia a grandeza do mundo. Encarnava a própria realidade deles, até ali transfigurados em meros fantasmas flutuantes. Terra! Uma minúscula ilha de solidez no meio dum abismo movediço, e nada mais importava e tinha sentido.

Terra! Desgraçadamente, a doçura do nome trazia em si um travor Terra... Sim, existia ainda o ventre quente da mãe. Mas o filho? Mas Vicente, o legítimo fruto daquele sítio?

Vicente, porém, vivia. À medida que a barca se aproximava, foi-se clarificando na lonjura a sua presença esguia, recortada no horizonte, linha severa que limitava um corpo, e era ao mesmo tempo um perfil de vontade.

Chegara! Conseguira vencer! E todos sentiram na alma a paz da humilhação vingada.

Simplesmente, as águas cresciam sempre, e o pequeno outeiro, de segundo a segundo, ia diminuindo.

Terra! Mas uma porção de tal modo exígua, que até os mais confiados a fixavam ansiosamente, como a defendê-la da voragem. A defendê-la e a defender Vicente, cuja sorte se ligara inteiramente ao telúrico destino.

Ah, mas estavam «rotas as fontes do grande abismo e abertas as cataratas do céu»! E homens e animais começaram a desesperar diante daquele submergir irremediável do último reduto da existência activa. Não, ninguém podia lutar contra a determinação de Deus. Era impossível resistir ao ímpeto dos elementos, comandados pela sua implacável tirania.

Transida, a turba sem fé fitava o reduzido cume e o corvo pousado em cima. Palmo a palmo, o cabeça fora devorado. Restava dele apenas o topo, sobre o qual, negro, sereno, único representante do que era raiz plantada no seu justo meio, impávido, permanecia Vicente. Como um espectador impessoal, seguia a Arca que vinha subindo com a maré. Escolhera a liberdade, e aceitara desde esse momento todas as consequências da opção. Olhava a barca, sim, mas para encarar de frente a degradação que recusara.

Noé e o resto dos animais assistiam mudos àquele duelo entre Vicente e Deus. E no espírito claro ou brumoso de cada um, este dilema, apenas: ou se salvava o pedestal que sustinha Vicente, e o Senhor preservava a grandeza do instante genesíaco – a total autonomia da criatura em relação ao criador –, ou, submerso o ponto de apoio, morria Vicente, e o seu aniquilamento invalidava essa hora suprema. A significação da vida ligara-se indissolúvelmente ao acto de insubordinação. Porque ninguém mais dentro da Arca se sentia vivo. Sangue, respiração, seiva de seiva, era aquele corvo negro, molhado da cabeça aos pés, que, calma e obstinadamente, pousado na derradeira possibilidade de sobrevivência natural, desafiava a onnipotência.

Três vezes uma onda alta, num arranco de fim, lambeu as garras do corvo, mas três vezes recuou. A cada vaga, o coração frágil da Arca, dependente do coração resoluto de Vicente, estremeceu de terror. A morte temia a morte.

Mas em breve se tornou evidente que o Senhor ia ceder. Que nada podia contra àquela vontade inabalável de ser livre.

Que, para salvar a sua própria obra, fechava, melancolicamente, as comportas do céu.

(De *Bichos*, 8.<sup>a</sup> ed., pp. 127 a 134)

## JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

(N. Lisboa, 1908)

Duas direcções ambientais e temáticas preponderam na criação ficcionista de Paço d'Arcos: a da atmosfera colonial ou cosmopolita, resultante duma reiterada experiência pessoal desde a juventude; e a da «crónica da vida lisboeta», assim pretendida e designada pelo próprio escritor. Na primeira inserem-se os romances *Herói Derradeiro* (1933, 2.<sup>a</sup> ed. 1934) e *Diário dum Emigrante* (1936, 5.<sup>a</sup> ed. 1956) e as colectâneas de novelas *Amores e Viagens de Pedro Manuel* (1935, 5.<sup>a</sup> ed. 1963), *Neve sobre o Mar* (1942, 5.<sup>a</sup> ed. 1968) e *O Navio dos Mortos e Outras Novelas* (1952, 2.<sup>a</sup> ed. 1962); na segunda, os romances *Ana Paula* (1938, 12.<sup>a</sup> ed. 1971), *Ansiedade* (1940, 6.<sup>a</sup> ed. 1964), *O Caminho da Culpa* (1944, 5.<sup>a</sup> ed. 1965), *Tons Verdes em Fundo Escuro* (1946, 4.<sup>a</sup> ed. 1969), *Espelho de Três Faces* (1950, 3.<sup>a</sup> ed. 1959) e *A Corça Prisioneira* (1956, 3.<sup>a</sup> ed. 1972). Mesclando as duas direcções assinalam-se ainda os livros *Carnaval e Outros Contos* (1958, 2.<sup>a</sup> ed. 1967) e *Memórias duma Nota de Banco* (1962, 3.<sup>a</sup> ed. 1970). Em todos os casos é Joaquim Paço d'Arcos, primacialmente, um narrador com o sentido exacto e eficaz da arquitectura da intriga e muito menos um prosador original ou um criador de estilo. A «objectividade da visão do mundo, a calma curiosidade com que nele atenta e a serena fixação dos seus mais perturbantes e ameaçadores aspectos» (Hernâni Cidade) fazem da sua obra um testemunho realista de vivências a distância, sob a análise fria e discreta de observador impassível. É só quando a tragédia humana «se torna mais vibrante que um certo estilo, uma certa ironia, descem da concepção da intriga e vêm aquecer uma prosa quase sempre trabalhada sem entusiasmo» (Óscar Lopes). A lógica firme da efabulação, a verdade dos comportamentos sobre o suporte das realidades, observadas em cada personagem, do «eu e da sua circunstância», como diria Ortega y Gasset, a preocupação balzaquiana do contorno incisivo

de figuras humanas – tudo isso envolvido num cepticismo fatalista que conduz à diluída ironia e à «visão binocular», que também lhe foi apontada – situam a novelística de Paço d’Arcos, com inquestionável individualização, no quadro contemporâneo do género em Portugal.

Maria Eduarda e as irmãs escoltaram-na, numa excitação inocente, enquanto ela transportava para a mesa de jantar o bolo de aniversário, ao centro do qual se erguiam, muito empertigadas, as onze velas pequeninas.

Para as garotas, o cúmulo da festa seria o jantar à mesa, com os pais e os avós. Habitualmente tomavam as refeições na copa, muito ampla e fria, com a *Mademoiselle*. Uma vez por outra Maria Eduarda comia com os pais na sala de jantar – uma transigência de D. Maria Francisca – à pieguice do marido – mas a *Mademoiselle* permanecia na copa com as mais pequenas.

– Que bom, jantar hoje com os avós. E a *Mademoiselle* também janta connosco.

E as crianças cirandavam em volta da mesa, a querer ajudar a Joana na sua faina, para afinal só atrapalharem a rapariga.

– Joana, ponha oito lugares na mesa. Ponha os talheres de prata e os copos bons.

– Mas somos nove – observou Maria Eduarda para a mãe, com a sua voz infantil mas já pausada, de menina precocemente séria.

– Nove, como, não me dirás?

– Então a mãe e o pai, os avós e o tio, cinco, a *Mademoiselle* e nós três, nove.

– A *Mademoiselle* não janta connosco – disse D. Maria Francisca com segura. E voltando-se para Maria Lucinda: – Não tem que levar a mal. É um jantar de família. Os meus pais quase que não a conhecem. E nem a mesa ficaria certa com nove pessoas.

Maria Lucinda sentiu que a vermelhidão lhe cobrira as faces. Tartamudeou: – Oh, minha Senhora, nunca pensei em incomodá-los!

Ainda ouviu a pequenita dizer para a mãe: – Mas eu gostava tanto, no dia dos meus anos, de jantar com a *Mademoiselle*...

Ela já se escapulira da sala de jantar, mas a voz cortante de D. Maria Francisca ainda a perseguiu no corredor: – Não diga disparates, cada um no seu lugar. Se tem muito gosto nisso, jante na copa com ela.

Maria Eduarda não insistiu com a mãe. Esta não se ensaiaria para lhe ferrar um sopapo e, acima de tudo, ela não queria por coisa alguma, no dia dos seus anos, ter de jantar na copa. Ficou calada, a olhar o bolo e as velas empertigadas e a pensar na *Mademoiselle*. A mãe devia ter razão. As mestras não podem comer com as pessoas crescidas à mesa. Maria Lucinda fechou à chave a porta do seu quarto, não fossem as pequenas vir interrompê-la. Queria-lhes muito, mas naquele momento não lhes poderia dar atenção. Não que tivesse alguma coisa para fazer. Não tinha nada para fazer. Só tinha que voltar a pendurar o vestido, o vestido azul que tencionara estrear no jantar dos anos da Maria Eduarda. Tirou-o de cima da cama, onde o estendera com cuidado, e voltou a pendurá-lo no cabide e a guardá-lo no armário. Fechou a porta deste com extrema lentidão e enxugou duas lágrimas, com o lençinho amarrotado, na face que ainda lhe ardia. – Que disparate o seu: jantar com os donos da casa, com os srs. Condes, com o D. Miguel! Ela, a mestra das pequenas...

Para afastar do espírito as ideias disparatadas que a magoavam, encostou a testa ao vidro da janela do quarto, como se da vista lá de fora lhe pudesse vir distração ou lenitivo para aquela sensação escaldante de vexame, para a dor absurda de não ser uma princesa vestida de azul, mas uma simples mestra de meninas.

Dos plátanos grandes, de folhagem espessa, caía sobre o pátio uma sombra muito fresca. Mas o dia quente ainda não morrera. O Sol inclinava-se para o biombo verde dos outeiros ondulados, mas resistia ainda, em espasmos de sangue, à queda que o sepultaria. Ela ficou por muito tempo naquela posição, sem saber bem no que pensava. Uma dorzinha fina verrumava-lhe a alma, por mais que ela teimasse em sacudi-la. Já não sentia o ardor nas faces. Talvez as lágrimas o tivessem mitigado.

O ruído dum automóvel que se aproximava quebrou, de repente, o silêncio bucólico em que nenhuma voz se erguia, em que ela só escutava, no segredo do seu coração, vozes indefinidas. O automóvel entrou o portão e por instantes ela viu-o rodar no pátio, até desaparecer sob o arco da frontaria. Percebeu que as crianças corriam ao encontro dos avós e do tio. Pudera relancear, num segundo, o vulto de Miguel ao volante do carro. – Até daqui a três semanas. – Não, ela não

tinha nada que ir à sala cumprimentar as visitas. Talvez nem jantasse, para não ter que sair do quarto.

O verde dos outeiros adquirira, no cair da tarde, cambiantes azulados. O céu coloria-se de vermelho, como se o Sol, ao avizinhar-se da terra, pegasse fogo ao mundo. Um fogo que devorasse tudo: os pinheirais e o milho, os plátanos e a casa grande, o automóvel e as mobílias, o seu vestido azul, a sua vida inteira...

(De *Carnaval e Outros Contos*, 2.<sup>a</sup> ed, pp. 97 a 100)

## ANTÓNIO PEDRO

(N. Cidade da Praia, Cabo Verde, 1909. F. Moledo do Minho, 1967)

Das múltiplas formas em que se manifestaram as suas ricas e variadas aptidões de artista, na literatura, na criação plástica e no teatro, ficou de António Pedro na novelística um único livro que, talvez significativamente, se intitula *Apenas uma Narrativa* (1942, 2.<sup>a</sup> ed. 1978). Nele se demarca, porém, algo do que o surrealismo preencheu e, sobretudo, do que poderia ter preenchido na nossa literatura moderna, se não tivesse surgido em Portugal tão tardiamente, depois das versáteis expressões ocasionais em que se manifestou (e em certos casos relativamente antecipatórias) desde a geração de *Orpheu*. António Pedro participou, de facto, num grupo surrealista de Londres em 1944-45 e, em 1947, no grupo, depressa disperso, de tendência estética similar que se afirmou em Lisboa e que só na poesia (como na pintura) teve alguma continuidade. O romance *Apenas uma Narrativa* – se romance se pode chamar, com a liberdade de definição que se tornou usual – antecipou-se em data às tentativas surrealistas posteriores mais determinadas e não é muito certo que as tenha inspirado decisivamente. Deste livro escreveu Jorge de Sena que é «uma das obras-primas da prosa portuguesa» e «sem dúvida uma das tentativas mais admiravelmente bem sucedidas de romance surrealista de qualquer literatura». O texto desenrola-se com clareza de linguagem, sem indícios de automatismo verbalista, apenas dissolvendo a visão comum do real no insólito das imagens e no fantástico do descritivo, em que esse mesmo real, apesar disso, não se ausenta de todo. A estilização surrealista de António Pedro assume-se nesse livro, até há pouco

injustamente esquecido, sobretudo como prosa poética – e é essa a impressão essencial que a sua leitura suscita. Essa impressão, sobretudo, e a presença na escrita de «um homem de mil ofícios e de nenhum, dando a tudo o que tocava a dedada mágica dos criadores disponíveis» (Eduardo Lourenço) e fazendo lamentar que não tivesse sido mais extensa e diversificada a sua criação novelística.

## [ A N G Ú S T I A S D O M U N D O ]

---

Só eu ficara abandonado o tempo todo, naquele lugar do Minho que era o único que estava perto da minha pele. Arranjei cama de camarinhas junto à raiz duma árvore, à espera do meu fim. E ainda não sei se chegou...

Sei que a Lua, certa noite, tomou um bruto pifão. Surgiu lá das bandas do mar inchadíssima e encarnada. Custou mesmo a despegar-se da água e deixou-a, por um tempo, cheia de malhas de sangue. Depois, andou aos tombos pelo ar e minguiu. Encarrapitou-se nas nuvens, jogou com elas às escondidas e, finda a correria, caiu de cansada nas galhas dum espinheiro.

Teria ficado aí, lindíssima, se não fosse aquela moleza de queijo que a enlanguescia. Assim, foi-se desfazendo numa pasta empalidecida e, devagar, entornou-se sobre mim.

Sei lá desde quando eu dormia ali, a cabeça no tufo das camarinhas, embotados os sentidos por aquele cheiro da erva fresca e da areia humedecida! Sei que com o banho da Lua fiquei translúcido e molhado, bêbado e imponderável. Sei que me pegou o vento e me entremeou nos ramos das roseiras, me fez dansar na copa das árvores, rebolar nos telhados mais íngremes, descer como uma avalanche a encosta das colinas e estatelar-me nas planícies, encher-me de pólen por causa do apetite das flores. Sei que andei como uma bola de roleta no côncavo esférico do céu. Sei finalmente que, ao bater numa estrela, me incendiei como um fogo de artifício.

Foi delicioso e saborosíssimo aquele crepitar de meus ossos que se haviam tornado invisíveis, aquele estalejar das bolinhas da gordura,

salpicando tudo, aquele perfume de cabelos queimados como nas estrebarias onde foi o ferrador, aquela festa de S. João na estratosfera!

Só por causa de ter batido numa estrela!

A estrela era bonita e tinha os olhos saídos como os das moscas, olhos míopes e inúteis na escuridão do céu.

Vieram-me então à memória todas as angústias do mundo – as inundações e as guerras, o medo dos fantasmas e a maldade dos homens, aquele cheiro de arrote de certas bocas que só comem o suor dos miseráveis, aquela tristeza de flor quebrada que apodreceu num monturo, aquele pst das prostitutas, aquele sorriso dos clérigos, aquele olhar para o único vestido que se rompeu, o frio e o ciúme, o tédio e a malária ao recolher das áfricas, os hospitais, as cadeias, aquele somar números abstractos toda a vida no emprego mal pago, aquele adormecer nos portais, aquele agradecer o favor indispensável, aquele ser coveiro e polícia, os leprosos, as feias, os marrecas, os generais, a morte... Ao fim fiquei como uma nuvem de cinzas.

Caí então de novo sobre a Terra. Caí como uma chuva suave. Confundiram-me com o luar quando me espalhei no descampado alucinando os gatos, pintando as casas, murchando as flores e apodrecendo o peixe... Por mim sei, no entanto, que são humanos este gosto das surpresas e esta permanente tentação de dilúvio. Sei que viverei eternamente embora não tenha nem intestinos nem fígado.

(De *Apenas Uma Narrativa*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 93 a 95)

## SOEIRO PEREIRA GOMES

(N. Gestação, Baião, 1909. F. Lisboa, 1949)

O romance *Esteiros* (1941, 5.<sup>a</sup> ed., 1977), única obra que Joaquim S. P. Gomes publicou, recebido elogiosamente pela crítica e já traduzido em várias línguas, é considerado um clássico do Neo-Realismo português. O autor, que tirou o curso de regente agrícola e trabalhou nos escritórios de uma fábrica em Alhandra, foi militante e dirigente regional do Partido Comunista, ingressando por fim na clandestinidade. A generosidade posta na luta por maior justiça social tornou-o um paradigma. Mas outras qualidades, estas propriamente literárias, o impõem: a sua capacidade de compreensão, a verdade humana que se desprende dos episódios, a fragrância dos diálogos, o aflorar duma visão poética das coisas. O romance descreve-nos a miséria, os problemas dos trabalhadores dos esteiros, «minúsculos canais, como dedos de mão espalmada, abertos na margem do Tejo». Escrito com ternura «para os filhos dos homens que nunca foram meninos», põe em primeiro plano os garotos vagabundos, as suas aventuras, os seus sonhos, a sua degradação, os seus gestos de bondade, de solidariedade. Adolfo Casais Monteiro chama em especial a atenção para «essas inesquecíveis figuras de crianças». O autor – acrescenta – «soube compreender as suas personagens porque, como nenhum, as soube amar. [...] Se Pereira Gomes tivesse visto nos seus rapazinhos apenas as vítimas da injustiça, e um resultado das desigualdades sociais, da exploração da miséria, o seu livro poderia ser justo, mas não seria a obra humana que nos deixou, e os seus Sagüis, os seus Maquinetas, os seus Ginetos também não teriam chegado ao nosso coração». Deixou imperfeito outro romance, *Engrenagem* (ed. póstuma, 1951, 3.<sup>a</sup> ed. 1975), onde, segundo A. da Costa Dias, «o estudo da evolução da consciência social dentro de condições determinadas de trabalho, de relações de produção e de luta de classes adquire proporções e uma profundidade nunca atingidas na

literatura portuguesa». Contos e crónicas (os *Contos Vermelhos* já publicados em folha clandestina em vida do autor) foram reunidos, também postumamente, em *Refúgio Perdido* (1950, 2.<sup>a</sup> ed. 1975).

## [ A D O I D A E O S M I Ú D O S ]

---

Certa noite, Sagüi acordou em sobressalto, ao barulho de alguém que resmungava. Mirrou-se mais contra as pedras, tapou a cabeça com a manta de retalhos. Mas a voz trespassava a roupa, tanto como os baques do coração sob a caverna do peito. «Quem seria, àquela hora?... Talvez ladrão que descobrira o esconderijo da fruta, ou espião mandado pelo senhor Castro».

A voz, aguda e áspera, parecia de mulher. «Se calhar era algum dos companheiros disfarçado, por brincadeira... » Espreitou por um rasgão da manta. A fraca claridade da lua definia um vulto escuro, estendido sobre monte de caliça, como que à espreita também. Sagüi sentiu saudades da palhota da vinha em que dantes dormia, e onde nada mais chegava que latidos de cães.

«...E se aquele vulto fosse de cão raivoso?» Um calafrio gelou-lhe o corpo e as pedras da cama. «Não. A voz era de mulher.» Ouvia agora gemidos abafados e palavras sem nexos... Depois, o silêncio pesou-lhe nas pálpebras. Fechou os olhos, esquecido; mas logo voltou a fixá-los no vulto imóvel. Por fim, cansado, adormeceu profundamente.

Quando acordou, o dia dormitava ainda, e o vulto também. Aproximou-se dele. Era a Doida. Ao primeiro impulso pensou em fugir, antes que ela tivesse algum daqueles ataques em que corria, à pedrada e aos gritos, os garotos da rua. Mas viu-lhe o rosto pálido, empastado de sangue. Lembrou-se da mulher que veio na lancha, chorosa, a engalhar o menino morto – e apiedou-se.

Levemente, estancou-lhe a ferida com um trapo molhado. Ela abriu para ele os olhos tontos, susteve-o nos braços, chamou-lhe meu menino. Sagüi quis libertar-se

daquelas mãos frias que o afagavam; mas, por medo, deixou-se embalar como criança de colo, fitando a Doida, de esguelha. Pelo decote da blusa, via-lhe o seio muito branco e uma nódoa negra no pescoço.

– Estás tão crescido, meu menino...

O sorriso dela era um esgar de amargura. Sagüi esboçou uma carícia que se perdeu no ar, e voltou mais a cara para o lado. Os olhos, porém, continuavam hipnotizados pela nesga do seio. Contra vontade, a mão prendeu-se também no decote, trémula e suplicante... A Doida beijou-o. E ele esqueceu-se que era menino ao colo de mãe...

No dia seguinte, Sagüi não vendeu fruta. Mas os companheiros andaram pelas portas, como de costume.

– Quer laranjas? Uma dúzia dez tostões.

– Se calhar são roubadas...

Gaitinhas corava sempre, enquanto que os companheiros protestavam:

– Não sou ladrão. Fui comprá-las às Areias.

Guedelhas palmilhava três quilómetros de estrada, para vender a fruta toda noutra vila, de manhã. Depois, ia treinar-se com bolas de trapos, crente de que em breve lhe dariam admisão no clube desportivo. Os outros acompanhavam-no, ou então jogavam o chinquillo no Mirante.

Foi lá que Sagüi lhes falou, embaraçado, com olheiras profundas no rosto.

– Hoje não vendi nada...

– Tás doente, pá?

– Não. Andaram uns gajos a ver a capela.

O bando assustou-se.

– Disseram-te alguma coisa?

– Perguntaram só se eu morava ali. O melhor é arrecadar as laranjas noutra sítio.

– Adonde?

– No telhal do Zé Vicente.

– Tás parvo. Qualquer dia vão pra lá arranjar o forno...

Gineto pôs termo à discussão. – Mudam-se logo à noite, pronto.

– É melhor de dia – contestou Sagüi. – Se os gajos desconfiaram, são capazes de lá aparecer logo, outra vez.

Gineto começou a duvidar das palavras atabalhoadas do pequeno companheiro. «Outra história» – pensou.

Seguiu-lhe as passadas toda a tarde. Viu-o entrar na capela com embrulhos misteriosos, e depois correr as ruas como que à procura de alguém. Entusiasmado pela perseguição, escondeu-se atrás dumas pedras, entre ruínas, e, enquanto esperava, desejou ser polícia, mais do que ladrão

de fruta. Um polícia assim como o «Rei dos Cow-Boys», que fazia justiça por suas mãos, nas fitas de cinema.

Mas Sagüi apareceu com a Doida, que ria e gesticulava. Da boca do Gineto quase se desprende um assobio de pasmo, tão longe estava daquele desfecho.

«Ai o gajo!... Misturado com a Doida sem dizer nada aos amigos...». Riu-se. «E a comer com ela as laranjas da quadrilha...».

Não sossegou enquanto não falou ao Sagüi.

– Atão tu, grande impostor, inganchas-te na Doida e vens pra cá enganar a gente.

– Eu?!

– Nã te faças de novas, que eu vi vocês dois, na capela.

Sagüi embatucou por momentos.

– Tive medo que tu lhe fizesses mal... A gaja até faz pena. Olha que às vezes nem parece que é maluca.

– Eu só quero é trincar também. Já sabes... – declarou Gineto, impaciente.

– Mas não digas aos outros...

– Digo nada.

Uma semana depois, todos os componentes da quadrilha gastavam os lucros do negócio em prendas para a Doida.

(De *Esteiros*, 1.<sup>a</sup> ed., pp. 177-182)

## ALVES REDOL

(N. Vila Franca de Xira, 1911. F. Lisboa, 1969)

Desde 1936, com a divulgação de contos e narrativas em diversas publicações e com o livro de crónica social *Glória – Uma Aldeia do Ribatejo* (1937), assumiu Alves Redol um lugar pioneiro no lançamento do Neo-Realismo em Portugal, perfilhando as suas expressas reivindicações da missão sociopolítica da literatura e de um novo humanismo interventor votado à libertação e dignificação das classes populares mais pobres e oprimidas. O simplismo temático e formal dos livros iniciais do escritor foi por ele progressivamente superado num constante esforço de apuramento de estilo e de composição romanesca. Sobretudo nas últimas obras, o seu realismo alcança nível literário mais adequado aos intuítos de desvendamento social e de documento humano que sempre o inspiraram. Testemunham essa trajectória de «uma arte que se queria verdade» (Mário Sacramento) os romances *Gaibéus*, 1940, 13.<sup>a</sup> ed. 1977; *Marés*, 1941, 4.<sup>a</sup> ed. 1972; *Avieiros*, 1942, 6.<sup>a</sup> ed. 1972; *Fanga*, 1943, 9.<sup>a</sup> ed. 1976; *Anúncio*, 1945, 3.<sup>a</sup> ed. 1964; *Porto Manso*, 1946; *Horizonte Cerrado*, 1949; *Os Homens e as Sombras*, 1951, 3.<sup>a</sup> ed. 1974; *Vindima de Sangue*, 1953, 3.<sup>a</sup> ed. 1975; *Olhos de Água*, 1954, 3.<sup>a</sup> ed. 1967; *A Barca dos Sete Lemes*, 1958, 7.<sup>a</sup> ed. 1977; *Uma Fenda na Muralha*, 1959, 4.<sup>a</sup> ed. 1976; *O Cavalo Espantado*, 1960, 3.<sup>a</sup> ed. 1972; *Barranco de Cegos*, 1962, 5.<sup>a</sup> ed. 1976; *O Muro Branco*, 1966, 3.<sup>a</sup> ed. 1976; *Os Reineiros* (póstumo), 1972; as colectâneas de contos e novelas *Nasci com Passaporte de Turista*, 1940, *Espólio*, 1944, *Histórias Afluentes*, 1963, 2.<sup>a</sup> ed. 1972; e, ainda, alguns livros de literatura infanto-juvenil, entre os quais avulta *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*, 1962, 7.<sup>a</sup> ed. 1977. Entre desigualdades qualitativas que se evidenciam no conjunto da sua obra, Redol «nunca se furtou ao pitoresco nem ao lirismo», mesclando «ingredientes românticos e fantásticos ao fluxo do seu realismo» (Urbano Tavares Rodrigues).

## UM HOMEM NÃO É NENHUM MOIRO

---

O velho caminhava à sua frente pelo carril do valado, gingando com o peso do reumático, que parecia desconjuntar-lhe o corpo magrizela. Acendera o cachimbo, antes de sair da palhoça, e lá ia a fumar, contente como um gaio, com a cana de pesca ao ombro e a caixa pintada de verde pendurada na mão. O rapaz tocava a gaita de beijos, levando a sua cana segura pelo antebraço esquerdo, e fingia-se cansado, para que o ferrador ainda se julgasse o mesmo andarilho de outros tempos.

Na véspera tinham preparado em sociedade os remelhões das minhocas, que não faltavam mesmo à porta do barracão – era dar uma enxadada e agarrar não sei quantas. O velho ensinara-lhe a preparar os anzóis e contara-lhe das suas pescas noutros tempos, quando ainda morava em Vila Franca. Sempre que podia, escapava-se para ali. Gostava da Lezíria, tanto como se ali tivesse nascido, e acabara por arranjar aquele casebre para viver com a amante. Ela não era daqueles sítios. Não sabia a sua nação, nem isso importava. Era uma mulher que lhe servia e estava tudo dito.

Iam pescar sem destino, descansar da chateza daquela vida bruta. – Gostava d’ir até ao esteiro do Ruivo, mas é longe, as pernas já não me levam até lá, disse o velho.

– Mas anda que nem um rapaz!

– Lá vens tu... Troco as minhas com as tuas, valeu?

Passaram a uma aberta, o velho farejou de um lado para o outro e achou que podiam ficar ali mesmo. Perto havia um salgueiro de sombra larga, e entre o valado e o rio surgia uma nesga de terra coberta de mostarda e de lírios brancos.

A Mariana preparara-lhes o almoço, uns fritos de bacalhau e azeitonas, e Alcides bem percebera que ela ficara radiante por estar só todo o dia. Gostava de poder espreitá-la, sem que ela soubesse, e ser capaz de compreender o motivo daquela garridice ofensiva. Provocava os homens, passando perto deles e tocando-lhes com o corpo se os via distraídos; deixava-os prenderem-lhe as mãos e beliscarem-lhe os braços e as ancas, sorrindo sempre, com os olhos a entornarem doçura e maldade picante. Sabia que a sua voz os tocava de uma magia sensual, de tal maneira eles se transformavam quando ela falava. E não era bonita, não senhor.

Mas havia nela um misto de candura e de perversão, de frieza calculada e de inocência, que desvairava os homens. Tinha uma boca desmedida, sempre aberta, em sorrisos, talvez para mostrar uns dentes frescos, embora incertos; um nariz pontudo, de ventas sensíveis, como se fossem duas flores inquietas pelo jogo da luz e das sombras; uns olhos talvez feios, pequeninos e travessos, que tanto pareciam quentes, da cor do acaju do seu cabelo liso, como esverdeados e frios, talvez cínicos. E havia aquela covinha marota na fase esquerda, tão atrevida, tão provocadora, que sem ela a Mariana seria uma mulher vulgar, desajeitada mesmo, tamanha magreza se apossara do seu corpo esguio.

– Em que estás a pensar?, perguntou o Mula Brava.

– Em nada.

– Não falavas...

– E o Ti João? Também nada dizia.

– Na minha idade já custa a pensar. A cabeça embrulha-se...

Tinham-se sentado perto de uma seara de trigo já a chegar-se à foice; lutavam nela o verde-tenro e o amarelo da maturidade e ouviam-se as espigas estalar sob a brasa do sol.

– Que pensas tu da Mariana?

Alcides fingiu-se atento para a bóia da sua linha. A maré devia estar na enchente e tornava difícil o perceber se alguma enguia picara o anzol.

– Não ouves, Ruço?

Ele não respondera, convencido de que o velho se arrependeria de repetir a pergunta.

– Que dizes tu da Mariana?... Sim, que é que achas nela?...

– Que é sua amiga.

– Não foi isso que te quis perguntar. Se já viste alguma coisa de mal. Sim, uma liberdade maior com algum deles. Vão lá tantos!

– Ela brinca com todos. Uma mulher nova precisa de se distrair.  
– Que é nova já eu sei, disse o Mula Brava com a voz agressiva. Ela quando veio para a barraca já sabia que eu era velho. Mas fizemos uma jura. E há juras que não se quebram até ao fim.

Ruço de Má Pêlo levantou-se para puxar a cana e deu um grito de entusiasmo. O velho começou a rir quando viu o anzol a dançar sem nada. O rapaz é que sabia porque premeditara aquela cena.

– As enguias não querem nada comigo, ‘stá visto. O Ti João já apanhou algumas quatro.

– Da primeira vez apanha-se sempre pouco. A gente quando é novato toma tudo a sério e as mãos tremem na cana. Eu tenho a certeza que as enguias lá em baixo sentem na água as nossas mãos a tremer. É como eu lá na barraca. Não vejo. Os olhos quase não me servem. Mas há coisas que tocam na pele da gente, que vêm no ar, assim como o vento e o cheiro da terra ou das flores. O amor é uma coisa assim mais ou menos. Tem cheiro. Cheira como a terra molhada com as primeiras chuvas. E bole nas nossas mãos como as aragens do sul, o vento palmelão, que transtorna o gado nas pastagens.

O rapaz começou a rir, num riso nervoso.

– Tu que te ris é porque sabes alguma coisa, Ruço.

O velho pôs a cana de lado e aproximou-se. Tacteu-lhe os cabelos com as mãos inquietas e puxou-o depois para si, obrigando-o também a levantar-se. A seguir chegou os seus olhos doentes e quase vazios para o rosto do rapaz.

– Tu sabes dalguma coisa, Ruço!, gritou-lhe o Mula Brava, sacudindo-o pela camisa.

– Já lhe disse que não sei, Ti João. E se acha que eu o engano, vou-me hoje mesmo embora. Não gosto de ser ferrador. Quando atravessei o Tejo, nunca pensei ficar ali.

– Hum! Então não gostas de ser ferrador... Porque disseste que sim?

– Tinha fome.

– Não te disse para nunca fazeres coisas de que não gostasses? Isso é pior que ter fome. Fazer o que se não gosta é mil vezes pior do que passar fome. Comias mostarda, comias erva, comias terra...

O velho voltou para junto da sua cana, mas nunca mais a agarrou. Parecia inquieto, voltado para as bandas do Cabo, onde tinha a taberna.

– Se quiseres, vai-te embora. Mas é pena. Eu já não posso viver muito tempo e podias ficar com a oficina. A Mariana é tua amiga... (Caiu um silêncio entre os dois). Não é?!

– Não sei.

– Gostas dela?

– Não, não gosto. Ela podia ser minha mãe. Mas se pensa que alguma vez eu lhe faltei ao respeito...

– Nunca pensei nisso. Mas ela não é a mesma. Mudou há coisa de duas semanas. Fala menos, já não gosta de brincar com os homens. O amor cheira, é o que te digo. Sabes quem é o Chico Malhado?

– Sei.

– Tu estavas a ferrar uma égua do patrão Jaquim. Aquela égua porcelana e desconfiada... Eu cheguei-me à taberna e parei cá fora da porta. Não se ouvia uma mosca. Como sabes, ela fala sempre. Nunca ‘stá quieta. É uma égua roaz. Julguei que os ia apanhar agarrados, mas pra mim foi o mesmo. Estavam longe um do outro, mas era como se as mãos dele fossem do canto da mesa, cá à entrada da porta, até ao balcão, onde ela estava. Eu disse bom dia, e a minha voz fez um eco danado. A minha voz nunca fez um eco daqueles. Ele respondeu-me e tudo ficou quieto. Quietos e pesados. Eu fui direito a ela e custou-me a andar. Parecia que atravessava uma tempestade. Julgo que ainda se não passou nada entre os dois, mas as coisas não vão ficar assim por muito tempo. Ela não é mulher pra isso!

– Talvez não...

João Mula Brava casquinou de troça – talvez troçasse dele.

– Nunca gostei que tivessem pena de mim, Ruço de Má Pêlo! Nem o meu filho. Foi por causa dela que perdi a sua amizade e nunca me arrependerei disso. Pareço andar aqui por arames, tão magro estou, e velho, e cansado, mas este arame é de aço. Não torce, quebra-se. E quando se quebrar é por uma vez. Pra que diabo preciso eu de uma mulher com esta idade? Não é o que tu perguntas? É o que todos perguntam, eu sei. Tu dormes ao lado da gente e naquela casa é o mesmo que dormires na nossa cama. És capaz de guardar um segredo?

– Pode falar à sua vontade, Ti João. E se quiser, eu ponho-me à tesa com ela, porque enquanto eu estiver à sua beira ninguém fará pouco de si.

– Não, não é isso. Eu ainda sou capaz de me defender. Não tenho medo da morte. E aquela espingarda que lá tenho serve para queimar os miolos a quem calhar. Entendes? Pois é assim mesmo.

O atropelo das palavras tinha-o cansado e ele arfava. Deitou-se sobre a erva com os olhos fechados e continuou a falar.

– Encontrei-a no Porto Alto e achei-lhe graça. Eu vinha numa carrocita que tinha nesse tempo, já lá vão três anos, e parara ali para matar a sede e dar dois dedos de conversa com o meu compadre. Ela guizalhava como é seu costume e queria uma boleia para ir apanhar o comboio. Ofereci-lhe um lugar na carroça, metemo-nos de conversa e combinámos tudo. Eu precisava de uma mulher para companhia, talvez só pra me lembrar de todas que tive. E perguntei-lhe se ela queria viver comigo. «E o que me dá vossemecê?», respondeu ela. Gostei daquela

franqueza. Uma mulher nova quando se obriga a ficar ao pé de um homem como eu tem sempre alguma coisa em mira. É melhor jogo franco: pão pão, queijo queijo. Eu disse-lhe: ponho uma taberna em teu nome, trabalho de ferrador, e quando morrer é tudo pra ti. Mas nunca m'enganarás, é só o que te peço. Brinca, conversa e ri, mas nunca m'enganes. E ela jurou-me. Acho que me jurou plas cinco chagas de Cristo. Não sei bem o que ela me disse, mas só interessa a combinação feita. Eu ainda não faltei a coisa nenhuma.

O cão sentara-se entre os dois e lambia as mãos do velho.

– Agora, já vai pra dois anos que não tenho nada com ela. Dormimos juntos e tu sabes bem: já não somos homem e mulher. Tens ficado muitas noites a ouvir. É ou não verdade? Fala à vontade, Ruço! Já és um homem... e podes dizer essas coisas que não te ficam mal.

– É verdade.

João Mula Brava abriu os olhos e sorriu para o rapaz.

– Mas agora as coisas vão complicar-se. Ela mudou. O Chico Malhado deu-lhe volta à cabeça. Eu sei que é só pra ter a mulher e mais nada. Há muitos a gabarem-se, mas nunca nenhum a teve. Ele julga que dou pasto à eguazinha, mas engana-se. Se a quiser, leva-a com ele e nunca mais me passa à porta. Ou talvez não a leve, porque sou capaz de o baldear antes que isso suceda. Não vou agora em velho deixar algum gajo rir-se de mim. Viste como ela ficou contente por sairmos? Ela ficou contente, eu sei. Vai tremer sempre com receio que eu lhe apareça de um momento para o outro e nada fará. Mas quer falar com ele, e saber o que ele pensa, e perguntar-lhe...

– Ele é novo, Ti João. Ela talvez não lhe pergunte nada.

– Tens razão.

Levantou-se apressado. Pegou no chapéu e enfiou-o na cabeça.

– É isso o que tu dizes, Ruço. Ele é novo e quem sabe o que lá vai a esta hora. Tenho passado noites inteiras sem dormir, agarrando-a, porque às vezes penso que se adormeço ela me pode vir cá pra fora... Está agora a aproximar-se o tempo danado pra isso. As noites de Verão. Os dias de Verão. Quando eu era moço, eu desvairava sempre por esta altura.

Pegou na cana e pô-la sobre o ombro; foi buscar a caixa verde, onde tinha as enguias, e deixou-a ao pé do rapaz.

– Fica-te aí, toma banho no Tejo, se quiseres, que eu volto. Já agora peço-te...

– O quê, Ti João?

– Nada. Nunca gostei de pedir coisa nenhuma. Faz o que quiseres. O mundo pra ti é livre. Até logo.

E abalou apressado com o cão atrás de si. Alcides ficou no mesmo sítio até o velho desaparecer na curva do valado e foi depois para a margem do Tejo, à

sombra do salgueiro. O calor começava a apertar. Tirou a camisa, estendeu-se na erva e tentou adormecer. Mas as palavras do ferrador tinham-se-lhe agarrado ao sangue. Ele nunca vira a Mariana como naquele momento. Para si ela não era uma mulher. E agora sentia-lhe as mãos.

«O amor cheira», dissera o velho.

(De *A Barca dos Sete Lemes*, 7.<sup>a</sup> ed., pp. 165 a 172)

## MANUEL DA FONSECA

(N. Santiago do Cacém, 1911)

Como alguns outros escritores da geração neo-realista em que se situa, Manuel da Fonseca é acentuadamente uma vocação poética transportada para a prosa de ficção e, talvez por isso, praticando no género um rigor linguístico e uma contenção narrativa que justificam a qualificação de «classicismo» atribuída à sua obra, sem que se excluam dela a vibração dramática, a intensidade trágica do *fatum* e a frequente nota picaresca. O poeta e o narrador identificam-se, a tal ponto que se «torna impossível encontrar uma separação essencial entre a sua poesia e a sua prosa de ficção (elas interpenetram-se), como entre o seu conto e o seu romance, as personagens das suas narrativas e as da sua poesia» (Mário Dionísio). Nessa caracterização se enquadram *Aldeia Nova* (contos, 1942, 6.<sup>a</sup> ed. 1978), *Cerromaior* (romance, 1943, 4.<sup>a</sup> ed. 1976), *O Fogo e as Cinzas* (contos, 1951, 5.<sup>a</sup> ed. 1979), *Seara de Vento* (romance, 1958, 9.<sup>a</sup> ed. 1979), *O Anjo no Trapézio* (contos, 1968) e *Tempo de Solidão* (contos, 1973). Escritor alentejano, Manuel da Fonseca é exemplo de «um regionalismo muito peculiar que trouxe para a literatura, com verdade, a atmosfera típica das vilas do Alentejo, mas que a transcende pelo sentido simbólico, de transfiguração poética, com que esse regionalismo é chamado a exprimir uma visão generosa da vida» (Jorge de Sena). A visão generosa reflecte uma ideologia mas, por outro lado, exprime uma personalidade que na literatura intentou e encontrou o estilo poético adequado – o estilo que é o homem na sua natural respiração literária.

Valgato é terra ruim.

Fica no fundo de um córrego, cercada de carrascais e sobreiros descarnados. O mais é terra amarela, nua até perder de vista. Não há searas em volta. Há a charneca sem fim que se alarga para todo o resto do mundo. E, no meio do descampado, no fundo do vale tolhido de solidão, fica a aldeia de Valgato, debaixo de um céu parado.

Valgato é uma terra triste.

Saem os homens para o trabalho ainda a manhã vem do outro lado do mundo. Levam enxadas e foices e conhecem todos os trilhos, entre o mato, com estevas que são mais altas que duas vezes o tamanho do mais alto dos homens de Valgato. Tanto conhecem os caminhos que vão, sem desvio nem engano, até às herdades que ficam a léguas de distância, ainda com o sono e o escuro da noite fechando-lhes os olhos.

Não é de admirar. Zé Tarrinha tem uma mula que caiu num barranco de piteiras e vazou os dois olhos. Pois a mula nunca erra a casa e vai sozinha à fonte. Não é de admirar que os homens saíam ainda com o escuro da noite, e com sono, e vão sem desvio ou engano até às herdades.

O Venta larga, quando se fala que alguém se perdeu no caminho, diz sempre:

– A gente não precisa senão de saber onde põe os pés. O mais é cá disto... – e funga com ruído; alargando as narinas, aponta o nariz – o mais é cá do cheiro.

Por isso lhe chamam o Venta Larga.

Aí está que não é difícil um homem perder-se na charneca. É tão igual e monótona, rasa para todos os lados e para todos os lados deserta, que só o tino e, como diz o Venta Larga, o cheiro, são capazes de orientar. Para que serve ver? Anos e anos a olhar o descampado, os olhos cansaram-se de ver sempre o mesmo. A vista dos homens de Valgato é um sentido embotado. Há uma névoa cobrindo-a, mesmo de dia com o céu esbranquiçado e o lume do Sol tremendo no ar. E sem ver, ainda a manhã vem no outro lado do mundo, os homens, certinhos como a mula do Zé Tarrinha, andam léguas e léguas e vão dar às herdades. E de noite, sempre de noite, tornam para a aldeia, certos e direitos, com os olhos cegos do sono que volta. Certos e direitos que um homem não precisa mais que saber onde põe os pés.

E todos os dias assim: sair de noite, voltar de noite. Que a aldeia de Valgato é terra ruim cercada de carrascais. E fica no fundo de um córrego magoado de solidão.

Valgato é uma terra triste.

Maria Campaniça, quando era solteira, pensava todos os dias em fugir da aldeia. Era nova e tinha o rosto corado e um lenço de barra amarela. Subia a quebrada, sentava-se no cabeço mais alto à sombra de um chaparro e punha-se a pensar para que lado partiria. Mas o descampado, correndo sem fim por vales e outeiros, bravio, agressivo de cardos e tojos, metia-lhe medo. Maria Campaniça juntava os porcos e voltava à aldeia, à hora do entardecer.

Depois apareceu o Baleizão com conversas à noite, na soleira da porta. E o mesmo desejo continuou: fugir de Valgato. Comprariam os dois uma bécora e um bécoro e ao fim de algum tempo haviam de ter uma vara de porcos. Iriam vendê-los à feira de Cerromaior e aí ficariam a viver. Aí ou noutra terra, contanto que não fosse em Valgato.

Agora Maria Campaniça há muito tempo que vive com o seu homem. Quando quer saber os anos ao certo, conta o número de filhos. Tem cinco e o mais novo tem poucos meses. Portanto, vai para sete anos, que está com o Baleizão.

Uma noite, Maria Campaniça sonhou que era velha e morria sem sair de Valgato. Foi e contou à mãe. O rosto encarquilhado da velha franziu-se ainda mais na sombra do lenço:

– Que parvidade, moça! Então onde haveras de morrer?

Quando era nova tinha o rosto corado e gostava de ouvir falar do Zé Gaio. Agora ninguém sabia do Zé Gaio. Fora-se numa noite de estrelas, quando os homens cantavam uma toada tão lenta e desgarrada que até metia medo.

O Venta Larga, quando fala no Gaio, explica o caso nestas palavras:

– O Zé Gaio perdeu o cheiro da casa.

Mas Maria Campaniça sabe que não foi assim. E recorda a história do Gaio...

Quando os homens recolhiam a Valgato, acontecia às vezes ficarem de conversa no terreiro. Depois, porque a terra era sem fim para todos os lados e os homens se sentiam presos naquela prega de um cerro do fim do mundo, libertavam-se cantando. Zé Gaio ouvia com o rosto imóvel e o olhar distante. Em dada altura, o peito cheio de uma ansiedade que nem ele sabia, erguia-se e, sem uma fala a ninguém, partia por trilhos e carreiros de cabras até o cansaço o vencer. Ao voltar à aldeia era dia e trazia o rosto vincado de tristeza.

Uma tarde, já sem sol, quando os homens vindos da faina desciam das cristas dos cabeços, notaram que havia qualquer coisa de estranho em Valgato. Estugaram o passo. E perto olharam inquietos, poisando de leve as enxadas no chão.

Era uma forma de mulher com um vestido azul, colado, desenhando-lhe a carne. E tinha a boca vermelha e os olhos azuis e os cabelos loiros. Sorria. E andando oscilava as ancas torneadas, vivas, no vestido azul. E os seios tremiam a cada passo e levava os olhos de todos os homens de Valgato presos nos cabelos loiros, nas ancas e nos seios.

Depois viera um senhor, dono das terras do vale, e a mulher com ele, num carro, pelo melhor dos caminhos que sai de Valgato e a léguas dali entra na estrada real.

Os homens continuaram indecisos, com os olhos voltados para o cabeço por onde a mulher desaparecera. Só acordaram com as palavras da velha Carrasquinha. A velha dizia que aquilo fora uma aparição.

– ...Foi uma santa!

Entrou em casa, tirou do fundo da arca uma estampa e voltou.

– Olhem se foi ou não foi!

Todos olharam. Era uma Nossa Senhora vestida de azul, com os cabelos loiros abertos ao meio... E os homens ficaram mais tristes que nunca e, nessa noite, cantaram tão desgraçados como os presos às grades de uma cadeia.

Só um deles não acreditara nas palavras da velha. Tinha a certeza de que vira uma mulher. E quando a noite ia em meio – ainda os homens cantavam – jogou a manta para o ombro e partiu. Partiu e nunca mais voltou.

Por isso o Venta Larga dizia:

– O Zé Gaio perdeu o cheiro da casa.

Maria Campaniça recorda a história do Zé Gaio e sente ainda mais fundo o peso dos filhos e da solidão que enche o vale. Ela também quisera partir quando era solteira e mesmo depois de viver com o seu homem. Quisera partir... Agora sonhou aquele sonho: morrer de velha em Valgato... As palavras da mãe aí estavam

– Que parvidade, moça! Então onde haveras de morrer?

Aí estavam as sombras da noite chegando, estirando-se pelas encostas

dos outeiros, cada vez mais compridas, mais tristes. E os casebres da aldeia mergulhando na noite. Uma maré cheia de solidão crescendo, afogando.

Um rebanho badalava chocalhos... Maria Campaniça quando era nova também ia para o montado com uma vara de porcos. Olhava, dos cabeços, a planura sem fim. Depois viera o Baleizão com conversas, à noite, na soleira da porta. Vieram os filhos e Maria Campaniça sonhara que morria velha sem sair de Valgato. Zé Gaio andava ao acaso por terras melhores, senhor da sua vida. Estava em todas as feiras, gozando todas as horas como melhor lhe apetecesse. E iria para aqui ou para além segundo a vontade. Vida boa... Maria Campaniça quando era nova tinha o rosto corado e um desejo enorme de abalar. Agora tem um filho nos braços chupando-lhe o seio e, perto, dormem os outros na enxerga.

Lá fora a noite fechou-se. Valgato fica mais longe do mundo, mais longe do mundo. E o medo de que o sol nunca mais volte aperta o peito dos homens. Noite, noite.

Maria Campaniça tem os olhos presos nas cinzas da lareira. Entra pela casa dentro a voz desgraçada dos homens cantando. É uma toada igual, arrastada como a planície áspera de tojos e cardos. Os olhos de Maria Campaniça estão cheios de água. Veio-lhe a certeza de que não sairá da aldeia e que, um dia, quando for velha, hão-de cobri-la de terra e pôr-lhe uma cruz em cima. Duas lágrimas caem sobre a criança que lhe chupa o seio.

No terreiro, os homens cantam a desolação que vem de noite e lhes aperta o peito. Vozes arrastadas como o vento gemendo num pinhal. Choro, mágoa, raiva. Que a aldeia de Valgato é uma terra triste. Cercada de carrascais e sobreiros descarnados, não tem searas em volta. Tem a planície sem fim que se alarga para todo o resto do mundo. E, no meio do descampado, no fundo do vale tolhido de solidão, fica a aldeia de Valgato debaixo de um céu parado.

Valgato é terra ruim.

(De *Aldeia Nova*, 6.<sup>a</sup> ed., pp. 9 a 17)

## FAURE DA ROSA

(N. Nova Goa, 1912)

Iniciou a carreira literária em 1932 com a publicação de breves narrativas novelísticas em jornais e revistas; mas só a partir de 1945, com o romance *Fuga* (2.<sup>a</sup> ed. 1977), marcou uma presença definidamente caracterizada na moderna literatura de ficção, confirmando-se na sequência de romances posteriormente editados: *Retrato de Família*, 1952; *Espelho da Vida*, 1955; *De Profundis*, 1958, 2.<sup>a</sup> ed. 1974; *Escalada*, 1961; *As Imagens Destruídas*, 1966, 2.<sup>a</sup> ed. 1975; *O Massacre*, 1972; *Adágio*, 1974, bem como na colectânea de contos *A Cidade e a Planície*, 1962, onde associa à sua predominante temática citadina alguns quadros representativos de vida rústica. Narrador e analista de situações de crise e conflitos psicológicos na burguesia urbana, é nas determinantes sociais que lhes situa as raízes e as essenciais significações. A sua obra ganha assim um incisivo sentido de testemunho da decadência de certos estratos da sociedade portuguesa na época que retrata. Sendo o primeiro romancista da sua geração, na corrente neo-realista, «que se esmerou em desenhar os aspectos domésticos dos conflitos mais típicos, Faure da Rosa alargou o escopo do seu romance de família em dimensões simultaneamente mais íntimas e socialmente mais amplas» (Óscar Lopes). Nos seus últimos livros assinala-se uma renovação de linguagem e de estrutura diegética (v. g. *O Massacre*), reveladora de características tendências da novelística contemporânea.

Após o jantar, andam de roda de Lisa: André, Lúcia, Celso e Dalila. Tentam persuadi-la a que os acompanhe ao cinema. – «Vão vocês. E tu, Lúcia deixa-me uma pastilha para dormir.» Mas chega o Fausto que aceita ir, já fazia tenção, dirige-se à Lisa – «Preciso muito de falar contigo» –, pelo que a Lisa cede. Dá conta de que se alinda, se pinta e se adorna com a mesma se não maior calma do que antes, como se nada se houvesse passado e nada se estivesse para passar. Alegrementemente, seguem os quatro, à frente, o Fausto e a Lisa um nada distanciados, ouvem o André rabujar: cortaram-lhe o artigo todo, não falava de guerra de África, nem da greve, nem dos petardos, apenas uma referência ao negócio da droga onde a própria C. I. A. está envolvida. O Fausto ainda não disse nada. E o que tem para lhe dizer decerto se não refere ao emprego, por isso Lisa lho faz lembrar – «Preciso de arranjar trabalho. E um quarto.» – «Uma amiga da Marina, a Raquel, uma moça porreira, ofereceu-se para te enfiar no crediário. Como é amiga da chefe, começas já a vender e só depois, se te interessar, frequentas o curso de vendas a que obrigam toda a malta que entra de novo.» – «Para me dizeres isso escusavas de me arrastar ao cinema.» O Fausto pára, enfrenta-a, os olhos levemente esbugalhados, aperta-lhe o pulso. – «Façamos a experiência. Vem viver comigo. Se tens problemas, não dormimos juntos.» – «E eu resolvia a questão do quarto.» – «Preciso de ti. E tu de alguém que te ajude.» Recomeçam a andar. O cubo luminoso, sobre a porta do cinema, com as arestas móveis mercê das lampadzinhas que se acendem e apagam umas atrás das outras faz rebentar uma grande e mais viva claridade sobre o passeio e sobre as pessoas. Sondam-se, a Lisa

e o Fausto: – « Às duas por três passavas para a minha cama.» – «Acho que isso só podia acontecer se tu o quisesses.» – «E quando é que a gente faz só aquilo que quer? Diz lá como é isso da Marina. Que é que tenho a fazer, para já?» – «A Raquel e a Marina encontram-se, amanhã, no Toldo, às três horas. Aparecias também.» O azul e o vermelho dos anúncios vão colorindo os rostos, a seta pisca-pisca, direita à montra da salsicharia, recomenda frangos assados, e na montra amontoa-se a profusão de enchidos, queijos e frutas raras. As pessoas esbarram aqui e além, cruzam-se, mal se encaram, os moços cabeludos, de blusões, como o Hugo, as moças de mini-saia ou calças e as farripas escorridas ao longo das costas, como a Lisa; a montra de electrodomésticos, a da loja dos brinquedos, os carros que deslizam e adiante param em fila com os muitos pares de olhos vermelhos a luzir, o cenário quotidiano que enche o caminho para o cinema ou para o apartamento do André e da Lúcia. O André, de braço estendido para eles: – «Vocês aí! Vêm ou não?» Mais grupos de moças e moços cavaqueiam, os rapazes enfiando os polegares nos bolsos ou nos cós das calças, as raparigas alisando as melenas. Celso, que estava na bicha, acerca-se, levanta ao ar os bilhetes – «Já começou. Vamos.» Renques de bolos coloridos enchem a montra da pastelaria. Entram. Pendem do tecto esferas facetadas que lançam reflexos débeis, Lisa mira-se ao espelho – bonita, bem vestida, bem realçados o busto e as pernas – e, triste e curvado, o Fausto mira-se também, alisa os cabelos. Sentam-se lado a lado. Enquanto correm as actualidades o Fausto leva o tempo todo a observá-la. As primeiras imagens do filme começam, o genérico sobrepondo-se, e Lisa volta a cabeça, cicia: – «Vá, Fausto, dá atenção ao filme.» Das palavras e do olhar de Lisa desprende-se uma ternura que desagrade ao Fausto porque lhe parece completa ou demasiadamente maternal. As imagens incitam as pessoas a imaginar-se no princípio do século, um cais, os bares, o jovem que, vê-se logo, vai ser o herói, belo e forte, Lisa compara-o ao Hugo, depois ao Fausto, há muito percebe que é amada, seria tão fácil e cómodo mudar do apartamento para o quarto do Fausto, ser a moça do Fausto, mas chegar ao meio do mês sem dinheiro, pedi-lo emprestado ao André ou ao Celso, pagar, tornar a pedir, para tornar a pagar e tornar a pedir, isto indispõe os ânimos, predispõe ao duelo, às implicações domésticas. Jeremias Johnson comprou o cavalo e a mula, sobe a montanha, grande, extensa como a vida, moço, belo e forte como o Hugo.

Hugo põe o disco. Começa a despi-la. Todas as luzes acesas. Quando a tem nua despe-se também, colam-se um ao outro, embalam-se no ritmo lento da música, Hugo abre e fecha os

olhos, Lisa mantém-nos abertos, concentrada nas sensações. Passiva, feliz, primeiro, revolve-a de súbito o furor que lhe nasceu no útero, lhe liberta os músculos, e palpa o Hugo de alto a baixo, de alto a baixo o beija, o morde, o devora.

A cavalo, galgando passo a passo os penhascos, Jeremias Johnson ganha as alturas. Em grande plano o azul estriado das pupilas que perscrutam a vastidão dos horizontes, a montanha: branca, aqui e além manchada do escuro das rochas ou da vegetação. O ribeiro. O índio, figura feita de pedra, fixa em Jeremias o seu rosto agreste de hostilidade e

Hugo roja-a sobre o sofá, morde-lhe o ombro, os seios. O disco chegou ao fim, range, pára de ranger. O tique-taque do relógio, Hugo a sorver-lhe a carne, cheio de fervor, Lisa a sorver-lhe a carne, cheia de fervor. Desfazem-se todos os ruídos, só o movimento de vaivém, o divórcio do mundo, a ausência do lugar, de si própria, o transe, o paroxismo da alegria, da ternura, do encantamento. Depois o grito como um salto sobre a vida. A paz feliz.

No gelo, o morto, sentado, de olhos fixos, espingarda assestada. Johnson arranca-lha. Lisa volta-se para o Fausto: integrou-se na história, absorto, ou pode ser que pense nela, a sonhar que a roja sobre o sofá, lhe sorve a carne impetuosamente. Johnson desvenda a montanha, vasta e densa de arvoredo, ou nua como um deserto. Na barraca do velho caçador, Johnson vê, aterrado, o urso a correr-lhe ao encontro. Ouve-se o rugido e de seguida o tiro. Johnson abateu a fera. Lisa descobre de repente que o moço belo e forte procura na montanha o que ela própria procura na vida: o encontro consigo própria na solidão.

A mamã acaba de lhe pôr o fato de banho. Lisa corre na direcção do pai. Ele espera-a de braços estendidos, toma-a e mergulha-a nas ondas. Lisa cospe a água, quase sufoca, mas ri, agarra-se muito ao pai, feliz porque o mar lhe parece medonho e hostil e sabe que o pai a defende do medo e do perigo.

Entreabrindo a porta do quarto, Lisa avança em passos leves, cheia de sobressalto. Sobressalta-a mais a postura da mãe, de angústia e ansiedade. Os braços do pai, hirtos, ao longo do corpo, os olhos abertos, fixos em Lisa, fazem-na recuar até à parede. Sem desfitar o cadáver, a mãe levanta-se, lança a mão como quem lança a bênção e cerra-lhe as pálpebras. Lisa compreende. Então o espanto e o medo amarram-na à parede. Ficou uma estátua.

Hugo está a businar, Lisa já o viu, parou do outro lado do passeio, espera uma aberta, atravessa, senta-se, a expressão do Hugo (por certo a dela também) revela o júbilo do encontro inesperado. Dizem ambos ao mesmo tempo: – «Teve piada.» E Hugo: «Vamos festejar!» – «Em casa?» – «Em casa.» Hugo põe o disco. Começa a despi-la.

Johnson destapa a índia, vê-se-lhe o princípio dos seios, Johnson diz «Oh! meu Deus!», as luzes acendem-se, INTERVALO, o André, a Lúcia, a Dalila e o Celso levantam-se. – «Vocês vêm?» O Fausto: – «Nós ficamos.» Pergunta à Lisa se está a gostar. – «Sim. Engraçado: há pouco julguei-me identificada com ele. Quando afinal sou precisamente o oposto, incapaz de procurar o encontro com a vida. Espero sempre que a vida venha ter comigo. Desde pequena, precisei sempre de muletas. O meu grande esteio foi o pai. Depois, a recordação dele. Depois, o Hugo ajudou. Agora, a recordação do pai aviva-se. Em cada um de vocês, não consigo ver mais do que a sombra do que essa recordação representa para mim.» De olhos tristes, levemente esbugalhados, o Fausto lamenta-se: – «Ainda me cheguei a convencer ou a esperar-me que viria a significar para ti mais do que a sombra de um estímulo.» – «É justamente o estímulo que me falta. Encontrar algo que me prenda à vida sem que seja necessariamente o sentimento.» – «A nível ideológico?» – «Eu sei lá. Talvez. O marxismo começa a tomar o aspecto de receita. Tu, ao menos tens essa esperança. A vida, para ti, vale essa esperança.» – «Estás errada, pá! Para muitos, a ansiedade política toma essa forma religiosa de realização pessoal, subjectiva. Ou objectiva. Para mim, não. O marxismo é qualquer coisa necessária, que é fundamental efectivar, e é a partir dessa efectivação que é legítimo que as pessoas busquem a realização pessoal.» As luzes apagam-se, regressam as imagens ao écran. Lisa fala baixo. – «Neste momento

que é que te leva a gostar da vida?» – «Não sei se gosto da vida. Ou se gosto no sentido que lhe estás a dar. Estou pronto a renunciar a ela por qualquer coisa que constitua ou venha a constituir uma participação útil para os outros.» Alguém das filas de trás os manda calar. Lisa baixa mais a voz. – «Mas neste momento sentes-te preenchido por um desejo: o de que eu viva contigo. Isso é muito importante para ti. Falta-me essa qualquer coisa muito importante. Sinto-me fisicamente atraída para ti e é tudo.» – «Então porque te obstinas em não querer viver comigo?» – «Já te disse. Não me preenches coisa nenhuma. E a vida a dois é complicada. Principalmente quando economicamente as condições não chegam ao mínimo indispensável.» Mandam-na calar com mais veemência. Lisa cicia: – «Sabes o que me aguenta? O instinto de conservação.» E ficam por fim calados a olhar para o ‘écran’. Johnson, a índia e o garoto arrastam grandes troncos de árvores, constroem a casa. Há momentos bons, trocam sorrisos afectuosos. Brincam. Riem. E brincando e rindo, bulham. Com a armadilha para os peixes, a carabina para os búfalos, para as renas e para as aves, lutam, granjeiam a subsistência. Johnson encontra na montanha aquilo que porventura teria encontrado nos lugares donde fugiu: a amarra familiar. Que, volvidos dias, o massacre dos índios desfará para sempre: Johnson enterra a índia e o garoto e parte de novo.

Manhã cedo. Lisa, acordada, chora. Dia dos anos. Quando o pai era vivo, ia ele acordá-la. Arranja-se à pressa. Sai. Sensação, hoje mais acentuada, mais desencorajante: a multidão é o mundo hostil – e já não tem a mão do pai que a defenda. Há o padraço, o ramo de flores, o beijo, «estás uma mulherzinha», a voz da mãe: – «Não agradeceste as flores, rapariga.»

Tão lesto e rápido como um lobo, Johnson salta, voa sobre cada índio, vibra-lhes golpes mortais: a destreza, a astúcia, o ardor e o prazer da vingança. A canção dolente do índio diz «O caminho que segues é o caminho que escolheste. Se parares, perdes.» Quem obrigou Lisa a escolher? Porque ela não escolheu. Quem lhe há-de dar a liberdade de não parar para não perder? O que é ganhar? Ou perde-se sempre? Terá de decidir entre estender a mão ao Fausto ou repudiando-o mergulhar na solidão onde não se encontra a si própria. A vida amarra-a a esta alternativa – e chama a isto liberdade. Johnson, perseguido e perseguindo, fixa-se na montanha. O rasto que deixa é a lenda: há na vida qualquer coisa a alcançar.

Hugo, Fausto, Lúcia, André, todos alimentam essa lenda e dela se alimentam. A imagem de Johnson imobiliza-se no 'écran', a mão estendida a saudar cada um dos que acabam de ouvir a sua história. As pessoas levantam-se, regressam à sua própria realidade, aglomeram-se junto às portas de saída. No átrio, Hugo espera-os. Lisa conclui que se teriam encontrado no intervalo. Em defesa da qualidade do filme, o André dirige-se ao Celso – «Gostei, caramba!» – e o Celso desdoura-o – «Não traz nada de novo, pá.» – «E tu a dares-lhe com o novo! Alguém diz alguma coisa de novo?». Interrompendo-os, Hugo dirige-se a todos, mais em particular à Dalila – «Sempre querem ir?» O Celso abeira-se – «Acho a ideia porreira» – e, trocando os olhares, o André e a Lúcia encolhem de leve os ombros e logo, num repente, o André puxa a si o Fausto e a Lisa, mantém-nos abraçados, um de cada lado, fita-os alternadamente – «Combinámos ir a uma 'boîte', venham daí!» Recusa de Lisa que pede a chave à Lúcia, precisa de dormir. – «Distraías-te.» – «Distraíam-se vocês. E tu, Fausto, vai também.» Prefere não ir, o Fausto. Ninguém insiste, a Lúcia dá a chave à Lisa. O Celso: – «Tá descansada, não fazemos barulho quando entrarmos, deita-te na cama, ficas tu com a Dalila e durmo eu no colchão.» Entusiasma-os a expectativa de uma noite de farra, «Chau», ouve-se em coro – *Ciao!* Assim cabemos todos no bólido do Hugo!», grita o Celso já distanciado. E o Fausto e a Lisa tomam o caminho devagar: «Certo como dois e dois quatro, ocorre a todos que, ambos sós (o Fausto e a Lisa) irão agora direitos ao apartamento fazer amor.» Talvez o Fausto tenha a mesma sensação ou pense talvez que o acaso os deixou sós para que se dêem um ao outro. E se ela se lhe entregasse? A voz do Fausto traduz a inquietude dos que se julgam no ponto culminante, quando as palavras são decisivas para alcançar o fim em vista – «Compreende que é tudo simples e que complicas a coisa. Sentes-te fisicamente atraída mas não te preencho coisa nenhuma. Escuta, não te preencho porque, como tu própria o disseste, a realização sentimental não representa a grande ou a única razão de viver. É apenas uma maneira de viver.» – «Dispensável, acho eu.» – «Necessária.» – «Como experiência.» – «Como experiência, se assim quiseres.» Lisa encara-o, um tenuíssimo formigueiro sobe-lhe das coxas ao sexo, perturba-a. De perturbada que está, dobram-se-lhe os joelhos, o peito arfando, pára defronte da montra da casa de brinquedos. O Fausto tomou-lhe o braço. A mão ferve-lhe. Liberta do Hugo, liberta de qualquer preconceito, nada a impede de ceder aos impulsos. Apoia as costas ao peito do Fausto, volta para ele o rosto: Fausto compreendeu. De arregalados, os olhos parecem crescer. Cresce ele para Lisa e aperta-a no jeito de serena segurança de

quem se apossa. Prosseguem o caminho. No elevador, Lisa ressentida o que sentiu anos atrás quando subia para o apartamento do Hugo. Abre a porta, entra, espreita a expressão do Fausto, fitam-se olhos nos olhos, começa Lisa a despir-se. Nua, só a trusse lhe cobre o sexo e as nádegas. Ofegando, os seios sobem e descem, redondos e hirtos, coroados pelas duas rosetas muito vivas e os bicos eriçados. Fausto esmaga-lhos com a boca avidamente. E avidamente, no desesperado delírio do prazer, se rojam um contra o outro. Num primeiro impulso de submissão. Lisa abandona-se. Mas revolve-a depois um furor que lhe nasce no útero, se expande pelo corpo, pelos peitos, pelos braços até às mãos, e afaga-lhe o sexo, palpa o Fausto de alto a baixo, de alto a baixo o beija, o morde, o devora. Inerte, prostrada, segundos após o orgasmo, pressente que lá, não se sabe onde, ou onde costumam tomar forma infernal os sentimentos infernais, dessa região profunda e indeterminável de si mesma, uma ideia envenenada começa a nascer: sem o amor cego da paixão, impelida apenas pelo desejo, veio para a cama com o Fausto. Os lábios do Fausto percorrem-lhe o pescoço, os seios, o ventre. Lisa acaricia-lhe os ombros, paralisam-se-lhe os dedos, e, cerrando muito as pálpebras: – «Apaga a luz de cima, fere-me a vista», entrega-se passiva às mãos que lhe apertam os seios, o ventre, o sexo; retrai-se. Fausto estuda-a. Acende o candeeiro da mesa de cabeceira, apaga a luz de cima, estuda-a. Lisa levanta-se, dirige-se ao ‘living’, regressa já vestida, e, enquanto o Fausto se vai vestindo vagarosamente, compõe a cama, alisa as fronhas, a colcha, pede-lhe que lhe dê um cigarro e dirige-se outra vez para o ‘living’, onde pouco depois o Fausto a encontra semi-estendida no sofá a fitá-lo, meio confusa. – «Em pequena, gostava de bonecas como de pessoas.» Vê-o acender o cigarro, esbugalhar de leve os olhos como se tentasse desvendar-lhe os pensamentos: – «Eu passava a vida a desejar comboios eléctricos.» Lisa sorri: tem pena do Fausto. Que decerto compreendeu tudo porque está triste. – «O teu pai nunca te chegou a dar o comboio?» – «Nunca.» Lisa esmaga o cigarro. – «E a tua infância, como foi? O desejar comboios?» – «Sim, Desejei sempre coisas que nunca obtive.» – «Odiavas os teus pais?» Baixa e levanta as pálpebras, enfrenta-a: – «Bem vês!: é difícil saber se o que imagino hoje que senti quando era criança corresponde ao que realmente sentia. Mas creio que fui sempre como sou hoje: não responsabilizo as pessoas, odeio os conceitos que levam as pessoas a maltratar-nos. O pai estava convencido que, educando-me na linha dura, faria de mim um *homem* à sua imagem e semelhança.» – «Bom. Dá-me um brandy e vai-te embora. Amanhã é dia de trabalho.» Fausto bebe o brandy, reenche o cálice e oferece-o a Lisa. Compõe a gola da blusa, abotoa o casaco, traça o cachecol. –

«Chau, moça.» – «Chau.» Lisa sorri de novo, penalizada. Junto do elevador, fita-o: – «Desculpa ter-te mandado embora, mas preciso de dormir.» – «Eu também. É tarde. Chau.» – «Chau.» Quando leva o dedo ao botão de comando, o suspende e a fita, Lisa teme que ele se deixe resvalar para o drama. Mas não. É só na íris escurecida que se espelha o que lhe vai dentro e o devasta. O bastante para a arrasar. O arranque do motor estrondeia o seu urro de máquina e o elevador desce.

(De *Adágio*, pp. 57 a 67)

## JOSÉ MARMELO E SILVA

(N. Paúl, Beira Baixa, 1913)

Numa sequência desigual, em tempo e no tocante à satisfação das expectativas despertadas pelo seu primeiro livro, construiu o autor uma obra que se demarcou com forte individualidade na nossa novelística contemporânea. De *Sedução* (1937, 4.<sup>a</sup> ed. 1972) disse Adolfo Casais Monteiro que é «uma novela com qualidades nada vulgares na nossa literatura [...] num ambiente de realidade fortemente expressa em dedadas brutais que desnudam». De *O Sonho e a Aventura* (1943, 2.<sup>a</sup> ed. 1965) escreveu Urbano Tavares Rodrigues que «é um livro de novelas em que se patenteia com impressionante frescura e desgarre a vocação de narrador expedito e exacto no contorno das figuras». E *Adolescente Agrilhoado* (1948, 3.<sup>a</sup> ed. 1967) é, segundo Mário Sacramento, «o mais belo romance de adolescência que até agora se escreveu entre nós». Os mesmos e outros aspectos de constante maturidade literária, no domínio da narração e no da linguagem quente, incisiva e brusca em que se exprime, foram assinalados em *O Ser e o Ter seguido de Anquilose* (1968), duas novelas longas onde se esboçam, em quadros de realismo áspero, respectivamente as vivências de infância e juventude em ambiente rústico e uma problemática erótico-sentimental. *Anquilose* teve reedição ampliada em 1971. A «irregularidade» que por vezes foi apontada na obra de Marmelo e Silva (designadamente em *Sedução*) tem sido posteriormente entendida por outros como sinal de modernidade e abertura antecipada a formas narrativas actuais. E a continuidade temática será antes a confirmação da autenticidade textualmente explícita da sua obra – já que «é pela maturação de um conflito profundamente vivido que muitas vezes se cresce até à incorporação de um mundo largo de experiências e apetências» (Óscar Lopes).

Julinha tem grafonola – e canta como um pássaro primaveril. Marta levanta dinheiro no banco. Celeste guia automóvel. Cantam em conjunto. Riem em coro. Noémia impera.

Saem para toda a parte, passeio vai, passeio vem, a que horas poderei falar-lhes sossegadamente? Em casa dançam; dançam no campo. A alegria embriaga-as, excita-as, não param, não comem, desafiam todas as murmurações.

Displicente, atónito, vejo-as chegar, partir. Como proceder, como pensar? Cruzo por momentos os braços e observo-as inocentemente, como se voltasse ao princípio da minha vida. Nada sei. Que estranha filosofia me trará o seu tumultuoso conviver? Que estará além do muro desta euforia auto-suficiente? Persigo-lhes a sombra sem ser visto, analiso-lhes o rastro de olhos no chão. Sou caixeiro, praticamente da loja de Noémia, a quem dou contas, nada mais. Até quando a resistência do meu furor? Constato que as freguesas me entram pela porta dentro com mais assiduidade (este povo é muitíssimo curioso!) posto que as vendas tendam mesmo a estancar. Certamente por usar da crueldade de transmitir às atrasadas o recado revoltante de Maria Noémia: «Pagam, ou tribunal com elas!»

Ah, este advocacismo ! Expliquei a Noémia a crise duma povoação que não vive senão do ajoujar da agricultura: as lágrimas das mães, o contágio das crianças com a tuberculose voraz dos pais, o socorro urgente necessário, a orfandade, a cólera, sei lá!, quantas circunstâncias que são dor de alma e retalham todos os propósitos, – mas Noémia atalhou-me implacavelmente

– Isso não se cura com esmolas. Quem jamais se apiedou de nós? Esses que nos deviam, menino, são os mesmos que escarneceram de teu pai. São os mesmos que assaltaram a quinta, à sombra das ameaças dos credores. De resto, estava eu a secar-me do outro lado com trabalho, para vocês distribuírem fazendas aqui pelas aldeias! Como te pode caber uma dessas na cabeça?

Vestida de calças masculinas, traçou a perna, puxou, como por hábito, dum cigarro:

«Ouvira bem? Fiados, nem um real!»

O advocacismo tem argumentos, tem leis. No poder, ou na oposição, o advocacismo interpõe-se, agarra, esbulha. Vejam-no em arengas públicas: advoga um socialismo urgente, arroga-se o exclusivo de gritar, de candidatar-se, de vencer. Porém na vida prática, que faz? Esquecido de todas as necessidades do povo, sem planos, sem sacrifícios, ei-lo ao serviço do capitalismo mais sórdido, mais inumano, menos social. Justiça? E vê-la? Tudo retórica, até talvez as minhas próprias palavras! «Nada se remedeia com esmolas? E então?»

Por outro lado, como compreender Noémia, mesmo do ponto de vista religioso? O estado sentimental duma adolescente incomoda-a até às lágrimas; os lares de pai ou mãe inválidos, sem subsídio da lei, sem crime para ninguém, endurecem-na como cimentação. Quer dizer: há sensibilidades que só se derramam por compartimentos, como a água pelos tabuleiros de rega. A inclinação torna-se necessária.

Anoto, desorientado, uma série de futilidades elucidativas.

Marta, por medo dos ratos, dorme com Noémia.

– Medo,?! – intervenho – Que ideia!

– Não é medo, é impressão... Bole-me com o nervoso. Na primeira noite, um rato enorme não me andava a lambar a chávena?

Celebrámos todos três a pilhéria deste «rato enorme».

Noémia admoesta-me

– Tu namoras a Laide. Vi-a ontem: é um amor de criança.

O meu pensamento riscou orgulhosamente:

«É um amor de mulher... »

– Para um leviano como tu!

Entupi. «Leviano?! Serei eu assim leviano como dizes?»

Estes pequenos episódios desenrolavam-se de dia para dia, de momento para momento, num crescendo de imprevisto que chegava a tolher-me os movimentos defensivos mais legítimos. Quantas vezes ficara eu amesquinhado e de rosto receoso, contraído!

Marta, durante o chá, servindo-se uma vez desses pequenos bolos de espuma

de ovo chamados familiarmente «suspiros», mal levou um à boca, atirou com ingénua malícia:

– Suspiro pela Julinha!

Levando outro:

– Suspiro pela Celeste!

Ao terceiro, inclinando-se para Noémia com meiguice extrema que lhe pôs nos olhos um brilho liquescente extraordinário, murmurou:

– Suspiro pela Senhora D. Noémia, – ao cubo!

Noémia escrevia em revistas femininas, eu presumia-o, tendo a seu cargo, numa delas, o «consultório sentimental». Certa vez, sem que seja meu hábito espreitar, surpreendi-a no corredor a ler um manuscrito a suas pupilas:

«– Aquela rapariga da Figueira, conforme noticiaram os jornais, foi uma vítima da sedução dos homens. É santa e mártir: porque diante da desonra preferiu morrer.»

Noémia tremia, horrorizada. Tornava a viver a tragédia, transmitiu-a a suas amigas. Percebia-se, lá donde emergiam as suas palavras, uma intenção muito firme e decidida.

Segura de que nenhum homem assistia à sua representação, infinitamente triste, acentuou:

«– Alerta, meninas católicas, não se deixem iludir pelo capuchinho vermelho de namoros aparentemente inocentes. Reparem que monstruosidades tamanhas são capazes de cometer os homens! Um noivo atrai a sua própria noiva a uma cilada vil. A infeliz cessa de lutar, quando tem caído extenuada. Pois nesse momento cobarde, (ó céus, que não desabastes sobre a terra negra!) o tirano conspira-a, arrasta-a *canibalescamente* para o automóvel e proporciona-a como *repasto* aos seus amigos!»

O nervosismo de Júlia era excitante. Celeste compunha com o lençinho o borbulhar dos olhos. Desde aí, todas me olhariam com desconfiança, com desprezo, com náusea... Mas eu andava nessa hora com uma fleuma verdadeiramente britânica, pensei: «As minhas mulheres sublevam-se!»

Caminhei para elas despreocupado, desejaria encará-las frente a frente; entretanto o pano, sobre aquela encenação, ainda não caíra. O paroxismo atingiu Noémia, que já não deu por mim. Numa onda de revolta, ergueu repentinamente o busto magro, vestido de negro, e, rígida como eu nunca a vira, tombou nos braços solícitos de Marta. Júlia, Celeste acudiram-lhe, na minha presença, com as suas

carícias desajeitadas. Tive também a tentação de desmaiar, mas não com aquela língua negra à dependura escorrendo baba...

Que horror!

Para gáudio e celebração, comprem bombons e ponche. Gostam de ponche, que tenho eu com isso? Não as vejo bebê-lo, mas dizem-no diante de mim, à mesa:

– Ontem, quatro garrafas que entornámos! – Pequenas, não foi muito! – aplaudo.

E rejubilam:

– O sr. também gostava, ai não? Vejam lá!

Outro dia passava na rua um cão com o seu dono. Coisa banal... Um rafeiro e um rapaz. Brincavam, acariciavam-se mutuamente como irmãos. A preceptora blagueou para Marta:

– Há alguma diferença entre eles?

A discípula, embevecida:

– Não parece... – e mostrou o canino sobreposto.

Eu, que, repelindo a afronta ao sexo forte, me mostraria quixotesco ou trivial, satisfiz a douta expectativa:

– Há uma diferença: o cão é fiel.

E ambas me acharam uma graça infantil.

Provocava eu próprio as humilhações? a zombaria? Fui arrastado para o inverosímil: transferir-me eu mesmo voluntariamente para o campo mental em que elas se agitam e procuram viver. Aconselhar Noémia? Seria o mesmo que pedir à Lua que nunca se vestisse de quarto minguante. Noémia repudiaria em absoluto, ingratamente, a minha compaixão, o meu auxílio. Pelo contrário: era ela até quem me hostilizava com a insistência dos seus conselhos sobre casos meramente pessoais. Comecei a repontar-lhe. Porquê não olhava para ela? Surpreendida, quis imediatamente dominar-me:

– Eu desconheço-te, Eduardo! Terás tu descido ao nível desta gente? Terás esquecido?...

– Basta! – interrompo-a grosseiramente, batendo a mão na mesa.

Tínhamos acabado de jantar, Noémia levantara-se e preparava-se mais uma vez para despejar sobre mim um acumulado de impropérios, ao fim dos quais, sem dar tempo sequer de defender-me, arrastava Marta abraçadamente (pobre Marta!) e com ela deslizava corredor fora praticando as lamechices do costume.

Desta vez hostilizei-a:

– Em primeiro lugar, que entendes tu por «nível desta gente»?

Noémia pretendia esquivar-se, com determinada mímica ou o que quer que emitia entre-lábios para a discipulazinha.

– Decerto não falavas do nível higiénico, nem económico! – desafiava-a.

Mas Noémia continuava a arredar-se da minha decisão. Eu tinha de enervá-la, de prendê-la pelo insulto ou pela violência:

– Tomaras tu viver moralmente no mesmo nível!

– Olhem como ele está hoje bem educadinho! Querem ver? Mas porquê, ora porquê, menino, diga lá!

– Porque esta gente não tem uma... *duplicidade* de vida!

– Duplicidade de vida? Que me dizes tu?!

Um pouca intimidado, generalizei:

– Esta gente tem defeitos, tem sobretudo privações. Mas «nível» moral? A cidade está a perder o conceito de moralidade. As convenções sociais prostituíram tudo. Vós já não sabeis o que é nobreza de sentimentos, solidariedade humana, sacrifício pelo semelhante, nem sequer personalidade interior perpetuamente responsável.

– Palavras gastas e ocas e a cantiga do costume. Sabes o que é isso? A tua mania das leituras proibidas...

Protegi o rosto com as mãos à espera do insulto «...com o meu rico dinheirinho, ainda por cima!» Noémia, porém, susteve-se, e apenas lhe reapareceu nos lábios tensos a palavra «duplicidade!»

– Noémia – digo-lhe num apelo de conciliação – porque és assim um temperamento tão complicado?

– Complicado?! – surpreendeu-se. E, pensativa, revestiu-se de súbita modéstia:

– Não. Sou tão simples como qualquer outra.

Uma visível nuvem de tristeza e de silêncio cada vez mais profundo apoderou-se-lhe do pensamento. O círculo nocturno dos seus olhos aumentou. Pela primeira vez eu me senti vitorioso diante de Noémia. Cansadamente e suspirando, retirou-se derreada sobre Marta, e ambas se refugiaram no quarto, fechando-se, como tantas vezes, libertas duma acusação imanente.

«Quem sabe se ela quis apenas afastar a curiosidade? Se foi tudo defensiva simulação?» – ponderei.

Ouviam-se, entretanto, risinhos abafados. Sobre mim, sozinho, desceu imediatamente uma sensação de logro. Noémia, para me vencer, não precisou senão dum pouco de humildade, apesar de tudo disfarçada.

No entanto, o primeiro passo estava dado. Seguiam-se, é verdade, longas horas de abstracção, uma espécie de torpor que me tolhia toda a vontade e só as grandes dores eram suficientemente fortes para produzir. A este, outros estados de alma

se sucediam. Acudia-me por vezes um desespero inaudito contra a pureza física de Marta, desperdiçada; contra o abandono da pequenina Júlia, ardente; contra Celeste, leitosa e sobranceira, que eu sempre julguei capaz duma traição.

(De *Sedução*, 4.<sup>a</sup> ed., pp. 105 a 111)

## VERGÍLIO FERREIRA

(N. Melo, concelho de Gouveia, Serra da Estrela, 1916)

Licenciado em Filologia Clássica pela Univ. de Coimbra em 1940, é professor de liceu, primeiro em várias cidades de província, depois em Lisboa. Também contista (*Contos*, 1976), celebrizou-se como romancista, dos mais poderosos e originais da literatura portuguesa. Justifica-se a habitual divisão da sua produção romanesca em duas fases, uma neo-realista (*O Caminho Fica Longe*, 1943, *Onde Tudo Foi Morrendo*, 1944, *Vagão «J»*, 1946, 2.<sup>a</sup> ed. 1974, *Mudança*, 1949, 4.<sup>a</sup> ed. 1978, *Manhã Submersa*, 1954, 7.<sup>a</sup> ed. 1979) e outra existencialista (*Aparição*, 1959, 14.<sup>a</sup> ed. 1979, *Cântico Final*, 1960, 4.<sup>a</sup> ed. 1975, *Estrela Polar*, 1962, 3.<sup>a</sup> ed. 1978, *Apelo da Noite*, 1963, 2.<sup>a</sup> ed. 1978, *Alegria Breve*, 1965, 3.<sup>a</sup> ed. 1973, *Nítido Nulo*, 1971, 2.<sup>a</sup> ed. 1972, *Rápida a Sombra*, 1975, 2.<sup>a</sup> ed. 1979). Mas é já a partir de *Mudança* que se anuncia a segunda fase, aquela em que plenamente se afirma a personalidade e a arte do autor. Carlos é a personagem-fulcro que vincula a mensagem do romance através de suas evocações e reflexões; em contraste com Pedro, que, acomodando-se ao relativo de todas as sucessivas «certezas», não deixa de lutar pela transformação do mundo, Carlos exige o absoluto – essa verdade que só por momentos o invade e incendeia; a sua vocação empurra-o para o «intemporal». Em torno dele se constelam vivências e imagens-símbolos que vão marcar os futuros «heróis» vergilianos: «presença imóvel» da infância, a Natureza animizada, a solidão radical, a montanha vestida de neve, templo da paz intangível, e um enorme cansaço, porque tudo fora e dentro deles vai morrendo. É, porém, com *Aparição* que tem início, pelo achado duma técnica e duma linguagem, poética (impressionista-expressionista) e ensaística (no sentido existencial duma experiência profunda, vital), a parte mais autêntica e notável da obra de Vergílio Ferreira, moldada no romance-monólogo, confissão e perplexidade inquietas,

para lá de todas as respostas que a razão racionalista, desacreditada, possa dar. E nesse discurso que irrompe (se inventa) um passado de cujos fragmentos desarticulados a «história» se faz, sendo o narrar entrecortado por sensações (contraponto do presente) e «alarmes», revelações, na «totalização de si a si próprio». A grande interrogação que persiste, envolvendo o problema do homem, é de natureza metafísica; e a suprema verdade só se atinge nos momentos em que ele se cumpre como absoluto, seja pela, vertigem erótica seja pela exaltação estética ou pela fé num renascer (os tópicos do filho, dum novo livro) ou, às vezes, pela acção – acção em que se joga todo, como se cumprisse um destino. A obra ensaística de V. Ferreira explicita e, de certo modo, completa o pensamento que se busca e elabora, fremente, na sua ficção.

Assim foi que – valerá a pena contar? Passava os dias silenciosa. Girava pela casa e depois, quando já não podia justificar-se, sentava-se no seu banco e balouçava o busto direito, para baixo e para cima, para baixo e para cima. Ou fugia para a igreja, quando eu não dava conta e rezava aos gritos. Ou falava com a *Médor*, que era um cão tão velho como ela, de pêlo surrado, amarelecida do tempo. Nos últimos meses, como um estafeta, de minha casa para a de Águeda, filava-se ao destino dos últimos seres humanos plausíveis, unia-nos pela ligação invisível que nos unia, agora vinha ali, ao derradeiro refúgio, à derradeira memória dos homens. Matei-o há dias, por uma tarde desta neve eterna, amarrei-o a uma oliveira, abati-o com um tiro. Era um cão passadista. Metia-se pela casa dentro, logo que apanhava uma porta aberta, ia encostar-se a Águeda, eu corria-o a pontapé. Matei-o há tempos.

Águeda esperava, como é de ver, que eu me submetesse:

– Ao Padre na vila...

– Águeda ! Na vila só há mortos. Como o ignoras ainda?

E todavia, não bem por orgulho. O orgulho ou certa sua forma é um modo de não acreditarmos em nós. Acredito em mim com a força e a naturalidade da vida. Vou à vila e os cadáveres cheiram mal, pelas ruas. Então Águeda desistiu.

Mas o terror crescia nela. Crescia até aos olhos enormes, inchados de loucura. Dias inteiros, de manhã à noite, sem me dizer palavra e girando sempre ou balançando-se no banco raso, ou fugindo para a igreja, gritando do meio da nave.

– Um dia o telhado cai-te em cima. Está podre.

E se caísse? ó mulher morta, póstuma às eras mortas, sepultada no entulho, regressada enfim ao silêncio. E certo dia ela disse a palavra final:

– O Diabo. O Diabo. O meu pai diz que vives com o Diabo.

Oh, não, Águeda. Não vivo com ninguém. Em solidão perfeita.

– O Diabo!

Erguia o terço ao alto, gritava do escuro da igreja. Outras vezes, em casa, de manhã à noite, fugindo pelos cantos, passando as contas aflitas, em voz surda, e de vez em quando bruscamente em alta reza, baixava de novo em resmoneio surdo ou em palavras sopradas. Pela noite também, acontecia por vezes. Eu acordava, talvez do frio, sentada na cama, ela, passando as contas, passando as contas. Um dia não se levantou.

Quanto tempo ainda? Serenamente, uiva o *Médor* no pátio, serenamente venho até ela, trago-lhe os caldos, não me quer ver, põe a mão adiante dos olhos, espreita por cima, olhos reluzentes.

– Vou-te buscar um médico.

– Não não. Não, não

para baixo e para cima, o busto inteiro. E com efeito, pouco depois circulava já no giro doméstico, recosida de cólera e de medo. Um dia foi mesmo comigo à vila, aproveitei para a levar ao médico – para quê? ela estava condenada, postumamente viva, inexorável a lei. O médico disse: naturalmente, com aquela altitude. E o mais. Sim, pois, do coração. Mas nunca mais me quis acompanhar. De uma vez, íamos nós já a dobrar o monte. Eu caminhava sempre mais depressa, como é óbvio. E ao olhar ao lado, olhei atrás, ela ia já longe, de regresso a casa, encurvada para o chão. Porquê? Explicar um facto é sempre fácil, o importante é que o facto exista. Possivelmente o ver-se de caras com uma acusação, como quem traiu e é já do mundo dos traidores. Possivelmente é isto uma ideia imbecil. Houve tempo em que tive ideias, quando se discute com a vida e ela dá uma ajuda e discute connosco.

Algumas vezes, porém, esquecia-me de que o nosso encontro era o encontro forçado de dois náufragos. E então descobria nela uma via de acesso por onde me instalasse. Certa noite, folheava eu um álbum de fotografias, quando subitamente, Águeda jovem, o olhar limpo para o futuro, a alegria existe e a juventude perene e a sua dúbia face de força delicada. Rancorosamente, triunfantemente. Quadrada força, do touro, do deus que urra nas minhas veias. E violentei-a, violentei-a. Mas o homem não nasce. Ela tinha o rosto de lado e chorava com piedade sobre a ruína do seu corpo.

Até que um dia, já se tinha erguido, e repentinamente

– Jaime!

O meu nome. Gritado para o deserto da montanha, em cólera, em medo, em

súplica ao meu poder. O meu nome, quantas vezes o disseste, tão raramente, o meu nome. Sou eu, Jaime, pleno, inteiro, positivo. Sou eu, erguido entre a desolação deste Inverno, com todo o mundo por gravar na neve branca e sem fim. Corri para o quarto, foi do quarto que gritou? ela estava no chão, deitada de lado, um braço estendido até à mão crispada no vazio. Erguia-a devagar, uma súbita ternura nova por mim decerto, não por ti, pela minha memória perdida, pelo que em nós morre e se chora só porque morreu, pela imagem de um retrato meu antiquíssimo, pelo absurdo de tudo quanto foi estúpido e é belo porque já não existe, pelo aceno que é a ponte mais resistente do que nos comove, pelas flores pisadas e que nunca se amaram ou se pensa que nunca, pelas ruínas do que só como ruínas é belo para antes de ser ruína, pela amargura de tudo quanto fica de um triunfo, pelo sofrimento antecipado da conquista de amanhã, pela infância subitamente descoberta na plenitude orgulhosa do adulto, uma ternura doce, quente, estalando intensa. Ergui-a devagar, deitei-a devagar, ela fez um gesto, queria ficar encostada. Olhei-a então com quanto amor frágil ignorava em mim, olhei-a até ao fundo de quanta suavidade falava nela ainda por sob o seu corpo rapidamente envelhecido, triturado, escarnecido, oh, tanto. E um momento me pareceu que a onda cálida que se erguia de mim nela embateu e a banhou e se alargou por ela toda, fluida tepidez, apaziguamento final. Porque cerrou os olhos, respirou fundo. E eu pensei:

– Morre em paz. Reconciliada com a vida. Regressada ao aceno de toda a beleza antiga.

Mas bruscamente teve um arranco. Soergueu-se um pouco, atirou a mão em garra ao coração. Mas eu via-lhe era a face terrível, num esgar horroroso. Os olhos saltavam-lhe no jacto da cólera, a boca arreganhada, e os dentes, os dentes. Em terror e aflição, alucinada e trémula, em pavor. Queria dizer alguma coisa, inarticulada palavra na boca contorcida, abrindo e fechando, e a língua e a língua... Abrindo e fechando numa palavra, a última, a mais pura, todo o processo encerrado de uma vida, o último sinal, o signo, a revelação, a última, irremediável. E então quis ajudá-la

– «diz, diz» – e repetia na minha boca os movimentos da sua, e aproximei o ouvido, e ela disse enfim, ela disse, ela disse:

– Des... gra... ça... do...

– Merda! – disse eu, abruptamente, sem pensar.

Ela deve ter ouvido e entendido e sofrido, porque estacou de boca aberta, os olhos medonhos. E assim ficou. Para a eternidade, para todo o sempre dos milénios da terra, dos astros, para o grande silêncio da morte universal – assim ficou, no puro gesto do pavor e do escândalo e da admiração da minha poderosa e terrível divindade. Pus-lhe a mão na face, cerrei-lhe os olhos. Fui buscar um

lenço, segurei-lhe o queixo. Depois fui para a sala, sentei-me a um canto, acendi um cigarro. Uma paz estranha. Uma alegria imperceptível, como um halo, sobre uma vasta amargura. Deus, ó Deus. Como é difícil. O quê? Como é difícil. Um apelo oblíquo a um choro que não vem.

(De *Alegria Breve*, 3.<sup>a</sup> ed., pp. 325 a 330)

## MÁRIO DIONÍSIO

(N. Lisboa, 1916)

Inserida numa obra de poeta, de teorizador da renovação da nossa literatura em certa época fundamental e de ensaísta e crítico de artes plásticas, a criação novelística de Mário Dionísio [de Assis Monteiro], embora quantitativamente limitada, apresenta-se hoje numa dimensão histórico-literária que lhe dá pleno contorno de intenção e de realização. Quando escreveu e publicou o volume de contos *O Dia Cinzento*, em 1944, não movia o autor, segundo confissão própria, «a mínima ambição literária, mas outra, muito mais ambiciosa e mais ingénua, que era a de acordar naqueles que o lessem a consciência da injustiça social e a necessidade de agirem contra ela». No entanto o livro, então acolhido desfavoravelmente em quase todos os sectores, deixou marca profunda. Mário Sacramento afirmou que «a dialéctica interna à geração de 40 teve e tem no autor deste livro um dos seus marcos fundamentais»; Fernando Namora viu nele «quanto o neo-realismo dos anos 40 já anunciava as inquietas sondagens e até a subtileza arquitectural da literatura do presente»; e Cardoso Pires salientou que *O Dia Cinzento* se apresenta muito ligado à sua formação de escritor. Acrescentada com algumas narrativas escritas na mesma época da edição original, a colectânea foi reeditada em 1967 com o título *O Dia Cinzento e Outros Contos* e teve 3.<sup>a</sup> edição nesta fórmula (4.<sup>a</sup> em relação à inicial) em 1977. Entretanto, Mário Dionísio publicou em 1969 o romance *Não há Morte nem Princípio*, «esse inevitável, arriscadíssimo romance, um belo romance, um romance novo, complexo, perturbador», obra de «um moralista que se interroga acerca dos fins e dos meios» (Augusto Abelaira). Como se escreveu quando do seu aparecimento, este livro é também um inventário contidamente angustiado de vida irrealizada realizando-se, um desfilar de retratos em alusões alternadas que se encadeiam sem nunca se fecharem – um fio de vida no tempo árduo

da sufocação fascista, que vai decorrendo, denso e versátil como a própria vida experimentada, e organizando-se numa ordem experiencial que vem a substancializar-se na experiência do leitor. Apenas com esses dois livros, cada um com forte vinco de representação humana na sua época e cada um com peculiar estilo, fixou Mário Dionísio um lugar fundamente significativo na ficção portuguesa contemporânea.

## ASSOBIANDO À VONTADE

---

Àquela hora o trânsito complicava-se. As lojas, os escritórios, algumas oficinas, atiravam para a rua centenas de pessoas. E as ruas, as praças, as paragens dos eléctricos, que tinham sido planeadas quando não havia nas lojas, nos escritórios e nas oficinas tanta gente, ficavam repletas dum momento para o outro. Nos largos passeios das grandes praças havia encontrões. As pessoas de aprumo tinham de fechar os olhos àquele desacato e não viam remédio senão receber e dar encontrões também e praguejar algumas vezes. Os eléctricos apinhavam-se na linha à frente uns dos outros. Seguiam morosamente, carregados até aos estribos e por fora dos estribos, atrás, no salva-vidas, com as tais centenas de pessoas que saltavam àquela hora apressadamente das lojas, dos escritórios, das oficinas. Além disso, nos dias bonitos como aquele, as ruas da Baixa enchiam-se de elegantes que iam dar a sua volta, às cinco horas, pelas lojas de novidades e pelas casas de chá, para matar o tempo de qualquer maneira, ver caras conhecidas, cumprimentar e ser cumprimentadas, e só voltavam a casa à hora do jantar.

A multidão propunha uma confraternização à força. Era preciso pedir desculpa ao marçano que se acabava de pisar, implorar às pessoas penduradas no eléctrico que se apertassem um pouco mais para se poder arrumar um pé, nada mais que um pé, num cantinho do estribo, muitas vezes sorrir para gente que nunca se tinha visto antes e apetecia insultar. Os elegantes e as elegantes achavam naturalmente tudo isto muito aborrecido. Sobretudo a necessidade absoluta de seguir naquelas plataformas repletas em que não viajavam só cavalheiros, mas muitos homenzinhos pouco correctos e onde esses mesmos homenzinhos e

mulheres vulgares deitavam um cheiro insuportável. Que fazer, no entanto, senão atirar-se uma pessoa também para aquele mar de gente que empurrava, furava, pisava e barafustava até chegar ao carro? Que fazer senão empurrar, furar, pisar e barafustar também?

O carro seguia morosamente e repleto como os outros. Felizmente, ainda havia alguns homens correctos na cidade e algumas mulherzinhas que conheciam o seu lugar. Só graças a isso as senhoras que tinham arriscado os seus sapatos e os seus chapéus naquela refrega e alguns cavalheiros respeitáveis conseguiam sentar-se.

Nos primeiros momentos de viagem, as pessoas voltavam-se nos bancos, preocupadas, tentando ver se o marido, uma amiga, um filho, não teriam ficado em terra. Os que seguiam de pé ousavam dar um passo no interior do carro, a ver se teria ficado algum lugar vago por acaso. Havia logo protestos na plataforma. Depois as pessoas acomodavam-se o melhor que podiam, punham os braços no ar para livrar os embrulhos do aperto, fechavam bem os casacos e as malas onde levavam o dinheiro, o condutor puxava energicamente a cordão da campainha muitas vezes, lotação completa, e o carro arrastava-se em silêncio.

Os senhores respeitáveis, com compreensível e muda zanga dos companheiros do lado, começavam a desdobrar os jornais da tarde e a ler as notícias por alto. As senhoras, visivelmente mal dispostas, compunham os chapéus e as golas dos casacos. Tiravam os espelhinhos da mala e passavam tudo em revista: o chapéu, os cabelos, os olhos, os lábios. Era incrível. Uma tinha ficado com o chapéu completamente de banda, outra perdera uma luva na confusão. Depois guardavam os espelhos, acomodavam-se melhor, percorriam com os dedos os anéis duma mão e da outra, para ver se estavam no lugar, se estavam todos. Olhavam umas para as outras, muito sérias, como quem não repara em nada. Recuperavam pouco a pouco a dignidade que aquele despropósito da subida para o carro evaporara.

Nas curvas, as rodas chiavam nas calhas, debaixo do grande peso. Silêncio enfim – embora de vez em quando cortado pela campainha, quando alguém tinha a triste ideia de querer descer, pelo desdobrar dos jornais, pela voz dos populares, encaixados na plataforma da frente.

Tudo voltara à normalidade. A marcha do carro, a cobrança dos bilhetes, a separação entre as pessoas, que rigorosamente não conseguiam separar-se umas das outras um centímetro que fosse. E, assim, morosamente, por curvas e rectas, por ruas e praças, aquele carro cumpria o seu destino de acarretar gente e ser insultado, numa das várias linhas que ligavam o centro da cidade aos bairros relativamente novos, onde a separação entre a chamada classe média e as camadas mais baixas da população não fora ainda convenientemente estabelecida.

Em dada altura, porém, na plataforma de trás levantou-se burburinho. Protestos. Indignação. Cabeças voltaram-se no interior do carro. E viu-se um homenzinho a

empurrar toda a gente e a dizer que havia lugares à frente, que o deixassem passar. Em vão lhe asseguravam que não havia lugar nenhum, que não podia passar, que não fosse bruto. O homem empurrava e teimava que havia lugares à frente. Tanto empurrou que furou. Tanto furou que conseguiu entrar no interior do eléctrico, avançou e foi sentar-se num lugar de lado que estava efectivamente vago lá à frente, ao lado duma senhora por sinal opulenta.

Foi um espanto geral e silencioso. Ninguém tinha reparado no lugar. E menos que ninguém, como é fácil de compreender, a própria senhora opulenta. Todos os atrevidos têm sorte.

O homem, que usava um chapéu coçado e um sobretudo castanho bastante lustroso nas bandas, não se sentou propriamente. Enterrou-se no lugar, com as mãos enfiadas pelas algibeiras dentro. Que sujeito! Devia ser mais novo do que parecia por causa do cabelo grisalho e da barba por fazer. A senhora opulenta franziu a testa e remexeu-se no lugar, se assim se pode dizer, como quem procura ocupar menos espaço. Na verdade, apenas se instalou melhor. A sua intenção era fazer o homenzinho reparar na inconveniência da atitude que tomara. Mas ele não viu nada disso ou fingiu que não viu. Olhou vagamente as pessoas que tinha na frente, estendeu os lábios e começou a assobiar. A assobiar muito à vontade no interior do carro!

Primeiro, foi um assobio baixinho, pouco seguro, imperceptível quase. Depois, a pouco e pouco, o sujeitinho entusiasmou-se. E o assobio aumentou de intensidade. Ouvia-se já em todo o eléctrico. Os passageiros, que tinham recuperado com tanto custo a sua dignidade, fingiam que não davam pelo homem nem pelo assobio. E sossegaram quando o condutor se dirigiu ao recém-vindo. Ia aconselhá-lo a calar-se, com certeza. Mas qual! Com o maço dos bilhetes na mão e de alicate espetado, limitou-se a dizer: «O senhor?» O passageiro tirou a mão da algibeira e, sem deixar de assobiar, estendeu-a com a palma voltada para cima. Esperou que lhe levassem a moeda, recebeu o bilhete e tornou a enfiar a mão pela algibeira dentro. Toda a gente seguia a cena, interessada. Mas, quando o homem olhou as pessoas, ao acaso, voltaram todas os olhos como se ele afinal não existisse.

O assobio, umas vezes, era baixo, mal se ouvia, outras vezes, alto, muito alto, com trinados ridículos e irritantes. Ninguém sabia o que ele assobiava. E o homem também não. Qualquer coisa que lhe apetecia que fosse assim mesmo. Às vezes repetia os sons como um estribilho. Outras vezes, porém, a maior parte das vezes, passava a novas combinações, ora brandas, ora violentas, sem querer saber para nada das que ficavam para trás.

As pessoas começavam a olhar umas para as outras à socapa. Já se tinha visto coisa assim? Um ou outro cavalheiro levantava os olhos do jornal, franzia a testa,

fitava com dureza o homem do chapéu coçado e sobretudo castanho, na esperança de que ele, envergonhado, parasse com aquilo. A senhora opulenta, no auge do espanto, nem se atrevia a olhar para lado nenhum, vexadíssima porque, sem ter culpa nenhuma, se encontrava em plena zona do escândalo. A que uma pessoa está sujeita!

E, no silêncio do carro, o assobio aumentava de volume. Talvez, no fundo, aquele gorjeio ridículo não fosse desagradável de todo. Simplesmente, um eléctrico não é o local mais próprio para exhibições daquelas. Porque não interferiria o condutor? O condutor era a autoridade do carro. Porque não interferiria? Estava-se a ver. Era tão bom como ele. A verdade, porém, é que não se conhecia nenhum regulamento que impedisse os passageiros de assobiar. Colados aos vidros do eléctrico, havia papéis que proibiam fumar, cuspir no carro. Era proibido abrir as janelas durante os meses de Inverno. Mas nem uma palavra a respeito de assobios.

De repente, uma criança que ia sentada junto duma janela e já se sentia enfasiada de olhar para a rua interessou-se pelo homem. Achava-lhe tanta graça, com o seu chapéu coçado, o seu sobretudo castanho, o seu assobio... Era uma criança muito pálida, de cabelos louros e encaracolados, vestida de azul. Interessou-se tanto pelo homem que começou a bater palmas. Mas uma senhora nova e bonita, que ia ao lado dela, segurou-lhe as mãos com gentileza e afastou-lhas. Devia ir calada e quietinha. Era muito feio fazer barulho no eléctrico. Uma menina bonita não fazia barulho. «Que disse eu à minha filha?» No entanto, a senhora nova e bonita não antipatizava com o homem. Olhava os embrulhos de papel vistoso que trazia nos joelhos e pensava: se não pudesse mais e começasse também a assobiar? No fundo, admirava a sem-cerimónia do homem do chapéu coçado. Não seria adorável ela própria, uma senhora casada e mãe duma garota de cinco anos, começar a assobiar num eléctrico se lhe apetecesse? Quando era da idade da filha, a senhora bonita ia muitas vezes ao campo vestida com coisas velhas para poder atirar-se para a relva à vontade. Tinha uma voz muito suave e muito fresca, gostava de fazer precisamente aquilo que uma menina bonita não deve fazer. Os amigos do pai pegavam-lhe ao colo, atiravam-na ao ar. E ela ria, ria, ria até ficar sufocada. A mãe dizia: «Pronto, pronto, vamos a ter juízo, não se ri assim dessa maneira.» E, quanto mais lho diziam, mais lhe apetecia rir, rir, rir.

De vez em quando, um passageiro saía. A plataforma do carro ia-se esvaziando. E, pouco a pouco, os que ficavam foram-se habituando àquele estúpido assobio. Os cavalheiros tinham esquecido os jornais. Algumas senhoras sorriam. Já se vira um disparate assim? Principalmente a senhora opulenta não podia mais. Apertava os lábios. Sentada num banco de lado, encontrava os olhos de toda a gente. Era irresistível. E a senhora bonita pensava em ar livre e nos tempos da infância. Na

escola aprendera a assobiar e a lançar o pião. Havia vozes que tinham ficado dentro dela: «Uma menina a assobiar, Nini?»

Em dada altura, o homem, sem deixar de assobiar, levantou-se e puxou o cordão da campainha. Era um homenzinho insignificante, ainda, novo e já de cabelos grisalhos, chapéu coçado, sobretudo castanho muito lustroso nas bandas. Mas havia nele uma indiferença soberana pelo eléctrico inteiro. Toda a gente o olhava. Com desprezo? Com ironia? Com inveja? Abriu a porta, fechou-a e saltou com o carro ainda em andamento.

As pessoas voltaram-se então umas para as outras, não resistiram mais e riram mesmo. Que homenzinho patusco! Desculpavam-se, explicavam-se sem palavras. Entendiam-se. Um minuto de simplicidade e simpatia iluminou-as. A criança que batera palmas limpou com a mão o vidro embaciado da janela à procura do estranho passageiro. Viu-o atravessar a rua, seguir pelo passeio agarrado às casas, desaparecer.

Só então a senhora nova e bonita, que era a mãe da criança, abriu os olhos. Ninguém hoje lhe chamava Nini. Nini era a filha. Ela agora é que dizia à filha: «Uma menina a assobiar, Nini! Uma menina bonita não faz barulho.»

Ficara nos lábios e nos olhos de todos um sorriso de bondosa ingenuidade. Depois esse sorriso foi-se apagando. Morreu. As pessoas tomaram consciência da sua momentânea quebra de compostura. Lembraram-se dos seus embrulhos, dos seus anéis, dos seus jornais! Que patetice! Não havia outra palavra para aquilo. Que patetice! Os cavalheiros recomeçaram a ler os títulos das notícias. As senhoras deram um toque nas golas dos casacos. A criança tornou a olhar para a rua.

Tudo voltou, pesadamente, a encher-se de silêncio e dignidade.

*(O Dia Cinzento e Outros Contos, Lisboa, 1967, pp. 38 a 47)*

## MANUEL FERREIRA

(N. Gândara dos Olivais, Leiria, 1917)

No seu primeiro livro, *Grei* (contos, 1944, 2.<sup>a</sup> ed. 1978), alinhou o A. decididamente na geração neo-realista que encetara pouco antes um caminho literário e um propósito ético-social, designadamente com Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes. Retomou ainda a narrativa de costumes de ambiente provincial português no romance *A Casa dos Motas* (1956, 2.<sup>a</sup> ed. 1977). Mas, entretanto, as demoradas permanências africanas, sobretudo em Cabo Verde, impregnaram logo depois do livro inicial a obra ficcionista (e também a ensaística) de Manuel Ferreira e inspiraram a atmosfera humana, a temática localizada e até a linguagem dos livros posteriores, pondo à prova as virtualidades literárias do crioulo: *Morna* (contos, 1948, 2.<sup>a</sup> ed. 1966); *Morabeza* (contos, 1958, 2.<sup>a</sup> ed. 1965, Prémio Fernão Mendes Pinto); *Hora di Bai* (romance, 1962, 3.<sup>a</sup> ed. 1972, Prémio Ricardo Malheiros); *Terra Trazida* (contos, 1972); *Voz de Prisão* (romance, 1971, 2.<sup>a</sup> ed. 1978); e alguns livros de literatura infantil. A essa obra ficcionista deu o contraponto crítico-sociológico e etnográfico uma série extensa de estudos ensaísticos e recolhas antológicas sobre as literaturas africanas de expressão portuguesa e, especialmente, de Cabo Verde. O realismo matizado de sentimento poético patente e o populismo muito intimamente aderido de Manuel Ferreira são valorizados na sua obra novelística de raiz africana pela «linguagem despojada servindo a narrativa pelo caminho mais curto, a exploração inteligente dos valores evocativos e poéticos, o aliciante e sábio aproveitamento do fâcies dialectal, a profunda humanidade no toque das figuras» (Alexandre Pinheiro Torres). A criação ficcionista de Manuel Ferreira tem sido, além do mais, um instrumento relevante de convivência com as culturas e os povos africanos em que Portugal fixou a sua presença histórica e linguística.

## [ ENQUANTO HÁ LIDA HÁ VIDA ]

---

Nha Joja na nha adiante, sentada num canapé azul marinho, a seu lado esquerdo a Valentina (minha mulher), a seu lado direito Dona Lucinda, nossa amiga e sobretudo antiga de outrora de nha Joja. Dois sofás ambos cor de tijolo. O chão tinha um tapete castanho-escuro, presente de seu fije Rolando. Ao centro, uma mesa redonda e cadeiras, recordações de sua mamãe; de cada banda, um aparador de loiça, comprados com dinheiro ganho nesse tempo de vida dura. A um canto, um tripé, trazido de São Vicente. Nas paredes, um quadro vulgar com motivo de caça, arrumado num canto, encaixilhado, para pregar na parede, um pequeno tapete italiano que nha Joja trouxe de Cabo Verde, são os indianos que vendem ali ou nos portos do Mediterrâneo ou noutras bandas de África que eles andam espalhados por onde quê. Nha Joja sentada na nha adiante, eu espiando-a, espiando-a da cabeça aos pés engodado na sua fala, nos seus gestos, modos, no sorriso, pegado nessa coisa sabe que é o teu papiamento. Espio melhor sua pele lisinha, sabe, não tem rugas, modê?, o seu cabelo fino, esbranquiçado, uns olhos pequeninos, claros, percorrendo-nos como pardal na lantuna. E espio também a cor. Não é preta, é morena, cor de tâmara passada. Que é uma cor bonita, é. Uma cor de sugestão, e digo isto porque me lembra Gauguin. E penso noutros tipos de crioulas, moreninhas, olho verde, olho azul, olho castanho, e tenho na minha cabeça que se Gauguin lá tivesse ido, em vez de se ter desterrado, sem tino, no Tahiti, o que não teria descoberto, ele é que perdeu, paciência, culpa foi dele. Quando se enfariou da Europa, se coração dele lhe desse sentido de correr para as ilhas de Cabo Verde, sua alma andaria mais levantada e não creio que morresse

na miséria. Fazedores de mornas, escritores, poetas, violeiros e mesmo pintores é gente de categoria no chão das ilhas, e então um pintor como Gauguin, com aquela prenda do estranho, ficaria cativo das mornas, das crioulas, adá, Gauguin teria as mulheres que quisesse ali na Cabo Verde. E nessa paixão pela terra, pela música, pelas coisas miúdas, pelas mulheres, buscaria o caminho grande da sua pintura que vem do sinal de amor. Aqueles rostos bonitos das crioulas que amasse teriam as cores quentes de Gauguin. E Gauguin veria como mais melhor teria sido sua sorte ali nas ilhas crioulas do que aquela que encontrou na terra-longe. Não morreria de fome, não, morreria no conforto de comida e no abraço de morabeza de todos. Enfim, linha do destino gente traz de barriga da mãe. Reparo-lhe no vestido leve, de fundo esverdeado, enramado a preto, corpo já com sua bandoguinha, mas que Joja apertará com uma cinta quando se veste para dar seu passeiozinho ou fazer sua visitinha, e então ficará disfarçada, pois ela não é dessa casta de gente gorda, não é. Ouvindo-a, vou sorrindo e mirando-a, às vezes lembrando-me de outros patrícios muito de uma maneira de fazer rir gente com gosto. Evito falar-lhe, evito interromper-lhe essa corrida das palavras, deixando-a ir por aí fora na graça de papiar. Mas ali agora, na nha distração, a pergunta sai-me de nha boca. Nha Joja, há quantos anos veio para Lisboa? Ah, nha fije, tem dez anos eu vim, tantos quantas aquelas ilhas que choram sua desgraça. Há dez anos, e ei-la aqui, contente de vida, feliz no seu mar mansinho da cidade grande. Eu vim para Lisboa para casar aquelas meninas. Eu digo isto a todo mundo. Vim para Lisboa, sim senhor, com graça de casar nhas filhas. Gente nicava na nha vida mas eu pensava que assim modo grogue tira canseira, teimosia traz esperança. Tem uns dias eu falava nisto a Juju. Uma detardezinha eu estava em Sãocente, no meu sossego, a comer meu fonguim com café, e eu pensei, preciso de casar estas meninas. Isto assim não é vida. Coisa mais sabe é mãe casar suas filhas. Agora em São Vicente como ia ser? Rapazes de nossa terra, não gostam de casar, arranjam sua pequena e ficam vivendo juntos. Vejam só, em São Tiago, badio do interior com duas e três mulheres. Coisas que ficaram do tribalismo e ainda não desapareceram de nossa terra, é sim senhor. Eu tinha graça de ver nhas filhas casadas, com posição, bem colocadas na vida. E eu disse, Joja, vai para Lisboa. Como? Não sabia. Menina, enquanto há lida há vida. E não relutei. Eu vim mesmo. Eu trouxe um dinheirinho na algibeira, caixas de milho cochido, feijão, carne assada, linguíça, café torrado e eu tive comida para dois meses. Depois foi um desespero. Minha luta era apertada e suei à cata de meu recurso para mim e nhas filhas. Levou seu tempo. Fiquem sabendo, passei falta de muita coisa. Vida de Lisboa é vida cansada. Algumas vezes aqueles meninos não choraram fome por vergonha. Mas eu teimei. Botar verde para colher maduro, assim mesmo. Comecei fazendo trabalho de costura e patrícios me ajudaram e durante muito

tempo eu tomei hóspedes. Nha vida ganhou caminho. Agora era só conta de arranjar uma casinha nas condições. E assim foi. Tratei de convidar para nha casa gente nova, rapazes universitários, doutores, engenheiros, funcionários de Ministério, filhos de Cabo Verde de posição. Só gente boa entrava na nha casa nessas festinhas ou uma ou outra assim mais coitada, amizade doutrora, para não ser desconsideração. Era preciso que esses moços conhecessem aquelas meninas, duas rapariguinhas bonitas, não é por serem nhas filhas. Eles vinham, comiam, bebiam, dançavam, tocavam, papiavam, jogavam. E eu, menina, toda hora de olho grilido, cabra coxa não dorme a sesta, cabritagem na nha casa eu não admitia, de que maneira? Numa hora destas não iam agora passar um pau a Joja, e como? Menina, eu pensei-o e fi-lo. Juízo, sim, dizia eu a nhas filhas, agora quando é preciso abrandem brio do corpo. Vida de rapariga nova está na balança, deixá-las largadas por aí como cavalo sem dono, não pode ser. Levou seu tempinho, levou. Quem não tiver paciência não tem filho branco. E, graças a Deus, Deus me ajudou. Nenhum filho de parida abusou da fraqueza daquelas meninas. Uma ficou casada com um professor de escola técnica, tem curso de económicas e financeiras. Nha netinha Mimi é filha de outra, da Julinha, nha filha mais nova. Mimi?, oh que menina eloquente. Aqui em Lisboa, é que eu achei meu descanso, é deveras. Nha Joja, não tem saudades de Cabo Verde? Ah, nha fije, bô sabê, Cabo Verde é nha terra, nossa terra é pequenina, mas terrinha de saudade. Às vezes deixa-me falta. Hei-de lá voltar. Estou preparando nhas coisas para ir lá qualquer hora. Tudo vai com seu tempo (sorrindo, como se sorrisse de seus próprios pensamentos). Assim mesmo, largo para Cabo Verde fazer uma temporada. Nha época de turismo é lá. Meu algarve é lá na Cabo Verde, terra sabinha. Meu filho diz, mamãe, você agora é uma rainha. Vou ter ali criada e tudo enquanto, assim mesmo. Joja em São Vicente, fiquem sabendo, não pega em trabalho, em nadinha. Vai gozar, vai descansar, vai basofiar, vai riolar, oh sabe de-mundo.

(De *Voz de Prisão*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 24 a 29)

## FERNANDO NAMORA

(N. Condeixa, 1919)

Na obra novelística de Fernando Namora evidencia-se uma evolução em que as constantes do escritor – constantes em que serão de acentuar a lucidez do realismo poético, a sensibilidade contida mas provada ante o teor dramático da vida, a directa projecção da experiência pessoal na construção ficcionista, a nitidez formal – se abrem para horizontes humanos de alargada complexidade. Os livros iniciais (*As Sete Partidas do Mundo*, romance, 1938, 6.<sup>a</sup> ed. 1978; *Fogo na Noite Escura*, romance, 1943, 12.<sup>a</sup> ed. 1979) reflectem a indagação imediatista das vivências da infância e da adolescência no ambiente natal e no meio estudantil de Coimbra. O ciclo rural, baseado na experiência directa do médico na Beira Baixa e no Alentejo e inserido decididamente no Neo-Realismo (*Casa da Malta*, novela, 1945, 9.<sup>a</sup> ed. 1975; *Minas de S. Francisco*, romance, 1946, 8.<sup>a</sup> ed. 1977; *Retalhos da Vida de um Médico*, 1.<sup>a</sup> série, narrativas, 1949, 17.<sup>a</sup> ed. 1977; *A Noite e a Madrugada*, romance, 1950, 8.<sup>a</sup> ed. 1977; *O Trigo e o Joio*, romance, 1954, 14.<sup>a</sup> ed. 1977), compõe uma panorâmica social em que a rudeza realista do quadro humano se conjuga com a sugestão exacta das motivações individuais dos comportamentos. A fase urbana definitiva (*O Homem Disfarçado*, romance, 1957, 7.<sup>a</sup> ed. 1975; *Cidade Solitária*, narrativa, 1959, 6.<sup>a</sup> ed. 1977; *Domingo à Tarde*, romance, 1961, 11.<sup>a</sup> ed. 1976; *Retalhos da Vida de um Médico*, 2.<sup>a</sup> série, narrativas, 1963, 7.<sup>a</sup> ed. 1976; *Diálogo em Setembro*, crónica romanceada, 1966, 5.<sup>a</sup> ed. 1976; *Os Clandestinos*, romance, 1972, 4.<sup>a</sup> ed. 1978) assinala uma observação mais diversificada e uma visão mais fundamente analítica e reflexiva das «verdades» vividas. Os livros recentes da série «Cadernos de um Escritor» conjugam-se com esse rumo significativo da obra de Namora – uma solidariedade humana situada e explícita numa construção literária. As numerosas edições traduzidas nos mais diversos países

conferem a Fernando Namora a qualidade de escritor português vivo mais divulgado no mundo na actualidade e consagram o universalismo essencial da sua obra.

Uma hora mais tarde, Azeredo esperava-o no tal bairro popular após se ter entendido com a mulherzinha de ar afável e sofredor:

– Trago-lhe aqui um senhor meu amigo que é engenheiro. – E depois cá fora, insistindo com Vasco para que se industriasse como devia ser: – Foi o que se pôde arranjar. Por estes dias se conseguirá coisa melhor. E és engenheiro, não te esqueças. Para esta gente, é o menos que se deve dizer; em regra, a crisma é de major ou de ministro para cima. Um subsecretário, por exemplo, já não tem cotação.

Era uma mulher pacífica, sim, e bondosa, talvez os estimasse ou lamentasse, a ele, sem dúvida, mais do que a Jacinta, e, no desgosto de ter de sujeitar o seu tecto àquela afronta, os imaginasse uns pobres amantes cujo amor hostilizado pedia compreensão e um abrigo. E ela oferecia-lhes esse abrigo, iludindo-se e à sua miséria, que a forçava aos alugueres ilícitos, com o precário sentimento de uma boa acção. O filho reagia, desforrando-se numa ira surda que lançava pedras aos muros; e o marido? Seria marido aquele homem que... O quarto estava no escuro, Jacinta ou Vasco haviam esquecido fechar a porta à chave e de súbito alguém a abriu, dando um passo afoito na direcção da cama, até que... ah, eles não tinham feito um gesto, continuaram abraçados como estavam, petrificados de espanto (ou de medo?), e a luz que jorrara pela porta aberta fora uma tinta viva sobre os corpos enrolados como serpentes, até que... até que o homem, surpreso também, ou mais do que isso, recuara num passo lento, mas sem os desfitar, parecendo fascinado, a mão ainda no fecho da porta:

– Desculpem, não sabia...

Segundos depois, Vasco despertara do seu pânico, saltando da cama para o meio do quarto, ridículo e abjecto, para começar a vestir-se atabalhoadamente.

– Onde vais? – perguntara Jacinta, num murmúrio ensonado.

– Vou-me embora.

– Assim de repente.

Ele suspendera os gestos.

– Mas tu, depois disto, ainda serias capaz...

Jacinta espreguiçara os braços, talvez divertida.

– Porque não? Foi apenas uma porta que não estava fechada...

E nenhum deles, incluindo a dona da casa, se referira mais ao incidente.

Uma mulher pacífica e talvez bondosa. Era-o, decerto. Vasco associava-a algumas vezes à mulher do Chico Mouro, o que morrera nos ermos da serra da Cícó, fugido à guarda. Havia fosse o que fosse de gémeo nos olhos claros, no porte da cabeça, numa veracidade natural que vem de dentro das pessoas; só divergiam no facto de a mulher do Mouro (como se chamava ela, Vasco? Parece que Olinda. Isso: Olinda) ter uma decisão no gesto que era logo uma têmpera. Vinha do fundo dos tempos aquela noite em que Vasco, também ele a monte e à cata de um refúgio, fora encontrar o Chico Mouro já morto, o corpo imenso quase a sobrar dos dois bancos compridos armados em catre, por detrás, em altar, a mesinha com as candeias de azeite a que uma das mulheres do velório aparava regularmente o morrão, os pés atados um ao outro com uma espécie de nastro, chuscava lá fora mas sem ruído, era uma noite visceral, toda ela um bafo de matriz, sentia-se, sem se ver, que o céu ia de viagem, as nuvens passavam por cima das chaminés fumarentas e das árvores desfolhadas, Vasco, ao entrar, ouvira a frase de alguém. «Agora chove, é o rumor da Lua», de súbito dera com a casa cheia, mesmo se quisesse já não poderia recuar, as mulheres de negro, perfiladas, pareciam sacerdotisas num Juízo Final, nascera entre portas uma figura alta, com o lenço pelos ombros, a lanterna punha os vultos oscilantes, um cão começara a uivar, outros respondiam-lhe mais longe, ladrando, dera com o seu amigo absurdamente morto, e a sua morte era também um pouco a morte dele, Vasco, começava a sentir o peso e o medo de tantos mortos, os avós, os pais, por último os companheiros, a morte estava próxima, cada vez mais perto, ou estava já dentro dele, exprimia-se por uma solidão de lava, por uma mutilação ou uma malignidade progressivas, e exprimia-se ainda naquela recusa em reconhecer num corpo o que nele fora vida, o Chico Mouro não podia estar ali estendido no catre, aquele não era o seu companheiro de tanto jornadas clandestino, lembras-te, Chico Mouro, da poterna de Angra?, das greves do Barreiro?, do teatro que ensaiámos e representámos em segredo na Fortaleza de S. João Baptista? Vasco dera com

a casa cheia, a Olinda de olhos enxutos, quase frios, pelo menos cruéis, as mulheres no rito fúnebre, o luto agigantando-as, vinham da azinhaga murada de caniçais e oliveiras senis e entravam no quarto com o xaile a esconder meio rosto hirto e rugoso, serviam-se do raminho de oliveira mergulhado no copo de água benta, com ele aspergiam metodicamente o morto, em obediência ao cerimonial, primeiro a cabeça que tinham tapado com um lenço branco, depois o peito forçado onde as mãos já amarelentas descansavam por fim, os pés atados um ao outro com a fita de nastro, e voltavam a mergulhar o raminho de oliveira no copo e sentavam-se nos bancos ou sobre mantas grosseiras que haviam servido na apanha da azeitona, assim alinhadas contra a parede branca, sitiando o morto ou escondendo-o de sitiadores, dir-se-iam figuras de um mural primitivo ou personagens de uma tragédia (que mundo era aquele? E de que eras?), todo o conjunto sugeria uma cenografia teatral conquanto mais veraz e mais impressionante que a realidade, e lá estavam os olhos glaucos de Olinda para lhe certificar que não se tratava de um pesadelo, havia uma teia de aranha num dos cantos do tecto a deixar-se atravessar pelo halo fumarento das candeias, pelo esticar dos fios via-se que fora tecida naquela noite, as mulheres, cumprido o rito, levantavam-se do assento, não sem beberem antes o cálice de aguardente que uma velha da família distribuía todas as meias horas pelos oficiantes, o mesmo cálice a correr de boca em boca, vinha por detrás dela uma rapariga estender a malga com passas de figo, o seu gesto era mais de pedir esmola do que de oferenda, as velhas levantavam-se do assento, sempre embiocadas, voltavam a aspergir o morto e saíam com a frase «Boas noites a quem fica», só uma delas desrespeitara o mutismo do velório com um clamor de salmo: «Bendito seja Deus no Céu e na Terra», só ela erguera o lenço para beijar os olhos vazios do morto, e nessa altura o tonto da aldeia, que se coçara e babara todo aquele tempo, repetira muito alto: «Bendito seja», mas dissera-o tão grotescamente que as crianças não tinham podido sofrear o riso; Vasco dera com a casa cheia, quedara-se à entrada, olhos fixos na Olinda, a querer que eles negassem que o morto era o Chico Mouro, a gente também morre de cada vez que morre alguém que se estima, nunca digas adeus, nunca digas adeus, ainda dias antes a guarda viera ali tirar a limpo uma pista (ou uma denúncia?) que lhes fizera crer que o Chico Mouro descera ao povoado, que é um homem a monte senão um lobo? – conta-me agora, Olinda, mas quem vai ouvir é Bárbara, chega-te aqui, Bárbara, isto tem que ver com a minha boina, com a história da minha boina, estava eu então a descrever-te a minha passagem pela aldeia de Alfaiates, aquilo, sim, fora chover, as mulheres que me encontraram adormecido debaixo da ponte eram iguais a estas, pareciam vir também de um officio fúnebre, escuras, imóveis, graves, figuras de uma pintura mural, na manhã seguinte a terra lembrava uma cratera a exalar fumo, a água

descia dos cômoros, cantando, lóbregos eram os castanheiros a esconder as moradas, fui esperar à entrada a camioneta da carreira do Sabugal, decidi-me ao risco de vir até Lisboa. Com a minha boina. Ela me acompanharia durante todo o período da prisão em Angra, cerca de cinco anos.

Vasco fixava Olinda. O morto era real nesses olhos enxutos. A guarda matara o Chico Mouro na serra da Cicó, Vasco bem conhecia a serra, onde o vento se dissecava, só vento, e o sol se desnudava, apenas sol, ouvia-se o farfalhar das ervas na música da noite, na véspera a guarda batera impacientemente à porta, mas alguém, de atalaia à entrada da aldeia, já fizera estoirar um morteiro, que era o sinal para que o Chico Mouro fugisse, Olinda acudira ao bater impaciente: «Lá vai...», sabendo já o que a esperava. «Ao menos deixem-me vestir...»

E depois de franqueada e basculhada a casa:

– Onde foi o seu marido?

– À caça.

Mas Olinda logo caíra em si, a espingarda estava dependurada ao lado dos arreios de égua, felizmente que eles, de tanto que queriam ver, nem tinham dado por isso.

– Acompanhe-nos ao quintal.

– Não tenho que os acompanhar, não os conheço. Não acompanho ninguém sem a presença do meu marido.

– Mas é a ele que procuramos.

– Então procurem-no.

Um deles ainda espreitara para debaixo da cama, embora já outro tivesse tido o mesmo cuidado – «O meu marido não é daqueles que caberiam aí» –, depois foram para o quintal, espiolharam as sebes, a casota da palha, a forja havia muito parada, e por último a vinha, quase cepa por cepa – «O meu marido não é dos que cabem debaixo de uma videira» –, dali tinham abalado para a serra, a batida ia começar. O Chico Mouro estava morto.

Vasco, em Angra... Agora é contigo, Bárbara. Em Angra fora castigado por tudo e por nada, com o Chico Mouro acontecia o mesmo, dias e dias na poterna, outras vezes nas chamadas portas falsas, uma fome doida de ver gente, de rever as lanças de sol sobre a terra em cumeadas, por cima as nuvens latejando, de rever o clarão das papoilas e sobretudo gente que fosse gente, mas fazia sempre o possível por levar a boina, por fim até acontecia que os polícias que o iam buscar à sala comum para o encerrarem no segredo sabiam já que Vasco, mesmo antes de lhes ouvir a ordem, pegava numa manta e na boina e com isso mostrava-se preparado para os acompanhar; de uma das vezes estivera treze dias na poterna, um lugar terrível, Bárbara, embora se pudesse supor que uma pessoa não resistiria ali três horas sozinho – mas as pessoas resistiam três horas, resistiam três dias, vinte

dias, nem se sabia até onde ia a resistência de um homem quando um homem queria resistir, quando se saía do segredo duvidava-se de que as pessoas fossem reais, apetecia tocar-lhes para ver se se desfaziam ao contacto ou se permaneciam inteiras como os olhos julgavam vê-las, a boina ora lhe servia para quebrar a frialdade das lajes onde tinha de se sentar durante horas, já que se tornava impossível estar de pé, o calabouço era em degraus, exactamente vinte e quatro degraus, Bárbara, que desciam para os subterrâneos da Fortaleza de S. João Baptista, cuja saída fora evidentemente fechada, utilizava-a para se sentar ou, quando sentia a cabeça dorida do frio, um frio medular, fazendo parte do chão, das pedras, da atmosfera confinada, com ela se resguardava, enterrando-a até às orelhas, nela deitava a cabeça contra, o apoio da parede, onde havia sempre um suor agoniado e grosso de humidade (a cabeça de Sara a descansar-lhe nas mãos, uma planície de sol a afogear-lhe os cabelos, a voz desfalecida, ah, a fadiga ociosa de Sara... A cabeça de Maria Cristina, não, essa estava quase sempre alçada, a desafiar), dentro dela aquecia os dedos donde o sangue fugira... Servia-lhe para muitas coisas, a sua boina. Fora a sua companheira nos anos de Angra. (Sinto-me ainda um recluso, Alberto. Creio que nunca mais pude suportar que o passado fosse passado ou que o presente fosse este presente). Nos anos de Angra e no Aljube, em Peniche, nos calabouços transitórios de várias esquadras de Lisboa. Na companhia de ladrões, meliantes e de presos políticos, quando a polícia os enfiava todos no mesmo saco. E, depois, nos anos em que voltei ao sol, às pessoas. Que pessoas, Alberto? Um dia destes, encontrei o Amorim. Assim desprevenidamente, era de facto o Amorim. Mas aos poucos fui duvidando, queria duvidar, aquele não podia ser o Amorim de há vinte anos, e pus-me a observá-lo fixamente, agressivamente, a rapar-lhe o tempo do rosto, para que lá ficasse apenas a juventude, que não era a juventude do Amorim, mas a minha, o único lugar onde o Amorim podia ter verdade e coerência. Porém, quanto mais o olhava, mais ele me parecia um estranho. Das pregas daquela face decomposta o passado já não podia reverdecer, todo o Amorim era só presente, ruína. Alguém desconhecido.

(De *Os Clandestinos*, 4.<sup>a</sup> ed., pp. 266 a 275)

## JORGE DE SENA

(N. Lisboa, 1919. F. Santa Bárbara, Califórnia, E.U.A., 1978)

Na vastidão excepcional da sua obra de escritor, como poeta, dramaturgo, ensaísta, historiógrafo e crítico, a criação novelística de Jorge de Sena não deixa de ocupar lugar significativo. Compreende livros de contos e novelas: *Andanças do Demónio* (1960), *Novas Andanças do Demónio* (1966) e *Os Grão-Capitães* (1976). *O Físico Prodigioso*, incluído em *Novas Andanças*, teve depois publicação à parte (1977). Do primeiro livro escreveu o autor, prefaciando-o, que «maneiras de sonhar há muitas, e a mais meritória e desculpável é, sem dúvida, aquela em que os sonhos são uma espécie de vingança». No último, também em prefácio, acentuou o que nele quis exprimir de «amor da humanidade, que se esconde dentro deste livro indignado, sarcástico e duro». Nestas confissões parece testemunhar-se um conceito de obra de ficção como catarse. E, na verdade, através de um estilo claro e discorrente, da fragrância expressiva muito colada à realidade comportamental ou psicológica das personagens, presente-se com frequência nos contos de Jorge de Sena um autobiografismo que se furta ironicamente à identificação. Num andamento narrativo desenvolvido, sem explorações especiosas de linguagem ou de composição, mantendo um ritmo tradicional da ficção portuguesa, as «estórias» fluem com naturalidade realista e é da realidade patenteada que colhem o seu intrínseco dramatismo. Mesmo quando tocadas pelo fantástico ou por um visionarismo circunstancial, é ainda no real descrito que as situações narradas se fundamentam. Apenas com aqueles três livros de ficção (agora quatro, pois acaba de sair um romance inédito, *Sinais de Fogo*, Lisboa, 1979), Jorge de Sena era já, na opinião de David Mourão-Ferreira, «um dos nossos novelistas mais poderosos, mais arrojados e mais versáteis, de mais largos recursos de linguagem e de mais livre imaginação».

## HOMENAGEM AO PAPAGAIO VERDE

---

Era verde e velho. Pelo menos, antigo. E ocupa na minha memória – junto com uma galeria indistinta e confusa de gatos tigrados e «preparados» pelo amolatesouras-e-navalhas (mais tarde, esse primeiro mistério da minha infância passou a ser celebrado na Escola de Medicina Veterinária, já com os requintes da assepsia), e todos chamados «Mimosos» tão onomasticamente como os papas são Pios – o mais arcaico lugar reservado a uma personalidade animal. Digo personalidade, e bem, porque ele a tinha, e porque foi mesmo, para lá das surpresas contraditórias das «pessoas grandes», tão caprichosas e volúveis, tão imprevisíveis, tão ilógicas, tão hipocritamente cruéis, a revelação de um carácter. Não tinha nome: era o Papagaio, e parecia-me, porque falava, um ser maravilhoso. Depois, e a chegada desse outro eu recorde, meu pai trouxe das Áfricas um papagaio cinzento. O papagaio por excelência passou a chamar-se o Papagaio Verde, e vivia de gaiola pendurada numa das varandas em que, por um tapume de madeira, estava dividida a varanda das traseiras da minha casa, cabendo uma parte à cozinha e outra à sala de jantar. Uma das reivindicações políticas da minha infância foi a troca de uma situação injusta que confinava o Papagaio Verde à «varanda da cozinha». Na da sala de jantar, a que era mais próxima da rua, vivia o Papagaio Cinzento. Este, menos esplendoroso e menos corpulento, menos vaidoso também das suas cores baças, morreu depois do Verde, ave grande, vistosa, transbordante de presunção e dignidade; e, apesar de ter tido muito mais do que o Verde o dom da palavra (usando-o, todavia, com menos humor involuntário), não o recorde tão distintamente como a imagem do outro, à qual a sua viera sobrepor-se à

maneira de um negativo, uma sombra, um apagado duplo, na imprecisão focal da memória a desfocar-se por ele. De resto, o Cinzento era sujeito retraído e friorento, que ficava encolhido a resmonear o reportório variado, sem manifestar por alguém qualquer predileção afectiva; tinha apenas de simpático o olhar nostálgico, melancólico, e a mansidão muito dócil do resignado e acorrentado escravo. O Verde, pelo contrário, era exuberante, de amizades apaixonadas e de ódios vesgos, sem continuidade nem obstinação. Minto: essas amizades e ódios, não continuados nem firmes, faziam parte do seu carácter expansivo e espectacular. Mas, com o andar do tempo, começaram a refinar numa aversão colectiva, azeda e ruidosa, ou concretizada num bico de respeito, que, traiçoeiramente, na frente de uma adejada revoada verde, se apoderava cerce de um dedo, uma canela, uma madeixa de cabelo. A contrapartida deste crescente pessimismo em relação ao género humano (no qual ele incluía, com um desprezo que raiava o absurdo, o Cinzento) foi uma dedicada e veemente amizade por mim. No mundo hostil dos adultos que me cercavam de solicitude e clausura, o Papagaio Verde, afinal, não me revelou apenas o que era carácter: ensinou-me também o que a amizade é.

---

Um dia, quando, arquejante da rua e das escadas, cheguei à varanda, o Papagaio Verde estava inerte no canto da gaiola, com o bico pousado no chão. Peguei-lhe, aspergi-o com água, sacudi-o, com a mão auscultei-o longamente. Não morrera ainda. Levei-o para a sala, deitei-o nas almofadas, puxei a cadeira para junto do piano, e, enquanto com os dedos da mão esquerda lhe apertava a pata, toquei só com a direita a música de que ele gostava mais. As lágrimas embaciavam-me as teclas, não me deixavam ver distintamente. Senti que os dedos dele apertavam os meus. Ajoelhei-me junto da cadeira, debruçado sobre ele, e as unhas dele cravaram-se-me no dedo. Mexeu a cabeça, abriu para mim um olho espantado, resmoneou ciciadas algumas sílabas soltas. Depois, ficou imóvel, só com o peito alteando-se numa respiração irregular e funda. Então abriu descaidamente as asas e tentou voltar-se. Ajudei-o, e estendeu o bico para mim. Amparei-o pousado no braço da cadeira, onde as patas não tinham força de agarrar-se. Quis endireitar-se, não pôde, nem mesmo apoiado nas minhas mãos. Voltei a deitá-lo nas almofadas, apertou-me com força o dedo na sua pata, e disse numa voz clara e nítida, dos seus bons tempos de chamar os vendedores que passavam na rua: – Filhos da puta! – Eu afaguei-o suavemente, chorando, e senti que a pata esmorecia no meu dedo. Foi a primeira pessoa que eu vi morrer.

Consegui que os vizinhos de baixo mo deixassem enterrar no extremo do quintal. Embrulhei-o num pano, procurei desesperadamente uma caixa que lhe

servisse, atravessei pé ante pé a casa dos meus cerimoniosos vizinhos, desci ao quintal com a caixa debaixo do braço, escavei uma cova bem funda, depus a caixa, tapei-a, calcando a terra, e juntei-lhe em cima um montinho de pedras, com flores disfarçadamente surripiadas ao canteiro, entaladas entre elas. E, da varanda, em dias seguidos, eu contemplava aquela sepultura pequenina, adjacente à imensa empena do prédio contíguo, e que a cerimónia havida com os vizinhos não me permitia cuidar. Vieram chuvas, veio o jardineiro, a sepultura desapareceu. Mas eu sabia, pelas manchas na empena sobranceira, onde ela estava, e adivinhava, sob o canteiro florido, o meu Papagaio Verde.

A minha solidão tornara-se total. Meu pai ia e vinha, sem que sequer a chegada das bagagens me incitasse a reconhecer-lhe a presença mítica. E, na bisonhice que eu cultivava contra tudo e todos, como na sobrançeria com que me mostrava ostensivamente agoniado num regime doméstico que, de viagem para viagem, se azedava, havia como que uma herança espiritual de bicadas abruptas. Cheguei mesmo a torturar o Papagaio Cinzento.

Uma tarde, à mesa, estalou a discussão entre meu pai e minha mãe, precisamente num jantar de chegada, a que, como de costume, meus tios assistiam. Eu declarei categoricamente que os detestava a todos, e, atirando com a cadeira por imitação de violência, levantei-me para a varanda, perseguido por um bofetão do meu tio. Lutei contra ele que me agarrava, e contra meu pai que o agarrava a ele, e contra minha mãe que agarrava meu pai, e contra a minha tia que os agarrava a todos; e vendo, num relance enublado, aquele cacho humano a disputar-se a primazia de castigar-me, a voz embargou-se-me em gritos de choro desatado: – Ninguém é meu amigo, ninguém é meu amigo... Só o Papagaio Verde é meu amigo.

A luta suspendeu-se numa gargalhada alvar, que escorria babada pelos guardanapos deles. Eu fiquei de costas, buscando com os olhos, lá em baixo, no quintal, o recanto em que jazia o Papagaio. E ouvi distintamente a sua voz aguda e clara, dominadora e viril, sarcástica e displicente, raivosa e cheia de carácter, a proclamar, num grande voo de asas verdes, o juízo final que murmurara ao morrer. Não eram. Em verdade, não eram sequer isso, cujo sentido eu não sabia então claramente. A vida, desde então, não me esclareceu muito; mas creio firmemente que, se há anjos-da-guarda, o meu tem asas verdes, e sabe, para consolar-me nas horas mais amargas, os mais rudes palavrões dos sete mares.

(De *Os Grão-Capitães*, pp. 25 a 27 e 49 a 52)

## RUBEN A.

(N. Lisboa, 1920. F. Londres, 1975)

Ruben Alfredo Andresen Leitão dividiu-se entre a literatura – diário, autobiografia, romance, conto, teatro –, onde adoptou o nome abreviado de Ruben A., e a pesquisa historiográfica em torno de D. Pedro V e a sua época. Nas *Páginas*, que começou a publicar em 1949 e que se alongaram por mais cinco volumes (1950, 1956, 1960, 1967 e 1970), descobriu José-Augusto França «um sentido psicológico muito fino» que conduz a análise crítica «até planos duma sinceridade irreverentes, atravessada por um «humor perturbante». A original personalidade que deste modo se afirmava espraia-se, progressivamente amadurecida, em *Caranguejo* (1954), romance de duas personagens, *Ele e Ela*, que vai recuando desde a estagnação do actual até aos «preparativos para a Criação»; e depois em *Cores*, contos (1960); *Um Adeus aos Deuses*, impressões duma viagem à Grécia (1963); *Júlia*, peça em dois actos (1963); *O Mundo à Minha Procura*, autobiografia em três volumes (1964, 1966 e 1968); *A Torre da Barbela*, romance (1964, 3.<sup>a</sup> ed. 1966); *O Outro que Era Eu*, novela (1966); *Silêncio para 4*, romance (1973). Inédito e inacabado, outro romance ainda, *Kaos*. Espírito aberto, europeu, libérrimo, Ruben A. explora com delícia os meandros do mundo subjectivo, o que é e o que foi, mas integra-se, como personagem-fulcro, na sociedade portuguesa, concretamente a do salazarismo, com que está em conflito. *A Torre da Barbela*, sua obra mais densa, complexa e trabalhada, «única na literatura portuguesa» (no julgar de Palla e Carmo), surge na confluência duma experiência concreta, que vincula afectivamente o A. às terras e tradições de Entre-Douro-e-Minho, duma reflexão sobre Portugal no presente e numa perspectiva histórica e, enfim, do caudal duma fantasia desconcertante, louca, estimulada pelo surrealismo, a um tempo lúdica e ao serviço dum pensamento que se exprime pela alegoria – fantasia cuja criatividade

se manifesta, já na efabulação, já num estilo muito pessoal, cheio de *verve*, de surpreendentes associações, de saborosos neologismos, e, por vezes, de encanto evocativo. Na Torre de Barbelas se desenrolam as cenas nocturnas em que os mortos de várias épocas, algumas remotas, dialogam com os vivos, sendo assim que se retratam ao vivo a mitologia e a mentalidade nacionais, um Portugal provinciano, marginalizado, reino dos mediocres.

Ao fundo a Torre elevava-se no real. Vista do Jardim dos Buxos sobressaía ainda mais. A brisa corria pelas folhas vacilantes dos plátanos. O mundo da Barbela comprazia-se em contar as suas fábulas de interesse sempre constante. Aquele recorte triangular irrompendo pelo céu, no contraste da pedra carcomida por um misto de líquenes vermelho-escuro, permanecia altivo como a História. Parecia que o vento procurava lá a sua direcção e que da Torre nasciam as origens do movimento do ar. Então, quando o céu se escolhia em azul, o milagre operava-se placidamente. Pássaros recolhiam aos altos da Torre amortecendo as asas num descair vagaroso, bem desenhado. Um ritmo desapaixonado embranquecia as fileiras de nuvens que em sentinela tomavam conta da rosa-dos-ventos. Aquela projecção da Torre no espaço era a sua grandeza. Mesmo São Cyro, lendo o breviário, subia o olhar para a Torre e persignava-se por respeito do Além. E quando tocavam as Trindades todos se vinculavam à sua altura. Fora em torno da Torre que a família construía poder, segura união. Tragédias ou momentos de vitória, estampados, invisíveis, permaneciam em respeito gravados nas pedras seculares da Barbela.

D. Mafalda entretinha-se a ver passar Frei Cyro que, na intimidade de certo ar bonacheirão, cochichava de soslaio com D. Mendo. Ouvia. Decerto seriam os últimos pecados. Coisa triste, pecar – parecia dizer com a cabeça Frei Cyro ao esticar o ouvido para a confissão mais íntima de D. Mendo.

– Passou-se assim? De certeza?

– Oh, meu Deus, eu até jurava que foi diante dos meus olhos.

– E quantas vezes?

– Ó primo, isso é mais difícil de responder. A gente distrai-se... Eu cá na consciência às vezes sinto uns calafrios de meter medo, mas depois passam. Não sei explicar. Fico embaraçado e deito às de vila-diogo. Sabe, isto de ser cristão e filho de Deus também tem os seus quês. Não andamos bem à solta, atravessa-nos um solstício na alma que nos põe a latejar os sentidos. Olhe, eu, pelo sim, pelo não, se um dia peço, no outro guardo abstinência. E à confissão é só com o Abade da Moutosa, que está meio surdo...

– Ah, meu maganão! Tenho que te apanhar na sacristia a confessar apuradinho, com as histórias de Viana e a festa em casa dos da Beringela. Disseram-me que assaltaste o fumeiro e com um naipe de amigos aproveitaste as enguias do século XVIII para um merendeiro. Ah, malvado, que andas fora das graças de Deus! Às enguias como os garotos aos ninhos! Vai rezando, mas não me andes a arrelhar os mortos. Já me bastam os vivos para viver embaraçado.

– Frei Cyro, mas... não tem mal o que eu faço sem o ter na ideia?

– Pois não. Mas depois é que é pior, vem só a maldade e lá ficou a ideia perdida. Distrai-te um pouco. Fala com o primo Dr. Ramiro, com D. Mafalda, com o Cavaleiro ou mesmo com D. Raymundo, nosso fundador e ajudador-mor destas bandas. E quando quiseres sangrar a consciência vem cá ao Jardim: mesmo a conversarmos no passeio eu te absolvo. Todos gostam tanto de ti, vejo que passas bem o tempo sem te aborrecer. Repara nas distrações que aqui temos, de todos os séculos e para todas as idades. Brinca com o menino Sancho, que está para ali abandonado. Dizem-me que é com saudades de Mademoiselle Madeleine, mas não acredito. Baboseiras de criança. Há tanta coisa na vida que traz felicidade e tu para aí a pecar só por ripanço! Sabes que também há prazer quando se não peca?! Eu antes de me ordenar andei às bolandas de pasmar a Santa Madre Igreja. Depois, um dia... oh, eu nem conto! Isto de dar atabalhoadamente o nosso íntimo... até parece que te quero converter à Ordem. Olha que não. O que eu quero é que tu temperes o pecado com as boas acções, e assim, quanto melhores e maiores boas acções praticares, menos pecas. Vai lá com Deus e a minha bênção que tenho de me preparar nas orações e ler o breviário. Não é indigesto, não. Não estejas a olhar para mim com ar enjoado. Faz bem falar com quem não se fala todos os dias.

Dom Mendo, enfiado, não tugia nem mugia. Olhava para Frei Cyro como quem olha para alguém que possui o privilégio de ser visitado por um ente estranho e fora do alcance das imaginações. Nem mesmo ao passar por D. Mafalda reparou na cara que ela fazia ao ouvir «*demos mais mil contos para o estádio do Limense*». Realmente aquilo de pecar era o diabo. Já ia sendo tempo de ter juízo. Se o Abade da Moutosa fosse mais exigente, ele já se teria emendado. Mas era tão boa

peessoa. – «Sim, sim, meu filho, e foi com a... ah sim sim meu filho! Vê lá o que fazes. Sim, reza a Cristo para te perdoar e à Senhora Milagrosa da Aparecida uma dúzia de Salve-Rainhas. De joelhos! Nada de rezas como da última vez! Quero uma penitência bem dita e com fervor. Vá, reza comigo: «Confiteor... Com Deus, menino!»

D. Mendo bem se queria escapar destes estilhaços de consciência que Frey Cyro atirava ao ar cortando a brisa dos encantos pagãos. De nada lhe valia. Era lá dentro um tremor que o assustava. E porque é que um fidalgo dos quatro costados, de linhagem limpa, com direito a Dom por extenso, de varonia antiga, tendo no passado uma Beringela por fêmea, morgado de senhorio de vários concelhos, alferes-mor do condado, etc., etc., não podia usufruir de bula própria para perdoar pecados? Mal ia o mundo cristão! Assim não havia jeito! Precisava de ter uma dispensa!

– Pensa bem e vai lá com os teus botões. Na próxima vez quero-te são como a uva em tempo de São Miguel. E não te esqueças da confissãozinha, senão eu falo ao Abade da Moutosa.

– Ele já me conhece os fracos...

– Ah, meu malandro! Anda-me lá com essas conversas que eu dou-te! Chego-te mesmo – *«e mais quatrocentos contos só na montagem de um periscópio na costa de Sesimbra»*. – Daqui a uns dias volta.

– Primo Cyro, deixe-me agradecer-lhe as suas palavras e pedir-lhe a bênção – *«cinquenta mil contos para a modernização dos transportes a sul do Tejo. Uma verdade insofismável, a juntar ao reforço de verba de vinte mil contos só para as estruturas»*. – Então até logo!

– Até logo.

De um lado para o outro todos se entusiasmavam no Jardim dos Buxos. Era uma alegria ver a família a jogar, a ler, a brincar, a beber, a falar, a passear, a cantar, a representar, a folgar (a fazer tudo o que é agradável fazer depois da morte e que durante a vida nunca houve tempo). Os mortos divertiam-se. D. Raymundo entretinha-se a ditar ao escudeiro uns poemas de Martin Codax que lhe haviam mandado da Galiza:

Ondas do mar de Vigo,  
se viste meu amigo!

– É bonito, sim senhor! Gosto destes versos simples que atravessam a história cantando um lirismo tranquilo e saudoso. Recebo tantos destes poemas que às vezes é-me difícil guardar cópia para a biblioteca da Barbela. Já há poucos

escribas e o pergaminho é cada vez mais raro. Entretenho-me com os cancioneiros. D. Gil, leia-me a de um tal Soares de Tabeirós e aquela do primo D. Dinis que começa:

Ai flores, ai, flores do verde p̃io  
se sabedes novas do meu amigo?  
ai, Deus, e u é?

*– A prima Mafalda não faz ideia do que se conseguiu no capítulo dos trifásicos, nem na tecnologia aplicada. Mais de cinco mil contos só em aparelhagem de rastreio. Então o novo projecto da ponte sobre o rio Lima em que se prevê a demolição sistemática das árvores não enquadráveis no plano urbanístico. É uma obra audaciosa com um arco de um só lança iluminado a néon. Uma verdadeira vitória dos pré-esforçados!*

– Sim, no moderno português *p̃io* é pino, pinheiro, e *u* é quer dizer *onde está*.

– Ai, sim, Gil? Não sabia. Como evoluem os dizeres!

De um lado ao outro, o Jardim dos Buxos fantasiava-se para distrair os momentos noctâmbulos dos componentes do mundo da Barbela. Um vaivém contínuo de balbúrdia apaziguada saltava imprevisivelmente aos olhos e aos ouvidos dos presentes. Barracas, com ornamentos artísticos de todos os séculos, coloriam a visão pelo garrido das lonas. A um lado, uma exposição de flores; mais além, um aquário de transparências remexidas pelo abanar caudal de peixes dormentes; no centro, um estrado para bailados e música. Na natureza respirava-se uma apoteose que só a morte nocturna pode comunicar – as coisas, os bancos e os livros misturavam-se de barraca em barraca e de sentimento em sentimento. Atravessava o mediano buxo um cheiro crepuscular que atraia a sonhos os passos mais esquecidos e imperceptíveis dos vivos. Um feixe de alegria cantava-se no ar e todos captavam, através de ondas cerebrais próprias da sua situação, os acontecimentos e as músicas que nas diferentes partes do mundo àquela hora se vinculavam aos ouvidos. Junto à Torre, aquele Jardim servia de pátria aos que chegavam – era o primeiro contacto público com os membros passados da família. O fim de tarde depositava-os ali e só os alvares do amanhecer extinguíam tão fantástica quermesse. Dava a impressão de que até os novos satélites e outros planetas mais em voga com as descobertas modernas espirravam de vez em quando colorações desconhecidas. E na calma, sem se embrenharem bem na transcendência do acto que normalmente praticavam, os Barbelas ali viviam, conversavam e morriam. Nunca ninguém conseguiu penetrar em todos os recantos do Jardim, em todos os seus meandros de entretenimento e de estudo, pois a

biblioteca da Barbela, em parte patente nos Buxos, parecia prolongar-se por fileiras intermináveis de fundo. Se uns passeavam em direcção ao banco das roseiras e outros caminhavam silenciosos pelas veredas menos comuns, conversar e sentir resumia o passatempo ideal dos mortos. E nesse convívio adivinhava-se como que uma revisão geral do mundo prematuramente acabado. O Menino Sancho, para ali a brincar na inconsciência do divertimento, respirava a fidalguia atenta dos primos; precoce como todos os idealistas, imaginava amores distribuídos em barda pelas fêmeas da Barbela.

(De *A Torre da Barbela*, 3.<sup>a</sup> ed., pp. 33 a 37)

## CARLOS DE OLIVEIRA

(N. Belém do Pará, Brasil, 1921)

A pureza como que espontânea da linguagem e o domínio do discurso narrativo demarcaram desde os primeiros passos a personalidade literária de Carlos de Oliveira entre os escritores da sua geração – a neo-realista –, sem que tal especificidade o distancie de tudo o que nesse movimento é fundamental. A substância humana preponderante nos seus livros de ficção é, nas palavras do próprio autor, a dos «problemas mais angustiosos e letais dessa pequena burguesia que pulula pela província e que representa ainda hoje uma das traves mestras do nosso edifício social». Na linha temática assim definida, os romances *Casa na Duna* (1943, 5.<sup>a</sup> ed. 1977), *Alcateia* (1944, 3.<sup>a</sup> ed. 1978), *Pequenos Burgueses* (1948, 6.<sup>a</sup> ed. 1978), *Uma Abelha na Chuva* (1953, 11.<sup>a</sup> ed. 1977), e *Finisterra* (1978, 2.<sup>a</sup> ed. 1979), bem como a colectânea *O Aprendiz de Feiticeiro* (1971, 2.<sup>a</sup> ed. 1973), são exemplares duma arte do estilo que se amoldou com justeza a uma visão humanista e resgatadora do homem e da sociedade e que se identificou com uma técnica: a de «servir-se duma história para criar uma realidade significativa no plano da reinvenção estética» (Mário Dionísio). A crítica tem salientado em Carlos de Oliveira «o prosador que trouxe da sua experiência poética uma linguagem sóbria e linear pondo-a ao serviço duma vocação romanesca inquieta» (João Pedro de Andrade), em que se revela «a arte muito pessoal do autor, mestre no desenho de figuras típicas, de baixas ambições ou de pequenos burgueses laminados pelo progresso» (João Gaspar Simões). Os cenários e têmeperas psicológicas da novelística tradicional portuguesa e um estilo de limpidez e elegância raras asseguraram à obra ficcionista de Carlos de Oliveira um lugar de relevo nunca contestado, que em *Finisterra*, por um trabalho de decantação poética, se abre para horizontes fundamente renovados.

O corvo está poisado no umbral da velha casa, precisamente como no poema de Edgar Allan. Mas falta-lhe a grandeza do outro, os versos espectrais, o vento na paisagem onde cintilam ao mesmo tempo neve e noite.

Esqueceu-se disso, o entalhador. Esculpiu toscamente no pedaço de carvalho uma espécie de peru bêbedo a recolher as asas sobre a quilha do peito e o gesto parece o próprio movimento da cupidez. Onde havia destino irreparável ficou devassidão, desbragamento arredondado no papo cheio, nas pernas cambas. Deserto e frio, foram-se. Com franqueza. Um mensageiro do desconhecido não pode ser assim. Que diabo tem semelhante falta de dignidade a ver com o mistério verdadeiro dum corvo que chega pela noite, poisa no nosso umbral e diz as suas duas palavras mortais? Esta confissão escrita cabe exactamente no espaço vazio que fica entre a ave de Poe e a ave do sr. Lucas à entrada da casa de penhores.

Se fosse vivo e vagueasse por aqui, nas ruelas quase chinesas da cidade baixa (muita gente, carroças, quitandas, o recheio das lojas a transbordar sobre a calçada), o poeta era por certo cliente habitual do Lucas. Estou a vê-lo transpor o ressalto da porta, a alma escura como um enorme corvo, para empenhar a última recordação de Annabel Lee.

No interior da loja, há um balcão coberto da tralha mais desencontrada, jarras, loiças, relógios, livros, roupas. Os objectos ganham na penumbra usurária novas significações, fluidificam-se, tornam-se sentimentos, resíduos de vida. A luz velada da lâmpada cai sobre velhos cetins, derrama-se na cor quente das colchas que vieram talvez de longe, numa noite de núpcias, na lombada escura das

encadernações que podiam ter sido de Edgar Allan ou doutro poeta como ele, nos relógios de cuco que deram horas mais felizes, no brilho dos talheres (recordação íntima, quase a apagar-se, de casas desfeitas), no globo terrestre dum geógrafo morto ou dum sonhador de viagens (com fome), nos móveis antigos, canapés, cadeiras de espaldar, mesinhas de pé de galo, armários torneados (para a gula dos colecionadores), nos brinquedos da infância, em coisas gastas, pouco reconhecíveis.

Ao meio disto, a figura do Lucas. Corpo miúdo, seco; rosto oleoso, do tom vagamente amarelado que têm os círios a arder nas igrejas; o nariz (para ser exacto na descrição) não é recurvo como o bico do corvo tutelar, é curto e direito; os olhos claros, esverdeados, vagueiam com uma volúpia fria de gatos nesta feira da ladra. Veste um casacão de algodoaça e usa uma gorra felpuda com duas badanas a cair sobre as orelhas, onde as frieiras crescem numa floração teimosa de cogumelos. Coça-as devagar. O erguer do braço, duro como o duma asa perra ou duma cartilagem, esse, faz pensar (agora, sim) no corvo da entrada.

Cá fora, rente às paredes já carregadas de crepúsculo, um vulto ágil aproxima-se da loja. Eu. Não me engano na porta, não baixo o rosto, não hesito no limiar. A senhora de idade hesita, passa a custo o pequeno rebate. Casaco velho de astracã, chapéu de palha escura fora de moda. Esfrega as mãos uma na outra, envergonhada, como se a culpa fosse dela; depois, procura na carteira o cofre minúsculo de sândalo, estende-o ao penhorista (incrustações de madre-pérola: cegonhas, juncos, nuvens) e murmura:

– É uma relíquia de família, não se desfaça dele, hei-de voltar um dia destes.

Uma relíquia, um dia destes... Francamente. O que é que o Lucas tem com isso? Encolhe os ombros, claro:

– Não posso abrir excepções. Três meses de juros em atraso e vai para leilão. Há regras, normas, a cumprir. Se quer o cofre outra vez apareça a tempo.

A tempo? Fito-a de olhos quase fechados. Oiço-a pensar. E o dinheiro do resgate? Como, quando, donde me pode ele vir? O António? Com seis filhos e o pré de sargento? Não. A Teresa? Coitada, também não. Tenho lá coragem de lhe pedir mais. Os primos? De facto podiam, mas os primos...

Enfim, portas fechadas, muros. E a ignorância universal do abre-te sésamo. Que palavras, meu Deus, que palavras se devem dizer? Os tesoiros à espera e nós sem sabermos a senha. Recolhe as notas, a cautela, murmura outra vez:

– Sim, hei-de voltar... a tempo.

E sai. Nisto, o Lucas vê-me. Rodeia o balcão, vem atender-me com o sorriso vicioso, ávido. Estamos sós na penumbra da loja, como eu calculara. Dois corvos frente a frente. O corvo de Poe morde-me o coração, porque é do meu sangue que ele se alimenta para gritar: nunca mais, nunca mais. A voz ao fundo do túnel, o

eco na gruta vazia. O outro corvo, o da porta de entrada, que ignora a sua solidão (e a alheia, já se vê) voou a custo do umbral, poisou na alma do Lucas. E olha-me de lá. Arbitra o aviltamento quotidiano. Calculou há pouco o cofre de sândalo, indicou os juros, os prazos, negociou. Agora, avalia-me com atenção. Que virá este tipo empenhar?

Mas entretanto o meu silêncio surpreende-o. Porque eu não digo nada, surjo e isso basta. O sorriso do Lucas seca lentamente, evapora-se-lhe do rosto, ruga a ruga, e ele fica pálido. Começa a compreender, começa a recuar. Embate no armário lacado, no relatório de caixa alta, nas cadeiras, nas mesas. Uma lentidão trémula de passos que o balcão detém. Há em mim qualquer coisa de aéreo, de irremediável. Nem eu sei quem me guia. Sei apenas que chego, mais tarde ou mais cedo.

(De *O Aprendiz de Feiticeiro*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 167 a 172)

## MARIA JUDITE DE CARVALHO

(N. Lisboa, 1921)

Maria Judite de Carvalho frequentou a Faculdade de Letras, viveu seis anos na Bélgica e em França e fixou-se definitivamente na cidade natal. Pertencia à direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores quando esta foi extinta pelo Governo de Salazar (1965). A sua obra, bastante una quanto a temas e processos, tem-se repartido pelo conto, pela novela e pela crónica: *Tanta Gente, Mariana* (1959, 3.<sup>a</sup> ed. 1971), *As Palavras Pougadas* (1961, 3.<sup>a</sup> ed. 1973, Prémio Camilo Castelo Branco), *Paisagem sem Barcos* (1963), *Os Armários Vazios* (1966, 2.<sup>a</sup> ed. 1978), *O seu Amor por Etel* (1967), *Flores ao Telefone* (1968), *Os Idólatras* (1969), *Tempo de Mercês* (1973), e *A Janela Fingida*, crónicas (1975). Não narra só pelo prazer de narrar, e menos ainda para explorar virtualidades da língua; narra pela íntima necessidade de exprimir uma visão da vida, muitas vezes implícita, outras expressa em considerações da narradora – visão pessimista, porque a vida tem pouco sentido, o tempo nos gasta e degrada, os seres humanos são visceralmente egoístas e doentes de solidão, a sociedade injusta e mesquinha, pelo menos nas camadas burguesa e pequeno-burguesa, a que pertencem as personagens; mas o tom da narração não é indignado, antes de serena, melancólica aceitação, e até de ironia triste, como, por exemplo, quando se fala dos «restos mortais» da beleza de Mercês: «Uma senhora forte de pernas finas, metida, talvez com esforço, num vestido de surah às pintinhas». Na ironia pode haver ora um assomo de compaixão ora uma ponta de sarcasmo, espécie de castigo para a hipocrisia das pessoas, defesa que utilizam perante si próprias como perante os outros. Situações e vivências são desveladas pouco a pouco, sugeridas com extrema subtilidade, com a «fina arte de desenhar as intersecções onde as coisas tocam os significados vitais» (Fernando Mendonça). A linguagem obedece aqui da melhor maneira à lucidez do olhar desencantado e a uma estética

de contenção, de medida, que se harmoniza com o pudor dos sentimentos e dos lances dramáticos.

## UMA VARANDA COM FLORES

---

A velhinha curvou-se ao de leve, para o lado direito, e passou a mão escura, trémula e rugosa, de unhas estriadas, pelo dorso peludo do gato. Houve um breve ronrom de gozo ou, quem sabe, de simples gratidão aborrecida e ela sorriu ao de leve. Era uma criatura que decerto a idade tornara lenta e também indiferente, era possível, ao mundo que a rodeava, à exceção talvez de algumas coisas, muito poucas e quase desprezíveis para os outros mas importantes, ainda importantes apesar de tudo, para ela: o gato, o calor do sol ou da botija de água quente, a chávena de chá à tarde, a renda que às vezes fazia, as flores da varanda.... Tudo na sua pessoa parecia impregnado de um grande vagar ou possivelmente de uma total ausência de entusiasmo ou mesmo de vontade. Tinha tempo, tinha sempre tempo, nada era urgente. Os seus próprios lábios, já sem cor, a confundirem-se com o rosto engelhado, engelhados também, antes de começarem a sorrir tinham levado tempo a pensar o sorriso, a esboçá-lo, a desenhá-lo por fim. E dir-se-ia que tudo isso acontecera sem ela saber, sem dar por nada. Depois, fora igualmente devagar que ele lhe desaparecera a pouco e pouco do rosto. O tempo era enorme e não fugia. O tempo nunca foge senão no medo das pessoas. E a velhinha já não receava coisa alguma. Que havia de recear? A morte? Mas as marés haviam roído todas as cordas. Já nenhuma a prendia. Por isso havia tantos anos que vogava dentro daquele terceiro andar de um prédio em ruínas onde vivia com uma criada quase tão velha como ela e com um gato. E cada dia acordava mais perto. De quê? Não o sabia.

Estava sentada numa poltrona de pés finos, torneados, a acabarem em bola. No chão a *carpette* desbotada e gasta de tantos passos, com mais serapilheira do que lã. Uma coluna, um vaso de begónia com *cache-pot* de faiança, rachado, amarelecido, e a um canto um velho piano com um retrato em cima, o dela aos vinte anos, peito farto a enfunar a blusa branca de gola oficial, cabelo loiro a emoldurar-lhe o rosto gorducho e contente. Um raio de sol vinha da varanda, atravessava as cortinas de rede que ela fizera e onde dois cupidos brincavam, estendia-se, quadriculado, pelo chão (viam-se aqui e além as manchas de sombra do bordado) e vinha acabar sobre a almofada de cetim onde o gato adormecera de novo – teria mesmo chegado a acordar? – ao lado da botija e dos pés da dona, enormes do reumatismo. Uma grande mosca azulada bateu para além das cortinas no muro invisível mas tão luminoso, agitou-se, escorregou pela vidraça num desvairamento de asas metálicas, e o gato arrebitou, interessado, as pequenas orelhas cinzentas. A velhinha disse numa voz suave, vagarosa, um pouco trémula:

– «Então, Menino Gato, então... Não vale a pena. É uma mosca... uma simples mosca... Quietinho, quietinho...»

Mas o ruído cessou. O insecto, depois de esvoaçar rente ao chão, poisara decerto em qualquer móvel ou no papel de flores escuras que forrava as paredes. E tudo ficou outra vez mergulhado em silêncio.

A mulher de luto e olhos inchados que estava sentada na borda da cadeira, bem na borda como se se preparasse, ela também, para levantar voo, sentiu-se esquecida, tossiu ao de leve porque tinha a certeza de que se rompesse o silêncio e começasse a falar sem aviso prévio ela teria um sobressalto. Por isso tossiu. Uma tosse curta, seca, muito falsa. A velhinha levantou a cabeça, disse devagar piscando os olhos:

«Ainda aqui está... Tinha-me esquecido, como é possível? Tinha-me esquecido por completo. A minha pobre cabeça... Julguei... desculpe, sim? Uma destas!»

A visita abriu a mala para tirar um lenço que levou aos olhos num gesto rápido. Que não pensasse mais nisso, que não se preocupasse. Era natural, afinal de contas. A ela própria, e era mais nova, já lhe tinha acontecido...

«Mas faça um esforço e tente lembrar-se. É tão importante para mim, é, como direi tão... vital!»

Tinha começado a falar com suavidade, arrastando a voz no ar um pouco lamecha de uma criança que pede um bolo, mas agora a voz entesara-se e havia-se tornado áspera como se exigisse uma coisa devida, uma coisa que era sua e ali viera buscar. A velhinha disse, porém, sem se formalizar, como se as entonações da visita lhe fossem completamente indiferentes, como se nem desse por elas:

«Não me lembro. Na minha idade é difícil, sabe? Vou fazer para o mês que vem

oitenta e cinco anos... Ou oitenta e seis? Nunca tive boa memória, nem mesmo em nova, quanto mais agora... E no entanto...

«No entanto?»

Quase se levantara da cadeira. A velha ia lembrar-se, o véu rasgava-se e a luz ia aparecer. A luz? Não haveria mais luz para ela. Nunca mais. O crepúsculo ou a noite negra era tudo o que podia esperar. Mas a velhinha estacara à beira de um abismo cheio de nuvens, não podia ir mais além.

«Sim, no entanto, há qualquer coisa», disse por fim. – «Qualquer coisa que talvez seja importante para a senhora e que naquela altura me impressionou. Simplesmente não sei, já não sei. Se tivesse vindo logo eu lembrava-me com certeza. Agora, já lá vão quinze dias... creio que é uma coisa perdida. Tenho oitenta e cinco anos, sabe?»

«Não, não pode ser. Eu vim logo que pude, tenho estado doente. Fiquei...»

Não podia ser, era impossível. Aquela mulher tinha visto tudo, ela própria lhe dissera havia pouco, quando a vira entrar. «É a senhora do prédio em frente, não é? A mãe daquela pobre menina? Eu vi tudo, estava à janela...» Vira tudo. Fora ela mesmo a única espectadora do desastre. Do desastre? A rua era estreita, os dois prédios ficavam mesmo em frente, ambas viviam no terceiro andar. Simplesmente o seu era num prédio novo, com elevador, e aquele numa velha ruína parcialmente desabitada, com escritos nas janelas de vidros partidos e só à espera de que a velhinha morresse para ser demolida. A mãe do actual senhorio fora amiga dela e tinha-lhe prometido que enquanto fosse viva não a fariam sair dali. Todos sabiam, toda a vizinhança estava a par. Ninguém mais vira a criança senão ela que àquela hora estava na varanda a regar as flores. Os outros tinham-se limitado a olhar a boneca desarticulada que estava caída na rua.

«Uma coisa perdida», repetiu a velhinha calmamente. «Perdida lá muito para trás, ao fim de um caminho todo branco onde não me lembro de ter passado.»

«Mas tem de se lembrar. Ouça, não terá contado à sua criada?»

A velhinha acenou negativamente e a mulher reparou nos seus cabelos brancos, já ralos, muito bem penteados sobre o crânio rosado. Oh não, não lhe tinha contado nada. Era tão surda, mas tão surda a pobre criatura! – «e é mais nova do que eu, olhe que tem só setenta anos» – que todas as recomendações lhas fazia por escrito. Não podia gritar, nunca fora capaz. Agora então...»

«Tem portanto a certeza...»

«Ah isso, absoluta. Nem a ela nem a ninguém. Há quase um mês que não tenho visitas. Está frio, não é? As minhas amigas – as poucas que me restam – já não são muito novas...»

A mulher aproximou a cadeira da poltrona onde a velhinha ficara outra vez esquecida, a sorrir.

«Senhora D... desculpe-me, como é o seu nome?»

«Chamo-me Cristina. Cristina Rita, para a servir.»

«Senhora D. Cristina, eu vou contar-lhe tudo e Deus sabe, Deus sabe o que me custa.»

«Mas eu não tenho interesse, minha senhora, nenhum interesse. Vivo na minha casa, pouca gente conheço. As senhoras amigas que me vêm ver, para me entreter, dizem elas, para me fazer companhia, só conseguem fatigar-me. Aos oitenta e cinco anos... Se pudesse dizia-lhe tudo o que a senhora quer, acredite. Simplesmente não posso. Por mais que queira tirar as recordações de dentro do poço elas não vêm à superfície. Estão afogadas, bem no fundo. Para que me há-de contar coisas difíceis? Que lucra com isso? A pobre criança morreu, nada mais interessa.»

A mulher endireitou-se na cadeira, suspirou.

«Viu a minha filha cair... não é verdade? Estava a olhar para ela, não estava? Viu-a... atirar-se?»

E deitou a chorar.

«Então, então...» A voz da velhinha era doce e persuasiva. «É preciso serenidade. Que pode fazer agora? Era um anjo, está no Céu.»

«Era. Deve estar. Se há Céu deve lá estar.» – Eram palavras secas, de raiva. «Se não fosse um anjo ainda estaria viva a esta hora.»

«Mas quem lhe diz que não foi um acidente, que ela não se debruçou, não caiu? Eu não sei, não me lembro, mas pode ter sido.»

«E quem me diz que não foi a outra coisa, a que eu receio? Não a eduquei como devia, deixei-a ser anjo e nesta vida não dá resultado. Não foi feita para anjos, a vida. A atmosfera é malsã, é preciso termos cá dentro uma boa dose de micróbios para lutarem com os de fora. A Gininha era sem defesas. E eu fui horrivelmente imprudente.»

«Tenha coragem. Agora é tarde, não é?»

«Será? Tem razão, claro, é tarde.»

Esteve calada, pensativa, um grande momento. Depois voltou a falar, agora muito depressa.

«Só a tinha a ela, juro que só a tinha a ela, era para ela que eu vivia, que eu trabalhava. Sou viúva há quatro anos. E tenho trinta e cinco. Naquela tarde foi lá a casa uma pessoa amiga, um homem. Julguei que a Gininha tinha saído, nem me ocorreu que era feriado, que já pela manhã não tinha tido aulas. A certa altura ouvimos um estalo surdo, como se uma enorme mão tivesse batido numa mesa a pedir silêncio. Depois houve um grito, muitos gritos ao mesmo tempo. Fui então à janela e vi-a. Vi-a, compreende?»

Tapou o rosto com as mãos, ficou um momento sem poder falar. A velhinha disse:

«Deve ter sido terrível para si.»

«Foi terrível. Era a minha filha única e tinha onze anos. Ele não significava nada ou muito pouco. Nunca mais o quis ver, nunca mais o quero ver. Tinha onze anos, minha senhora. Não sabia nada da vida, nada. E eu orgulhava-me disso, veja lá...»

A velhinha franziu as sobrancelhas brancas.

«Houve qualquer pormenor, eu sei que houve. Mas o quê?»

«Uma expressão de horror, talvez? Lágrimas? Estaria pálida como uma defunta? Ela ficava assim quando tinha um choque violento. Era uma criança nervosa, tão sensível! Viu-a talvez saltar para a rua ou debruçar-se lentamente... Não teria ela avistado qualquer coisa que a interessasse, esses saltimbancos que às vezes aí passam e fazem habilidades em cima de um tapete?», perguntou com súbita ansiedade. «Naquele momento não reparei em mais nada... Só a vi a si, creio que a vi antes de olhar lá para baixo. Ainda tinha o regador na mão. Pense, veja se consegue lembrar-se...»

«Era um pouco como se fosse minha neta, sabe? Uma neta que eu só conhecesse de vista. Sorria-me sempre e eu sorria-lhe também...»

A mulher estava de pé, estendia-lhe a mão fria. Que se deixasse estar, ela sabia onde era a porta.

«Mas prometa-me que toma nota se se lembrar de qualquer coisa, sim? E se me dá licença, se não incomodo muito, eu volto amanhã.»

«Volte sempre que quiser, minha senhora. Eu nunca saio. Mas creio que é uma coisa perdida.»

A porta da rua bateu ao de leve e a velhinha teve um estremecimento. A mosca azul voltou a zumbir, a bater na vidraça, depois a escorrer por ela abaixo. O gato espreguiçou-se, olhou para o insecto com displicência, tornou a fechar os olhos amarelos. A velhinha fechou também os seus, a cabeça pendeu-lhe para o peito e ficou a dormir.

(De *As Palavras Pougadas*, pp. 99 a 108)

## AGUSTINA BESSA-LUÍS

(N. Vila Meã, Amarante, 1922)

De um raro poder de inventiva na linguagem literária, na exploração ideográfica e simbólica da palavra e na desordenada e exaltada efabulação narrativa, Agustina Bessa-Luís tem firmado de livro para livro uma posição fortemente singularizada na nossa novelística contemporânea. Da sua obra emana sempre uma interrogante carga de mistério, de indefinida projecção mítica, por vezes de uma peculiar metafísica a envolver o humano comum e a transcender os enquadramentos epocais e locais em que as personagens se movem. Um ímpeto de gnose sobre as almas, geralmente impelidas pela força de paixões mais ou menos indecifráveis, conduz o seu processo de romancista no ritmo de uma indagação sem margens. Em cada livro, «reincide no culto duma “genialidade” que a deixa perfeitamente livre nas fronteiras criadas ao território da sua literatura, orgulhosa acima de tudo da potencialidade intuitiva das suas razões de vida» (João Gaspar Simões). Assim tem construído uma obra que é já muito vasta, iniciada em 1948 com o romance *Mundo Fechado*, prosseguida com *Os Super-Homens* (1950) e *Contos Impopulares* (1953), com o romance *A Sibila* (1954, 4.<sup>a</sup> ed. 1970), que lhe deu mais larga notoriedade; e, sucessivamente, com os romances *Os Incuráveis* (1956), *A Muralha* (1957), *O Susto* (1958), *Ternos Guerreiros* (1960), *O Manto* (1961), *O Sermão do Fogo* (1963), os ciclos romanescos *As Relações Humanas* (1964-1966) e *A Bíblia dos Pobres* (1967), *As Categorias* (1970), *A Brusca* (1971), *As Pessoas Felizes* (1975), *Crónica do Cruzado Osb* (1976), *As Fúrias* (1977, Prémio Ricardo Malheiros) – romances, estes dois últimos, em que a autora reflecte sobre o sentido histórico da Revolução e analisa a sociedade do pós-25 de Abril. Nas suas narrativas, Agustina «remonta à ideia genérica da paixão humana essencial e do conhecimento do mundo e do ser a partir dessa paixão» (Álvaro Manuel

Machado). Pela sua originalidade incondicionada, é uma escritora sem mestres e sem discípulos.

## UM INVERNO FRIO

---

Agora que se divulga escolarmente todo o quadro da sexualidade, desde a erótica de famílias até à libertinagem tecno-urbana, lembra-me um caso que se deu em Bóbeda, num Inverno frio. Bóbeda fica numa região plana, gretada pela geada e onde se plantam as belas couves de Natal, grandes como arbustos, turgentes e doces; sabem um pouco a leite, e dos seus talos brancos corre mesmo um líquido brilhante, como resina.

A casa dos Galeões fica num alto. Tem uma varanda toda ajanelada, como um comboio, e vê-se de longe, muito chapeada de sol, nos dias claros. Mas nesse Inverno havia um nevoeiro chegado à terra, azul, apertado e igual ao fumo das leiras quentes e azotadas. Os Galeões de Bóbeda eram gente severa, de olhos tristes e com vocação do mando. Os homens notavam-se todos pelo andar debruçado, como se carregassem um fardo; o cabelo embranquecia-lhes cedo. Ocupavam cargos administrativos, eram respeitados e casavam com mulheres ambiciosas que lhes davam muitos filhos. O mais novo, de aspecto quase fúnebre, com a violência mitigada de suavidade cristã que se encontra nos filhos últimos duma mãe devota e sensível ao êxito da família, teve uma carreira tradicional e sem surpresas. Casou-se aos vinte e oito anos com uma jovem de Vila Pouca, bonita, áspera e disciplinada. Ele chamava-se João, ela Elisa. Eram altos, bem formados, triunfantes e aparelhados em tudo. Pertenciam à casta do lusitano fronteiro, que necessita de inimigos para não enferrujar o arnês e que anda sempre atrigado com as bulas de Roma e a cólera do rei. Comiam com moderação, mas davam um jantar no primeiro sábado depois da Páscoa e em que se assava um

boi inteiro. Não serviam iguarias caras, nem mesmo peixe. Um dos de Bóbeda tinha recusado uma herdeira rica porque a mãe dela mandara ir do Porto sável em Março, quando havia ainda neve e as diligências ficavam retidas no Alto da Abobreira. Os de Bóbeda amavam o fausto como testemunho de força, mas desprezavam a prodigalidade.

Nos primeiros anos de casado, João Galeão foi muito feliz, prosperou, baptizou quatro filhos, lançou-se na política e escreveu um livro sobre registos vinculares. Era doutor em leis e tinha alma de chanceler. No ano de 1962, foi ao Porto provar um fato de cheviote, assertoado; visitou um irmão da mãe, antiquário, e passou com ele uma noite agradável, falando de assuntos elevados – de morgadios, da crise agrícola e do casamento de sua prima com um delegado. «Certinho, mas nada esperto» – dizia o tio Ascenso. Ele era um homem da Renascença, um Ludovico o Mouro entendido em barroco exorbitante. Gostava da intriga duma maneira artística; ela era a sua ópera, o seu *pas-de-quatre*. João encontrou na casa do tio Ascenso uma criatura singular. Era uma rapariga que tratava das crianças e falava com elas inglês. Não se tratava duma *miss* – só uma criada qualificada. Tinha estranhos talentos. Quando João entrou na sala do jantar para ir buscar o seu copo de *brandy*, viu-a. Estava deitada de bruços no chão, e partia avelãs com o salto do sapato. As crianças seguiam a operação com grande interesse, e de vez em quando riam-se baixinho, com aquele riso vibrante e rápido que soa como o grito duma ave. João não pareceu impressionado; mediu a garrafa com o olhar antes de se servir, como era seu costume, deitou um pouco de *brandy* no copo e saiu. A rapariga olhou um momento para ele. Tinha uns olhos a que as pestanas carregavam a cor. Eram castanhos, e os dentes dela eram arredondados e certos. O incisivo estava um pouco quebrado. João reparou nesse pequeno defeito, mas nunca mais lhe ocorreu nada daquilo. Partiu no dia seguinte para Bóbeda, e aí se manteve sem que houvesse alterações na sua vida durante uns meses. Era um marido dedicado e um pai exemplar. De repente, Elisa deu que falar. Fez-se gastadora, saía muito e chegou a ser julgada uma mulher leviana; um viúvo apaixonou-se por ela e estava disposto a fazer loucuras, como levá-la para Madrid. João tomou tudo aquilo com muita fleuma, sofrendo com dignidade a sua desilusão. Uma afilhada que vivia na casa e tinha quinze anos foi seduzida por um homem do campo, velho já e com seis filhos. Tio Ascenso teve uma história bastante enigmática com ameaças de morte; uma criada dele provocou um incêndio em casa, perderam-se objectos valiosos; a mulher adoeceu, foi dada como incurável e morreu quase imediatamente e sem que isso motivasse surpresa e até luto. Era um espanto organizado. João ouvia todos os dias o relatório dos desastres acontecidos entre amigos e familiares, e o seu coração não batia com menos regularidade. Às vezes saía a pé e, se encontrava um gato meio afogado

numa ribeira, trazia-o e cuidava dele. Enriquecia e vigiava com muita prudência os seus negócios. Tratava Elisa com respeito e beijava-a carinhosamente; mas achava que ela tinha os cabelos ralos e meio esverdeados. «Talvez seja porque esteja velha!» – pensava. E sentia uma ternura delirante e fácil. A sua alma estava suspensa duma memória que não chegara a abrir-se. Julgava que o mundo sofria duma estranha decomposição; subitamente apetecia-lhe mudar de casa, de país, de costumes; comprava pratas antigas, fazia a sua árvore genealógica, comemorava datas, tinha grandes ideias, gostava de ler a necrologia nos jornais, ouvia música clássica. Elisa deixou-o, por fim; ninguém encontrou justificação para isso. Em dez anos João não mudara; os outros sim. A própria mãe se tornou um pouco azeda, um pouco herege, e morreu de congestão ao meio-dia, enquanto comia uma pera-de-água. Encontraram-na já fria, com os olhos abertos, um ar de ira sobrenatural no rosto miudinho. João beijou-lhe as mãos; ficou calado, sem lágrimas. E, de repente, viu na polpa do fruto a marca dum dente incisivo meio quebrado. Pôs-se a chorar, a chorar. «Meu Deus – disse –, meu Deus, Senhor!»

Bóveda no Inverno é vidrada de geada; o sol não sobe acima da linha da plantação nova dos vidoeiros. Quem vai na estrada vê a casa dos Galeões de Bóveda, que fica num alto. É como um comboio, com as suas muitas janelas de guilhotina e a chaminé que espalhava dantes o seu fumo espesso, constelado de fagulhas. Agora usam gás, ou não sei quê.

(De *Colóquio-Letras*, n.º 16, Novembro de 1973, pp. 53 a 55)

## URBANO TAVARES RODRIGUES

(N. Lisboa, 1923)

Sobretudo romancista, embora se tenha afirmado também no romance, Urbano Tavares Rodrigues licenciou-se em Letras na Univ. de Lisboa, foi largos anos leitor em França, enveredou pelo jornalismo, iniciou uma carreira de docente universitário que, por motivos políticos, depressa interrompeu e que retomou depois do 25 de Abril. Senhor dum estilo de grande plasticidade, «envolvente e luxuriante como os seus próprios temas» (no dizer de Augusto Abelaira), com dotes invulgares de captação do real, quer sensorial quer subjectivo, até ao mais tenso dramatismo e à mais funda angústia de existir, evoca e transfigura experiências repartidas por três «universos»: o de jovens portugueses que, no estrangeiro, tentam libertar-se das inibições que transportam consigo; o do Alentejo (terra mítica da sua infância), observado no duplo estrato dos terratenentes e dos trabalhadores, estes com a força indomável dos seus instintos e da sua altivez; o de Lisboa, também com seus burgueses instalados, seus jovens revolucionários, e, numa óptica de luta de classes, seus explorados e degradados. Esta obra, já imensa, onde o amor, o erotismo, a aventura, a coragem, o encarceramento, a morte e a esperança são temas maiores, é alimentada por um humanismo de preocupações ético-sociais: a defesa da liberdade exige, de modo cada vez mais claro e veemente, um sentido colectivista de solidariedade. Acresce que, não obstante o seu carácter «inspirado», torrencial (com uma riqueza vocabular que certa crítica tem aproximado do neo-barroquismo dum Fialho), a prática da escrita em Urbano T. Rodrigues inclui inovações técnicas, uma busca incessante, na convicção de que, sendo politicamente de vanguarda, a literatura cumulativamente o deverá ser dum ponto de vista estético, expressional. Apenas alguns títulos, pois impossível seria citar todos, ou sequer a maior parte: *A Porta dos Limites* (1952, 4.<sup>a</sup> ed. 1979), *Vida Perigosa* (1955, 3.<sup>a</sup> ed. 1974), *A*

*Noite Roxa* (1956, 4.<sup>a</sup> ed. 1976), *Uma Pedrada no Charco* (1958, 4.<sup>a</sup> ed. 1973, Prémio Ricardo Malheiros), *Bastardos do Sol* (1959, 4.<sup>a</sup> ed. 1974), *As Aves da Madrugada* (1959, 4.<sup>a</sup> ed. 1974), *Os Insubmissos*, romance (1961, 6.<sup>a</sup> ed. 1976), *Dias Lamacentos* (1965, 2.<sup>a</sup> ed. 1972), *Imitação da Felicidade* (1966, 2.<sup>a</sup> ed. 1974), *Casa de Correção* (1968, 2.<sup>a</sup> ed. 1972), *Estrada de Morrer* (1972, 2.<sup>a</sup> ed. 1976), *Dissolução*, romance (1974), *As Pombas São Vermelhas* (1977), *Desta Água Beberei*, romance (1979). Também cronista e ensaísta, Urbano T. Rodrigues é hoje um dos escritores portugueses mais reeditados e traduzidos.

Vou finalmente adormecer, após a longa insónia – de quarenta e oito, de sessenta, de setenta e duas horas? Os postes telegráficos são agora antenas de lavagante, mas só os avisto, e muito de longe, por entre as grades. Mas até as grades já estão longe de mim. Será que as vejo sequer? Dói-me o fígado. Porquê? Nem me lembro. Sei que me sacudiram, que deram murros na mesa, em volta da qual tive de correr, por me queixar do frio. Parece que levei palmadas na cabeça, quando ia desmaiar, ou dormir. Depois, pediram-me desculpa, rindo. Era do regulamento... Recordo apenas, nitidamente, nesta passagem pardacenta do sofrimento para a praia de vermes aonde vim dar, o solo cheio de insectos que durante horas e horas contemplei. E também a luz nos meus olhos, os tentáculos (ou unhas) da mão peluda que tamborila sobre a mesa.

Agora empurram-me. Atravesso longos, intermináveis corredores, e uma espécie de lobo, sem pernas e com o pescoço escrofuloso, vai, na minha frente, apagando os *graffiti* das paredes, os riscos de esperança, ou de desespero?, ali contíguos, indestrinçáveis, com que os condenados foram assinalando os seus dias de isolamento.

Abriu-se a pesada porta de ferro. Quando o guarda se afasta estendo-me no catre. Conto pelos estalos dos interruptores o número dos incomunicáveis. Vomito e torno a deitar-me.

Uma luz esverdeada oscila ao fundo da casamata. Assim, a masmorra parece toda de zebre, ou de enxofre. Rio-me, baixo, por prudência. Já aprendi, há muito, que a coragem se deve reservar para os interrogatórios. Quanto às ofensas, morais,

corporais, do quotidiano, pois bem, a verdade é que a velocidade adquirida nos ajuda. Talvez se possam colecionar injúrias, talvez isso acabe por tornar-se exaltante... De toda a maneira, há um orgulho masoquista, uma sinistra, porventura monstruosa, vizinhança da dor e do prazer que nos dá forças. Por estranho que pareça...

Agitam-se alguns vultos agachados, caricaturas de seres humanos; lá ao fundo há uma fossa comum, que fede. Tapo as narinas. Não tenho já forças para conversar com os companheiros. Fica para depois. De resto, são tantos! Desconfio. Qualquer dos que me rodeiam pode ser um delator.

Uma cabana de juncos vai, à maneira de uma jangada, sobre a onda mansa, lenta, de um mar interior, acastanhado, talvez de excrementos. Que cabana? Porquê?

Tocam-me no ombro magoado, que presumo esteja roxo, da pancada que dei na porta da carrinha, ao entrar, quando tropecei (ou ter-me-ão rasteirado?)

Uma cara sorridente, cauta, debruça-se sobre o bailique. Falam-me em voz muito baixa. Estou enterrado num vazio que me prende tanto como o lodo. Mas acabo por reconhecer a voz. E o sobressalto é de tal ordem que salto no catre, esfrego os olhos, agarro freneticamente os pulsos de meu irmão, que se liberta com jeito, recomendando-me silêncio, por gestos.

– Tu aqui? Mas como? É totalmente absurdo. E onde é que estamos? Que prisão é esta?

Porque já não me encontro realmente no forte à beira-rio, mas noutra qualquer local de horror, mais promíscuo segundo toda a evidência, porém menos desumanamente solitário e onde o instante é de pólvora optimista, de ternura entrelaçada. Custa-me a abafar o alvoroço. A concha das minhas mãos torna-se amarela quando tapo a boca.

Há bichos de conta, aranhas, osgas e outros animalúnculos ao canto das paredes gangrenadas pelo escuro suor do frio... Que importa! Está comigo o meu irmão. Juntou-nos a minha vontade intensa de o ver antes da morte. E é tão real ao meu lado! Toco-o com os dedos enregelados. Falo-lhe e responde-me.

– Como vieste aqui parar?, onde estamos?

– Não interessa. O que importa é fugirmos. Há tanta coisa a fazer lá fora: protestar, protestar, manifestar. Escrever. E viver! Até isso é importante: a nossa vida! A nossa miserável vida... O cabelo há-de nos crescer outra vez. Seremos aparentemente como os outros. Havemos de ver os nossos filhos brincar...

Sim, a nossa liberdade? Nem posso acreditar... Respirar toda a clorofila dos bosques de Monsanto, mastigar os lírios da primeira Primavera, mexer outra vez num automóvel, guiar, envolver o dia nos braços, comer com os amigos, amassar esperanças com a argila encarnada das palavras e dos risos!

- Cala-te! Não te excites! Temos de sair daqui. E depressa!
- Mas como?
- Eu tenho um plano.

E é então que a luz esverdeada apodrece e que amarinham pelas paredes os bichos-de-conta com os quais eu me entretinha a promover corridas (para iludir a angústia, que me espreita por detrás de cada mirada, hostil ou indiferente, que ressoa no próprio som dos meus passos).

É como se tivesse perdido a existência. Sacodem-me e não reajo. Trata-se apenas da «ronda». Não descero os olhos. Nem quero saber se este carcereiro é melhor ou pior do que o anterior, se poderei ou não contar com os remédios que ele se digne dar-me. Outra vez a negra ringideira da chave de ferro que me expulsa nesta natureza morta, nesta casa de grilo, nesta aridez de estômago revoltado em que se volveu a noite atormentada.

Nem preciso de verificar que estou só. Completamente só. Senhor do meu vácuo incolor. Sem horas. Sem destino, estampado eu verde de vômito, crucificado em efígie num calendário sem datas. Este vento de asas quebradas gemendo contra a fortaleza! Não tardará o toque da corneta.

– Irmão, vou ainda tentar readormecer, pegar no mesmo sonho, reencontrar-te e à tua voz de coragem, de incitamento, de claridade, à água de vida plena que bóia sempre no teu olhar doirado.

Há fontes brancas de luta e de alegria. Ou de alegria-luta. Fontes de aurora que derrotam, no seu silêncio, os monstros da noite. E que sabem os gestos mágicos, os pequenos gestos secretos da flor na brisa, da liberdade mesmo aprisionada na pedra desta solidão.

(De *Estrada de Morrer*, 2.<sup>a</sup> ed, pp. 115 a 119)

## JOSÉ CARDOSO PIRES

(N. Lisboa, 1925)

Nascido na geração que segue imediatamente a do Neo-Realismo, e por isso recebendo da sua experiência o que há nele de mais positivo, José Cardoso Pires ingressou na moderna novelística portuguesa em atmosfera mais aberta do que a dos seus então ainda jovens antecessores aos ventos de renovação que já se manifestavam na Europa e nas Américas. A sua obra é profundamente marcada de preocupações sociais, mas reflectindo vivamente «o travo de se viver incerto e repartido no tempo» (como diz J. do Prado Coelho) que emana daquela atmosfera mais cosmopolitizada do que a dos neo-realistas iniciais. Se há na sequência da sua obra, a adensar-se progressivamente em conteúdo e a afinar-se em estilo, um realismo social constante, também nela se afirma cada vez mais um realismo crítico que lhe abre as portas das complexidades dramáticas da natureza humana. Partindo de *Os Caminheiros e Outros Contos* (1949) e *Histórias de Amor* (1952), essa trajectória evidencia-se em *O Anjo Acorado*, romance (1958, 6.<sup>a</sup> ed. 1977), *Jogos de Azar*, contos (1963, 4.<sup>a</sup> ed. 1975), *O Hóspede de Job*, romance (1964, 5.<sup>a</sup> ed. 1975, Prémio Camilo Castelo Branco) e, sobretudo, em *O Delfim*, romance (1968, 8.<sup>a</sup> ed. 1978). Deste livro escreveu Nelly Novaes Coelho que nele «se aprofunda o processo criador de José Cardoso Pires em sua vigilância constante para transcender o significado real e raso do real objectivo e dar-lhe uma conotação simbólica»; e Fernando Mendonça que «a ironia subjacente no romance é uma forma de meta-humorismo funcional, uma mensagem a descodificar». A «fábula» *Dinossauro Excelentíssimo* (1972, 6.<sup>a</sup> ed. 1977), para além da directa satirização política, dá forma aberta e patente a esse meta-humorismo codificado.

## [ PRINCÍPIOS SÃO PRINCÍPIOS ]

---

Maria das Mercês é um contorno interrompido que entrevejo nas linhas dos meus apontamentos, um rosto no escuro a morrer e a avivar-se a cada fumaça que vou puxando. Furo o véu de neblina com o morrão do meu cigarro, vislumbro-a no outro lado, aprumada, frente ao vale, e, no pátio, o Domingos que ela um dia há-de vir a matar (com crime ou sem crime, é o menos) depois de o ter ajudado a renascer. «Domingos», assopra, cheio de ódio, o Batedor chamando-o lá de baixo, da aldeia. «Venha cá, deite-se aí.» Mas embora o veja como cão, cão de três patas, não se atreve a tocar-lhe, ai dele. Tocar-lhe só o Engenheiro, e, para que não se duvide, a sentença está lavrada a páginas tantas do meu caderno: «Quem me trata mal os criados é porque não me pode tratar mal a mim.»

Princípios são princípios, e muito mais se vêm afirmados por um Palma Bravo. Simplesmente – e aqui é que o diabo pôs a unha – alguém esqueceu essa realidade. Alguém, que o Padre Novo designou esta noite por «um emigrante em férias», tomou o mestiço de ponta e, insultando-o, pôs em causa uma lei de família. Porquê aquela aversão? Provavelmente, deduzo eu, porque à hora a que o Domingos descia à aldeia para esperar o Engenheiro já o homem estava cheio de cerveja e, cansado de não fazer nada, vinha para a porta do café entreter-se a desafiá-lo. Provavelmente também – porque, como interpretava o dono do estabelecimento, o emigrante trabalhava na América, e na América, tanto quanto o comerciante lera e ouvira, a gente de cor não tem sequer direito à sombra do corpo. Logo o tal ódio ao mestiço.

Maria das Mercês, lá do alto da varanda, não quis saber de explicações. Cortou o mal pela raiz:

«De agora em diante, Domingos, não tornas a ir esperar o senhor Engenheiro.»

O criado baixou a cabeça. Orgulhoso, tinha-lhe chamado o Padre Novo, e não exagerara. Mas quem não se sente não é filho de boa gente, diria Tomás Manuel, ditando-me mais uma regra neste caderno; e, pela última vez, todo aquele que lhe ofendesse a Casa tinha de pagar o atrevimento, como de resto se depreendia já há muito das minhas notas do ano passado.

Ressentido, o Domingos veio para o pátio (e, assim, continuava a ser a primeira pessoa a receber o Engenheiro). Uma tarde, estava ele ao portão, a senhora na varanda, chega o Jaguar disparado e salta de lá o Tomás Manuel, de punhos estendidos:

«Capado. Deixares-te abandalhar por um safardana daqueles.»

Vinha de ajustar contas com o emigrante, agora era a vez do criado. Filando-o pelo pescoço, atravessa com ele o jacto dos faróis, esbofeteia-o, cospe-lhe insultos em cima de insultos. As palavras aumentam-lhe a ira e, a espumar de raiva, desfecha-lhe um soco nos queixos.

«Larguem-mo», urra, cortando o caminho à Aninhas e ao moço da lavoura que correram em socorro do Domingos.

O infeliz roda, entontecido. Segura o coto do braço a tapar o rosto, anda aos bordos. Depois verga-se-lhe uma perna, verga-se-lhe a outra, e estatela-se no lajedo. Cego, Tomás Manuel corre o pátio, deita abaixo o que encontra pela frente, assopra como um danado. Por fim apanha um cabo de forquilha; vai-se ao monte de miséria que estava no chão e mete-lho à força nas unhas:

«Defende-te, capado dum coirão. Defende-te ou acabo contigo aí mesmo.»

Joelho em terra, cara em sangue a oscilar à luz dos faróis, o outro tenta endireitar-se. Velha e moço tremem de pavor, a criada nova foge a chorar. Agarrando o cajado, firmando-se nele com desespero, Domingos começa a levantar-se. Mas os dedos escorregam-lhe, as pernas negam-se; as pernas estão ocas, moles, e o homem, num último esticão, desmorona-se por inteiro em cima das pedras.

O Engenheiro fecha os olhos:

«Por amor de Deus defende-te.» Era uma voz trémula, uma súplica lançada de dentes cerrados.

Nada. Domingos nem estremece. Estendido por terra, deita para longe um olhar cheio de tristeza e de serenidade.

Do alto da escadaria, Maria das Mercês tem estado a presenciar tudo sem uma palavra. Ela, estranhamente calma e silenciosa, o marido lá em baixo com o

corpo do criado aos pés. Vê-o pálido, devastado pela luz dos faróis e de braços escorridos, e sabe que ele está à espera dum movimento, do menor sinal de Domingos que lhe faça descarregar a fúria. Passa um minuto, passam dois, e o mestiço não se mexe.

Então, num rompante, Tomás Manuel dá meia volta, deita as mãos à cara brutalmente, e desaparece. Foge, quase foge, escada acima, doido por se livrar daquele farrapo nojento. Quando atravessa o patamar, Maria das Mercês recua discretamente para lhe dar passagem. Não lhe toca, não lhe diz nada. Parada entre a porta, deixa-o só na sala, espapaçado num maple. Daí a algum tempo vai ao quarto buscar as chinelas e calça-lhas. Traz-lhe a bolsa do cachimbo, serve-lhe um whisky. Senta-se ao lado dele. Depois, um bom pedaço depois, começa a puxá-lo para si, acariciando-lhe as mãos, o cabelo, o rosto frio e carregado.

«Amor pequenino», segreda-lhe, apertando-o muito contra o seio. «Meu querido, meu grande amor pequenino...»

Como se cantasse, como se cantasse.

(De *O Delfim*, 8.<sup>a</sup> ed., pp. 289 a 294)

## FERNANDA BOTELHO

(N. Porto, 1926)

Surgindo para a vida literária através da poesia, no grupo e na pesquisadora atmosfera lírica da revista *Távola Redonda* pelo início da década de 50, Fernanda Botelho [de Faria e Castro] não tardou a enveredar para a novelística com a publicação de *O Enigma das Sete Alineas*, novela (1956); e, pouco depois, dos romances *O Ângulo Raso* (1957, 2.<sup>a</sup> ed. 1971) e *Calendário Privado* (1958, 2.<sup>a</sup> ed. 1973), anunciando já uma maturidade próxima no género. Foi, porém, com *A Gata e a Fábula*, romance (1960, Prémio Camilo Castelo Branco, 4.<sup>a</sup> ed. 1973) que a autora viu plenamente consagrada a sua vocação de romancista, «possuidora de um estilo vivo e pessoalíssimo, moderno e vibrátil, e duma técnica hábil e convincente» (Óscar Lopes). À penetrante captação da realidade e do movimento interiores das personagens, sobretudo femininas, no jogo de mistificações e desmistificações que os encontros da vida em ambientes contraditórios alimentam como articuladas teias, corresponde na linguagem narrativa e dialogal de Fernanda Botelho uma peculiar finura de sentidos. É esse estilo, minuciosamente analítico e sempre límpido, que lhe permite construir no quadro de cada romance, «em amplitude, mas sobretudo em profundidade, um universo romanesco, realidade global, inteira, que encontra em si mesma a sua génese e o seu fim;» (Maria Lúcia Lepecki). Numa cadência criadora de temáticas e de atmosferas humanas sempre renovadas, Fernanda Botelho publicou posteriormente os romances *Xerazade e os Outros* (1964), *Terra sem Música* (1969) e *Lourenço é Nome de Jogral* (1971).

Como um presépio, pensa ele, um presépio iluminado num mundo de trevas – regaladamente nas trevas!

Sorri a menina, no seu nicho da tabacaria, ao reconhecer, a não mais de um metro, vindo do passeio fronteiro em passo cadenciado, o cliente afável que usa óculos de tartaruga e lhe faz um namoro assíduo.

– Já de volta, senhor doutor? – pergunta. – Ele percorre o metro de distância, apoia o cotovelo no magro balcão coberto de jornais e rectifica: – Não de volta, mas de visita.

A menina vai a preparar a réplica, mas, reconsiderando, oportunamente desiste. Inicia confusamente uma série de movimentos dentro da minúscula rosa-dos-ventos onde exerce o seu honesto e langoroso comércio; vai dando trabalho às mãos no arrumo dos jornais da tarde, sem, no entanto, lhes encontrar poiso mais desejável. Volta a depositá-los um a um, aplicadamente, onde os encontrara, enquanto os lábios lhe tomam de novo uma configuração de réplica, reprimida ainda, ainda apenas um sopro, logo apagado e corrigido pela determinação com que atira o olhar (um olhar, porém, amornecido) às prateleiras dos cigarros (como a avaliar-lhes o saldo). Por fim, decide-se: – Quer o senhor dizer lá na sua...

Ele mais se debruça, fixando-a impertinente. Vê-a sorrir, e sorri também. Ela ri, e ele continua a sorrir. A menina cessa de rir, volta a sorrir, enxota hipoteticamente um pensamento tolo; mas os lábios tremem-lhe e o olhar, esse, foge-lhe para as revistas suspensas das molas, ora à esquerda, ora à direita, umas

mais acima, outras mais abaixo – tropeçando no homem debruçado para ela, sempre que se volve da esquerda para a direita, da direita para a esquerda...

– Então? – pergunta ele, aflorando-lhe com a mão a mão que a menina, distraidamente, deixara por momentos abandonada sobre um jornal. Ela estremece, e volta a rir. Ri alto, mas não demoradamente, e furta-lhe a mão.

– Quer o senhor dizer lá na sua que veio só para me ver?

Ele empertiga-se, enquanto, voltado contra o ventinho da noite recente, acende um cigarro lentamente retirado da cigarreira; volta a debruçar-se, desta vez apoiando os dois cotovelos no balcão.

– Quero eu dizer cá na minha que sim. Ou julgavas que era para visitar as minhas velhas?

– De quem é que está a falar? – indaga ela com um sorriso mais firme e um interesse menos esquivo.

– Uma chama-se Prosérpina, outra... Bem! Seria indicado contar-te três histórias mitológicas...

– Conte, se quiser – interrompe-o ela, encolhendo os ombros, e, subitamente, descobrindo uma revista, à esquerda, mal segura da respectiva mola.

– ...mas sinto-me pouco inspirado. São logo três histórias, e a última que te contei, lembras-te?, foi muito comprida, demasiado comprida. Aquela do vagabundo, lembras-te?

– Se me lembro!

Ele poisa na menina um olhar que pretende fulminante e reafirma: – Vim só para te ver.

A revista está agora segura como convém, e a menina, que ficou inactiva depois de a prender melhor e de lançar um olhar inspeccionador a todas as molas, baixa o rosto para sorrir um pouco mais e dizer: – O senhor doutor tem coisas... ! Quem o ouvisse, o que, diria?

– Que diria?

– Ora! O senhor doutor bem sabe o que quero dizer. Quem o ouvisse...

– Que diria?

– ...até diria que eu lhe dou trela, que sou uma dodivanas. Bem sabe como é!

– Gostaria que me desses trela.

Ela ri, ri declaradamente, afugentando hipotéticas moscas em todas as direcções, isto é: movimentando as mãos, e também o olhar; até que encontra, para as mãos, uma eventual finalidade: a gaveta do dinheiro. Vai chocalhando moedas, todas as moedas, depois decide-se a uma contagem que resulta infrutífera, porque se engana (dá com a língua um estalinho de enfado) e é obrigada a recomeçar. Engana-se (outro estalinho, este com mais amplo sentido de humor) e recomeça, declarando: – A venda hoje está má. Há dias assim.

Desatento à observação, fixando um vago ponto no interior da tabacaria, ele sussurra: – Andei pelas ruas de Lisboa à procura dum amigo, um daqueles que me batesse nas costas, me chamasse «meu velho» e me falasse dos filhos. Nem um. Então pensei em ti e vim visitar-te. Até que sejam horas de iniciar a minha noite de trabalho. Percebeste?

– Alguma coisa.

– Quando pensei em ti, também pensei na trela que gostaria me desses. Pura circunstancialidade! És bonita, Fininha. Tens os cotovelos ásperos, por deformação – ou ócio, quem sabe? – profissional. Mas os cotovelos não são precisamente um problema. Não sei, aliás, qual seja o problema, mas é forçoso que exista um.

Ela fecha com decisão a gaveta do dinheiro; ainda com decisão encosta-se a uma das molduras e, decididamente, declara: – Eu, cá por mim, não me importava de lhe dar trela, lá isso não, mas...

O homem, numa tentativa que voluntariamente lhe resulta escassa, procura ocultar sob uma imposta sobriedade o êxtase que a corajosa afirmação dela lhe causara e estimula: – Mas o quê?

– O meu sonho é casar – exclama ela, atirando a cabeça para o alto, as mãos bem firmadas no balcão, os lábios comprimidos na ausência de qualquer sorriso. E continua: – ...casar bem, em boas condições... com uma pessoa séria. Como o senhor, por exemplo. Eu sei que sou uma insignificância, mas...

Então descontrai-se aos poucos. Descalça-lhe, primeiro, a cabeça; pestaneja nervosamente e, logo de seguida, regressa-lhe aos lábios um sorriso orgulhoso: – ...mas é mesmo assim!

– Enganas-te, Fininha. Em ti nada há de insignificante. Ou só um tudo-nada. O problema não é esse. Ou melhor: és insignificante, e é precisamente a tua insignificância que me atrai. Melhor ainda: atrai-me o pressentimento de que não és, ou não serias, insignificante. – Concentra-se por momentos, depois impacienta-se, encolhe os ombros e prossegue: – Mas eu disse-te que hoje não estava inspirado. Estou bem disposto mas não estou inspirado. Ou, se estou inspirado (eu estou sempre inspirado), é o cansaço que me impede a inspiração. Em todo o caso, o problema da tua insignificância é perturbador. Tenho de pensar nele.

– Tantas frases! Porque é que o senhor não diz as coisas como toda a gente, assim de caras!?

– Lembras-te da história que te contei, a do vagabundo? Não te revelei o fim. Era triste, e eu não to contei. Vou contar-to agora.

– Mais uma história.

– O fim duma história, o imbecil fim duma história linda. Lembras-te de que o

meu vagabundo era repugnante!? Pois bem, com o prosseguimento dos sonhos, o meu vagabundo começou a ganhar cores e peso; tornou-se um bonito rapaz. Um perfeito homem, como vocês dizem. De tal modo que, mau grado os andrajos, alguém o contratou, devido ao seu bom aspecto... para as Relações Públicas (Sabes o que é? Imaginas? Ótimo!)... para as Relações Públicas duma importante empresa. Ganhava bem a sua vida, comia do bom e do melhor, vestia-se nos melhores alfaiates... Tornou-se muito esquisito e cada vez mais exigente.

– Há gente assim. Sobe-lhes à cabeça!

– É isso mesmo, Sobe-lhes à cabeça. Com o meu vagabundo, aquilo ia de vento em popa. Encontrou donas, donzelas... em suma, toda a casta de senhoras, que se deitavam com ele em camas luxuosas, vulgarmente luxuosas, com roupas de linho, pijamas de seda... tu conheces o género! Mas, à medida que este processo de entusiástica adaptação (entusiástica, a princípio) ia caindo na perfeita rotina do já sabido, os sonhos iam rareando, até desaparecerem por completo. Já o nosso homem, então, procurava em cada mesa, em cada garrafa de bom vinho, em cada trapo que vestia e, sobretudo, em cada mulher, aquela perfeição a que se habituara pelos sonhos. No que se refere à mulher, aí então o problema era mais grave: não era apenas a forma, havia ainda a matéria. Percebes?

– Mais ou menos.

– Todas as mulheres tinham esta ou aquela imperfeição: verrugas ou abrolhos, borbulhas, às vezes sífilis... algumas eram anémicas, outras hepáticas, outras ainda sofriam de albumina e os pés inchavam-lhes; ou sofriam de diabetes, ou linfatismo, ou reumatismo... Outras chegavam a ser, imagina!, umas vacas de saúde. Eram, sobretudo, mulheres com manchas e borbulhas, coisas que lhe magoavam o tacto e a sensibilidade, habituado como estava a superfícies sedosas, deslizantes – mas não viscosas. Ali, à flor do mundo, tudo era áspero, morno ou suado... Resumindo: inferior, ali tudo era inferior.

– E depois? – reclama ela, notando-lhe a distração. Ele acende outro cigarro, apressando os movimentos.

– Com o desgosto – prossegue –, o nosso homem começou a emagrecer, a perder as cores e o belo aspecto. Foi despedido. Regressou aos trapos, à miséria, à fome. Mas os sonhos nem assim voltaram. Nunca mais ela, a tal, veio visitá-lo, acarinhá-lo. Ele pensava sempre nela, desejava-lhe o regresso, mas ela, a tal, nunca mais voltou. Aqui tens a história completa. Gostaste?

– Assim-assim! – declara ela, reunindo os jornais da tarde, as revistas dispersas... Acama os jornais, separa as revistas...

– Eu sou como este vagabundo – esclarece ele, quando a menina, com um meio sorriso intimidado, se detém a olhá-lo. – Ou sou ele. Não posso esquecer aquela que partiu, aquela que não tinha verrugas nem abrolhos nem manchas. Eu

bem te disse que não estava em forma –conclui, com uma aparente impaciência, que o leva a encolher os ombros, já totalmente desapoiado; ergue o braço a ver, sem grande convicção, as horas que lhe marca o relógio de pulso – gesto que, no entanto, o fará reconsiderar em factos novos. É vago o olhar que lança pela noite, pelo céu, pela rua quase silenciosa.

(De *Xerazade e os Outros*, pp. 165 a 171)

## AUGUSTO ABELAIRA

(N. 1926, Ançã, Coimbra)

Diz este escritor, no prefácio da 2.<sup>a</sup> ed. de *Os Desertores*, que os romances dos «autores menores» (mas não sucederá o mesmo com alguns dos «maiores»?) são «versões» do único romance que desejariam (e não chegam a) escrever. Noutro lugar, fala do «continuum narrativo que o autor traz dentro de si» (*Quatro Paredes Nuas*, p. 202). Essa unicidade, esse *continuum*, substância que transcende a «história», caracterizam a obra de Abelaira, repartida pelo romance (*A Cidade das Flores* (1959, 4.<sup>a</sup> ed. 1972); *Os Desertores* (1964, 4.<sup>a</sup> ed. 1978); *As Boas Intenções*, (1963, Prémio Ricardo Malheiros, 3.<sup>a</sup> ed. 1978); *Enseada Amena* (1966, 2.<sup>a</sup> ed. 1971); *Bolor* (1968, 4.<sup>a</sup> ed. 1978), e pelo conto (*Quatro Paredes Nuas*, 1972), além do teatro. Repetem-se problemas, situações, personagens, embora com diferentes nomes e «montagens». A ficção tem, para Abelaira, a função pedagógica de «inquietar», «roubar a tranquilidade», pondo em causa ideias feitas e ilusões, despertando para uma visão crítica impiedosa, levando a reflectir sobre o valor e a condição do homem. O sentido da sua obra é metafísico – as suas personagens são peças de um jogo dos acasos e das vontades – e também psicológico e social. E essas criaturas «de papel», em regra jovens burgueses intelectuais, exprimem, mais do que a esperança, a nostalgia duma cidade utópica onde o homem se sinta finalmente livre e realizado em plenitude. Documento do quotidiano durante os anos intermináveis da Ditadura, os romances e contos de Abelaira acusam um cansaço progressivo, a sensação dum muro que condena ao jogo mental e estético, e vão perdendo cada vez mais a inicial frescura. Observação ainda válida para o seu último romance, *Sem Tecto entre Ruínas* (1979), escrito entre 1968 e 1974.

Digo à Maria dos Remédios (dividida entre o *Eterno Marido* e o rádio, ambos abertos, ambos irresistíveis, sem a certeza portanto de ser ouvido) que preparo a defesa do Hilário de Sousa – escondo-lhe assim que estou a observá-la, embora não com os olhos, mas com uma esferográfica, uma esferográfica azul, cilíndrica, macia, a observá-la e a procurar adivinhar quem ela é (ela, mulher subitamente desconhecida, letra a letra se esclarecendo enquanto estas páginas se escurecem).

– O Johnson, sabias...? – Desatenta do *Eterno Marido*, desatenta do rádio.

Olho-a num relance e, para além de uma tranquila e difusa mancha verde no meio de superfícies claras e inquietas (mãos, pernas, rosto, cabelo), o que descubro, o que me fala, o que vejo, é o seu relógio de pulso, grande e redondo.

– Ontem, o De Gaulle... – Ouvindo sem ouvir, lendo sem ler.

Recuso, recuso-me a escutá-la, mulher provisoriamente misteriosa, recuso-me a saber tudo quanto sei (detesta o Johnson e o De Gaulle), hei-de por completo desvendá-la nesse relógio grande e redondo, descobrir a sua aversão pelo Johnson e pelo De Gaulle. Porque esse relógio já foi assimilado pelo teu corpo, Maria dos Remédios, bate com o ritmo do teu pulso, está certo (contigo), fala involuntariamente uma linguagem sem disfarces, como involuntariamente falam hoje, ao fim de quarenta séculos, as pirâmides do Egipto.

Poderias usar em vez de um relógio redondo um relógio quadrado. Em vez de um relógio enorme a esconder-te o pulso frágil, um relógio pequeno. Em vez de... Poderias. Porque não pudeste? Nem tu própria sabes. Sei eu: esse era o único relógio em que te reconheceste, o relógio onde inteiramente cabias.

Mas precisamente porque nele cabias, precisamente porque nele te reconheceste: não já um relógio mas uma ratoeira pronta a prender-te, pronta a entregar-te sem segredos aos meus olhos, às minhas mãos, ao meu desejo de te conhecer e amar.

– Dizes... ? – pergunta, sabendo-se observada.

– Que... – Escondo-lhe a verdade: não sei o teu nome, não sei quem és, mulher sem corpo, mulher nunca antes vista, mulher de quem somente conheço um relógio abandonado.

– Achas que o Hilário de Sousa se livra das medidas de segurança?

Redondo: com gravidade indesmentível, um tanto cómica, de sábio germânico, Fechner estabeleceu que a sensibilidade estética prefere as linhas curvas. Tens então sensibilidade estética (inútil seguir o teu gesto de afastar o *Eterno Marido* para melhor ouvires o Lopes Graça, *Canto de Amor e de Morte*).

Grande, quase um relógio de homem: és pouco feminina ou devo recusar tão absurda afirmação e concluir que talvez uses óculos? Que, precisamente porque vês mal, escolheste um relógio com grandes ponteiros? E o calendário, esse desejo de estar a par dos dias certos (não somente das horas, dos minutos, dos segundos) ... Para ti os dias escoam-se velozmente, tão velozmente que a tua memória não consegue fixá-los, adivinho bem?

Redondo como os teus ombros, a curva serena das tuas pernas – altas, grandes, mulher sem nome, mulher desconhecida e longínqua, de quem ainda não sei a cor dos olhos, necessariamente grandes, redondos.

Esquecendo o Dostoievski sobre os joelhos, interrompendo a música do Lopes Graça:

– Leste hoje as notícias? Será verdade que na China...?

Mas se o teu corpo efectivamente assimilou esse relógio, não é já possível distingui-lo de ti – e eu vejo-o inteiro, grande, redondo. O teu corpo rejeitou-o, expulsou-o com violência, é absurdo procurar-te nele. Relógio portanto silencioso, hermético, corpo estranho, relógio que não fizeste, que simplesmente escolheste, obediente à moda.

– ...o Chu En Lai. – Pausa. – Estás a olhar para mim?

Sempre de caneta em punho:

– Para o teu relógio. Pergunto-me se te fica bem.

– Julgas que não.

Um objecto standardizado, construído peça a peça por mãos alheias que nunca se apertaram umas nas outras, igual a milhares de outros neste momento cobrindo milhares de pulsos (diferentes). Como posso então triunfar nesta arqueologia insensata de reconstituir quem és? Quem somos todos nós neste mundo onde nada foi feito por nós – nós, os homens vulgares?

– Saber que estou aqui sentada e que na Bolívia, por exemplo...

E de súbito descubro: o teu relógio é de oiro e o oiro não é um metal, é uma simples medida de valores: se não és rica, alguém to ofereceu. E então em vez de te descobrir nesse relógio, em vez de nele decifrar o teu nome, será outro o nome que descubro.

O nome de quem?

Um homem que tem de ti uma certa ideia (grande, redonda) : ao escolher entre dezenas de outros modelos (grandes, redondos, pequenos, quadrados) esse modelo (grande, redondo) confessou sem o saber a maneira como te via. Através dos sonhos desse homem sem nome poderei adivinhar quem és?

Sem nome, sim, mas cujo nome terei lido se tiver lido a lista telefónica, terei lido sem saber que li. Homem para quem tu vales um relógio de oiro – valerás tu mais do que um relógio de oiro, Maria dos Remédios? Um homem que com oiro te quis comprar.

Ouve-me: ao escolher um relógio redondo ele não te compreendeu: o ideal para ti seria a forma rectangular, respeitadora da *proportio aurea*; e, ao marcar os dias, esse relógio rouba à vida a continuidade fundamental dos longos períodos de tempo, continuidade secreta, exclusivamente tua. E o oiro...! Vai dizer-lhe que não vendes a tua alma!

– Quando o compraste? – pergunto, na esperança de apenas te encontrar a ti.

Ela poisa o *Eterno Marido*, tira os óculos.

– O relógio? Foste tu...

Lembro-me, lembro-me também de ter dado um à Catarina, mas já não consigo saber se era parecido – se vocês as duas são parecidas para mim.

– Foi no dia...

Sherlock Holmes, procurei decifrar-te a partir de um relógio, mas em vez de te apanhar no fim da meada (no fim da corda metálica), ao contrário, foi a mim que me encontrei, como se Sherlock Holmes descobrisse ser ele o criminoso: quis comprar-te mais do que conhecer-te, Maria dos Remédios?

(De *Bolor*; 2.<sup>a</sup> ed., pp. 13 a 19)

## DAVID MOURÃO-FERREIRA

(N. Lisboa, 1927)

Logo desde o seu primeiro livro no género, *Gaivotas em Terra* (novelas, 1959, Prémio Ricardo Malheiros, 6.<sup>a</sup> ed. 1978), a arte de criação ficcionista de David Mourão-Ferreira apresentou-se seguramente amadurecida, a completar uma obra vasta de poeta, ensaísta e historiador e crítico da literatura que o tem situado em relevante plano da literatura e da cultura portuguesas contemporâneas. As quatro novelas que compõem aquele livro reflectem, como logo acentuou Mário Sacramento, «quatro processos narrativos que são o ensaio romanesco de uma estética» – a estética que o autor tem posto à prova e testemunhado na criação poética e na construção ensaística, com a liberdade de um classicismo que está apto e predisposto a aceitar da maior modernidade tudo o que para ele confluí. Se, como pretende Paul Valéry, «todo o poeta verdadeiro é, necessariamente, um crítico de primeira ordem» – e esse é o caso de Mourão-Ferreira –, já não é muito comum que poeta e crítico coincidam tão necessariamente com o novelista de superior craveira como também acontece com este autor. Depois de *Gaivotas em Terra* apenas publicou no género, em 1968, a colectânea de contos *Os Amantes*, reeditada em 1974 sob o título *Os Amantes e Outros Contos* e em que foram acrescentadas às da primeira edição mais três narrativas. Ao realismo descritivo e psicológico do livro de ficção inicial, marcado de um subtil humor que ressalta da própria índole do circunstancial narrado, juntou aqui o contista a frequente sugestão do fantástico, através do qual «as personagens se afrontam com um determinado momento em que a sua identidade vacila [...] como se o fantástico fosse apenas o preenchimento do espaço que separa aquele que fala daquele que morre» (Eduardo Prado Coelho). Apenas com esses dois livros deixou Mourão-Ferreira bem gravadas uma técnica narrativa de quadro existencial e uma prática de estilo que são expoentes de genuíno novelista.

Que o avô paterno, já muito velho, vivia na província em pleno século XIII. Que a avó materna, também viúva, mas habitando em Lisboa, ninguém a arrancava do século XVII, onde o mais decotadamente vivia, em francês, escrevendo a várias amigas íntimas, espalhadas pelos quatro cantos do mundo, longas epístolas no mais puro estilo de Madame de Sévigné. Que os pais, esses, havia muito que se tinham instalado no século XIX, se bem que ocupassem ambos, naquela casa, quartos separados e distantes: o da mãe com os relógios parados em 1830; e o do pai, um pouco atravancado entre a guerra franco-prussiana e a guerra dos bóeres, tinha contudo uma varanda sobre o mar, de onde ele, nos dias de sol, e através de um óculo datado de 1891, procurava distinguir, no horizonte, a queda da Monarquia, os antecedentes da guerra 14-18, a muito possível e pacata loucura dos anos 20. Que, finalmente, do único irmão que tinha, bastante mais novo, e que estava destacado em África, lhe chegavam de avião, todas as semanas, as mais frescas notícias da Idade da Pedra.

Os olhos, afinal, eram azuis; as mobílias escuras. E o vestido, vermelho, ficava bem com estes dois tons, harmonizava-se igualmente com as restantes cores. Somente o aquário, entre as duas estantes, parecia um pouco despropositado. Os livros, de lombadas coloridas (quase nenhuma encadernações), atraíam os olhos irresistivelmente; e apetecia passar-lhes a mão por cima, como sobre o dorso de animais domésticos. Aos mais antigos, ou mais usados, apetecia mesmo pegar-lhes

ao colo, aninhá-los entre almofadas, deixá-los a dormir dentro de cestos de verga. Mas via-se que todos estavam contentes – até aqueles em que há muito tempo ela não tocava – por terem sido, alguma vez, acariciados pelas suas mãos. E eram justamente as mãos dela que faziam pensar em tudo isso, porque a voz, em contrapartida, insistia em vibrar pequenas chicotadas.

Que sim, que tinha percebido, desde o início, todo o interesse que eu mostrava em lhe falar a sós. Que de propósito me dizia as coisas mais tolas ou mais agrestes. Que evidentemente lhe agradava, até certo ponto, ver-me na sombra do anfiteatro, quando só ela, à secretária, ficava a registar os sumários, e eu permanecia, já de pé, sem conseguir arredar-me da segunda fila, na vaga esperança de que me chamasse, ou se irritasse comigo de uma vez para sempre. Que, no entanto, nunca tinha feito nem uma coisa nem outra. Que apenas olhava, de lado, por cima dos óculos, para o quadro preto onde tinha escrito, durante a aula, nomes e datas, sobretudo datas, datas de batalhas, datas de tratados, referências a este ou àquele século.

E o mar ao fundo, entre duas palmeiras. E só três ou quatro telhados desde o rectângulo da janela a essa nesga de azul muito claro, quase branco. Mas bastava trocar a cadeira de braços pelo *pouf* de couro (onde, minutos antes, ela se tinha sentado) para nem os telhados se divisarem e apenas se ver o mar, como um gato angorá, todo estirado no peitoril. Então, semicerrando os olhos, adivinhava-se-lhe a pele arrepanhada, muito de leve, pelos dedos quentes de Julho.

Que tinha vivido naquela casa, em criança, durante longuíssimas temporadas, só na companhia de uma criada e de uma governante. Que o pai, nessa altura, em virtude das andanças da «carreira», tinha estado sucessivamente ancorado, sempre com a mãe a reboque, em Buenos Aires, em Tóquio, em Madrid, em Helsínquia. Que a tal governante, só à sua conta, daria para encher páginas e páginas de um tratado de psicopatologia. Que tinha todo o ar, por outro lado, de quem acabava de sair, de ponto em branco, de um romance de Henry James. Que tinha artes para a manter, permanentemente, no mais alucinante clima de terror. Que a obrigava, por exemplo, a assistir às suas abluções nocturnas e lhe concedia, de quando em quando, o supremo privilégio de lhe dar a beijar os pés, as pernas, as coxas escanzeladas. Que nunca, apesar de tudo, pessoa alguma a tinha marcado tanto.

A mão direita levantou, distraída, de cima da secretária, uma faca de papel. Mas logo a seguir deixou a faca onde estava para se aproximar, vagarosamente, da outra mão, que se tinha pousado, entretanto, num globo maciço de vidro vermelho, todo irisado por dentro e que servia de pesa-papéis.

Que, pronto, a respeito dela, já eu sabia agora o mais importante. Que tinha esperado pelo fim do ano a fim de ter comigo aquela conversa. Que poderia, é claro, ter-me simplesmente convidado para um café, e quem diz um café diz outra coisa qualquer, mesmo no bar do Instituto. Que tinha, no entanto, resolvido,

depois de pensar melhor, em convidar-me antes ali para casa. E que os versos que eu tinha escrito, que lhe tinha, entregue, não eram melhores nem piores que todos os versos que se escrevem aos dezoito anos.

Que também ela, aos dezoito anos, tinha escrito poemas, mas em prosa, inspirados por uma pessoa amiga lá de casa. Que em todos esses poemas a tal pessoa aparecia invariavelmente comparada, ora a uma torre, ora a uma árvore. Que o seu próprio desejo, por sua vez, em relação à torre, em relação à árvore, surgia obsessivamente transfigurado na imagem de uma trepadeira. Que de todos os meus versos, decerto por isso mesmo, os que mais a tinham impressionado eram aqueles em que eu falava de uma trepadeira submersa. Que os tinha, aliás, mostrado, mas sem dizer de quem eram, à tal pessoa amiga lá de casa. Que a tal pessoa, enfim, continuava a ser a sua melhor amiga.

As mãos tinham retirado, debaixo do pesa-papéis, um pequeno maço de folhas onde reconheci a minha letra. E não era só o meu rosto que me parecia ter ficado tão vermelho como o vestido que ela trazia, como o próprio pesa-papéis: era também o mar, era também a água do aquário, eram também as lombadas de todos os livros. Por outro lado, só então reparei como aquela ténue e caprichosa flora, lá dentro do aquário, sugeria o desenho de uma trepadeira submersa.

Que já se esquecia de me dizer outra coisa. Que eu abusava muito das maiúsculas e dos pontos de exclamação. Que logo nos meus exercícios tinha dado por isso, mas ainda mais ali naqueles versos. Que o facto, evidentemente, era próprio da minha idade. Que eu havia de ver, no entanto, à medida que o tempo fosse correndo, como são raras as pessoas e as coisas que merecem maiúscula, como quase nada, no mundo, merece as honras de um ponto de exclamação.

Que não lhe parecia ser preciso dizer mais nada. Que seria o suficiente para eu compreender. Que tinha igualmente compreendido o que eu sentia em relação a ela. Que só não sabia, no fim de contas, dentro daquela família que lhe tinha cabido em sorte, com cada pessoa a viver na sua época, qual o tempo que em verdade lhe pertencia. Que não era capaz, de qualquer modo, de se transformar em mártir ou em profeta, de se exhibir como um Sócrates de saias a corromper a juventude, de abolir por completo a moral corrente que fingia seguir para não arranjar problemas. Que ao menos ficasse assente, entre nós as duas, que não devia haver hipocrisia de parte a parte. Que também ela me achava amorosa, amorosa, amorosa. Que de propósito empregava o termo que eu própria, já por duas vezes, tinha utilizado a respeito dela. Que o seu desejo não era apenas, evidentemente, o de me agarrar assim pelos ombros, com os braços estendidos, muito esticados, a fim de evitar que os nossos rostos se aproximassem. Que me pedia, pelo amor de Deus, para eu tentar esquecer – depressa, depressa – tudo aquilo que nem me tinha dito.

Que lhe deixasse, apesar de tudo, os versos que lhe entregara. Que lhe deixasse, pelo menos, aqueles em que se falava de uma trepadeira submersa.

1973

(De *Os Amantes e Outros Contos*, pp. 107 a 116)

## ORLANDO DA COSTA

(N. Lourenço Marques, 1929)

Após uma breve e juvenil passagem pela poesia, com três livros publicados, Orlando da Costa obteve prontamente um lugar de relevo na novelística portuguesa com o romance *O Signo da Ira*, cuja acção decorre na antiga Índia Portuguesa (1961, Prémio Ricardo Malheiros, 2.<sup>a</sup> ed. 1962). A crítica acentuou unanimemente a modernidade da técnica, a autenticidade poética da descrição de figura e ambientes, a harmonia formal da linguagem em que se desenvolve o livro, filiando o autor num neo-realismo actualizado e evoluído «Há mais neo-realismo que regionalismo em *O Signo da Ira*», escreveu João Gaspar Simões. E o «parecer» da Academia das Ciências de Lisboa para atribuição do prémio assinalou que o romance, «em estilo dúctil e pujante, ergue perante nós, com objectividade que não exclui a piedosa compreensão, um friso de almas simples, agitadas pelo amor, pela esperança e pelo ódio». Em 1964, com o romance *Podem Chamar-me Eurídice*, uma história de amor que se situa em Lisboa, num tempo de juventude lançada imperiosamente para as lutas estudantis e sociais, o autor reafirmou a qualidade novelesca e os dons de prosador, em que a pureza da linguagem se combina com a aptidão para representar fortes tensões de circunstâncias e a sua repercussão na vida interior das personagens. Embora na linha genérica do antecedente, este segundo romance não apresenta tão nítido cunho de ambientação naturalista e é mais dominado pela dramatização psicológica que veio a encaminhá-lo posteriormente para a criação teatral. Mas os dois livros deixam igualmente uma sugestão de realismo e de sentimento poético na representação das figuras humanas e das suas verdades mais originárias e mais íntimas em face de um mundo que as submete à prova agreste dos confrontos entre as inconformadas aspirações e as realidades sociais.

Todos os anos, no mês de Dezembro, realiza-se no Mercado Velho da cidade uma feira. A segunda feira do ano. Desde o largo da cadeia até ao princípio das estradas de Fatordá e Madel, os vendilhões assentam-se nas valetas e à beira das ruas expõem ao pó doces, grão assado, as mais diversas bugigangas de vidro e latão, objectos de madeira lacreada, de barro e cobre batido, ferramentas, peixe seco, cascas de brindão e tamarindo. É uma feira de pequenos e pobres divertimentos e de provisões, a que acorre gente da cidade e das imediações. Nuvens de poeira vermelha erguem-se de entre a multidão compacta e multicolor, que se acotovela diante dos tabuleiros onde o cheiro dos *bojé* acabados de fritar, dos *gelipi* e *laddu* faz incessantemente crescer água na boca de ricos e pobres.

Um vozear imenso atravessa o ar, envolto em poeira. No meio da alegria e da confusão das gentes, as pessoas tropeçam, as mulheres são apalpadadas por desconhecidos e as crianças perdem-se dos seus pais, chorando pelos cantos em altos e ignorados berros. Tocando guizos e lúgubres, estranhos tambores, homens e mulheres estropiados, vindos de muito longe, como que ressuscitados na longa travessia da infundável fronteira da sua desgraça, pedem esmola aos que passam. À sua volta, crianças miseráveis, de ar esfaimado e belos olhos de deslumbramento e humilhação, espojam-se no chão, fazem piruetas e acrobacias ao som das *murdangas*. E a poeira. enovela-se e o cheiro a comida enche o ar, embriagando as crianças de pés descalços, que esperaram por aquele dia para gastarem os poucos anás que conseguiram reunir ao longo dos meses.

No dia da festa, da igreja matriz sai a longa procissão que num passo grave, ao som da banda e entre foguetes e o estoiro de *fozném*, contorna o largo da igreja. Segurando o pálio de veludo bordado a ouro e os altos círios de prata velha, os *gãocares* brâmanes da confraria do Espírito Santo presidem ao cortejo, envergando as suas opas de cor de sangue de boi. A meio vem o mordomo da festa, solene e circunspecto, empunhando o bastão de prata dos mordomos. Para verem passar o seu *batcará*, todos os manducares acorrem à procissão, vestindo as suas melhores roupas, as mulheres cheias de adereços de latão e missangas, a gente nova com os cabelos untados de óleo de coco.

Sob os arcos de bambu enfeitados com folhas verdes e flores de papel de cor, a procissão caminha levando atrás uma multidão de fiéis, que emprestam uma humilde grandeza àquele ritual festivo repetido ao longo dos anos.

*Bab Ligôr* pisou o chão com firmeza, ao compasso da banda de mestre Fanchú. Os foguetes estralejaram à sua passagem, mas ele nem pestanejou. O seu coração pulsava, nervoso e pausado, a sua mão crispada no bastão de prata avançava na luz clara do dia fazendo brilhar os anéis dos dedos. Podia considerar-se um homem feliz, por ter sido mordomo da festa antes dos cinquenta anos. A opa cingia-lhe com dignidade os ombros robustos, alargando-se até à barriga das pernas. À sua direita, nos balcões das casas peçadas de gente, as pessoas doam o joelho à passagem da procissão, persignam-se e baixam a cabeça. O seu olhar então espreita a multidão de cabeças baixas e mãos postas, como se ele próprio fosse o objecto daquela veneração. E a sua cabeça grisalha, firme, de perfil ariano, parece ignorar que a ruína o ronda e que o seu declínio ficara lavrado naqueles últimos tempos de privação e desgosto. Fora hipotecando tudo aquilo a que a necessidade o obrigara para salvar a honra da família. Agora pensa que a honra da família está depositada nele, no seu passo grave, avançando sob os arcos festivos que circundam o largo da igreja. Se os comerciantes seus credores o vissem naquele instante, teriam receio de lhe falar nas suas dívidas. Eles, porém, por respeito ou indiferença, não assistiam àquele espectáculo porque a sua religião era outra.

Os seus olhos alongaram-se enternecidos, cheios de devoção, pousaram primeiro na capela das Santas Almas, onde velas de quatro poiças ardem numa prece inútil e comovida pelos finados, depois no edifício sombrio das Comunidades, e fixaram-se nas crianças que abriam a procissão. Lembrou-se dos tempos em que, envolvido numa opa branca, fazia três e quatro vezes por ano aquele mesmo trajecto ao som da banda e do rebentar dos morteiros. Ao dar a primeira volta à esquerda a sua cabeça desviou-se discretamente e o seu olhar ansioso perdeu-se no mar de gente que caminhava na sua esteira.

Juntas umas às outras, Pidade, Coinção, a velha Bostian, Natél, Quitrú caminham lentamente, avançando um pouco à margem da procissão como se receassem misturar-se com as outras mulheres de castas superiores. Com os pés descalços, sujos de pó, trazem a cabeça coberta com um pano, numa postura de recolhimento que esconde os brincos e adereços falsos que haviam posto naquele dia de festa.

Natél, de olhos baixos, a cabeça curvada sob um pano branco que lhe tapa o rosto e as flores perfumadas do seu noivado, as mãos contra o peito, pensa em Bostião. Era a primeira vez que se sentia em público depois que ficara sua noiva. O avô falara-lhe numa voz doce e enternecida e ela não se lembrava de lhe ter respondido, tal a perturbação que dela se apoderara. Ele consentira, mostrara-se satisfeito, pousara-lhe a mão na cabeça, dando-lhe a sua bênção. Ela não sorria, nem chorara. O seu contentamento era confuso e intraduzível. O sol brilhava ainda quando a velha Bostian seguida de Pidade, os únicos parentes de Bostião, se chegou a ela e lhe enfiou um colar de mogarins perfumados. Desde aquele dia não pudera mais erguer os olhos para Bostião. À sua passagem baixava a cabeça, escondia os olhos chamejantes, e em silêncio esperava que ele se sumisse, para suspirar e procurar o seu rasto. Era lei da sua terra guardar o recato até aquele extremo, conservar castos os olhos até ao dia do casamento.

«Onde estará ele agora? – pensava a rapariga. – Devem ter ido ao Mercado Velho com os outros... Devem estar todos numa taberna... O avô está com ele e Gustin e os outros...» Tinham-lhe posto todas as jóias que a mãe lhe deixara e o seu cabelo, reluzente, penteado como se fosse o dia do seu casamento, rescendia a flores maceradas. Antes de deixar o povoado a velha Bostian viera examinar o seu rosto, arranjara-lhe o cabelo e ela então descobrira o olhar orgulhoso com que o avô a contemplava. Este dera-lhe uma rupia e ela não sabia ainda o que iria comprar com a moeda de prata que trazia enrolada no pano junto à barriga. Gostaria de comprar alguma coisa para usar, um objecto reluzente, de metal ou de vidro, com que pudesse tornar-se mais bela aos olhos de Bostião. Mas o que seria? Os brincos, os colares, as manilhas que se vendiam na feira não eram das que elas, curumbinas, usavam. Sentia-se triste, caminhando assim silenciosa, sem poder levantar a vista ou destapar o rosto. À sua volta pressentia a multidão movendo-se, os olhos saciados de curiosidade na contemplação daquele espectáculo festivo.

Ergueu os olhos furtivamente e deslumbrou-se. Os telhados escorriam a luz doce da tarde. Das janelas saltavam chispas que se perdiam no ar, misturando o pó numa onda dourada e translúcida. E a multidão avançando lentamente, silenciosa e compacta, parece caminhar resignada para a morte. Natél divisou na distância a figura imponente de *bab* Ligôr, deslocando-se imperturbável como se fosse conduzido num andor. À luz do sol a sua cabeça grisalha parece aureolada,

pairando acima das restantes cabeças. Olhando para ele, lembrou-se da oferta que Coinção lhe fizera, naquela noite em que o seu coração, sucumbido de angústia, se abria para ela e para Quitrú. À sua beira, Coinção reza com um estranho fulgor nos olhos. A meio do trajecto, não podendo resistir, Natél mostrou a moeda a Coinção, esperando dela uma sugestão útil. A filha de Pedrú, porém, apenas lhe devolveu um olhar triste e desinteressado. Para ela a pobreza em que todos viviam era uma lei natural à roda da qual tudo de bom e de mau acontecia na sua vida. Não era por Natél ter aquela rupia para gastar onde e como quisesse que se tornaria menos pobre que ela. Naquele momento o que a preocupava era muito diferente do dinheiro que uma pessoa pode ou não ter, o frémido do seu coração era indivisível, íntimo como os seus pensamentos. E o fulgor dos seus olhos reacendeu-se, alimentado de estranhas e íntimas dúvidas.

De lábios entreabertos, secando com a poeira que enche o ar, Coinção pergunta para si própria, interroga-se em silêncio, os olhos ardentes e lúcidos, apesar do desespero de não encontrar uma resposta: «Quem teria sido, Saibá? Quem?» Aquela noite soturna, o calor que ardia sem cessar no seu corpo, a esteira que estalara e a porta fechando-se rapidamente com o seu despertar. Quisera gritar, mas a voz furtara-se-lhe e pelos seus olhos estremunhados apenas um vulto perpassou. Tudo se passara, para ela, num instante. Estava já acordada e sentira perfeitamente, na sua própria carne, a ausência de alguém que segundos antes, tinha a certeza, estivera ali, à sua beira. «Quem seria, Saibá? Quanta devoção não poria ela nessa sua prece para que os santos do céu a inspirassem naquele instante de angústia, instante propício ao milagre da revelação? O vulto permanecera alguns momentos nos seus olhos, depois partira, desfizera-se sem deixar outro rasto que não fosse aquele gélido sulco de ansiedade palpitando no seu corpo, a meio da noite solitária. À sua volta pairava o mesmo cheiro de sempre, agarrado ao silêncio habitual oculto no seu casebre. Com o coração cerrado não sabia agora se era o pecado, se era a curiosidade que tanto a afligia. «Quem seria, Saibá?»

Nas duas torres da igreja matriz os sinos repicaram festivamente à aproximação do cortejo. Cânticos religiosos ergueram-se, frementes, autónomos, enchendo o ar de uma temperatura nova e transportando uma vibração colectiva de ponta a ponta. Das janelas iluminadas com velas e balões de papel e icles lançaram-se maços de foguetes incendiados, que feriam a tarde, o murmúrio vago das preces e a cadência da música da banda, misturados naquela límpida e confusa cerimónia a um deus não-pagão. Empunhados pelos diáconos do seminário, os turíbulos incensaram o ar e a procissão penetrou no corpo estático da igreja, subjugada pelo seu próprio eco.

Coinção arrastou os pés descalços na laje fria e, sentindo o contacto macio da pedra lisa e desgastada, cruzou os braços a pensar que, ao menos agora, quando

fosse para a casa de *bab* Ligôr, alguém viveria a revolta do ciúme ao pensar nela.  
«Quem, Saibá? Quem?»

(De *O Signo da Ira*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 97 a 104)

## NUNO BRAGANÇA

(N. Lisboa, 1929)

Com dois livros publicados a intervalo largo – o tríptico romanesco *A Noite e o Riso* (1969, 3.<sup>a</sup> ed. 1978) e o romance *Directa* (1977) – alinhou Nuno Bragança na corrente contemporânea dos escritores portugueses que intentam através de experiências originais a transformação profunda da novelística tradicional. As suas raízes originárias afiguram-se nitidamente surrealizantes, mas a fundir-se na via de um realismo que parece trazer a marca do romance moderno norte-americano, sobretudo de Fitzgerald. *A Noite e o Riso* é uma construção romanceada «em percurso narrativo nem linear nem circular» sobre uma temática de «crescimento e aprendizagem, de duplo crescimento e dupla aprendizagem do narrador enquanto sujeito agente da narração e da personagem enquanto sujeito da acção narrada» (Manuel Gusmão). Em *Directa*, que foi escrito em Paris entre 1970 e 1972, segundo informação expressa do autor, a vertência para um realismo marcado de preocupação e intenção sociais evidencia-se desde as primeiras páginas do livro, apesar da insistente carga de alegorismos que nelas aflora. A tensão do tempo como medida imediata e premente da vida e uma apontada «ironia estratégica», onde se assume uma confessionalidade posta em termos de ficção, imprimem a este romance uma atmosfera singular. Dele escreveu o próprio autor: «Ao publicar *Directa* sei que isso representa uma estação em que o meu viver ultrapassa a mera escrita», apontando assim a proximidade de outras criações sob outras prováveis formas. No processo novelístico de Nuno Bragança (e isso nos dois livros publicados) evidencia-se, apesar de tudo, a consciência de que a narrativa literária é principalmente «obra de linguagem» – que a escrita não é somente reconstrução do vivido ou imaginado mas essencialmente, e por si mesma, construção.

Estava de pé no meio do living sem se apoiar a qualquer móvel. Tinha a maquilhagem adequada ao penteado, ao vestido, à flora da manhã. «*As bicicletas do general Giap*», pensou o homem encalhando nos olhos pretos da mulher. Ele foi sentar-se num dos maples verde-esparregado e apontou o outro, igual:

«Não se quer sentar?», perguntou. Fez tudo isto distraidamente.

«Não, obrigada», disse a mulher. E o homem percebeu o que um e outro tinham acabado de assinalar.

«Oiça», disse ele. «Talvez não valha a pena falar desta noite. O que interessa é trotar em frente.» A mulher acendeu um cigarro com mão que não tremia. «*Sair dum pifo a pulso, é de homem*», pensou ele. «*Ainda tens pólvora.*»

A mulher pôs-se a olhar para ele através da primeira baforada. O homem coçou o ouvido direito.

«Estive a falar com o seu physico», disse ele. «A criatura acha que você tinha vantagens numa cura de repouso.»

«A clínica?», perguntou a mulher. «Outra vez?»

O homem calou-se, inclinado para a frente. Apoiava os antebraços nos joelhos, a mão esquerda envolvendo o punho da direita – fechado e com o respectivo polegar perpendicular aos outros dedos, como o boxe recomenda a quem dê socos sem ter luvas.

«Não», disse a mulher.

«Não?»

«Não.»

Ela veio em passo calmo até à mesa baixa, entre os maples. Sobre essa mesa, na passada madrugada, o homem viera repor o cinzeiro branco. Ela sacudiu o cigarro e carregou na alavanca que havia no centro do cinzeiro. O disco de metal girou, fazendo a cinza desaparecer no bojo do cinzeiro. Fora esse o ruído metálico que ele ouvira através do vidro fosco iluminado, quando se dirigia do telefone à casa de banho às quatro e trinta e cinco da manhã.

«Eu quero que os sacanas dos *physicos* vão cardar lã de cágado», disse a mulher.

«Eu também», disse o homem. «Mas e eu?»

«Você o quê?»

«Eu andei a cardar lã de cágado. Esta noite e há três noites. E há várias, várias outras noites.»

«Não houve nada de esquisito esta noite», disse a mulher. O homem levantou os olhos para ela.

«É sempre a mesma coisa», disse a mulher. «Cada vez que não tenho sono você não acredita. Você não tem o direito de exigir que eu me deite às horas que você escolher.»

«Está a falar a sério?»

«Não», disse ela. «Estas brincadeiras dão-me cá uns gozos.»

Ele agora olhava para o chão, outra vez calando-se. Viu que os sapatos que calçava apresentavam já grandes vincos, no cabedal a meio do peito do pé. «*Quem me manda a mim insistir na Calçada do Combro*», pensou o homem.

«Pelo amor de Deus», disse a mulher. «Não comece outra vez com desconfianças.» «*É giro*», pensou ele. «*Esta tipa só esgalha pelo amor de deuses quando aldraba. Conotações de infância. Tenho que topar como é comigo.*»

Levantou-se do maple verde-esparregado.

«Está bem», disse ele. «Então olhe.»

Foi direito ao saco do tricot e veio com esse objecto postar-se em frente da mulher. Pegou com as mãos ambas no fundo do saco e emborcou-o despejando lã e agulhas no tapete. A mulher emitiu um vago som pequeno, baixando-se para apanhar o embrião de camisola. Mas teve uma tontura e foi com as mãos à mesa baixa, apoiou-se nela para não cair. O homem reviu o Beni Levi levar assim as mãos às cordas. Tinha havido um rugido pelo Coliseu, até de espanto: o Martins era o Martins, mas o Beni Levi KO? «*Se não me aguento em zanga estou lixado*», pensou ele. Deu um pontapé na lã de que a mulher aproximava a mão, e depois chutou sucessivamente o novelo e cada uma das meadas, apontando aos cantos do living. Fez isso com esforçada aplicação, concentrado na coordenação dos movimentos: a cada chuto abriu os braços, inclinou ligeiramente o tronco para trás; e servia-se do peito do pé.

A mulher, ainda curvada e apoiada à mesa, olhava para ele. «*Seven, eight, nine, OUT*», pensou o homem. Extraiu do saco os embrulhos em kleenex e abateu-os sobre a mesa baixa como se fossem quatro ases e um best.

«E isto?», perguntou. A mulher pôs-se de pé.

«Isso já estava aí há uma data de tempo», disse ela sem qualquer hesitação. «Há mais de seis meses que não tomo coisas dessas.»

O homem deixou cair o saco ao lado dos embrulhos. A mulher pegou no saco e devolveu a placa de cartolina ao seu lugar, no fundo do saco. Depois foi apanhar o embrião de camisola que o primeiro pontapé do homem enfiara sob a mesa de costura.

«Se isso fosse verdade você não tinha guardado as drogas», disse o homem. A mulher sacudiu o bocado de lã trabalhada, inspeccionando-o para ver se tinha estragos.

«Guardei porque não tinha coragem para deitar fora», disse ela. «Tive essas merdas na mão para as deitar fora. Pelo menos três vezes». Começou a recolher a lã que o homem dispersara, a começar pelas meadas. *Se eu não a tivesse topado de noite*», pensava o homem. «*Se eu tivesse encontrado o material por mero acaso acreditava cego.*»

A mulher enfiou as agulhas no novelo, que meteu no saco. A última coisa que guardou foi o embrião de camisola, que segurara, por fora do saco enquanto recolhia novelo, meadas e agulhas. Depois foi arrumar o saco do tricot no canto do costume. Nunca deitara um segundo olhar aos embrulhos em kleenex.

«Você não tem o direito de mexer nas minhas coisas», disse a mulher acendendo outro cigarro com mão quase fixe. O homem olhava para ela atentamente. «*Em português diz-se 'isso não é força, é nervo*», pensou ele.

«Você não tem o direito de me lixar a vida», respondeu o homem.

Houve um silêncio.

«Oíça», disse o homem. «Se você for para a clínica eu continuo na brecha. Se não for, ponho-me a milhas.»

Silêncio.

«Como você vê eu não a forço a nada», disse o homem. Pensou: «Política de canhoneira.» Sabia que tinha abanado perigosamente quando vira a mulher baixar-se para apanhar a lã. Estivera a um passo de pegar-lhe ao colo e dar-lhe um beijo. Pôs toda a sua força em ser capaz de olhar sem desfitar. A mulher calara-se e fumava, sempre de pé e sem apoio. Mas a mão dela já tremia um bom bocado. O homem mantinha os olhos nessa mão que reconheceria entre um milhão de mãos. «*Agarra-te ao pincel que nunca tiveste escada*», pensou ele. «*Venha o meu Giap do tio Swift & Filhos.*» Pôs-se a puxar do fundo da memória o texto diplomático onde o Portugal contemporâneo percebera que passara a Puto: «*Mr. Peter ver-se-á*

*obrigado, à vista das suas instruções, a deixar imediatamente Lisboa com todos os membros da sua legação, se uma resposta satisfatória à precedente intimação não for por ele recebida esta tarde...»*

«Você já tratou das coisas?», interrompeu a mulher.

«Você pode entrar ao meio-dia e meia na Casa de Saúde alemã. Havia um quarto livre.» «...e o navio de S. M. *Enchantress* está em Vigo esperando as suas ordens.»

«Está bem, eu vou», disse a mulher na voz mais morta do mundo.

«Sabe», disse o homem esfregando a nuca com a mão esquerda aberta. «Eu pensei que você preferisse isso a Belas ou à Luz.»

«Pois», disse a mulher. «Já que decido ir, prefiro isso.» «*Na presença duma ruptura iminente de relações com a Grã-Bretanha e de todas as consequências que dela poderiam talvez derivar, o Governo de S. M. resolveu ceder às exigências formuladas nos dois memorandos, a que alude, e ressaltando por todas as formas os direitos da Coroa de Portugal...*»

«Posso levar o gira-discos?»

Diante da pergunta inesperada, o homem teve a impressão de que as tripas dele se faziam numa bola. Respondeu «Sim» sem conseguir dizer mais nada. Viu-a dirigir-se à estante dos discos, começando por tirar a Sétima e a Nona.

A bola de tripas subia pelo estômago do homem, e ele percebeu que tinha de sair dali rapidamente.

Enfiou pelo corredor. Viu a criada que o chamava no enquadramento da porta da cozinha. Fez-lhe sinal para esperar e meteu-se na casa de banho.

Sentou-se na borda da tina e começou a chorar.

«*Pássaro*», pensava. «*Pássaro pássaro pássaro pássaro pássaro.*» Os grandes soluços subiam das profundezas dele, e o homem flectia o corpo, no esforço de abafar os sons que emitia. Lembrou-se de que não tinha fechado a porta à chave e foi fazê-lo. Depois voltou ao mesmo poiso e continuou a torcer-se em choro silencioso.

Quando se sentiu capaz de recontrolo entrou a trabalhar para cortar a emoção. Meteu a cabeça debaixo do chuveiro-telefone e depois enxugou-se cuidadosamente. Puxou o autoclismo enquanto se assoava a fundo.

Foi à cozinha e disse à criada que lhe pagava uma ida e volta ao Alentejo enquanto a mulher não regressasse a casa. Sabia como a Quitéria detestava Lisboa. Viu-lhe a expressão quando ele colocou o dinheiro sobre o mármore da mesa. Lembrou-se de quando desapertava a coleira dum cão acorrentado, do assoprar do animal contendo os nervos para os soltar em salto e som no grande momento em que o homem atirava ao chão coleira e corrente e gritava ao bicho «Pira-te.» Durante a infância e a adolescência provocara incidentes e descomposturas por

soltar espontaneamente os cães acorrentados que encontrava. Três noites antes um desses cães aparecera-lhe em sonhos, declarando: «Vou pôr-te ao fresco, meu rapaz.» Era um rafeiro preto e amarelo que se chamava Flinto. Começara a puxar com os dentes por uma coleira que o homem não sabia que tinha à volta do pescoço. Acordara nesse mesmo instante e fora encontrar a mulher caída no «quarto dos armários».

Ao meio-dia e cinco começou a descer a escada dando o braço esquerdo à mulher, que se agarrava com a mão esquerda ao corrimão. Ele segurava a mala da mulher na mão direita. A criada vinha atrás com o electrofone e os discos, e o homem mandou-a passar adiante. Sabia que a mulher perdera muitas forças na discussão com ele, e o seu objectivo de momento era contribuir o mais possível para que a viagem do apartamento até ao carro não fosse enxovalhante para ela.

A porteira, como o homem temia, apareceu.

«Então vai para fora?» A mulher sorriu-lhe e disse: «É verdade, senhora Emília.» A mulher sabia que toda a gente no prédio sabia, desde que uns meses antes um farmacêutico do bairro falara com a porteira.

Avançaram juntos até que a mulher pôde apoiar-se disfarçadamente ao carro. O homem contornou o carro e meteu a chave à porta do lado do volante.

A vizinha do rés-do-chão veio à janela e fez um cumprimento sorridente. «Está au complet, Inácio», pensou o homem. «*Só faltavas tu e esse olhar grandeangular zoomante.*»

«Vai dar um passeio?», perguntou a vizinha.

«Um piquenique», disse a mulher com sorriso de cocktail. O homem desatou a rir. «Bem arreado, pássaro», disse ele. «Afinfa-lhe outra.»

«Se quiser vir connosco tem lugar», disse a mulher para a vizinha. Depois entrou no carro, e só no apressado desabar do peso dela no assento transpareceu o esgotamento imenso em que se encontrava. Ela e o homem estavam ambos a rir quando o velho Volkswagen arrancou.

O homem olhou pelo retrovisor. Viu a Quitéria reentrar no prédio com gestos apressados e a porteira chegar-se à janela do rés-do-chão e começar falando com a vizinha.

(De *Directa*, pp. 74 a 80)

## OLGA GONÇALVES

(N. Luanda, 1929)

Seguindo-se a três livros de poesia, em que tentou uma meticulosa apreensão e manipulação da palavra significativa (ou mesmo «insinuante»), Olga Gonçalves publicou em 1975 a narrativa *A Floresta em Bremerhaven*, formalmente apresentada num esquema de «diário» e em que predominam as divagações monológicas de personagens de vários tipos, definindo-se nas suas maneiras de ser e na sua experiência pela linguagem discorrente. Com os monólogos alternam breves diálogos de imprevista animação e até alguns poemas bem inseridos na sequência do texto. Nessa linguagem oralizada, que serve igualmente a descrição experimental e a caracterização das figuras trazidas à cena novelística, a autora testemunha com especial relevo as vivências de emigrantes ou de gente rústica da orla marítima alentejana e algarvia. A sequência narrativa resulta expressiva e nítida – e ganha, por um certo virtuosismo de composição, inesperada unidade. Na narrativa *Mandei-lhe uma Boca* (1977) retoma Olga Gonçalves o processo monológico, mas neste caso em monólogo único, desenrolando numa teia descritiva continua o «estar na vida» de uma jovem em que se agitam todas as inquietações contraditórias, interrogações e expectativas de um destino divagante que nessa teia de vida se vai gerando e, ao mesmo tempo, analisando. A experiência novelística assim «elaborada» tem vigor de escrita e de conteúdo humano, sobretudo em relação a certa classe média perturbada do nosso tempo.

– E se fosse? E se fosse escritora de romances? Se ela estivesse cá e lhe desse na ideia de escrever a nossa vida? Encontras nisso algum mal, mulher? Temos alguma coisa a esconder? Não sou eu só a pôr-te as mãos? Não somos os dois a criar a nossa filha? Não aguentámos nós que nem umas bestas aquilo lá na Alemanha? Eu falo, falo baixo. Bem sabes que ela jantou e foi aí pra fora. E os outros também vêm tarde. Espera. Não se vê luz por baixo da porta do quarto e os, outros também virão tarde. Quem foi que aguentou, diz-me! E o que passámos antes de abalar da nossa terra? Sim, na casa aqui ao lado. Agora estão lá estendidas as batatas e os alhos. Os ratos andam roendo o que apanham. E há teias e aranhas aquase como um telhado. Mas não foi o buraco aonde vivemos? Agora, quando lá vamos, ficamos todos arrepiados, até nos esquecemos das tardes de calor quando nos dava a melura! Podes chegar-te pra mim, mulher, não faz mal a tua perna. Está, está calor, mas deixa estar. Estamos aqui deitados. Olha que até gostava que ela escrevesse! Quero eu bem saber de ditos! Até me regalava que escrevesse, que dissesse tudo o que lhe contei dos lavradores, dos filhos dos lavradores, da soberba e da enganância dos pais e dos filhos dos lavradores! Filhos da mãe! Encheram-me o coiro com apoquentações! Aquela vergonha de não ser nada, aquela raiva de não ser como eles! Olha que nem sei como os pobres se não fazem todos maus, que lá por querer, ninguém era pobre. Se ela fosse escritora de romances tinha muito de que se cansar pra escrever tudo o que lhe venho contando no tempo em que cá está. Não havia outros hóspedes, combinámos de lhe dar de comer. E tem bons modos, faz boa camaradagem. Que às vezes me parece brava. Sim, sim,

mulher, eu sei o que te estou dizendo. Não te lembras em casa do Arlindo? Que foi?! Então já te esqueceste dela a dizer que não é a tudo que as pessoas se devem de humilhar? Que se o Arlindo não tem puxado outra conversa até nos ia convencendo que o que nos ensinaram que não é verdade. Vocês não ouviram, não, estavam a olhar prà Mena de roda da Guida. Essa cá me ficou. Eu inda gostava de a ouvir outra vez. Não, mulher, não é pra discutir com ela! Nem estou a dizer mal dela, Deus ma mim livre! É só por dizer que gostava de a ouvir falar disso outra vez, de a deixar acabar, que o Arlindo não a deixou. Foi como eu, a outra noite, quando me fui prà horta. Não gostei do falar dela. Estas mulheres da cidade sabem de mais ou pensam que o que sabem é que está certo. Tu sabes que isso não se dá bem comigo! Ai, não dá, não. Não dá. E tu és testemunha. Conheces-me. Conheces-me de longo tempo. Sabes o que ficou decidido com aquela minha irmã. Não quis seguir o exemplo da mãe, pronto! Mundo! Não faz cá falta! Vergonhas é o que há mais! Que ela, a nossa hóspede, em todo este tempo não se lhe viu companhia. Sim senhora! Muito me admira! Então depois de lhe ter conhecido o pensamento! Cartas teve! Lá isso, tem quem lhe escreva! Por falar de cartas, olha lá pra ela no Correio. O quê? Está bem, falou manso, não estava na casa dela, mas vê lá se a boca se lhe calou! Podia tê-los deixado dizer que Lisboa estava cheia de mortos, comprar os selos e abalar sem mais nada. Vê lá se não lhes respondeu logo que não se acreditassem em boatos, que não podia ser. Ora aí está! Não se calou! Não se susteu! Ora! Mais que me importa o povo! Que digam por isso que temos cá em casa uma comunista. Foi. Dizem isso por ela ter falado assim. E será? Que sabem eles? E de nós? Alguém lhes disse aonde marcámos a cruz? Alguém sabe o nosso pensar? Perde-me esse medo dos grandes! Cá por mim, se um dia o tive – oh, mulher, a mais das vezes nem era bem medo! Era zanga, era como que uma vontade de os sumir na minha frente pra não entender a minha condição. Estás lembrada, logo aos primeiros dias dela cá estar, uma vez que estávamos falando, de lhe dizer que até me repatanava todo a contar-lhe as passagens que eu passei? Pois pra duas faltou-me a coragem. Não fui suficiente de lhe contar que às vezes fugia da minha mãe pra ir ao monte mais batido, o monte do Burrinho, porque no combro da rua desse monte tinham eles moitões de batatas doces tapadas com umas esteiras de atabuga. Tinha ocasiões que eles iam lá buscar batatas e jogavam as podres fora. Eu ia com uma faca que eu pudesse apanhar à mão sem a minha mãe saber e aproveitava dessas podres os bocadinhos que estivessem sãos. Amargavam. Mas a fome era tanta! Deixa estar a janela aberta. Na rua, a esta hora, não passa ninguém e do outro lado é a horta. Então não a sentíamos se estivesse chegando? A casa é à rés da rua e nem sequer entra nunca por este lado. Que noite de calor! Que é? Oh! Ficaste a moer a cabeça nisto? Ou foi por eu gritar? Não me conheces já? Não sabes os nervos que trouxemos

lá de fora? Ela disse-te se ia falar com esses que ocuparam ontem as casas? Que te parece? Foi-lhes dar força, não?! Ele realmente, a francesa conseguir pôr fora os velhos, tapar-lhes a boca com umas barracas de madeira. Que remédio tiveram senão aceitar. Naquele tempo – ora isso foi há dez anos, estávamos todos entregues à Guarda Republicana – se eles não aceitassem o que a estrangeira lhes propôs eram postos na rua em alto despejo. Não vás mais longe, foi o que aconteceu às minhas duas irmãs, que com essas foi um português que vive agora em Sines. Prefere roubar aos pobres para dar aos advogados. Gatunos! É o que te digo! Não vês como eles se combinam! Pensar eu que não tínhamos preciso de ir por essas terras, que mais uns anos e quem sabe se nos davam também uma casa. Vês agora aqueles no Largo do Chafariz? Bem, deixa que amanhã também lhes vou dar uma mão à obra, as casitas precisam dum jeito. E já lá estão outros a ajudá-los. Olha que bem fartos estamos de passar o mau! É como a outra história, aquela que fiquei sem talento pra lhe contar. Nem tu a sabes. Foi o filho mais velho do lavrador a judiar comigo! Sabes bem o que judiavam com o pobre. Enrolou-me na pele duma ovelha que tinham acabado de matar. E não me pôs prà parte da lã, não, enrolou-me à parte de dentro. Jesus! Estava inda quente, cheia de sangue. E cheirava! Se cheirava! Chorei, deitei-me pró chão, mas eles riam, riam, como se eu fora o palhaço do circo, o que vinha com a feira. Não me deixavam soltar. Eu, com a roupa – eu conto depressa – com a roupa toda molhada, pus-me aos gómitos. Pus-me – não me deixes pensar nisto, mulher! espera, deixa-me contar! – tive de ficar com a roupa que trazia até ao fim daquela semana, até ir a casa. Era longe a nossa casa. Porque é que eu não me esquece? Porquê? Tira-mo da cabeça, mulher! Tira-mo da cabeça! Eu, eu não sou capaz de dar beijos! Eu. Dá tu!

(De *A Floresta em Bremerhaven*, pp. 131 a 135)

## HERBERTO HELDER

(N. Funchal, 1930)

Com uma obra em que tem predominado largamente a poesia, não só em número de livros publicados como na projecção literária por eles suscitada, os dois volumes de contos em que Herberto Helder se revelou como ficcionista tomaram significação bastante para o situar como um valor a considerar no género. O seu pessoal conceito de que «o estilo é aquela maneira subtil de transferir a confusão e violência da vida para o plano mental de uma unidade de significação» evidencia-se expressivamente nas suas densas narrativas (ou apenas digressões impressionistas) em que fixa na «unidade» significativa um momento de vida, um ambiente, uma situação ou uma visão, quer seja interior quer circunstancial. Quando publicou o livro de contos *Os Passos em Volta* (1963, 3.<sup>a</sup> ed. 1970) disse a propósito dele Rodrigues Miguéis, numa entrevista, que «Herberto Helder é, sem dúvida, o único caso de surrealismo que entre nós se aproxima da perfeição», e compara-o «ao melhor de Henry Miller, embora haja nele canduras e inocências». E acentuou, ainda, que o escritor «restitui a realidade sensorial à irrealidade natural, original, das coisas». Com *Apresentação do Rosto* (1968) o autor atingiu maior adensamento na exploração da palavra e da imagem, maior carga sugestiva nas suas representações contrastantes, sem perda duma característica agilidade de linguagem que se desdobra em veloz andamento. As suas narrativas têm um sentido que se afigura marcadamente autobiográfico e confessional e são clarificadas pelo próprio processo de «retrato em movimento», tão representativo da sua novelística como da sua poesia.

Através do amarelo antigo e da sua psicológica tradução em tempo – um sentimento, uma noção doce e alarmante – a Velha Avó, nas circunstâncias um corpo jovem subtilmente inclinado para a frente como se preocupado com a própria força, a Velha Avó jovem sai das esquadrias que a delimitaram, e irrompe para além desse seu exaltado verão. Bate-me em cheio. Bate em mim, junto à cama, em mim que assisto a um tempo bem presente, à terrível demonstração desse corpo que continuou o movimento. Para diante, para diante. Rompendo as ficções do estatismo, o mito inoportável das fotografias.

– Avó...

Ela está na sua cama de madeira escura, uma avó que levanta um minúsculo volume de colcha branca lavrada; e do pescoço para cima, uma avó cor de limão, cor de azeitona. Uma avó de dois braços pela colcha branca abaixo, e as mãos saindo das mangas claras e amarrotadas do casaquinho de lã. Mãos cor de azeitona, duras, imóveis. Vamos: podres. Duas mãos podres. E tudo isto – que é o pouco do presente, com um significado de súbito espantoso na minha própria carne – está no meio da penumbra do quarto, enquanto lá fora o mês quente se desenvolve, atormentado pela sua grande felicidade vital, mês feroz com a sua atmosfera de impiedade luminosa. É fascinante para mim poder dar alguns passos leves entre a fotografia (sobre a cómoda) e a enorme cama negra – eu que compreendo alguma coisa (e com que abalo!), procurando sorrir quando a Velha Avó levanta as pálpebras e me fixa não sei entre que hesitações de torpor

e vigilância. Sorriso sem experiência, o meu. Porque não sei bem como está aqui essa fotografia e este corpo. E não sei, do mesmo modo, quase nada acerca do corpo das pessoas, acerca do seu tempo ou dos seus tempos, da sua verdade ou verdades. E depois, como se o sorriso, com a sua inépcia, não fosse bastante sinal da minha confusão, eu digo, numa voz ainda mais inexperiente:

– Avó...

E a Avó mexe ligeiríssimamente a mão direita e fecha os olhos. Então fico só, porque a fotografia recua para uma região secreta e a Avó cor de azeitona vai avançando como só ela sabe e a minha inexperiência não pode pretender acompanhar – para uma situação inacessível.

Colocai agora uma desordenada massa cinzenta e frouxa sobre a cabeça e tereis algo ainda mais difícil. Um sabor adocicado arrefece-me na língua, porque o horror (suponho que seja horror) é frio e adocicado. Cabelo horrível, coroa da enorme, da excessiva experiência. Em que sítio se encontra este ser, ele, de que para fora chegam tais indicativos monstruosos? O ser do retrato, esplêndido na teoria insólita da sua juventude, preso mas forte no seu melhor momento? Existe um ser assim? Ou o que há é simplesmente um bolbo profundo, estendendo as suas raízes, com terrífica placidez, no fundo, no fundo, onde não permanece nenhum brilho, bolbo frio e paciente trabalhando no completo silêncio sem passado, bolbo absolutamente eterno numa carne absolutamente actual?

– Avó... – E a mão direita estremece sobre a minha louca atenção. – Quer que chame o padre?

É que eu fora encarregado pela família de conduzi-la, utilizando a preferência que a Avó me dava, à ideia de que a morte poderia ter começado um hipotético passo entre a terra e a *feliz* eternidade. O sacerdote viria fornecer a essa palavra *feliz* uma mais radical convicção e carregá-la dos sentidos da ilimitação que desaguam na outra palavra *eternidade*.

A Avó sempre fora católica e praticara com assiduidade os ritos. Com que distração, ou velozes intenções, acertado ou desviado interesse – não sei, eu que não sei nada das pessoas, mesmo que alguma coisa julgue conhecer dos valores.

E então repeti o apelo, imaginando que as paredes entre mim e a moribunda eram as paredes que as vozes talvez possam atravessar e que, por detrás delas, uma atenção espera precisamente ser reconduzida pelas vozes exteriores, mesmo as vozes ineptas de um jovem colocado entre confusões ou mistérios, se é que servem estas palavras para designar maciços pedregulhos dentro de um quarto, dentro do encontro de tempos, pessoas, coisas, pensamentos.

Repeti: – Avó – e a mão agitou-se, sem que eu soubesse o que poderia isso significar quanto à eficácia das vozes e à existência dessa tal atenção que se reconduziria, etc. – Quer que chame um padre?

Sim, decerto: já expliquei tudo. Ela frequentava o culto, mandava celebrar missas pelos seus mortos, confessava-se e comungava. Já disse: com que distração, intenções, etc., etc. Bem: vejo-me assim a servir os poderes que ignoro, a realidade que ignoro, a ficção, as ficções que ignoro. Papel próprio para a juventude. E agora há mais forças. Estou cercado por forças de que mal vislumbro a capacidade e natureza. Cada vez mais forças, porque estou diante da idade e ela chama novos poderes, sombrios poderes, sombrios enigmas. E, depois, com a ideia de que lá fora a estação é de alto esplendor, inteira falta de pensamento, exaltada inexperiência – fico ainda mais inepto.

A Avó abre os olhos e eu vejo uma nova luz áspera e gelada – a inteligência, algo que de repente recompõe todo o corpo e traz agora o retrato para o centro do tempo, tornando-o movimentado e audaz durante um segundo. Sobre esse olhar progride agudamente um sorriso que limpa a velhice e deixa o sal de uma malícia madura. Os lábios secos perturbam-se e crescem devagar, e a garganta palpita. É um corpo que cresce sobre o seu próprio esgotamento, e a Avó diz:

– É tudo mentira...

Depois as pálpebras caem, e todo o corpo é absorvido pelo enigma. As paredes levantam-se, o retrato recua, a minha juventude fica sem armas – brilhante e estúpida.

Assim é, porventura, a sabedoria: vil, esmagadora. O único lugar que lhe pertence deve ser a idade, mas quando dela se aproxima um jovem fascinado que a si próprio impôs o estado de mensageiro, como se quisesse tocar o gelo, convencido, ele!, de que o calor dos poucos anos poderá fundir o gelo, então o gelo absorve a idiota mão quente, e queima-a.

A Avó morreu nesse mesmo dia.

(De *Os Passos em Volta*, pp. 115 a 118)

## DINIS MACHADO

(N. Lisboa, 1930)

A narrativa novelesca *O Que Diz Molero* (1977, 7.<sup>a</sup> edição em meados de 78) emergiu subitamente do quase anonimato literário do autor, obtendo êxito espectacular de *best-seller* e interrogativas repercussões na crítica. Logo se disse, para além dos debates e conjecturas que imediatamente o envolveram, que o livro de Dinis Machado «é um acontecimento, faz de qualquer modo história» (Óscar Lopes). Sobre uma montagem especiosa de «relatório» biográfico de jovem português anónimo, integrado originariamente na atmosfera e nas vivências de um bairro popular de Lisboa mas lançado posteriormente em enigmática trajectória cosmopolita, desencadeia o autor um fluxo narrativo de intenso e pitoresco realismo, matizado de aguda ironia e por vezes de inesperadas evasões líricas, que se precipita em vertiginosa velocidade textual e num ritmo de linguagem muito próximo da oralidade. Um «livro tagarela», houve quem lhe chamasse – como, também, «prova de ficção, entre lírica e mítica, entre exercício de virtuosismo narrativo e invenção do mundo da adolescência» (João Gaspar Simões). A original dinâmica, novelística de Dinis Machado, gerada numa descarga mnésica torrentosa a que não faltam o sentido da crítica social e a sensibilidade poética marginando o humor, surpreendeu pela novidade estilística e pela energia verbal e deixou em aberto a expectativa de futuras realizações literárias do autor.

«Chegou uma esquadra», disse Austin, «e aqueles a quem chamavam os camones invadiram a cidade, tingindo-a com a brancura das suas fardas. Meia dúzia deles enfiou pela rua acima, passou pelos Vai ou Racha, estes cuspiram para o chão em sinal de desprezo, o Zuca foi atrás deles de braço estendido, esfregando o dedo polegar no indicador, eh, camone, money, money, um camone atirou um monte de moedas ao ar e a miudagem lutou bravamente para apanhar o dinheiro». «Essas excursões a bairros desconhecidos desvendam mundos novos», interrompeu Mister DeLuxe. «Fiz duas ou três desse género e tirei excelentes fotografias». Austin sorriu. «Bem», disse ele, «os camones continuaram a subir a rua, pararam junto do Ângelo, que estava sentado no seu banco de madeira a experimentar a harmónica, um deles aproximou-se e disse girls, e fez com o braço o movimento respectivo, we want girls, o Ângelo disse girl é a tua mãezinha, estás a perceber ou precisas de explicador?, sim, a tua mãezinha, o camone riu-se para os outros, um deles avançou e fez uma espécie de passe à Fred Astaire, conta quem sabe, e de repente o Ângelo já tinha guardado os óculos e a harmónica no bolso, começou a despachar os camones, enfiou um pela loja de móveis do Ventura, outro foi cair numa das cadeiras da Barbearia Hollywood, exactamente em cima do Pimentel, que estava a ser escanhoado pelo Joaquim Navalhinhas, um terceiro mergulhou no tanque de roupa da Miquelina Fortes, outro ainda foi também remetido para a loja do Ventura, encontrou o primeiro no caminho, vinha de regresso, e estatelaram-se os dois numa cama de casal, o Ângelo com os pés, com as mãos, com a cabeça, vai disto, os camones enfiavam por tudo quanto

era porta, positivamente distribuídos ao domicílio, o Zuca diria mais tarde que Ricardito entre Chamas e Bandidos, a sua fita número um, ao pé daquilo não era nada. A certa altura, com os camones, estóicos, a irem e virem, os Vai ou Racha começaram a subir a rua, meteram-se no vespeiro, foi o Pé de Cabra que disse chegou a hora, o Padeirinha ouviu a frase histórica e havia de transmiti-la mais tarde, nunca se chegou a saber a que hora se referia ele, também nunca se chegou a saber se tencionavam ajudar o Ângelo que, de resto, segundo Molero, conta quem sabe, se havia alguma coisa de que ele precisasse não era com certeza de ajuda, ou ajudar os camones, ou apartá-los, simplesmente o Ângelo começou também a despachar os Vai ou Racha, o Gil Penteadinho deu duas voltas no ar e foi aterrar na carroça das couves do Hipólito, o Tonecas Arenas ficou sentado no primeiro andar do andaime de um prédio que estava a ser pintado, entornando uma lata de tinta cor-de-rosa sobre o príncipe de gales novo do Joca Farpelas, isto depois de passar pela banca de peixe do Zeca Trampa, espadanando carapaus e lulas por todos os lados, o sombrero, esse, voou e entrou pela janela do segundo andar da Dona Ermelinda, o Bexigas Doidas, que quase tinha sido atado pelo Ângelo a um camone, conta quem sabe que fez nó com o braço direito de um e a perna esquerda do outro, entrou com ele sem pedir licença pelo Ás de Espadas, Lda., levaram ambos consigo o Rufino, o Aranhão, o Roque Sacristão e o Vovô Resmungas, que estavam a jogar à sueca, saíram todos um pouco à balda pela porta do fundo, acrescentados do Douglas Fazbancos e do Chico Dominó, que estavam ali a discutir o Sporting-Benfica do domingo anterior, o Pé de Cabra foi de cabeça contra a parede e até fez eco, abriram-me a cabeça, dizia ele, abriram-me a cabeça, o que, segundo Molero, devia ser por demais evidente, o Peito Rente foi chutado com efeito para a tipografia do Celestino, deu duas voltas lá dentro fazendo parar máquinas que estavam a trabalhar e pondo a funcionar máquinas que estavam paradas, alguém tinha espetado uma faca na barriga do Lucas Pireza, talvez um camone, de certeza que foi um camone, diria mais tarde o Zuca, os camones são uns naifistas do caneco, garantia ele, o Lucas Pireza segurava os intestinos com as mãos, falava baixinho para eles, parecia rezar, os camones iam e vinham, espartanos, segundo Molero, até à medula, a certa altura, numa ressaca, levaram com eles, pelo ar, o Metro e Meio, o Ângelo tinha-os juntado a todos num molhinho, enfeitou-os com o Metro e Meio, e vai disto, tudo pelo ar, rumo ao Marotas Papa-Milhas, que tinha uma motocicleta cheia de cromados e a mania das curvas rápidas, já tinha atropelado três gatos e duas pessoas, ia a fazer uma bela curva naquele momento, foi contemplado com a colecção de camones coroada com o Metro e Meio, despistou-se, disse foda-se, foda-se, subiu o passeio, virou de pantanas o mostuário do Raul Pechisbeque, choveram colares de vidro, pulseiras, broches e anéis, o Marocas continuou em prova, descontrolado e tudo,

devolveu para dentro de casa o berço que a Gertrudes tinha colocado à porta com o bebé, atravessou a rua aos ziguezagues, embateu na caixa da criação da Mafalda Capoeira e terminou a prova contra o balcão da carvoaria do Galego, lançando o pânico nos elementos do Grupo Excursionista Moscatel, que estavam a beber o seu meio litro da praxe, enquanto as pessoas assomavam alvoroçadamente às janelas, as mulheres gritavam, o bebé da Gertrudes, que era o melhor pulmão lá do bairro, berrava como nunca, o papagaio do Pimentel, que tinha caído do poleiro e dançava suspenso na correia de metal, esganiçava a sua expressão preferida, ó da guarda, ó da guarda, muitíssimo apropriada, segundo Molero, às circunstâncias, o fox-terrier do Silva Farmacêutico filava um camone pelo fundilho das calças e fazia questão de não o largar, as galinhas da Mafalda Capoeira corriam espavoridas num cacarejar infernal e num dilúvio de penas, o burro do Hipólito zurrava, os gatos da Dona Maria Bicharoco miavam e pulavam, o Alsácia do Tô Peneiras ladrava com aquela fúria só dele, camones entravam por aqui, ex-Malhoas saíam por acolá, às vezes dava certo, parecia que o Ângelo tinha controle sobre a confusão, à distância, o Zuca diria mais tarde que, tirando algumas partes cómicas que pareciam à Charlot, aquilo tinha sido uma coisa iglantónica, o Ângelo era igualzinho a um tal Lone Ranger, só lhe faltava a mascarilha». Houve uma pausa. «O rapaz assistiu a tudo isto dentro da mercearia do João Azeiteiro, atrás de um saco de feijão, atónito perante aquilo que Molero denomina o maior fogo-de-artifício de que há memória em matéria de pancadaria, a balbúrdia plena, o filme de trinta e uma partes em carne viva, o real que se sobrepõe ao mítico, sonhar é pouco, é entrar, rapaziada, é entrar, eis a maior zaragata de todos os tempos, resolvida numa só sessão e sem ser preciso comprar bilhete, sem cenários de cartão, sem trucagens, sem intervalo segue imediatamente, cabeças, pernas e braços indiscutivelmente partidos, a cara do Pé de Cabra tapada pelo sangue que lhe escorria da cabeça, o Lucas Pireza transportado para o hospital na carripa do Bigodes Piaçaba, os intestinos enfiados outra vez na barriga um pouco à pressa, os camones espalhados pela rua, as mulheres a trazerem bacias de água e toalhas para limpar os feridos, as acusações mútuas, ó camone porque é que não vais jogar à porrada para as tuas streets?, não foram os camones, foi o Ângelo, o Ângelo é que começou logo a enfardar, isto foi coisa dos Vai ou Racha, os Vai ou Racha e os camones juntos são a lepra e a diarreia, as lágrimas e os gemidos, Vovô Resmungas de bengala no ar a despontar à esquina ao colo do Roque Sacristão, a Mafalda Capoeira a correr atrás das galinhas, o Zeca Trampa a procurar lulas e carapaus nas couves do Hipólito, o Metro e Meio a vomitar coisas com cores esquisitas, esverdeadas e lilazes, o Celestino a dizer ao Peito Rente mas tu não podias foder o material a outro?, o Tonecas Arenas a pedir para o ajudarem a sair do andaime, o Joca Farpelas

de casaco na mão a chamar de filho da puta para cima a toda a gente, o Gil Penteadinho à procura do dente de ouro, se virem um dente de ouro é meu, o Pimentel à porta da barbearia com meia barba por fazer e o guardanapo ao pescoço, a Gertrudes com o bebé ao colo, alternando, num tom de voz claramente diferenciado, o ó papão vai-te embora, deixa dormir o menino, com o cambada de malandros, cambada de malandros, o Raul Pechisbeque a recolher, de nariz no chão e no boné de um dos camones, pedrinhas coloridas, colares, broches e anéis, o Silva Farmacêutico a tentar tirar da boca do fox-terrier os fundilhos das calças do camone, os Moscatéis a perguntarem ao Marocas se a carvoaria era uma pista de corridas, o Marocas a coxear e a dizer foda-se, foda-se, não mexam na mota, não mexam na mota, o Tó Peneiras rua abaixo em grande velocidade agarrado à trela do Alsácia que perseguia um dos gatos da Dona Maria Bicharoco, o Ventura dos móveis a explicar a um camone que a bed estava partida, o camone a contar com os dedos os galos que tinha na cabeça, o Zeferino Torrão de Alicante a dizer que desta vez ainda tinha sido melhor do que com os ciganos, o Chinês a dizer que sim com a cabeça, o carro da Polícia a chegar, o Joaquim Navalhinhas a perguntar mas o que é que a Polícia vem fazer agora?, vem contar os mortos?, o Ângelo a pôr os óculos e a desaparecer, o Zuca havia de dizer mais tarde que ele desaparecera no ar como o Mandrake, a Dona Ermelinda a devolver o sombrero do Tonecas Arenas pela janela por onde tinha entrado, o sombrero a descrever uma curva larga, planando e caindo suavemente aos pés do Dick Tracy, que era o polícia à paisana lá da área, e o Dick Tracy, segundo Molero, conta quem sabe, de sombrero na mão, a perguntar a toda a gente e a ninguém: o que é que se passou?, o que é que se passou? o que é que se passou?»

(De *O que diz Molero*, 7.<sup>a</sup> ed., pp. 40 a 46)

## JOÃO PALMA-FERREIRA

(N. Lisboa, 1931)

Entre o romance propriamente dito, a crónica de vertente romanesca e o memorialismo aparentemente ou realmente romanceado, tem conduzido Palma-Ferreira a sequência duma obra que vai merecendo crescente atenção do público e da crítica. Com *Três Semanas em Maio* (narrativas, 1968) fez o autor a experiência de um processo complexo de composição descritiva em que se fundem a visão pessoal realista e desencantada do mundo apressado e exaustivo do nosso tempo, evasões oníricas, divagações angustiadas ou de contida sátira, geralmente unidas pela unidade de presença de um narrador versátil. O processo, com mais ou menos variantes, prossegue em *Na Tua Morte* (1970), *A Viagem* (1971), *os Crâniocratas* (1972), em sequências narrativas que tomam por vezes a aparência (ou reproduzem o fundo real) de um memorialismo que parece querer furtar-se a sê-lo mas que assumem para o leitor um cunho ficcionista original e incisivo. Têm-lhe sido apontadas influências das mais modernas correntes literárias norte e sul-americanas, que talvez até se projectem num característico cosmopolitismo ambiental que é muito frequente nos seus livros. Sempre inesperado na cadência factual e na linguagem sumária em que a exprime, Palma-Ferreira «desespacializa e intemporaliza kafkianamente a narrativa e, muito pouco exoticamente, o narrador nela discorre, num tom por vezes tchekoviano e num ritmo a um tempo quieto e sobressaltado» (Alexandre Pinheiro Torres). Nos próprios contrastes de interpretação da crítica se traduzirá, de algum modo, a surpresa que o estilo novelístico deste escritor tem suscitado, possivelmente porque não lhe encontrou ainda um definitivo rumo.

## MEMÓRIA SOBRE AS CASAS

---

Da primeira só sei que ficava no Terreirinho, próximo da rua dos Lagares, sabes onde é? Nunca por lá fui depois de homem feito, mas nas velhas histórias da saudade que não tenho diz-se que era num segundo andar. Tinha varandas e as paredes estavam provavelmente forradas de papel de ramagens. Havia gatos pretos, vizinhas alegres que cantavam enquanto penduravam roupa pelas janelas. Tinha uma grafonola e cadeirões de palhinha, dizem. Também havia uma velha camponesa que fazia o serviço, a senhora Maria, e que nos legou muitas histórias de fantasmas.

Nos retratos aparecem criaturas pequenas, de fato à maruja, com fitas, e homens graves, mas sorridentes, com cravo na lapela e um certo toque de boémia. É aquela casa passada, a que tivemos, muito quente, pobre como o cheiro do pão acabado de cozer. Contam-se coisas, já raras, os velhos vão perdendo a memória e apesar de tanto tempo ter corrido, quarenta anos, ficaram sombras de rancores e de antigas questões. Recordo-me de ter visto a telefonia, a dessas épocas. Parecia uma pequena catedral de madeira; tinha um torreão e era roufêna. E recordo-me de ter visto o candeeiro, tlim, tlim, tlim, que fomos partindo até ficar reduzido à carcaça de metal de onde penderam os vidrinhos. E recordo-me do estofo verde das cadeiras demasiadamente amplas para tão minúsculas divisões. Estes locais são como os templos da peregrinação que se deseja realizar mas que sempre se vai adiando, hoje um tanto, amanhã outro pedaço. Resultam pó, no fim, o escalavrado das paredes arruinadas, memórias de sombras e de mortos, sempre de mais mortos.

A segunda ficava num Bairro subido para sítio de mirantes com vistas para toda a cidade, que era, para lá da Quinta, um aglomerado de telhados rubros. Terceiro andar. Corredor longo e escuro ao centro: quatro portas à direita e uma à esquerda. Numa ponta a sala, mais tarde quarto, mais tarde casa de jantar, mais tarde sala e depois novamente casa de jantar; na outra a cozinha, os panelões, o fogão e a caldeira, a talha de barro vidrado, as prateleiras com coisas secretas e brunidas, chaleiras, espetos, garfões, o moinho de café e a máquina de fazer gelados. Depois da cozinha, a *marquise*, aranhaço de ferro, madeira e vidro, como a proa do barco voltado ao numeroso oceano de casebres, de figueiras e de telhados para além da Avenida. A *marquise* onde brincávamos, estudávamos, almoçávamos e jantávamos. A *marquise* das diversas fisionomias, a dos ovos quentes, pela manhã, e a da tranquilidade entre as dez e o meio-dia; a fisionomia da hora do almoço, das correrias e das vozes, assobios e discussões; a da tarde, rosto sereno até ao pôr do sol (o sol escondia-se na *marquise*, quase que o juro), a das horas de estudo e de distração, porque o correr das nuvens tentaria um santo; a das horas depois, nocturnas, quando a *marquise* perdia a cor, e a cor era a luz e o sol, o tempo de jantar, de discutir política, de recordar velhos campos de outrora, de assar linguiça no lume de álcool ou de comer nozes e amêndoas. Finalmente, a do cair do silêncio, noite dentro da *marquise* negra como o céu, tranquila com o estrelado de Junho, inóspita e húmida e turbulenta com o temporal de Janeiro, relampejada e cega de clarão com as trovoadas de Maio. As nuvens corriam do extremo do horizonte, grossas, roladas, encaracoladas e coléricas, e vinham por ali dentro, penetravam com fúria na nossa *marquise*, caranguejola de madeira, ferro e vidro, no cocuruto da cidade, olhos vastos até ao rio, mais vastos ainda até aos cumes da Arrábida. E tinha outras fisionomias, a do Natal, sobretudo; a *marquise* do peru irrequieto, bufante, eterno enamorado a fazer a corte às sombras, glu, glu, glu, a encher a casa até ao último extremo, ponta de sol que vai pelo corredor morrer em oiro na penumbra da sala. É um nunca acabar de segredos. As prateleiras onde enfileiram garrafas de vinho do Porto, os armários onde há torrão de Alicante, barras de chocolate, frutas secas da nossa tentação. Os roupeiros perfumados, o vestuário de domingo, meu casaco de linho, minhas calças *à golfê*, meu boné de borla. Os quadros feios, as histórias antigas de duas terrinas, a fábula de cada móvel, de cada cadeira e de cada leito. As noites da guerra, serões de Páscoa e tardes de Carnaval. A vigília dos mortos e as madrugadas de agonia. A humidade no Inverno, tardes sombrias do fim do mundo, a humidade lenta, pingada por paredes mesmo em frente dos meus olhos sonolentos de *De Bello Gallico*. A frescura do vão da escada, o cubículo onde se contam histórias de meninas e se fumam cigarros, os primeiros; as roseiras das velhas moradias; os figos lampos a transpirar leite; as castanhas piladas, trincadas de estalo na pausa

de uma aventura; as correrias pelo céu de primavera, sonho e meditação nas tardes do primeiro calor. Os domingos, que dias sem fim, os domingos! Choros, amarguras, grandes alegrias, toda a família mais uma vez reunida em torno da mesa, a canela, o arroz doce, as festas de Santo António, namoradas e cartas, passeios pelos maiores segredos das cercanias. De um nada extrai-se uma feira de lenços da China atados pelas pontas, uma constelação de estrelas ignoradas e uma estante de velhos livros. Que longos e serenos os serões da leitura, que tardios os regressos nas noites quentes, que sabor o dos pêssegos mastigados ao cair da tarde.

A casa da infância, a mãe velha que ficou; a casa da adolescência e é um muro antigo que separa jardins, derrubadas vides, canteiros destruídos, vasos de plantas murchas, ao acaso. A velha mãe tece ilusões.

Depois vieram outras. Muitas, rápidas e sombrias. Escadas íngremes e escuras, paredes secas onde a luz acende crua, gente extraída de tugúrios e de sótãos. Tristes mulheres, engomadeiras, músicos dos bares da morte. Em corruptos edifícios, sucessões de quartos de aluguer, mansões de espanto e de milagre. Florescia a juventude nos antros da velhice. Morria o vício das noites na pureza das manhãs perdidas. Quantos hábitos inenarráveis, quanto se descia na aventura, quanto desespero curtido na solidão de misérias e de sonhos. Quanto se afrontou a coragem das redensões proibidas.

Vieram casas estranhas, revelações do mundo em súbitas epifanias. Além, uma janela que dá para a podridão de um pátio, aqui um soalho carcomido, mais adiante uma portada fedorenta com hortaliças podres, lixo e azedume de gritos e cóleras. Noites de olheiras roxas, de estranguladas impotências, de torturas e espasmos. Néctar de um vício crescido na mais rutilante embriaguez. Lembras-te?, revês esses rostos inchados, vermelhos do cieiro das madrugadas? Vês como te espreita a gula dos olhares, a rudeza prática das mãos, como são grossas as roupas, como são prostituídos os sentimentos? Vês como se desce ao fundo da ravina, como se sente a dor das primeiras ternuras compradas, vês? As casas de Babilónia, as casas dos Fenícios, os barracões dos escravos. Tudo se engolfa num fundo sorvedeiro, na libertinagem da saciação, em quartos, camas, rostos que se torcem à luz de intensas mas rápidas labaredas, confissões de horror e espanto no cavado dos abismos, sonhos desfeitos, impossíveis futuros, arautos da fadiga, bedéis do medo. Foram as casas do medo. Foram as noites em branco, foram as cólicas do pavor. Foram as casas da morte. As estalagens da pesadelo.

Renova-se, agora, o riso das crianças, o chapinhar da água em pequeninos pés, o calor aberto das mãos rosadas e limpas. Renova-se o ar nas velhas habitações, entra o sol, abatem-se todas as sombras e todas as teias, calam-se as memórias. Abrem-se as portas sem chaves falsas.

As casas da paz reencontrada, aqui, ali. Seja onde for.

(De *A Viagem*, pp. 138 a 144)

## MARIA GABRIELA LLANSOL

(N. Lisboa, 1931)

Esta autora, confessadamente, leu muito durante o curso do liceu (Nietzsche, Goethe, Santa Teresa, Pascoaes), licenciou-se em Direito, consagrou-se depois à pedagogia, dirigindo um jardim-da-infância e trabalhando actualmente na Bélgica numa Cooperativa de Produção e Ensino. Mas só escrever, segundo afirma, corresponde ao seu «querer verdadeiro». Do seu primeiro livro, *Os Pregos na Erva*, contos (1962), transparece uma inesperada maturidade: maneira original e segura de contar, um universo de tonalidades próprias, onde coisas e pessoas simples, humildes, se nimbam de transcendência, uma escrita de frases concisas e fundas sugestões que mantêm o leitor em estado de surpresa e reflexão. «Um cunho subtil de mistério, de inquietação alvoroçada mas contida ante as fatalidades da vida, do amor e da morte, envolve os contos de M.G. Llansol em estranha e evasiva atmosfera» (observa Álvaro Salema). Tais características acentuam-se nos livros seguintes: *Depois de Os Pregos na Erva* (1973), onde se reúnem três textos («E que não escrevia», elaborado em Lovaina, 1968-1971; «Um texto decadente», de 1964-1968; «O Estorvo», de 1961-1963); e *O Livro das Comunidades* (1978). Agora não só a fusão da realidade com o sobrenatural, o fantástico, o mítico, mas ainda as complexas explorações na linguagem nos levam pelos caminhos difíceis do secreto, do hermético. A narrativa, fragmentada, ambígua, fala-nos de presenças-ausências, aparições de S. João da Cruz, de Tomás Müntzer e de Nietzsche; transmite-nos a suspeita duma sabedoria oculta, convida-nos ao êxtase visionário; o silêncio, as suspensões, a vaguidade, o absurdo ganham uma função essencial, referem-se a um espaço ilocalizável, a um tempo fora do tempo, e não raro expressamente remetem para a enunciação: «os pés que, *enormes de escrita*, vacilavam». Trata-se, como diz a autora, duma história (de histórias) «que a escrita,

desconstruindo-se e reconstruindo-se, compôs». Por esta obra de espanto e alheamento, poesia do humano e do divino, entre o sono, o sonho e a vigília, Maria Gabriela Llansol religou a ficção poética à tradição duma espiritualidade críptica.

## A PEDRA QUE NÃO CAIU

---

Um desejo oblongo azula, vagamente pressentido, o silêncio da sombra incerta. No quarto, a realidade é a altura, o comprimento e a largura, o espaço limitado ocupado pelos móveis e o tapete.

– Mais um dia morto na nossa casa vazia – disse Inês.

– Dorme. Amanhã começamos a vindima – respondeu Cristina. – Levantamo-nos cedo.

– Tenho sono e não sou capaz de dormir. O luar quase bate na minha cama. Esqueci-me de cerrar as cortinas.

Cristina e Inês estão em face do existir sólido, como um cubo ou como um prisma, sem o qual não seria possível reflectir-se a luz da lua que baloiça, apoiada na janela.

– Levanto-me a cerrá-las. Queres?

– Não. Gosto de ver no chão a sombra do caixilho da janela. É uma sombra comprida.

– Parece uma cruz.

– É uma cruz a nossa casa vazia. – Inês lembrou-se de uma cantiga que começava: «Ainda não tinha colhido três ramos quando um rouxinol pousou na minha mão.»

Ao mesmo tempo que a cantiga penetrou-a a amargura de ter herdado a casa, só com a presença de animais, de objectos e à volta as vinhas onde apenas se alteavam árvores, de distância em distância, como flechas cravadas perpendicularmente num solo em que sempre recomeçava a monotonia verde.

– Dorme – disse Cristina. – Amanhã os criados vêm cedo. Acordas ainda com sono.

Inês sentia a plenitude do existir inerte: a toalha, o pão na mesa, os pratos com a sopa, as cadeiras, os retratos de coisas irreais porque a nenhuma delas acontecera.

Fechou os olhos e imergiu na escuridão que é o silêncio da luz. Para ela, a visão era o sentido primordial na captação da permanência circundante. A sua vida tinha sido uma sucessão de percepções pictóricas, em que era possível a visualização de todas as abstrações e até mesmo das realidades apreendidas através dos restantes sentidos. Via que o cheiro tem uma forma, que o som é um gesto e que o tacto tem uma cor. Na infância, ao contemplar um evónimo em que vira uma lagarta transformar-se em borboleta, dissera: «Cheira a borboleta.» E o cheiro a borboleta (azul, encarnado, amarelo) existira, criado pelo desejo.

Mas agora, e esse agora projectava-se das noites passadas no presente e prolongava-se, pela apatia do vazio, nas noites futuras, não desejava dormir sobre um dia não acabado.

– Ainda nos distraímos – continuou Cristina como se afinal, ao contrário do que dissera, quisesse que Inês não dormisse. – Gostei de visitar a Josefa.

– Amanhã voltamos lá – respondeu Inês. – Achas que ela melhora?

Viu a sua face à espera, sobre o travesseiro, e o sobressalto do seu corpo, logo que o cão ladrava.

- Talvez. Detesta o Campo de Prisioneiros.

– Disse-me que não tem medo deles porque são prisioneiros de guerra. Tem medo da ideia que os cercou de arame farpado.

– O arame farpado é uma coleira.

– Gostava que os oficiais viessem visitar-nos.

Inês imaginou-se em face do espelho, com a concavidade de uma das mãos sobre o cabelo que ia ser visto e que assim se libertava da qualidade de inerte, pela admiração criadora de outros olhos. Depois pensou na coleira que era o nada da sua casa vazia. Às vezes pressentia-a como um espaço à espera que nele criassem qualquer coisa.

– Talvez acabem por vir – disse Cristina, sem convicção. – Contar-nos-iam o que se passa lá em cima.

– E querias realmente vê-los? E ouvi-los?

– Sim, porque não são árvores, nem cepas, nem a Josefa que está doente.

Apoiou-se sobre um cotovelo e a sua camisa branca reteve a luminosidade do quarto.

– Algum dia subo a encosta e vou até ao Campo – continuou.

– Podíamos negociar com eles. Vender-lhes o que produzimos.

– Não precisamos de vender-lhes nada. Não modifiquemos nada. Ergueu-se e cerrou as cortinas depois de olhar pela janela. O caule da roseira que crescia encostada à casa parecia participar da existência da parede que o levantava. De dia, Inês teria visto a síntese verde aguda dos botões que despontavam e que eram, em potência, a análise que é a flor.

– Mas estás sempre a falar em mudanças – respondeu Cristina.

– Sim, outras mudanças, a mudança que seria conhecer por que vivemos nesta casa, aqui e neste tempo.

– Ninguém faz essas perguntas.

– Quando os nossos pais estavam vivos e o Campo de Prisioneiros ainda não existia, já perguntávamos muitas vezes por que não íamos lá fora. O mundo exterior à quinta era lá fora, lembras-te?

– Lembro-me que o sentíamos. Mas tu foste lá fora. Estudante. E agora, que já cerraste as cortinas, dorme.

A colcha da cama de Inês pendia para o chão e unia-se ao tapete numa pequena figura triangular. O cão acordou e apoiou a cabeça na mão de Cristina que repousava sobre a dobra do lençol, mas este movimento não constituiu um som que percutisse a imobilidade que continuava.

– Não ouviste um ruído lá em baixo, no jardim? – perguntou Cristina.

– Parecia a cancela a abrir-se.

– Não, a cancela não. Parecia uma pedra que tivesse escorregado de cima do muro.

– Alguma pedra desequilibrou-se e caiu. Não vale a pena desceres e constipares-te.

Inês de novo fechou os olhos e a sua escuridão abriu-se dentro da escuridão do quarto. Lembrou-se de que, em criança, perguntara qual seria o destino da sua árvore. Deitá-la no recipiente do lixo, sorte corrente das coisas que já não prestam, parecia-lhe uma profanação. Mais do que o facto de tratar-se de um pinheiro de Natal, era a qualidade Árvore que a tocava, corpo erecto e resumo de sol universal.

– Vou ver pela janela – disse então Cristina. Inês voltou a abrir os olhos. – O luar já não desenha o caixilho no chão.

– O caixilho, não. Era uma cruz.

– Não vejo nada.

– Não era nada. Vem deitar-te.

– Uma pedra não cai sozinha, sem que a empurrem. Espera.

– Hoje nunca mais adormecemos. – Inês viu-se uma coisa, como a pedra que talvez tivesse caído.

– Há pouco eras tu quem não queria dormir.

– Não podia, por causa do luar.  
– Nunca gostaste de dormir com claridade. Vou descer para ficarmos tranquilas.

Cristina vestiu o roupão cujas cores, azul e amarelo, se igualavam na sombra. Inês levantou-se também. O cão saltou para cima de uma das camas e ficou imóvel. Acenderam a luz e desceram a escada que conduzia ao andar inferior. Tinha poucos degraus.

– A pedra não caiu, ou caiu sozinha – disse Cristina.

Uma pedra não cai sozinha, pensou Inês, como se morre de morte natural.

Cristina descerrou a porta sobre o jardim. A claridade do interior da casa desenhou no chão um ângulo obtuso. Para lá do ângulo, na zona sombria, viram um homem. O seu corpo era um gesto de fuga.

– É um prisioneiro que se evadiu do Campo - disse Cristina.

– Escondam-me. Se voltam a prender-me, fuzilam-me com certeza pela manhã.

– Onde poderemos escondê-lo? – perguntou Inês.

O homem aproximou-se e entrou na zona de luz.

– Se o encontram na nossa casa fuzilam-nos, com certeza, aos três, pela manhã.

– Escondam-me – repetiu o homem.

– Não há um único lugar na nossa casa em que possamos escondê-lo. É melhor não perder tempo e fugir.

– Podíamos levá-lo para a adega – sugeriu Inês.

– Pela manhã vinham os criados e viam-no logo. Talvez, se não estivéssemos no tempo das vindimas.

Agora não havia tempo e Inês já não se sentia como a pedra que caíra.

– Podíamos escondê-lo entre os animais. São mansos.

– Os guardas conhecem bem os estratagemas dos evadidos. Não demorariam a encontrá-lo.

– Então escondamo-lo no nosso quarto, na nossa cama.

– Nem sequer poderíamos dar a desculpa de que ignorávamos a sua presença.

– Está exausto. Começou agora a chover. Deixemo-lo ficar e que nos fuzilem aos três, pela manhã.

No jardim de plantas dispersas, junto à casa, flores brancas caíram de duas árvores e cobriram o chão. O chão está agora tão alto como as árvores.

Cristina suspendeu as mãos na gola do roupão em que, à claridade artificial e da lua, as duas cores, o azul e o amarelo, se distinguiam.

– É demasiado – disse. – Não pertence à nossa família, nem sequer o conhecemos. E depois, sabes o que é morrer? Um vazio maior do que a nossa casa.

– Estás a fazer nascer o medo.

– Ainda bem que o medo existe para que não morramos fuziladas. Talvez a Josefa o esconda. Uma casa pequena, tapada por eucaliptos, à esquerda da estrada.

– Já quase não o vejo. Partiu, quando perdeu a esperança na nossa casa.

Inês anteviu que começava a negação de um domingo como um pão de trigo, de sol pressentido sob a côdea, um sol de música visível, de sons com formas plásticas, a oscilar contornos de grãos intemporais, nus na simplicidade da substância mais que vegetal.

– Enganaste-o. Porque é que a Josefa há-de escondê-lo?

– Tens razão. – Cristina já não mantinha as mãos suspensas na gola do roupão.

– Nós não o fizemos. Mas eu disse uma casa pequena, tapada pelas árvores, lembras-te? Não é grande. Ninguém repara nela.

– E a Josefa detesta o arame farpado à volta dos prisioneiros. Essa é que é a verdade. Mas nós também o detestávamos.

Tinham subido a escada. Agora estavam novamente no quarto, sentadas sobre a cama. O cão dormia.

– E detestamos.

– Não, agora já não.

– Foi uma temeridade evadir-se. Nenhum prisioneiro pode escapar-se do Campo. E depois, quem se lembra de pedir uma ajuda que responsabiliza de tal modo os outros?

Viram, pela janela, o clarão que se levantava sobre a planície. A luz transformava-se no olfacto de um cão que fareja.

– Tenho frio – disse Cristina que se deitou e puxou a colcha até aos ombros. – Deita-te outra vez.

– Continua a chover. – Inês pensou que a chuva era a própria distância, dividida e liquefeita.

– É uma chuva fina que não molha. Deixa a janela e não te esqueças de cerrar as cortinas. Arrefece-te a cama.

– Não é apenas a luz da lua que entra. É também a dos holofotes. De vez em quando volta o escuro. Uma escuridão tão breve que não pode tapar ninguém.

– Não conversemos mais. Senão acabamos por ficar acordadas toda a noite.

Então Inês deitou-se também, com a consciência de que ela e Cristina tinham nascido para a sombra das coisas, e não para as coisas.

(De *Os Pregos na Erva*, pp. 51 a 59)

## MARIA ONDINA BRAGA

(N. Braga, 1932)

Nos seus principais livros (*A China Fica ao Lado*, contos, 1968, 3.<sup>a</sup> ed. 1976; *Estátua de Sal*, autobiografia romanceada, 1969, 2.<sup>a</sup> ed. 1976; *Amor e Morte*, contos, 1970, Prémio Ricardo Malheiros; *Os Rostos de Jano*, novelas, 1973; *A Revolta das Palavras*, contos e crónicas, 1975; *A Personagem*, romance, 1978) alternam o mundo da infância e o mundo que, sozinha, com espírito de aventura, percorreu, de olhos atentos ao diverso e ao exótico: Inglaterra, Macau, Angola – terras onde viveu largos anos – e outras que visitou, como a França, Itália, Brasil. Experiências, aliás, repassadas por fundo sentimento de solidão e pela certeza do efémero, que está na raiz duma «irónica serenidade» (Natália Nunes), bem como da atitude compassiva perante os outros. Obra «fina, emotiva, vibrátil, sabiamente desarticulada, rica no abrir dum leque de minúcias afectivas» (Eugénio Lisboa), nela os enredos contam menos que as personagens; e estas, diluídas não raro em indecisão ou ambiguidade, servem de medianeiras entre a intimidade da autora, na sua «unidade inviolável» (Fernando Mendonça) e o leitor. O sentido social dos contos e novelas de Maria Ondina Braga reside principalmente na denúncia do machismo e das várias formas do egoísmo burguês, alienante. *A Personagem* descreve um processo de libertação pessoal, em correlação com aspectos da experiência colectiva após o 25 de Abril. Por íntimas afinidades, que não por influência recebida, a autora ocupa hoje na ficção portuguesa lugar semelhante ao que pertenceu a Irene Lisboa, superando-a, porém, na composição diegética e na depuração estilística.

A senhora Tung chegava dois dias antes da consoada. Costumava vê-la logo de manhã, com a irmã jardineira, no pátio maior, a admirar as laranjeiras anãs nos vasos de loiça. Via-a casualmente a contemplar, embevecida, o presépio do convento. Encontrava-a por fim à mesa.

A senhora Tung viajava todos os anos da Formosa para Macau, na época do Natal, a fim de festejar o nascimento de Cristo na companhia da sua primogénita, a irmã Chen-Mou.

Nesses dias, com as meninas em férias, o refeitório do colégio parecia maior e mais desconfortável: só eu e Miss Lu nos sentávamos à mesa comprida das professoras. Daí a presença da senhora Tung, que noutra ocasião passaria talvez despercebida (estirada a sala entre pátios de cimento e plantas verdes), se tornar nessa altura notável.

Baixa, seca de carnes, de olhos atenciosos, pensativos, a senhora Tung sorria constantemente, falava inglês, gostava de comer, de fumar, de jogar *ma-jong*. As criadas cortejavam-na nos corredores, preparavam-lhe pratos especiais, levavam-lhe chá ao quarto. Além de ser mãe da subdirectora, tinha fama de rica e distribuía moedas de prata a todo o pessoal na noite de festa.

Nessa noite assistiam três freiras ao nosso jantar (a regra não lhes permitia comer connosco): a directora, a subdirectora e a mestra dos estudos. E muito empertigada, segurando com ambas as mãos um tabuleiro de laca coberto com um pano de seda, a senhora Tung recebia-as à porta do refeitório, entregando cerimoniosamente o presente à filha, que por sua vez o oferecia à directora. Eram

bolos de farinha fina de arroz amassada com óleo de sésamo. Toda de vermelho, de sapatos bordados e ganchos de jade no cabelo, a senhora Tung, quando a superiora colocava o tabuleiro dos bolos na mesa, dobrava-se quase até ao chão. Rezava-se, depois. Para lá dos pátios, à porta da cozinha, as criadas espreitavam, curiosas.

Nem no primeiro, nem no segundo, nem no terceiro Natal que passei em Macau, a senhora Tung era cristã, mas todos os anos se nomeava catecúmena. A seguir ao jantar falava-se nisso. A directora, uma francesa de mãos engelhadas que noutros tempos frequentara a Universidade de Pequim, perguntava em chinês formal quando era o baptizado. Inclinando a cabeça para o peito, a senhora Tung balbuciava, indicando a irmã Chen-Mou. A filha... a filha sabia. Talvez se pudesse chamar cristã pelo espírito, mas o coração atraíçoa-a. O coração continuava apegado a antigas devoções... Todavia, vestira-se de gala para a festividade da meia-noite, tinha no quarto o Menino Jesus cercado de flores, e a alma transbordava-lhe de alegria como se cristã verdadeiramente fosse.

Com um sorriso meio complacente meio contrariado, a irmã Chen-Mou desconversava, passando a bandeja dos bolos à superiora, que separava uns tantos para o convento. Os restantes comê-los-íamos nós, ao fim da Missa do Galo, com chocolate quente.

O chocolate era a esperada surpresa da directora. A senhora Tung chamava-lhe, em ar de gracejo, «chá de Paris». No fim das três missas vinham outra vez as três freiras ao refeitório do colégio para trocarem connosco o beijo da paz e nos oferecerem a tigela fumegante do chocolate. Vinham e partiam logo (tarde de mais para se demorarem), e Miss Lu, fanática terceira-franciscana, sempre atenta aos passos das monjas, sorvia à pressa o líquido escaldante, como quem cumprisse um dever, e saía atrás delas.

Ficávamos, assim, a senhora Tung e eu, uma em frente da outra. À luz das velas olorosas do centro de mesa, os seus olhos eram dois riscos tremulantes. Sorríamos. Finalmente, o reposteiro ao fundo da sala apartava-se. Uma das criadas entrava, silenciosa. Servia-se vinho de arroz. Creio que o vinho de arroz figurava entre as bebidas proibidas no colégio e que chegava ali por portas travessas. O certo, contudo, é que ambas o bebíamos, a acompanhar os bolos de sésamo, no grande e deserto refeitório, na noite de Natal.

O vinho de arroz queimava-me a garganta e fazia-me vir lágrimas aos olhos. Quanto à senhora Tung, saboreava-o devagar, molhando nele o bolo, e, como mal provara o «chá de Paris», bebia dois cálices.

Entretanto, Aldegundes, a criada macaense mais antiga do colégio, aparecia com as especialidades da terra: aluares, fartes e coscorões, dizendo que *aluá* era o colchão do *Minino* Jesus, *farte* almofada, *coscorão* lençol. E eu traduzia em

inglês para a senhora Tung, que achava isto enternecedor e gratificava a velha generosamente.

Quando por fim atravessávamos a cerca a caminho de casa, sob uma lua branca, espantada, anunciadora do Inverno para a madrugada, a senhora Tung abria-se em confidências.

A menina sabia... – a «menina» era a irmã Chen-Mou, a subdirectora do colégio –, sabia que ela continuava a venerar a Deusa da Fecundidade. Tratava-se de uma pequena divindade, toda nua e toda de ouro. Fora ela quem lhe dera filhos. Estéril durante sete anos, a senhora Tung recorrera à sua intercessão divina quando o marido já se preparava para receber nova esposa. Não podia portanto deixar de a amar. Toda a felicidade lhe provinha daí, dessa afortunada hora em que a deusa a escutara.

Parava a meio do largo átrio enluzado, de olhar meditabunda, mãos cruzadas no colo. E as palavras saíam-lhe lentas e soltas, como se falasse sozinha.

...E aquele mistério da virgindade de Nossa Senhora! Virgem e mãe ao mesmo tempo... Não se lia no Génesis: «O homem deixará o pai e a mãe para se unir a sua mulher e os dois serão uma só carne?» Não era essa a lei do Senhor? Porquê então a Mãe de Cristo diferente das outras, num mundo de homens e de mulheres onde o Filho havia de vir pregar o amor? A Deusa da Fecundidade, patrona dos lares, operava milagres, sim, mas racionalmente, atraindo a vontade do homem à da sua companheira e exaltando essa atracção. Como o Céu alagando a Terra na estação própria.

Retomávamos a marcha em direcção aos nossos aposentos. Difícil para mim responder às dúvidas da senhora Tung, nem ela parecia esperar resposta. Mudava, rápida, de assunto, aludindo ao tempo, à viagem de regresso, às saborosas guloseimas da criada macaísta.

Já em casa, convidava-me a ir ver o seu presépio. O quarto cheirava fortemente a incenso. Em cima da cómoda, entre flores, lá estava o Menino Jesus, de cabaia de seda encarnada, sapatinhos de veludo preto, feições chinesas.

Depois, timidamente, a senhora Tung abria a gaveta... e surgia a deusa.

O Menino Jesus era de marfim. A Deusa da Fecundidade era de ouro. O Menino, de pé, de um palmo de altura, trajando ricamente. A deusa, sentada, pequenina, nua.

Os olhos da senhora Tung atentavam nos meus, como se à procura de compreensão, mas as suas palavras prontas (a deter as minhas?) eram de autocensura. Não, não devia fazer aquilo. A filha asseverara que o Menino Jesus entristecia, em cima da cómoda, por causa da deusa, na gaveta. E quem sabia mais do que a filha?

Eu já sentia frio, apesar da aguardente de arroz. O Inverno, ali, chegava

de repente. A senhora Tung, no entanto, tinha as mãos quentes e as faces afogueadas.

Despedíamo-nos. Eu sempre me apetecia dizer-lhe que estivesse sossegada, que de certeza o Menino Jesus não havia de se entristecer, em cima da cómoda, por causa da deusa, na gaveta. Mas nunca lho disse nos três anos que passei o Natal com ela. Palpitava-me que a senhora Tung se enervava com o assunto. E que, de qualquer jeito, não me acreditaria.

(De *A China Fica ao Lado*, 3.<sup>a</sup> ed., pp. 115 a 120)

## ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

(N. Porto, 1933)

Após vários livros de poesia em que já manifestava a modernidade e desenvoltura da sua linguagem literária, publicou Rebordão Navarro o romance ou novela *Romagem a Creta* (1964), em que esboça uma representação de experiência de juventude, entre angustiada e irónica, com intensidade e rapidez do discurso evocativo na cadeia bem articulada dos seus momentos significantes. Com o romance *Um Infinito Silêncio* (1970, Prémio Alves Redol), de temática essencialmente neo-realista e provincial mas «enquadrada no que se poderia chamar ficção testemunhal [...] com certas associações livres e cortes temporais e espaciais na construção da narração» (Maria Lúcia Lepecki), obteve o autor largo eco no público e na crítica. As permanentes virtualidades do Neo-Realismo tiveram nesse livro, que relata o desânimo, a apatia e o «silêncio» de um velho burgo trasmontano, raras vezes atravessado pelo estremecimento duma rebeldia, a confirmação que tantas vezes lhe tem sido contestada. Posteriormente, em *O Discurso da Desordem* (1973), faz o autor um certo experimentalismo de linguagem na apresentação directa de certos aspectos e problemas da sociedade portuguesa, exprimindo-se em «discursos de vária índole cuja desordem interna não consegue igualar a aparente ligeireza nem a madura reflexão patenteadas em *Um Infinito Silêncio*» (Liberto Cruz), deixando uma impressão de escusada e corrosiva pressa na composição textual.

pouco depois, o Bolotinha, ao regressar ao seu quarto, após haver fechado todas as portas do Colégio e ter ido eu com ele constatar estarmos devidamente encerrados no edifício, deparara com o filho do presidente da Câmara prendendo os braços que escapavam da combinação negra de Olímpia. Vira os olhos pasmados e lacrimejantes da mulher, prestes a ser vencida, a sua boca entreaberta de nojo e de pavor, da qual babava um cuspo espesso que descia até ao queixo, e, com lágrimas de raiva saltando-lhe dos olhos cansados, desancara o rapaz.

Os seus gritos fizeram-me correr para lá ainda com *Os 12 Césares* na mão, aberto na página em que Suetónio expõe as suas dúvidas sobre a origem do nome «Galba»: «Não se sabe quem foi o primeiro dos Sulpícios que usou o nome de Galba e por que motivo. Segundo alguns, por ter incendiado, com archotes impregnados de gálbano, uma cidade de Espanha que debalde assediava havia já muito tempo; na opinião doutros, por ter usado, habitualmente, durante uma doença crónica, *galbeum*, isto é, remédios envoltos em lã; há ainda quem sustente que era muito gordo e que «Galba» quer dizer gordo entre os Gauleses; pelo contrário, não poucos dizem que ele era tão magro como as lagartas que nascem nos carvalhos e a que se dá o nome de *galbae*.»

Ele gritava: «garoto, filho da puta, bandido! quem julgas que és, quem pensas que eu sou?», enquanto continuava a bater, às cegas, num espantalho, num corpo passivo, estropiado. O rapaz desmaiara. Tinha uma sobancelha deitada abaixo, a cara suja de cuspo e sangue, da boca, com dentes partidos, escorria uma baba avermelhada. O Bolotinha segurava-o com a mão esquerda pelo cinto, enquanto o

espancava com a mão direita, que lhe devia doer, que há muito já não devia sentir. Escarrava-lhe na cara, sovando-o e esbofeteando-o maquinalmente, vociferando, suado: «porco! filho da puta! bandalho!» Olímpia chorava mansamente, a um canto do quarto acanhado, que uma grande cómoda de mogno com tampo de mármore, duas cadeiras, mesa-de-cabeceira, um guarda-vestidos de pinho e uma grande cama de ferro, sobre a qual se pendurava uma oleogravura do Sagrado Coração de Jesus, atravancavam. Deixei cair o livro no chão e, a custo, soltei a mão do porteiro do cinto do rapaz. Dois socos que lhe eram destinados atingiram-me ainda o peito. No pescoço senti, nauseado, escorrer a saliva que o homem pretendia atirar à cara do filho do director do Colégio. Desvairado, o Bolotinha continuava a gritar: «porco! cevado! sabujo! bardino! eu sou um homem! eu sou um homem! eu sou um homem casado, percebeste?!» Por fim, arrebatei-lhe a sua presa. Atirei-a sem cuidado para cima da cama e ocupei-me do porteiro. Peguei-lhe pelos ombros e sacudi-o uma, duas, três, muitas vezes. Então, o desgraçado começou a chorar, a chorar desabaladamente como uma criança perdida. Abraçou-se a mim e chorou, chorou muito com soluços fundíssimos. Afastei-o brandamente e obriguei-o a sentar-se numa cadeira.

Molhei o meu lenço no copo de água que estava sobre a mesa-de-cabeceira, humedeci as fontes do rapaz, limpei-lhe o sangue da cara. Nessa altura, já todos os internos, encostados uns aos outros, nos fitavam, surpreendidos. Mande-os sair, aos gritos, chegando mesmo a empurrar alguns. Arrastei como pude o corpo inerte do filho do presidente da Câmara até ao carro e levei-o ao Hospital.

Nessa mesma noite, o Bolotinha foi-se entregar ao posto da G. N. R.

Nessa mesma noite, Olímpia veio ter comigo à sala de jantar, trazendo-me nas mãos ossudas e longas o livro *Os 12 Césares*, que, na confusão da cena desenrolada no seu quarto, havia sido calcado, apresentava a capa, onde sobre fundo negro se destacava a cabeça dum cavalo de pedra, amachucada, e tinha muitas folhas torcidas. Que significava o livro, aquele livro que, com verdade e mentira, com certezas, dúvidas, presságios, tropos, trazia até nós doze senhores do mundo cujos ossos apodreciam há aproximadamente vinte séculos? Que era ali, nas mãos de água quente, cera, panos, carne e vegetais da mulher do porteiro? 392 páginas de papel impresso, seguras por uns dedos que pertenciam a um corpo vivo que respirava, tinha formas dentro dum vestido posto à pressa sobre a combinação, uma temperatura própria, olhos inchados de chorar. Um corpo que se mantinha no meio da sala, que fora e continuava a ser reflectido nos espelhos. Um corpo que com pouco esforço sustentava um livro esculhambrado em que uma dúzia de poderosos se extinguia entre verbos, nomes, adjectivos, advérbios, preposições, conjunções, artigos. Um ano ou alguns meses de vida de um notável desses seria mais repleto de factos fastos e nefastos que toda a vidinha humilde

da mulher que sustinha as suas ilustres biografias. Mas ela estava viva, ao sol, ao vento, à chuva, ao sofrimento e à alegria, e eles, feitos há muitos séculos só pó, não eram mais que dúvida e retórica.

Quanto vale um vivo em Viamonte?

Nessa mesma noite, o que se passara no Colégio ecoara por toda a vila, chegara mesmo, sabe-se lá como, ainda mais longe.

O escândalo rebentara. Tinha, como as hidras, diversas faces. Delas, os traços mais horríveis eram dados a Olímpia e ao Bolotinha. Havia quem dissesse que a mulher do porteiro quisera seduzir o filho do director do Colégio. Havia quem declarasse que o Bolotinha era homossexual, que quisera violentar o rapaz e, como este resistisse, o agredira com fúria assassina. Havia quem afirmasse que tudo fazia parte de um *complot* urdido pela direcção de um colégio rival que se servira do porteiro e da sua mulher (havia vozes que me incluíam na conjura) para derrubar o estabelecimento de ensino viamontense. Havia mesmo quem insinuasse andar no caso vingança do Dr. Mariano. Falava-se até de vampirismo e consumo de droga.

Os pais dos alunos vieram buscá-los.

Os directores do Colégio – o padre e o presidente da Câmara, carrancudos, sombrios (qual deles era agora a sombra do outro?) – compareceram na secretaria do Colégio, pediram-me um relatório circunstanciado do que se passara e não gostaram, provavelmente, que nele eu enumerasse objectivamente os factos tais quais eram desde que, uma noite, antes do Natal, o filho do presidente penetrara no quarto do porteiro. Após o ter lido, o padre perguntou-me se eu não tinha nada a alterar e, como lhe respondesse que não, sempre me foi dizendo, melifluamente, que havia certas faltas mais justificáveis que outras, que, até então, jamais se verificara, no Colégio, o mínimo desvio para o sensualismo, e isto, naturalmente, porque todos os escolares, pessoas aliás de sãos princípios morais, pessoas educadas sempre no seio de famílias extremamente católicas, eram, além de bem aconselhadas, de muito perto vigiadas sempre. A existência no Colégio de uma mulher, *remedium concupiscentioe*, como tantas vezes fora chamada, fonte perene de desejos, tinha sido condicionada ao facto de haver ali, a todas as horas, os meios necessários para uma eficaz vigilância tendente a evitar a mínima tentação. Lembrei-me dos espelhos, mas não respondi. O padre falou ainda em diferenças de idades e em o pecado ser trazido ao mundo pelos que mais viveram. Insinuou mesmo que desde Eva, nossa mãe, a mulher, nestes casos, tem mais culpa que o homem. O meu silêncio obstinado fê-lo enveredar por outro caminho. Perguntou-me se eu não queria pensar mais pormenorizadamente no assunto. Talvez ainda me conservasse sob a tensão dos tristes acontecimentos. Que, mais tarde ou mais cedo, as coisas, por certo, voltariam à normalidade. Com certeza até

em melhores condições... Era preciso gente nova no Colégio. Pensavam em dar sociedade a mais pessoas. Justo era que, antes de mais, se lembrassem dos que já eram da casa. O relatório podia ser entregue mais tarde. Continuei calado.

O padre levantou-se, respirou fundo, apertou o botão do casaco, dirigiu-se à janela. Uma mosca gorda, esverdeada, poisou no relatório, ali esteve algum tempo, catando qualquer coisa que não se via, os élitros em leque. Depois levantou voo, desapareceu. Pela janela aberta chegavam os sons compassados da debulhadora mecânica, no campo do Sr. Zequinha. Sorrindo, compassivo, o padre voltou a sentar-se, falou outra vez do Colégio organizado em novos moldes, com novo pessoal menor. Disse-me para fazer as contas ao porteiro, um imbecil de todo o tamanho que andava a incomodar toda a gente para poder ter um quintal e um galinheiro no Colégio, uma quinta para ele, já se vê, como se fosse ali o lugar apropriado à plantação de couves e batatas, e à mulher, «essa libertina», e para pensar no assunto do relatório. A mosca gorda estava colada a um vidro. Levantei-me. Respondi-lhe que não retiraria uma linha do que havia escrito.

Nessa noite, Olímpia veio dizer-me que a criada do presidente da Câmara lhe trouxera um recado do patrão, convidando-me para jantar em sua casa. Não apareci lá.

Ontem, repeti o que escrevera no relatório ao delegado do Ministério Público. Com um brilho de curiosidade e lascívia nos olhinhos perdidos atrás das lentes verdes, o Tomazinho, que andava a deixar crescer barbas, dactilografava o depoimento. Enganava-se, safava, não fazia as concordâncias. Eu tinha de pela, terceira vez, voltar a enumerar os acontecimentos: a tentativa do filho do presidente em se apoderar das chaves do porteiro, pouco antes do Natal, quando o Daniel cauteleiro sofrera o acidente, os seus olhos fixos no espelho, a intromissão no quarto do casal, a agressão.

Por fim, assinei o auto e pedi ao delegado para visitar o Bolotinha.

Ele levanta-se do catre onde se sentava com Olímpia. Tinham as mãos dadas. O porteiro parece mais alto, como se tivesse perdido o seu ar vergado, aquele jeito de eterna humilhação. Agrada-lhe a minha presença ali, entre as paredes manchadas pelos invernos, riscadas pelos presos que por ali passaram. Ele agradece-me não sei o quê, diz que só tem que agradecer-me. Pede-me desculpas de tudo, mas sem submissão. Declara que ninguém o pisará, como se fosse terra ou pó ou lama. É um homem pobre, mas um homem. Excita-se: «qu'ê qu'eles pensam! Qu'ê qu'eles julgam! eu sou um homem casado. Ninguém me pode calcar!» Olha para Olímpia. Ela não baixa o olhar. Sorri-lhe. Estão mais que nunca unidos. Venho-me embora. No campo do Sr. Zequinha, a debulhadora mastiga, ruidosa e velozmente, o trigo.

Volto ao Colégio deserto. Telefono a Adriana. Digo-lhe até amanhã.

É hoje esse amanhã.

um hoje longo, pois o dia que vai nascer traz atrás dele toda uma grande noite de vigília em que reconstituí, na sala de jantar do Colégio, entre moscas e vultos sem memória, o tempo de Viamonte. Aqui estão – reúno as folhas com as mãos cansadas – alguns vivos e mortos (a tia Veva, o Marquinho, Miguel João), cujo sangue não deixou nenhum rasto. reparo agora que nestas páginas só há sangue de um aleijado, de uma galinha, de um adolescente obcecado. assim era também Viamonte, uma vila que morria sem drama. o seu sangue partia para outras regiões e o seu coração pulsava cada vez mais lentamente. quem sabe se não estaria prestes a parar? constava que, brevemente, deixaria de ser comarca judicial, baixaria a julgado municipal. além disso, deixara de ter táxi. o motorista e proprietário do único *Mercedes* preto e verde fora ultimamente preso por política, era a terceira vez que tal acontecia. por certo, o condenariam a pesada pena, e o carro, objecto do crime, seria apreendido. quanto ao Colégio, encerrava hoje as suas portas, definitivamente.

era uma vez um colégio em Viamonte.

mas que interessava um colégio a Viamonte, vila perdida a nordeste de onde todos os homens, mesmo muitas mulheres, mais cedo ou mais tarde, emigrariam? era um luxo desmedido, uma perene fonte de despesas, um problema de estruturas, infra-estruturas, mobilização e manutenção de pessoal docente, de pessoal menor, de administração e de conservação.

aliás, os descendentes dos seus directores e proprietários, mais dia menos dia, teriam de deixar Viamonte. matricular-se-iam nas universidades ou arranjariam empregos muito longe dali. em breve, eles teriam

de dar os sinais e de fazer a tropa e elas conseguiriam bons partidos noutras terras mais ricas.

e quem teria mais herdeiros para internar no Colégio?

Os filhos dos pobres frequentavam a escola oficial, faziam as primeiras letras sob os cachos secos das mãos curtas, agéis no gatilho, do mestre-escola, distribuíam rebuçados de fruta que compravam nos cafés e nos comércios, e iam levar as reses para o pasto. apropriavam-se dos ovos das perdizes, invadiam lameiros que não lhes pertenciam, roubavam as cerejas e as castanhas e, um dia, ou melhor, uma noite, partiam clandestinamente para as Astúrias, para a França, para a Alemanha.

que fazia um colégio em Viamonte?

(De *Um Infinito Silêncio*, pp. 178 a 186)

## ÁLVARO GUERRA

(N. Vila Franca de Xira, 1936)

Em cadência rápida que depressa se suspendeu, publicou os romances *Os Mastins* (1967), *O Disfarce* (1969) e *A Lebre* (1970), a que se seguiu ainda um livro de indefinido género intitulado *Memória* (1971). Os três romances referidos foram reeditados em conjunto no volume *Noite de Cães*, de 1971. Na sequência de *Memória*, utilizando a palavra como instrumento apto a descobrir no vivido o essencial, se situa *O Capitão Nemo e Eu* (1973). Nesse curto tempo decorre no autor uma evolução que parte do neo-realismo muito marcado de naturalismo tradicional para uma expressão narrativa «mais assimétrica, imponderável e ambígua, palpitantemente existencial» (João Palma-Ferreira). A *Os Mastins* chamou Alves Redol, que prefaciou o livro, «alegoria irónica, dramática também, em linguagem concisa e substantiva», que traça do ambiente social ribatejano um quadro amargo de contrastes entre a prepotência senhorial-agrária e a justiça «esquecida e desejada» dos pobres. *O Disfarce*, cuja acção decorre em grande parte num espaço humano de guerra colonial em África, abre-se a maior complexidade no traçado dos caracteres. E *A Lebre* já rompe francamente com a técnica narrativa tradicional, a preceder *Memória*, onde se combinam ficção e plausível memorialismo, numa «descrição de tipo expressionista [...] em que as personagens não são figuras nem agentes mas apenas nomes, pontos de referência, elementos de uma paisagem interior» (Maria Alzira Seixo). Posteriormente, com o livro *Do General ao Cabo Mais Ocidental*, derivou Álvaro Guerra para um experimentalismo de composição temática e de escrita em que, sobre um fundo de visão original da história portuguesa, faz a ousada simbiose de poesia, narração, política e confessionalismo pessoal, com jogos vocabulares de feição alegórica.

De tanto desejar a morte ela chegou, enfim, pondo-lhe no rosto de pele esticada uma expressão de triunfo efêmero, de felicidade impossível, um esgar inofensivo, idiota, santo. O latim do padre pairou sobre o cadáver mais um ou dois minutos, o necessário para chegar ao fim da página do Ritual impresso em letra miúda, de linhas tão juntas que o dedo tinha de preceder a leitura como charrua a lavar terra de poisio, tempo necessário para alcançar o último Amen. E o sacristão, balouçando o turíbulo, só ligeiramente se perturbara quando o estertor final imobilizara o rosto da defunta, de boca e olhos entreabertos, mas logo continuou, os pequenos carvões a chocalhar, o cheiro a incenso a derramar-se, espesso e opaco, no quarto fechado onde apenas respirava livremente a morte ainda antes de chegar e sorratamente se introduzir sob os lençóis bordados que cobriam a esposa do Senhor, tísica e piedosa rainha do Solar, rainha sem prole nem reino, rainha santa.

Depois, o Senhor entrou. Parou hesitante aos pés da cama com dossel, olhou interrogativamente o padre, o sacristão, o turíbulo, o grande crucifixo pregado à cabeceira e, com passos rápidos, aproximou-se dela e colocou-lhe na testa um beijo de lábios secos.

Quando a notícia se espalhou começaram a chegar ao portão da Quinta velhas mulheres de negro, carpideiras, abutres, parcas, aias da morte, beatas com permissão de missa na Capela do Solar, pobres, pobres eternas das esmolas da piedosa senhora, da benfeitora, que jazia lá dentro, para lá do pomar e das áleas

ajardinadas e do pátio soalheiro e da escadaria entre as colunas de pedra – nuvem negra que crescia e chorava ranho e baba para dentro de lenços brancos tarjados de luto. Até o Senhor, magnânimo, mandou prender os cães e abrir o portão.

Já então ela estava preparada para o «último sono», olhos e boca fechados, lavada, penteada, perfumada, amortalhada no vestido branco com que há vinte anos se tinha casado.

A nuvem negra chegou lá acima e deteve-se à porta da câmara ardente. Os cangalheiros tinham acabado de pôr o corpo no caixão de mogno e ouro e madreperola, o caixão mais rico cem milhas em redor, havia lá dentro um grande cheiro húmido e bafiento, um grande cheiro a santidade, e uma penumbra densa, uma espécie de neblina que o primeiro círio aceso desfez levemente de modo que sombras brancas dançaram nas paredes.

«Santa! Santa! Santa!», gritou uma voz rouca, um guincho, um piar de ave louca, um latido. E uma pomba branca voou da boca da defunta e sumiu-se pela nesga da janela, ou estava pousada na testa, ou escondida sob o véu do vestido, ou sobre as mãos enclavinadas no peito com um crucifixo de pau-santo que parecia um punhal cravado entre os seios. Todas as velhas corujas, acotovelando-se, benzendo-se, rezando, bem-dizendo, chorando, assoando-se, viram o milagre, a pomba branca a esvoaçar antes de atingir a janela, saindo da boca, das mãos, da cabeça, do ventre da bem-aventurada senhora, as velhas corujas, mesmo as que subiam a escada, ou as que ainda atravessavam o pátio na luz dúbia do crepúsculo.

(Mais tarde, nunca chegaram a acordo sobre o poiso certo da pomba e muita discussão isso deu, tendo mesmo a tia Josefa, que umas diziam ter encontros com o Diabo e outras que era simplesmente «fraca da ideia», tendo a tia Josefa, dizia, chegado a afirmar que não vira pomba nenhuma).

Só a pomba da imaginação doente, da anquilose espiritual do rebanho, a pomba da superstição e do pavor, chegou para as lendas da senhora santa e do fantasma que em noites de lua cheia viria assolar a alma do Senhor, do esposo.

As velhas choraram toda a tarde e toda a noite, já na capela, entre círios, bocejos, suspiros, mau cheiro, carrancas de santos e grupos de apóstolos nos azulejos azuis e brancos, apóstolos ceando, baptizando, caminhando sobre as águas, conspirando e pregando, as ovelhas embrulhadas em xales, lenços e trapos, com chagas nos pés e lixo nas orelhas. Arrastava-se assim, fria, a noite da defunta onde os primeiros vermes começariam a cavar o seu buraco sob o vestido branco com vinte anos de baú, vinte anos de solidão, pó, visões, medos e dores no peito, vinte anos com um estranho na outra ponta da mesa duas vezes ao dia, vinte

anos com um estranho na cama uma vez por semana. E, depois, a liberdade e um vermezinho a roer as entranhas. A liberdade, com ou sem pomba.

Levaram-na ao cemitério, no outro dia, com grande cortejo, hierarquias constituídas; as mulas ajaezadas, o chicote, o cocheiro periclitante, a carreta, o crucifixo, o sacristão, o Ritual, o padre, o viúvo, os senhores de outras distantes terras, os servos e a massa das velhas corujas, despojos roubados à noite, o rebanho.

Do portão da Quinta uivaram os Mastins acorrentados a sua despedida.

Tarde de folhas arrancadas, de poente taciturno, melancólico, nebuloso, de sombras e ar ligeiro, de sol filtrado e solidões insuspeitadas, tarde mansa e promissora de infernos, de árvores descarnadas e corvos grasnadores no céu, suave e dolorosa, véspera de horrores, luta de Goya e Vivaldi pela posse do mundo, com o uivo dos cães acorrentados por testemunho. Há uma mulher no centro do terreiro da grande casa vazia, no centro do Outono, uma mulher que, sem o saber, adivinha também mistério e loucura, pitonisa das quatro estações e dos massacres futuros, enquanto as mulas e os mortos caminham atrás da morte. Talvez aquela grande solidão e a voz inumana dos Mastins estejam marcando as inalteráveis linhas do tempo que há-de ir. E a mulher chamada Sílvia, que no meio do terreiro interroga as efígies do tempo, do seu tempo de serva, resiste aos frios, femininos e outonais pressentimentos.

Mas o capricho do Senhor é lei.

No dia seguinte – era uma sexta-feira – chamou Leopoldo, um dos servos, e disse-lhe: «Logo à noite manda-me a tua mulher.» Empurrou o prato para a frente, pegou num osso e atirou-o para um Mastim que se espojou debaixo da mesa, a rilhar.

Leopoldo saiu, barrete na mão, cabeça baixa, e lá foi a caminho do casinhoto, engendrando artes de mandar a mulher ao patrão.

Com os olhos no chão, Leopoldo moía as palavras, «Sílvia, vê lá se entendes. Qu' é qu' a gente pode?... O patrão... Bom, ele mandou. Qu' é qu' a gente pode?...»

Virada para o campo, ela ouvia, calada.

Lá fora, o Outono nascia entre folhas arrancadas e maçãs maduras.

(De *Noite de Cães*, pp. 47 a 50)

## MARIA VELHO DA COSTA

(N. Lisboa, 1938)

As concepções e métodos do estruturalismo, do formalismo e de correntes teórico-literárias similares, com forte projecção nas experiências novelísticas contemporâneas, têm vindo a influenciar acentuadamente o processo da ficção na obra de Maria Velho da Costa. A incessante pesquisa prossegue desde *Lugar Comum* (contos, 1966) e *Maina Mendes* (romance, 1969, 2.<sup>a</sup> ed. 1978), da participação no compósito corpo poético-narrativo de *Novas Cartas Portuguesas* (1972, conjuntamente com Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta) e da experiência de fusão de géneros em *Desescrita* (1973), até ao romance *Casas Pardas* (1977, 2.<sup>a</sup> ed. 1978), que parece demarcar, no entanto, uma certa fixação de estilo, não só na densidade de escrita como no processo alegórico. O objecto da composição literária da autora «é a subversão, a partir da raiz, da realidade que reproduz»; e *Casas Pardas*, determinadamente, em sua ampla e sábia composição, é um lugar de convergência «onde o gozo da escrita, da simulação, da paródia, da eloquência, do *pastiche*, da poesia pura ou da palavra-silêncio, em meio de uma fantástica torrente que mobiliza todos os recursos da língua portuguesa, não conhece limites» (Urbano Tavares Rodrigues). O processo, se é por vezes de efeitos dificilmente apreensíveis, desvenda também a cada passo intensas sugestões de ambiente, de caracteres e de conflitos vividos ou pensados, conjugando o real com o onírico, o social com a fluidez do subjectivo. A originalidade e vigor da sua experiência ficcionista situam Maria Velho da Costa na primeira linha actual da nossa literatura de vanguarda.

Tu vais por uma vinha afora, que é vinha grada por todos os lados, pela tua frente, pelo teu detrás pelos lados, até perder de vista. Não entendes aquelas parras largas a secar cobertas da poalha azul do sulfato, nada as rilhou e as uvas ainda pequenas e inteiriças mas secas, cachos mindinhos como que de amoras verdes gigantonas mas palha, os galhos que é uma força, o lenho escuro deles a mal distinguir-se da negrura das folhas ressequidas, dos bagos secos como semente de cânhamo. Por cima daquela terra sem água, bocarras pretas a abrir-se onde o zebrado das fendas é mais profundo, regos finos como os da palma da mão a abrir trilhos de abismo a abismo. E em cada pedaço inteiriço da terra barrosa, vermelha, Morrões secos a rilhareem debaixo dos teus pés descalços carmesins do pó dela, alevanta-se airoso e carregado um novo pé de videira. Paras. A que te está à beira trepa, tu vês. É um escobrejar de gavinhas, todas elas estão a deitar corpo à tua volta, espigam nem se sabe donde, estás na vinha do Senhor que cresce e cresce, é já um figueiral à tua beira, medonho, um pé vai-te descer por este rego que cresce de pretura sem fundo, a terra ronca e o estender das gavinhas silva. Um galho grande incrustado de pequenas unhas de milhafre em cada irregularidade do lenho repuxa-te o lenço e o cabelo, a terra abre-se-te debaixo dos pés, gritas e não te ouves, a tua boca está aberta mas muda e queda e mais e mais e os olhos e lá fora já clareia mas o teu homem ainda ronca de levezinho. O menino geme, um bulir com a voz ainda miúdo. Amandas a trança para detrás das costas, já sentada na cama, os pés no tapete. A água que derramaste ontem a lavar as partezinhas do menino não secou. Ainda esfria o tempo pela manhã. O menino tem os

olhos abertos. Olha para ti, dá que dá aos braços ainda cepinhos, ri-se com as gengivas de fora e esperneia, descoberto. Pões o xaile pelas costas da combinação antes de lhe pegar, chorinca já os olhos pregados nos teus, o teu homem bufava e entaramela-se a acordar. Através da parede ouves o velho Hermínio virar-se, roncar de mais rijo. Pegas no menino, tão molinho, e sentas-te na borda da cama, a cabeça dele a marrar-te com a cara numa aflição muito sisuda, boca aberta, sem choro. Tiras o peito para fora e ajeita-lo. Ferra-te mas sem dentes ainda, pica mas por pouco. E ficas-te a esvair-te assim num grande sossego com o teu homem que acordou e te pôs de manso a mão no quadril e de manso a deixa ficar enquanto se desestremunha. Está-te quedinho que tenho hoje muito que lidar, é a tua primeira fala. Não se houve bulício mais que o da rua, do outro lado. Vais ter tempo de dar a bucha e o café e de sair para a praça com o casaquinho de malha em mente para comprar nas alcofas da porta sem que ela te moa, Credo, Elvirazinha, isso é gastar sem prestar, uma malhazinha tão reles. A tua mão está cheia de penuginha morna, a cabeça redonda do menino, o outro braço aninha-o, a fralda ainda quente de mijo. Aí estás, aí.

.....

A casa pode-se dizer que é grande. Tem até um quintal com três pés de limoeiro e uma palmeirinha, pés de couve, sebinhas de sardineira e uma árvore da borracha que foi presente envasada à Fátima. No tempo, nabiça, tomate, malmequeres, rosinhas de Santa Teresinha e jarros até dos amarelos, tudo. D. Marieta e o senhor Hermínio em casaco de pijama e o teu homem aos Domingos e tu agora, têm tudo muito bem amanhado. D. Marieta disse, Ai aí não remexa, menina Elvira, que estou a guardar para umas violetazinhas. E diz, Tenha paciência, senhor António, dê-me um jeito aqui na travanca dos periquitos que me está a emperrar. E disse, menina Elvira, eu hoje vou pôr os lençóis na máquina, estenda as fraldinhas mais para lá. Com as chinelinhas de casa na borda do rebordinho de cimento. E diz, Abra, abra mais o lençolinho, menina Elvira, não, não ponha molas de pau, olhe estas de plástico. É assim – tudo organizado. D. Marieta enxota, os velhos de pedir, os gatos, as moscas, o pulgão da roseira, o encardido dos tachos, com o que para cada caso é preciso. E arranca o trevo que medrica a cada chuvada com uns botins de plástico aperreados ao grosso da barriga da perna curta, um lencinho de nylon sobre as ondas muito certinhas, da laca. Depois passa os botins a pano e as meias e põe a enxugar no vão da cozinha que faz marquise. Ó Elvirazinha, já lhe expliquei que o alguidar das fraldinhas desfeia a casa de banho, meta-o debaixo do tanque, sim. Tudo tem o seu sítio. A cozinha é só de armários e máquinas. D. Marieta, a cabeça redonda de rolos,

disse, A menina Elvirinha, se quiser, paga a electricidade e a água e eu ensino-lhe à minha vista a serventia da máquina, primeiro tira a maior com o omozinho e dá uma passagem no tanque. Olhe que também dá para o cotim, põe-se no mais forte, quer ver. Tu vê. Mas tens medo. Aquilo tudo embrulhado, à roda à roda. O velho Hermínio, Arranje-se senhor Hermínio, tenha paciência, isto é uma casa decente, não o posso ver todo o dia de casaco de pijama. O velho Hermínio diz, Quando é que eu posso ir para o meu quarto, pago, não pago? ou, Quando é que se come nesta casa? D. Marieta alevanta colchões, bate almofadas, as janelas escancaradas zunem por toda a casa ao desamparo das correntes e da luz abrupta, o teu menino berra a ser mudado para as que se vão fechando na penumbra, para o quarto de D. Marieta e da Fátima onde tu ficaste a ver ao pé da cama dela aquela senhora nua que a D. Marieta limpava e ela disse, É uma pintura de arte. E o teu homem disse que sim que era. E o menino para o quarto do velho Hermínio que apesar cheira sempre um pouco a despejos e à naftalina da farda no gavetão da cómoda. E o senhor Hermínio disse, É minha, foi o que me ficou da minha falecida. E o menino para a Casa de Estar onde quando não está o rádio está a televisão ligada, quando não estão os dois. Tantos barulhos.

À noite, sentam-se lá à roda como para uma boca de fogo. Há ainda alguns restos dispostos no pano de plástico com flores do tamanho de coelhos, depois de retirada a toalha e sacudidas as migalhas que esvoaçam na noite até ao patim de cimento do quintal. D. Marieta faz isso. Vai depois sentar-se com um gemido de rins, onde leva as mãos, Ai eu. Ficam a olhar para as coisas no aparelho como para morrõezinhos de candeia na igreja, a olhar, a olhar. D. Marieta tem os óculos a descarregar do nariz, Hoje há aquela da Rainha de Inglaterra, o senhor Hermínio tem um braço apoiado na mesa e diante um prato um pouco falhado, o prato dele, com cascas de tangerina com os fiapos brancos alevantados e alguns gomos com mais caroço cuspidos depois de lhes moer o sumo. O outro braço deixa a mão sobre o joelho como se lhe faltasse o cajado a que se ater a seroar diante da pedra do lar. A Fátima já saiu, levava a saia curta de camurça verde e os sapatos de lagarto que tu ias caindo. Até logo, Fatinha, não venhas muito tarde, olha as chaves, filha. O teu homem está sentado do outro lado da mesa, olha para o chão ao lado dos tacões pesados dela e volta a olhar para o chão do livro que esteve a abrir com a faca do pão. Olhe que há uma faquinha para os livros que lhe hei-de emprestar, senhor António, com um cabinho de Sagres no cabo na gavetinha do armário de vitrine. Não merece a pena, D. Marieta. Ora tudo merece a pena, senão que é que andamos cá a fazer. Estamos no intervalo. Há uma estantezinha de madeira pintada de branco que a D. Marieta mandou segar nas pernas na colchoaria em baixo e onde estão as crónicas femininas arrumadas por números Na televisão está uma senhora a deitar fumo de um caldo knorr e uma menina a

dizer, Mãezinha. Senhor António, e então quando é que a Elvirazinha sempre faz o exame da quarta? Tens medo. O teu menino cansou-se e dorme-te nos braços. Depois habitua-se mal, Elvirazinha, olhe que a minha Fatinha estava ali à beira da gente, quando tínhamos o estabelecimento, e nem pedir. Apertas o menino à tua camisola de lã roxa que foste comprar com ela, é as tuas posses. Já se habituaram. O menino cansou-se, dorme, tens sono, chegas-lhe o novelo de linha para as rosetas e vês-lhe as voltas da agulha. Eu ensino-lhe, Elvirazinha.

Andaste por ali atrás dela ou nos teus afazeres novos, sem saberes a que método ater-te, Olhe que o pano do vim é só este, Elvirazinha. Casa por casa atravessada pelo temporal dos ares e dos ensinamentos, tantos barulhos, tarefa por tarefa a que és mandada com um gesto e muitos ditos que não havia nas casas da tua mãe, cujas socas largavam sempre um pouco de lama ou merda da galinha ou fiocos de linha ou palha. E todos iam e vinham, se lhes cortava o cordão e aqueciam as águas, se embrulhavam em panos amolecidos e adourados pelos anos, para se lhes dar o peito pela primeira vez, para se velarem, e todos tinham cheiro e pouco a dizer. Senhor Hermínio cabeceia por cima das cascas luminosas como cera fresca da tangerina, só está aceso o candeeiro de cima com os pingentes de vidro, Aí é com o espanador, Elvirazinha. Há um homem que espirra um líquido de dentro de uma lata para debaixo dos sovacos. O teu levanta a cabeça para ver. Este é bom? Hei-de perguntar à Fatinha, senhor António, dá-se bem com o que eu lhe trouxe, Elvirazinha? Não cheiras. Tens sono.

(De *Casas Pardas*, pp. 39 a 46)

## YVETTE K. CENTENO

(N. Lisboa, 1940)

Com o romance breve *Quem, se Eu Gritar* (1962) iniciou Yvette Kace Centeno, logo depois do seu primeiro livro de poesia em que se evidenciam influências surrealizantes, um rumo de ficcionista que parece ajustar-se melhor à sua índole de escritora. Por trás duma superficial emotividade – que é também uma forma de expressão do autêntico em literatura – os livros da autora parecem dar testemunho duma outra raiz mais essencial, situada num fundo de «inquietação, de contestação e de humor», de «consciência como lugar de negação» (José Martins Garcia, a propósito do livro de aforismos *Irreflexões*). Essa forma peculiar de ambiguidade entre o sentimental mais patenteado e o irónico mais subjacente mostra-se mais explícito no segundo romance de Yvette Centeno, *Não Só Quem Nos Odeia* (1966, tradução francesa em edição do «Mercure de France», 1968), em que a narrativa decorre infundida por uma enigmática indiferença existencial entre o bem e o mal. Posteriormente publicou *As Palavras*, *Que Pena* (narrativa, 1972), *Irreflexões* (aforismos, 1974) e *Texto Aberto* («exercícios dramáticos», 1974). Os seus temas dominantes são o amor, a amizade, a natureza, a liberdade, uma compreensão ampla dos sentimentos e da condição humana. As personagens assumem a dimensão poética de símbolos, designadamente do amor como prisão e da ânsia de liberdade e de paz. E a sua linguagem literária é límpida, ao mesmo tempo criativa e meditada, insinuando uma desconfiança latente ante as ciladas que a palavra pode abrir a quem escreve por necessário impulso – ante a palavra que é algo de exterior ao que da fonte interior se quer exprimir com ela.

Fico horas e horas a pentear-me no espelho grande do armário do quarto. Rio e choro. As horas abrem-se e fecham-se e eu não dou por nada e passam-se coisas estranhas nos meus olhos. É assim que rio e que choro. Sem razão, só porque as horas se abrem e se fecham. Abri a porta do armário e vi que dentro dele estava um monte de tias empilhadas, tias velhinhas iguais à minha tia Marquinhas que morreu. Se o Bernardo soubesse ria-se de mim e falava-me outra vez dos meus nervos. Mas não lhe vou dizer nada. Fechei a porta e o montinho de tias não caiu e não fez o mínimo barulho. Que alívio. Eu já sabia que a tia nos reservava uma surpresa. Mas não vou dizer nada. Nem abro mais a porta do armário. Houve uma noite em casa do Bernardo, uma noite em que o pescoço da mãe se quebrou, uma noite de que ele não gosta de falar e não me fala nunca. Uma noite fechada numa casa, uma noite em família. Mas que relação pode haver entre nós e todas essas coisas?

Gosto tanto de ti, disse Catarina. E encostou-se ao marido levemente inclinada para trás. Bernardo segurou-a contra si sem lhe responder, estava distraído com um raminho seco que apanhara no chão. Não me canso de andar, é bom sentir a terra sob os pés é bom não ter ninguém no meio das árvores, disse Catarina. Gosto de estar contigo fora dos outros todos que te prendem. Bernardo lembrou-se do Axel. O tempo ia passando e ele continuava à espera que o fossem buscar e o trouxessem uns dias para o campo. Não quero. O Axel é muito bom rapaz. Não tem ninguém, vive sempre sozinho ou com amigos feitos de momento. Mas tu

não és pai dele. Mas gosto dele porque é simples e bom e natural e porque está sozinho. O Axel é ridículo, anda sempre sujo e despenteado, tem um ar de rufia invertebrado. É muito melhor no fundo do que a maior parte dos meninos família que conheces. Não quero não quero não quero. Bernardo começou a partir o ramo seco aos bocadinhos. Estou a pensar em comprar um barco com o dinheiro das amêndoas. Na linha do horizonte o risco verde escuro pareceu de repente mais vivo e mais próximo. O mar avançou entre eles numa onda gelada. És como as tartarugas, murmurou Catarina a sorrir. Encolhes-te dentro da carapaça quando os outros te tocam. Casaste comigo mas no fundo continuas solteiro.

O mar estava ainda entre eles numa onda gelada. Faz frio aqui, disse Bernardo. Deixaram o corredor de amendoeiras e foram sentar-se na eira, que redonda e vazia lembrava um gigantesco relógio de sol. Relógio de pedra de sol pensou Catarina. Que absurdo. Relógio de sol de pedra. Não é má ideia comprar um barco. Eu também gosto do mar. Bernardo virou-se de repente para ela. Se o Axel vier até me pode ajudar dentro do barco. Duas pessoas não são demais e tu não percebes nada dessas coisas.

Tenho a impressão de que o mar chegou até aqui. Não sei porquê. E Catarina afastou-se em direcção à casa com um andar cansado. Entre nós dois já não se passa nada. Não consigo lembrar-me como é que começou esta morte aparente mas está entre nós há muito tempo, desde que eu tive ataques de ódio na cidade, ataques de tristeza e de fome de mar. O Bernardo julgou que eu estava doida. Fazia-me todas as vontades. Depois chamou o médico mas eu não tinha nada. Nada. Por não ter nada é que eu sentia ódio de repente e tonturas de praia e de mar. Por não ter nada. Aqui no campo as árvores vestiram-se de festa para eu ser recebida como uma rainha verdadeira. O Bernardo diz que eu não tenho família porque estão todos mortos. Ao passo que ele é perseguido por fantasmas em vida e os pesos que lhe atam nos braços e nas pernas não o deixam ser livre como quer. E eu não tenho nada. Uma série de tias empilhadas no canto do armário. Um tio com cadeira ou uma cadeira com tio, não sei bem. É absurda esta morte aparente que nos liga. A ideia do barco não é má mas serve de pretexto para o Axel vir ter connosco. Odeio o seu riso e os seus olhos ruivos e os seus gestos meigos quando está com Bernardo. Como é possível que não tenhas um filho, diz a mãe do Bernardo. Um homem sem filhos está a ser enganado e está a perder tempo. Catarina, a ti não te percebo. Como é que não tens filhos. O que é a tua vida numa casa sem gritos de criança. O que é a tua vida. Como é que não tens filhos. O Bernardo julgou que eu estava doida. Eu ao meu filho não vou pôr nenhum nome. É o nome que limita as pessoas e as obriga depois a serem o que são. Detesto todos os nomes. Nomes de flores de coisas de pessoas. Eu podia ser Dália ou Violeta. De qualquer modo o meu filho há-de ser livre e ninguém o chamará coisa nenhuma. A

mãe do Bernardo passa o tempo na sala de costura a fazer roupinhas para os netos. O Bernardo antigamente vivia por dentro do casaco. A mãe cosia-o no forro e nas mangas e ele ficava lá dentro como morto, com as mangas a baloiçar no chão, a olhar para o tecto caiado da salinha. Era deprimente, ninguém o conseguia libertar e a mãe não acabava nunca de o coser e de o passar a ferro nas mangas e no forro do casaco. Acho que isso é demais. Deixe o Bernardo em paz. Preencha o tempo da sala de costura com outra coisa qualquer. Agora faz roupinhas de bebé. Não te percebo Bernardo. Nem a ti Catarina. Como podem vocês viver contentes se nem sequer têm filhos em casa. Que vida sem sentido. Que infelicidade.

Há muitos dias que o tio anda a falar sozinho na cadeira, disse Catarina ao marido. Estavam mais uma vez a passear no corredor de amendoeiras e as palavras saíam devagar e ficavam manchadas pelo pó e pelo tom das flores. Já não come tabaco, já não deixa que o levem para o sol na cadeira de verga. A mulher do caseiro é que me disse. É como se o tio fosse viver de novo, viver depressa o tempo que lhe falta antes que seja tarde. Já nem me lembrava dele, respondeu Bernardo distraído. Para mim é mais um morto do que um vivo. Mas tem falado muito. Tem falado sozinho na cadeira. Não se sabe o que diz. O que pode dizer um velho meio morto quando fala? E Catarina pensou que o tio iria em breve para o canto do armário arrumado numa pequena pilha de roupa individual e de dentes postiços e que nessa altura ela teria de mudar de quarto porque não suportava a ideia de acordar de noite com o barulho amargo do tabaco.

Ai ai ai minha senhora gritava a mulher do caseiro a chorar muito. O menino morreu ai ai ai minha senhora pobrezinho o menino morreu. Tinha morrido o tio. Estava sentado em frente da janela com um aspecto rígido e incómodo. O menino morreu ai ai. Não é um tio velho, pensou Catarina. Não é um velho tio morto é uma linha recta. Vai chegar o doutor, não chore mais agora. Ai ai ai. O coração foi-se abaixo. Toda a vida lhe disse que fumava de mais. E agora claro o coração foi-se abaixo. Um furo no coração, pensou Catarina. Pffffff... um furo no coração e foi-se abaixo o carro. Obrigada doutor pela maçada. Inspira expira inspira expira. Ai ai ai coitado do menino. A verdade é que ele já estava morto há muito tempo, começou Catarina em voz alta, mas calou-se outra vez porque viu a mulher do caseiro tinha os olhos vermelhos de chorar. É preciso não tirar o sentido das lágrimas dos outros. Mas de verdade há muito tempo já que o tio estava morto.

Bernardo eu vou mudar de quarto. Vou dormir para a sala. Esta noite não quero ficar sozinha com o armário grande do espelho. Abri a porta e estava lá uma pilha de tias arrumadas no canto. E o tio esta noite também deve lá estar. Bernardo começou a beijá-la devagarinho. Catarina concentrou-se no tempo. Sentia o tempo imóvel embora na realidade o tempo oscilasse entre eles. Esqueceu-se do medo. Como gosto de ti, murmurou encostada ao peito do marido. Como gosto de ti.

Como gosto de ti. A cadeira de verga está vazia em frente da janela. Roída pelo sol. Vou tirá-la dali, pintá-la de outra cor. Mas a forma do tio não deixava. Como gosto de ti, murmurou Catarina. Beijaram-se devagarinho até se sentirem diluídos um no outro. Tenho a impressão de que o mar voltou mais uma vez. Não sei porquê.

Houve grandes mudanças na Cara de Pau. Bernardo chamou pedreiros, deitou abaixo paredes velhas, alargou salas, fez na casa de jantar o novo quarto de dormir e transformou o quarto antigo em quarto de hóspedes. A cama é muito boa e o armário grande não assusta ninguém. Só tu é que tens medo.

As árvores vestiram-se de festa, há amendoeiras em flor em todo o campo. E a casa agora também está diferente, abriu as portas e as janelas para me receber. E sou a rainha verdadeira. Como gosto de ti. Pela primeira vez eu sou a rainha da casa verdadeira. O horizonte mudou para mais claro junto à linha do mar. E o mar entrou aqui numa onda gelada e cresceu em fogueira. O Bernardo é um homem normal que se fecha em si próprio e abre os olhos de fora para dentro e vive como um deus. E eu. Eu também devo ser qualquer coisa.

Vou contar-te uma história que o meu pai me contava quando eu era miúdo. Estavam os dois a passear no corredor de amendoeiras e Catarina deixou-se escorregar pelo tronco duma árvore e ficou sentada no chão a ouvi-lo. É a história de um homem que trabalhava na morgue lavando mortos. Lavava mortos e era muito bem pago. Saía de casa de manhã e só voltava à noite. Escrevia num caderno de capas amarelas tudo o que tinha feito e antes de se deitar ia dar de comer ao peixinho vermelho à roda no bocal. Um dia chegou a casa mais cansado do que o costume. Tinha estado a lavar um morto albino. Sentou-se à mesa e pegou no caderno para escrever tudo o que tinha feito nesse dia, mas o albino deslizava-lhe das mãos como um peixe. Fugia e ria-se dele opacamente, ria-se branco e informe como uma lombriga. Abriu o caderno mas já não teve forças para escrever. Levantou-se e tentou dar um pequeno passeio higiénico pelo quarto. Um passeio que fosse como um duche frio de descontração mental. Mas não conseguiu nada. É verdade, lembrou-se. Ainda tenho de ir dar de comer ao peixinho vermelho. Mas antes queria pôr em dia o caderno. Deu mais umas voltas pelo quarto e de repente compreendeu que só havia uma coisa a fazer. Agarrou no peixinho vermelho deitou-o pela janela fora meteu-se ele próprio no bocal e começou então a andar à roda à roda dentro da água fria.

Não percebo a tua história, disse Catarina. É uma história que o meu pai me contava quando eu era miúdo. No caderno de capas amarelas tinha ficado escrito o outro lado das coisas que ele não via. E o homem não sabia de nada. E um dia as coisas saíram do caderno e vingaram-se dele. Ou talvez fosse a vingança dos mortos que ele lavava. Ou talvez fosse muito simplesmente o hábito. Sabe-se lá,

disse Bernardo. E estendeu a mão a Catarina para a levantar do chão e os dois continuaram o passeio entre as árvores.

Catarina acordou muito cedo com marteladas na cabeça e no corpo. Manda embora os pedreiros. Mas os pedreiros já não estavam lá. As marteladas doíam e batiam com força na cabeça e no corpo. Já sei porque foi que o Bernardo fez as obras. O Axel assim vai ter um quarto e agora pode vir. Não quero. Agora pode vir o Axel passar uns tempos connosco e nunca mais se ir embora porque aqui se está bem. E nessa altura voltamos para a cidade porque eu não quero tê-lo sempre aqui entre nós a fazer de mim uma mulher intrusa entre dois homens. Há música por toda a parte. Não me consigo ouvir e não consigo ouvir o barulho do mar que pontualmente chega. O Bernardo falou da loucura do pai. E da lenta morte em vida da mãe. E das fúrias cegas do irmão que de noite se agita na cama e não é capaz de dominar os nervos e os gritos e os soluços e a fome que de repente o tomam. Sinto por ele uma enorme piedade, disse Bernardo. Uma profunda piedade cheia de ternura. Ele está fechado em si com os seus pequenos vícios e os seus grandes terrores. E eu não o posso ajudar embora queira porque de noite a voz não é igual, os gestos não são iguais, a dor e o desejo também não são iguais. Embora eu ame o meu irmão pequeno e torturado no escuro. Atrás de ti não há ninguém disse ainda Bernardo. Não tens a força da família a algemar-te o corpo e a alma. O pai louco na multidão o pai na dimensão de absurdo que uma vez entrou no quarto onde estávamos todos reunidos e nunca mais saiu. Foi como se alguém tivesse aberto a porta ou a janela e o ar ficasse todo mudado. Todo esquisito e todo diferente. Respirava-se a alteração que tinha entrado em casa. O novo absurdo que dominava o pai. E tu também não tens a mãe. Enterrada na poltrona de couro enterrada no túmulo vivo de si mesma. A enrugar-se em silêncio, a encolher-se, a diminuir cada vez mais por dentro. A noite ia e vinha sem a mãe dar por nada. De vez em quando estendia dois braços para fora e duas mãos vermelhas como duas feridas na ponta dos dois braços. E dizia os meus filhos. Os meus queridos filhos para quem eu vivi. É por isso que gosto do Axel, disse Bernardo. É jovem e é puro. E liberto de todas as noções que nós temos do tempo e do espaço. E liberto das noções de moral que nos oprimem. O Axel é um jovem animal de quem eu gosto assim simplesmente como se gosta da água fresca dos rios e do mar. Como se gosta das horas soltas do dia e da noite. Um amor sem sentido. Como é possível que não tenhas um filho diz a mãe do Bernardo quando fala comigo. O que é a tua vida numa casa sem gritos de crianças. O que é a tua vida.

(De *Não Só Quem Nos Odeia*, pp. 21 a 30)

## ALMEIDA FARIA

(N. Montemor-o-Novo, 1943)

Antes dos vinte anos, numa experiência ousada de nova técnica, nova estrutura e nova linguagem no romance em Portugal, Almeida Faria ocupou com a publicação de *Rumor Branco* (romance, 1962, Prémio Revelação da Sociedade Portuguesa de Escritores) um lugar de antecipado pioneirismo na renovação do género. Prováveis influências de uma extensa trajectória que pode alongar-se de James Joyce ao «Nouveau Roman» francês terão inspirado de algum modo esta singular narrativa, que se relança de capítulo para capítulo em cadências de torrente textual, não contando propriamente uma «história» mas assumindo-se «sobretudo como uma voz, e que mais do que uma voz é claramente o seu tom», como escreve Vergílio Ferreira no prefácio do livro. Um livro, acrescenta, «que se resolve num compromisso entre uma narrativa construída, definida, e a massa original das formas que se anunciam, a comoção inicial que mal sabe ainda o porquê». O romance *A Paixão* (1965, 2.<sup>a</sup> ed. 1966), continuando a específica linha formal e estrutural do livro antecedente e a sua fórmula de «continuum» discursivo, apresenta mais nítida elaboração fabular de situações e acontecimentos, com personagens que se atraem e repelem, uma ambientação paisagística e social localizadamente alentejana e até, por vezes, um ténue retorno a ritmos romanescos tradicionais. De qualquer modo, Almeida Faria demarcou-se com esses dois livros como «romancista que abriu caminhos e horizontes para uma linguagem que não é dos nossos dias porque se projecta para um futuro [...] em que a arte será uma desobediência de conteúdos, de meios de expressão e de palavras» (Fernando Mendonça). Assim, ainda na década de 60, o autor abriu os rumos do «romance-linguagem» que está a caracterizar o experimentalismo novelístico contemporâneo. Só, porém, em 1978 deu a lume um novo livro, *Cortes*, em que retoma a técnica e o estilo dos anteriores.

Enquanto André não dorme, mas vigia e relembra, deitado e às escuras no seu quarto, João Carlos, que também não assiste ao ofício de trevas, à tarde na igreja (em que Arminda e a mãe, com a amiga e o irmão mais novo, passam quase uma hora a ajoelhar-se e levantar-se, festejando a Parasceve ou Preparação do Sábado, quando o padre diz, em voz cantada e farta: *oremus, flectamus genua, levate*), permanece no quarto-biblioteca, forçadamente sedentário, estudando e, por vezes, sonhando os seus eternos sonhos acordados, pensando que: os homens procuram a verdade, a liberdade que está nela e mesmo a é, se a encontrarem; não a encontram nunca, mas a procura apenas pode dar algum pouco sentido às suas vidas; é isso que procuro? ou talvez não, aqui sentado e diante dum livro sem interesse, nesta tarde intensa e radiante de Março; gosto da liberdade de percorrer o olhar pelos objectos, pelas coisas, fazê-lo violentamente e velozmente sempre, com tal rapidez e violência que a cada instante lhes alcance a gravidade, a íntima, obscura, duradoura e eterna verdadeira verdade, universal e apesar de tudo nova, renovada, para mim e para os outros, para a realidade; será isto loucura, desmedida ambição, demasiado orgulho ou vaidade? ou solidão excessiva e estéril ver que o mundo se renova e eu sou sempre o mesmo, um novo velho, um idoso jovem, o filho duma classe sem remédio em decadência, sem possibilidades, quase classe morta, como Cristo morta, sem esperança de salvação ou redenção humanas senão em outra classe, a classe nova, o proletariado? e que este hábito de tudo interrogar, de pôr atrás de tudo uma pequena dúvida, não é senão doença, febre febril e vaga, não fecunda, não boa e não contente nunca, nunca? aqui estou, e tudo o que se passa

me parece antes um pesadelo que o real, pois tudo se desmorona, se desfaz e apaga e a sua memória de súbito se afasta para tão atrás que não é possível alcançá-la, e a tarde carrega-se, sem ela, dum estranho peso que sufoca e só permite já o recuar para uma idade perfeita como um porto de mar esperando eternamente na calma dos guindastes; quisera sentir, com o só pensamento dessas coisas mudas e graves e suaves, um tão grande terror que me transfigurasse e uma piedade doce como a morte que se pressente de dentro do silêncio e total solicitude daquele que agoniza e não é nós; senão, se as palavras tão amargamente meditadas, cheias dessa agonia que lhes chega do outro lado das coisas, não contiverem em si uma tremenda força que me esmague, para quê despender um suor frio no esforço de pensá-las com falsa serenidade? que o só conhecimento seja puro e antigo como uma liturgia sagrada; e assim, liturgia sem sinais por dentro, acompanha-me nesta descida sucedânea às fundações da minha oclusa casa; nelas encontraremos as pegadas dos seres que, desde o pó dos séculos, nos amaram e nos chamam hoje a um desafio que, sei, me esgotará, pois em certos dias como o de hoje, marcados por um signo de desgraça, a memória de lugares e palavras e gentes entra por mim adentro, avassaladora e dura e sem piedade, como uma vaga alta de sol e espuma fria na boca de desespero aberta do que se afoga e nada vê à sua volta além dum imenso mar, com corpos meio suspensos em estranhos movimentos que incomodam e espiam nos grandes olhos claros, e toda essa memória me entra como que pela garganta abaixo e uma total clarividência em forma de memória, de tudo o que vivi depois dos gritos gloriosos desde que fui pelas pernas pendurado, tal como S. Pedro, eu no meu nascimento e ele na morte; perguntou-me o que haverá de profundo, de harmonioso e de divino em coisas obscuras, em imagens tristes, em pessoas que passaram sempre despercebidas, num livro com bonecos de criança, num objecto a que em pequenos não pudemos chegar e depois que chegamos nos não interessa mais, em tudo o que nos é para além do passado; pergunto e a resposta que me dou é um sorrir quase épico para tudo; pelas escadas das casas que pela vida subi vem a forte corrente das coisas ignoradas, cuja até nomeação é já impraticável; coisas pequenas, sem qualquer importância, e no entanto um cântico litúrgico e gelado sobe com elas pela mão e toda a casa imaginária em que revivo as coisas que construo do nada, esta casa de telhados altos mas não pontiagudos, como temendo o puro e indelével contacto do sagrado, esta casa de janelas barrocas, altas de quatro vidros, com bandeira de dois rectângulos deitados e sacada estendendo-se em caracóis de pedra, suportes bem maciços de granito e de mármore, esta casa de fachada caiada toda de branco se aquece duma presença aérea fraternal e, no calor da tarde, morta e calma, a calma vem entrando muito plácida e bela pelos poros da minha pele perlada de suor; quase que corta e é dolorosa a vir, como uma bênção da terra ou a própria

presença do seu corpo; o quê tudo o que me rodeia insiste em querer significar? tal é a sua nitidez e a avidez das linhas paralelas, que como que uma força pega nos objectos desde a base e os faz girar, oníricos e lentos, em redor de mim e de si mesmos, como um sistema solar de que me sinto o centro; a patina das coisas é apenas um nojo no meu espírito muito excessivamente quieto; a fronteira e a perplexidade de querer atravessá-la; do outro lado tudo se torna tão impiedoso e até quase que desumano! busco a origem, o significado deste silêncio e só um apelo de morte me acena dum olhar novo sobre as coisas; contudo, um invisível nervosismo me chega do interior da pele e quer rompê-la; um charco com altos juncos batidos pela nortada e além dele a chuva, mas só na minha memória fatigada; um sussurro escuro alastrando na terra desde dentro das trevas e duma soledade; decerto eu e o meu corpo a germinar para a vida nova; vagueio por províncias ainda de desencontros, de sombras perturbadas, e grandes ramos da árvore da vida abrem-se surdamente pelo ar como um adeus de crucifixo; os carros vão vertiginosos e, contudo, do lado de dentro da janela, observo-os como se fossem tão lentamente calmos! a imagem deles consubstanciaria, se fosse conservada, uma grande vontade de tragédia nos canteiros da alma; um rio oculto e subterrâneo pelas grutas da crosta corre e as suas águas têm uma densa mistura de ratos e dejectos; ah, não poder cantar as imagens que correm tão rápidas e vagas pelo instante do espanto, deixando atrás de si apenas o arquétipo da força que as palavras oferecem procuradas!

(De *A Paixão*, 2.<sup>a</sup> ed., pp. 138 a 141)

NA CAPA UM PORMENOR DO FRESCO DE JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS,  
«LISBOA», NA GARE MARÍTIMA DA ROCHA DO CONDE DE ÓBIDOS, 1946-1948